Universidade de São Paulo
Museu de Arqueologia e Etnologia

**Corinto e Siracusa: organização do espaço e emergência da polis no
mundo grego**

Marcos Atilio Vaczi Vanin

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Arqueologia do
Museu de Etnologia e Arqueologia da
Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Farias
Veloso Hirata

Linha de Pesquisa: Espaço, Sociedade
e Processos de Formação do Registro
Arqueológico

São Paulo
2017

COR. 34

1898

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Corinto e Siracusa: organização do espaço e emergência da polis no mundo grego

Marcos Atílio Vaczi Vanin

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia do Museu de Etnologia e
Arqueologia da Universidade de
São Paulo.

Area de Concentração: Arqueologia

Orientadora: Profa. Dra. Elaine Farias
Veloso Hirata

Linha de Pesquisa: Espaço, Sociedade
e Processos de Formação do Registro
Arqueológico

São Paulo
2017

Ao meu pai, José Atílio Vanin

Agradecimentos

À minha orientadora, Profa. Dra. Elaine Farias Veloso Hirata, que, com incomparável generosidade, atenção e paciência, sempre esteve pronta a me guiar desde as primeiras disciplinas optativas de graduação.

À Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano e os membros do LABECA, e ao Prof. Dr. Norberto Luís Guarinello e os membros do LEIR-MA, professores cujos trabalhos me marcaram profundamente e laboratórios cujas reuniões discutiram temas sempre fundamentais à minha pesquisa – sem eles, nada teria sido feito.

Ao Prof. Dr. Vagner Cavalheiro Porto, pelos conselhos durante o exame de qualificação.

Ao Prof. Dr. Girolamo Ferdinando de Simone e ao Apolline Project pela possibilidade de adentrar ao trabalho de campo em Arqueologia Clássica, vivência sem a qual os registros de escavação me permaneceriam misteriosos.

À todos os professores do MAE, em Arqueologia Clássica e Amazônica, que prontamente me acolheram ao Museu e que me apresentaram as possibilidades de Arqueologia, desde as primeiras curiosidades de um aluno de extensão até a preparação de um mestrando.

Ao serviço de biblioteca do museu, e sobretudo a Hélio Miranda, e a todos os funcionários do MAE, sempre prontos a apoiarem e auxiliarem os alunos em todas suas dificuldades.

À minha mãe, Ivone Aparecida Vaczi Vanin, ao meu padrinho, Túlio Vaczi e a meu tio, Andrei José Vaczi, por apoio, inspiração e paciência.

À Alexa Rose, que me encorajou por tantas dificuldades.

"Um polvo gigantesco, vivendo bem fundo no oceano. Ele é repleto de força, tem inúmeros tentáculos ondulantes e rasteja para algum lugar, escondido pela escuridão do mar...Essa criatura toma uma porção de formas - as vezes ela é "a Nação", outras vezes ela é "a Lei", e as vezes toma formas ainda mais perigosas que essas. Você poderia tentar cortar seus tentáculos fora, mas eles simplesmente continuam crescendo. Ninguém pode destruir esse animal: ele é forte demais, e vive fundo demais no oceano. Ninguém sabe exatamente onde seu coração ficaria."

-Haruki Murakami, After Dark, tradução livre

Sumário

Introdução.....	14
Capítulo I -Corinto Arcaica: uma avaliação das evidências arqueológicas.....	22
1. O Sítio de Corinto: uma notícia preliminar.....	24
2. As fontes escritas-.....	28
3. Corinto Redescoberta: Uma Visão Geral das Escavações	33
4. As áreas sagradas	39
4.1. O Templo Arcaico de Apolo.....	39
4.2. A Colina dos Templos (“Temple Hill”) e a Acrocorinto	43
4.3. O Altar Triglifos na Colina dos Templos	51
4.4. Os Elementos Restantes do “Grande Templo”	52
4.5. O Altar sob o Fórum	56
4.6. O Heroon próximo ao Fórum e a “Estela Sagrada”	58
4.7. Santuário de Deméter e Kore	61
4.8. O Altar de Apolo no Asclepéion	63
4.9. O Templo dórico próximo ao teatro	66
4.10. As áreas sagradas nos limites da Corinto arcaica: síntese	67
4.11. Para além de Corinto: A ocupação sagrada em Perachora	72
5. Os espaços de habitação	79
6. O Kerameikos , quarteirão dos Ceramistas coríntios	82
7. Os espaços públicos.	82
7.1. A ágora	82
7.2. A Construção Norte	85
7.3. O Diolkos	86
7.4. O Estádio	87
8. O Urbanismo dos Recursos Hídricos	87
8.1. Possíveis Relações Entre Culto e Abastecimento Hídrico	105
9. Os espaços funerários	108

9.1. O Cemitério Norte	108
9.2. “Testando” a Cronologia Urbana Coríntia: A Tumba 147/504.....	109
Capítulo I, Parte 2	121
1. O Estilo Cerâmico Coríntio: Do Geométrico ao Arcaico	125
1.2. O Estilo Coríntio no Arcaico: O “Convencionalizante”	126
1.3. Não Apenas Vasos: O Desenvolvimento da Coroplástica	130
1.4. Evidências dos processos de fabricação	133
Conclusões parciais : Um Padrão Coríntio Arcaico?	139
Capítulo II - Siracusa como fundação Arcaica Coríntia.....	142
1. Os primeiros tempos	142
2. A fundação de Siracusa e sua implantação no território	146
3. Siracusa : síntese histórica	153
4. A documentação arqueológica : as áreas sagradas	155
4.1. O Apolonion em Ortígia	155
4.2 O Complexo do Athenáion Deinomênida na Ortígia: visão geral	159
4.2.1 Antecedentes do Athenaion	160
4.2.2 o “Altar Arcaico”	161
4.2.3 Os artefatos ao redor do Altar Arcaico	162
4.2.4. Evidências de remodelamento posterior	165
4.2.5. O depósito das estelas	167
4.2.6 .Cultos abandonados: O “Grande Altar” arcaico	169
4.2.7 O Edifício "E"	172
4.2.8. Os vestígios arqueológicos: Estruturas no Pátio do Arcebispado	174
4.2.9-Traços arcaicos na área do Duomo	178
5. Os vestígios arqueológicos : áreas publicas	180
5.1.a malha viária	180

5.2. As áreas públicas : poços, habitações?	182
5.3. Os restos vizinhos a Via Consiglio Reginale	187
5.4. As ruínas na região de Montevergini	189
6. O sistema portuário	192
7. Expansão para Acradina.....	196
8. Sistemas hídricos	199
8.1. O dique arcaico de Via dei Mille	199
8.2. O reservatório vizinho à Piazza Archimede	200
8.3. Os poços a leste do Castelo Maniace	202
9. Espaços funerários	204
9.1. Fusco	204
Conclusões.	213
 Capítulo III Cidade, pólis e a questão do Estado.....	217
1. Antecedentes	217
2. Argumentos para um Estado arcaico	221
3. Rumo à uma “Teoria do Estado Arcaico”	226
3.1. A aproximação tipológica: Ehrenberg e Runciman	226
3.2. A teoria das “chefias” como Proto-Estados: Thimoty Earle	233
3.3. A teoria das “chefias” e a complexidade do caso grego.	247
3.4. O modelo de James Whitley	253
3.5. A distribuição do modelo políade no Mediterrâneo.....	258
4. F. de Polignac : arqueologia da religião e o surgimento da pólis.....	262
5. O Copenhagen Pólis Centre	264
6. Argumentos para a pólis Como uma "Sociedade Não-Estatal"	270
7. Relativizando “Estado” e “Não-Estado”	277
Conclusão	285

Capítulo IV A Dimensão Física e a Dimensão Política da Pólis.....	291
1. A Dimensão física e a dimensão política da pólis.....	291
2. A constituição de um assentamento nucleado	294
3. A arquitetura monumental e a infraestrutura de serviços	304
4. A constituição de uma paisagem sagrada na ásty e na khóra	309
5. A estrutura social e as atividades econômicas.	319
5.1 Além de Corinto: outros estilos gregos e sua ligação à Siracusa	326
5.2. A Cerâmica Greco-Oriental e os Espaços Religiosos	329
5.3 A Interação Dinâmica entre Corinto e Siracusa	331
6. O uso da escrita, tiranias e a ordem hoplítica	336
Conclusão	344
Cronologia Cerâmica Coríntia.....	352
Bibliografia	354

Índice de Figuras

Figura 1 – Os Sítios Antigos da Coríntia	25
Figura 2- Foto de satélite da área leste do Peloponeso	28
Figura 3 – Visão Geral das Estruturas Conhecidas na ásty de Corinto	36
Figura 4 - Plano Geral das Escavações de Corinto.....	38
Figura 5 – Reconstrução parcial do sistema de telhas do templo de Apolo.	41
Figura 6 – Esquema do estado atual do templo, reconstrução usual e foto do restante da colonada	43
Figura 7 – Estado atual da fonte de Glauke	46
Figura 8 - A Colina dos Templos no século VI a.C.	47
Figura 9 – Os Restos do temenos do Heroon da Encruzilhada	59
Figura 10 – Planta Geral dos Salões de Banquete	62
Figura 11 – Os Três Muros da Lareira de Perachora	75
Figura 12 – Monumentalização Tardia da Fonte de Peirene	92
Figura 13 – O Canal de Alimentação de Peirene	96
Figura 14 – Plano Geral das Fases da Fachada de Peirene	102
Figura 15: Planta geral da Tumba 157/504	111
Figura 16: a abertura sul do sarcófago e seu muro de extensão	113
Figura 17: o copo de “phiale” completo 157-d e o fragmento 157-e	114
Figura 18: vaso em formato de sirene	116
Figura 19 – Vaso 157-m	117
Figura 20 - comparação entre o prótomo 157-m e o "pintor de Honolulu"	118
Figura 21 – sarcófagos Protocoríntios	119
Figura 22 – Corinto em relação a Siracusa.....	142
Figura 23 – malha viária da Ortigia.....	148
Figura 24 – o território Siracusano.....	150
Figura 25 - Plano de vias em Siracusa e os edifícios Públicos	151
Figura 26 – Siracusa e a Epípole	152
Figura 27 – Planta geral do Templo de Apolo na Ortigia	156

Figura 28 – O Complexo do Athenáion	159
Figura 29 – O Vaso “Semelhante a um Cânope”.....	163
Figura 30 – Localização dos Materiais Espoliados	165
Figura 31 – Dois Estilos de Estelas	168
Figura 32 – Decorações em Terracota	170
Figura 33 – Diferentes do Depósito de Cinzas	171
Figura 34 – Decorações em terracota.....	173
Figura 35 – Estruturas Encontradas sob o Pátio do Arcebispado	175
Figura 36 – As Cabanas da “Trincheira E”	191
Figura 37 – O Lakkios em Relação a Siracusa	192
Figura 38 - Os blocos trabalhados e os restos da possível torre de defesa	194
Figura 39 - Expansão da Malha Viária Siracusana além da Ortígia.....	197
figura 40 – Visão Geral da Necrópole do Fusco	204

O frontispício reproduz foto de arquivo da American School of Athens documentando uma das primeiras temporadas de escavação em corinto, apresentando a vista da Colina dos Templos na direção da Estrada de Lechaion.

Resumo

Dentro do campo da Arqueologia Social a questão do surgimento das primeiras comunidades políticas é um importante tema central de inquérito. Consagradamente, as ciências sociais assumem que as bases últimas destes processos formativos são, em alguma medida, irresgatáveis, empregando construções ideais e teóricas na formulação de explicações sociológicas e culturais para este fenômeno. Tais explicações muitas vezes tem dificuldades em identificar realidades materiais nas fases ideais que correspondam as fases presumidas em suas formulações metodológicas de mudança social, materialidades estas que são o foco central da Disciplina Arqueológica.

Nosso presente trabalho se propõe a tentar um estudo crítico de dois contextos materiais fundamentalmente ligados a formação das comunidades políticas no espaço Mediterrâneo Grego, aqueles das Pólis de Corinto e Siracusa durante a transição inicial do Período Arcaico. Manteremos como hipótese de trabalho que estas cidades são neste recorte cronológico momentos chave e situações diagnósticas dos processos de formação da Pólis e das fundações da experiência Política, procurando ligações entre a interpretação de estruturas construídas e as soluções explanativas propostas pela Teoria Arqueológica e Social, abordando o tema dos surgimento da Comunidade Política, da Cidade e do Estado como realidades interligadas.

Palavras chave: Arqueologia Social, Arqueologia Espacial, Corinto, Siracusa, Estado, Proto-Estado, Urbanização, Comunidade Política, Politéia, Espaço Construído.

Abstract

Within the field of Social Archaeology, the matter of the emergence of the first political communities is a central theme of inquiry. Regarding this problem the Social Sciences have well established that, at least in some regard, the fundamental bases of such formative processes are fundamentally irretrievable, opting instead to formulate ideal and theoretical constructions as basis on to formulate sociological and cultural explanations for those phenomena. Such explanations often find difficulties in corresponding direct material realities to such theoretically based ideal phases of social change, indeed even while such material realities are the centerpiece of the Archaeological Discipline.

Our present work proposes to attempt a critical study of two such material contexts fundamentally connected to the development of the political communities in the Mediterranean Greek area, those of the Poleis of Corinth and Syracuse during the beginnings of the Archaic Period. We maintain as research hypothesis that such contexts are, in this chronology, key moments and symptomatic examples of the formative processes of the Polis and the beginnings of the Political Community, searching for connections between the interpretation of constructed structures and spaces and the explanative solutions proposed by Archaeological and Social Theory, engaging the theme

of the formations of the Political Community, the City and the State as interlinked realities.

Keywords: Social Archaeology, Spatial Archaeology, Corinth, Syracuse, State, Proto-States, Urbanization, Political Community, Politeia, Constructed Space.

Introdução

O surgimento da pólis no mundo Grego antigo é um fenômeno debatido desde a antiguidade por historiadores e filósofos, e, especialmente a partir do século passado, um tópico mereceu especial atenção dos arqueólogos : encontrar na cultura material indícios deste processo (SNODGRASS, 1992; MORGAN E COULTON, 1997). A tradição historiográfica europeia consolidada a partir dos anos 1900 e assentada especialmente no pensamento politico-filosófico aristotélico, afirmava ser a pólis o resultado de um desenvolvimento natural do homem grego, partindo da família `a aldeia e da união de várias delas formando a pólis (*Política*, 1253a2-3) se torna uma explicação insuficiente para lidar com as vastas e complexas mudanças sociais necessárias à formulação de uma cidade institucionalizada e de um governo em pleno funcionamento. Para além da tradição textual mais restrita a conceitos oriundos do pensamento politico vigente no ambiente filosófico da Atenas de época clássica, a arqueologia se dispunha a explorar o universo multifacetado que os vestígios materiais iluminavam indicando a variabilidade – espacial e cronológica - das experiências políades pelo Mediterrâneo.

Paralelamente a esta questão coloca-se o debate sobre a especificidade da pólis enquanto formação politica: como construir uma teoria que perceba e concatene as diversas mudanças que levam um grupo social submetido `a uma autoridade personalizada na figura de um chefe,

típica da Idade do Ferro Inicial (1100-700 a.C.¹) – seja ele chamado de basileu, “big-man”, rei - à uma organização social complexa, com uma estrutura de poder delimitada e instituições formalizadas que sirvam de canais de exercício de poder, como aparece na pólis “ clássica” do sec. V . Tais temas naturalmente trazem em conexão a própria discussão do conceito de Estado, ponto no qual encontraremos uma dificuldade fundamental: a pólis se constitui realmente em uma forma de Estado? (van der VLIET, 2005: 121-124) É possível pensar em uma modalidade estatal adequada às diferentes formas políticas vigentes no mundo antigo? Neste trabalho não temos a pretensão de aprofundar este problema mas apenas, observando os limites sociais e culturais entre duas construções mentais marcadamente diversas - as da ideia de polis como os helenos a perceberiam e a ideia de Estado como modernamente o supomos – , estabelecer algumas relações entre sociedades submetidas a um poder político institucionalizado que exerce o monopólio da força. Neste sentido, no caso grego, lançaremos mão da ideia de "Estado-Cidadão", como proposto por RUNCIMAN (1990), HANSEN (1993b), e van der VLIET (2005), na tentativa de descrever esta peculiar entre a organização do espaço urbano e a estruturação de uma organização social comparável de alguma forma a um "Estado".

1

. A nossa pesquisa estará direcionada para a coleta de dados materiais que possam documentar nas paisagens o lento processo de mudanças que transforma sociedades da chamada Idade do Ferro Inicial ²(1100- 700) em sociedades de tipo políade. Excluiremos as *ethne* que se constituem um universo específico e complexo (Morgan, 2003) impossível de ser abarcado em uma dissertação de mestrado .

Com tais objetivos optamos por centrar nossa pesquisa em um estudo de caso que, compara sob o ponto de vista da ocupação do espaço, duas situações de desenvolvimento urbano diversas mas relacionadas : a de Corinto, pólis balcânica e sua *colônia* siciliota, Siracusa, dentro do recorte cronológico do período arcaico (Sécs. VIII a VI)³ . Nas publicações buscaremos os dados empíricos para que o processo físico de emergência de uma pólis possa ser avaliado em dois contextos específicos, a saber, o coríntio como exemplo de uma *cidade* orgânica e o siracusano, como expressão de uma fundação *ex-novo* fora da área Egeia-Balcânica. Esta proposta se insere nas atividades de pesquisa do LABECA- Laboratório de pesquisas sobre a cidade antiga, sediado no MAE-USP e coordenado pela Profa. Maria Beatriz Borba Florenzano.

Nossa proposta de trabalho, em síntese, pretende privilegiar os dados materiais em confronto com os construtos teóricos que pretendem

2

Na bibliografia tradicional encontramos a denominação de “ Idade Obscura” para o período pré- políade. Toda a vasta pesquisa dos últimos decênios sobre o tema apontam para a inadequação deste uso.

3

O debate acerca da *colonização* no mundo grego é certamente um dos temas de maior produção teórica da história e arqueologia contemporânea . A discussão sobre uso dos termos *colônia* e *colonização* para o caso grego é ainda objeto de polêmica (V. Síntese em HIRATA, 2010) . Optamos pois em grafá-los em *itálico*.

explicar o funcionamento de uma comunidade política em formação. As pólis que pretendemos comparar neste trabalho foram selecionadas não somente por seu bom estado de conservação contextual e boa representação na documentação escrita, nos possibilitando melhores oportunidades interpretativas, mas também por se tratarem de exemplares importantes de momentos diversos de formação poliáde - "instantâneos", poderíamos dizer, de contextos particulares que descrevem abordagens diferentes, mas fundamentalmente relacionadas, na construção de uma comunidade política.

Assim, Corinto, graças a sua antiguidade mais remota e crescimento mais gradual e livre, figurará como um exemplo de um processo formativo espacial "orgânico" e que emerge de uma situação política anteriormente aristocrática, sucedida por formas de poder autocráticas: as tiranias. A organização espacial da área da Coríntia é lenta em contraposição ao crescimento precoce de seus contatos externos devido à intensa produção cerâmica de grande qualidade técnica desde, pelo menos o séc. VI (SHANKS, 1999).

Siracusa, por sua vez, figurará como um exemplo de uma pólis resultante de uma fundação no mundo *colonial*, enfrentando as dificuldades de um assentamento criado *ex-novo* em área ocupada por populações locais (sículos). Sua localização geográfica privilegiada por dispor de uma boa área portuária que atendia às demandas de distribuição da cerâmica coríntia pelo Ocidente grego, também oferecia perspectivas de desenvolvimento agrícola adentrando ao interior. Vale ressaltar que a expansão territorial siracusana foi quase que concomitante ao estabelecimento da fundação e foi realizada ocupando terras pertencentes às comunidades sículas, lá estabelecidas. O

poder político será centralizado por governos tirânicos que se sucedem e promovem a ampliação de sua *khóra*. Siracusa é, no século V, uma das mais poderosas pólis do mundo grego.

Ambas as pólis em análise nos permitem também contornar a tendência usual à análises atenocêntricas, sobre as quais cabe a crítica de estenderem um caso muito particular de pólis – Atenas – como uma regra geral. (de POLIGNAC, 1984). Ao contrário, estas cidades nos oferecem respectivamente visões do mundo grego balcânico e do âmbito *colonial*, possibilitando comparações entre diferentes necessidades e experiências em um espaço que não se fecha em uma territorialidade estrita, mas que abarca fluxos e deslocamentos, agindo e reagindo sobre contatos externos e internos.

Esta dissertação de mestrado se divide em quatro capítulos principais. No primeiro capítulo, o objeto é a cidade de Corinto, partindo de uma visão geral da região para um breve levantamento das tradições escritas sobre a fundação da pólis: Tucídides já aponta sua vocação *comercial* (1.13.5), Heródoto a vê como afortunada (3.52) e destaca a importância da família aristocrática Baquíada em sua história (5.92). Seguiremos então para a descrição das ruínas recuperadas pelos esforços de escavação da área, adotando em parte o mesmo procedimento empregado pelo projeto arqueológico que desempenhou importante papel na redescoberta da cidade, o da ***American School of Classical Studies at Athens*** (Escola Americana de Estudos Clássicos em Atenas, publicado em seu periódico *Hesperia*). Assim, partindo dos remanescentes do Templo de Apolo – uma das únicas estruturas que permaneceram visíveis sobre o solo – para prosseguir

gradualmente em redor, indo da Colina do Templo até o território da Coríntia. Sempre que possível, tentamos agrupar construções funcionalmente semelhantes em seções específicas, tais como áreas sagradas e funerárias, por exemplo. Vale notar que ao se trabalhar com contextos do período arcaico será inevitável deparar-se com aparentes "vazios" entre áreas e estruturas e com altos níveis de remodelamento e reuso do material remanescente. Será necessário então empregar tanto a evidência imediatamente visível como discutir a evidência negativa, ou seja, apontar para os elementos ausentes na paisagem.

O primeiro capítulo irá então, por exemplo, utilizar o espaço funerário, bem documentado pelas escavações do Cemitério Norte, como uma área onde seria possível testar algumas hipóteses quanto à estruturação da sociedade coríntia partindo da organização de sua paisagem urbana. Uma tumba em específico, a número 147/504, será eleita por sua longa utilização no tempo como um estudo de caso da representação funerária na pólis. Os espaços de habitação estão pouco representados no registro arqueológico mas as áreas sagradas, o sistema de manejo da água fornecem dados materiais interessantes para a avaliação da atividade construtiva e de seus agentes. Discutiremos posteriormente a importante produção cerâmica coríntia documentada desde o século VII a.C. bem como a sua distribuição e comercialização no Mediterrâneo, finalizando com alguns apontamentos a cerca de um proposto padrão coríntio de desenvolvimento urbano.

O segundo capítulo tratará de Siracusa, seguindo uma abordagem similar. Os textos que relatam a fundação e episódios da história de Siracusa provém de autores gregos como Tucídides e Píndaro, cujas principais Odes

foram comissionadas por tiranos siracusanos, como veremos adiante. Especialmente importante para o conhecimento da tirania siracusana e seus remanejamentos urbanísticos é a obra de Diodoro Sículo, historiador natural da Sicília (Agírio) e que viveu no séc. I d.C. Os esforços de escavação de Siracusa são muito menos sistematizados e centralizados em uma Escola arqueológica como ocorre em Corinto, motivo pelo qual o fluxo de análise será mais disperso, apreciando os resultados de diversas temporadas de pesquisa de diferentes projetos. A obra de Paolo Orsi, antiga e ainda atual em larga medida, será um grande fio condutor para a busca de contextos arcaicos neste espaço. A descrição destes contextos tentará seguir na medida do possível a divisão clássica da antiga malha viária , partindo de Ortígia e da área do porto para a área continental. A análise dos padrões funerários presentes na Necrópole do Fusco será apresentada como um contraponto para o Cemitério Norte de Corinto, possibilitando confrontar diferentes tradições e abordagens religiosas e sociais. Se procederá então com uma breve avaliação da presença cerâmica no espaço siracusano, tratando do material produzido localmente e do material importado coríntio e do de outros centros produtivos, utilizando estas diferenças materiais como evidências de uma dinâmica ampla de contatos com necessidades próprias.

Prosseguimos para o terceiro e quarto capítulos, que tratam da articulação dos dados do contexto material e a construção teórica. No primeiro destes iremos apresentar as principais propostas das escolas de pensamento histórico e arqueológico sobre o tema, partindo de antecedentes clássicos como o “Peer-Polity-Interaction” proposto por Colin Renfrew e contrastando os argumentos possíveis para se defender a ideia

de um “Estado Antigo” às críticas que propõe outros modelos não-Estatais de organização social à experiência urbana nascente. Desta contraposição, tentaremos uma síntese teórica na qual uma tipologia ideal sobre qual seria uma modalidade teóricamente válida de “Estado Antigo” na experiência póliade será intentada, com o objetivo de comparar as previsões teóricas ao material diretamente observável. Trabalhos de arqueólogos como os de Anthony Snodgrass , James Whitley, Ian Morris , F. de Polignac, bem como os do Copenhagen Polis Centre e Morgen Hansen , que buscam entender o processo de emergência dos modelos póliades e estabelecer uma tipologia sócio-estatal que lide com as dificuldades de interpretação do mundo antigo, são a base das discussões.

Finalmente, no quarto capítulo os dados da materialidade dos sítios póliades serão confrontados criticamente com o objetivo de estabelecer uma conexão entre o disciplinamento e organização do espaço e as relações de poder vigentes em cada uma das duas póleis analisadas. Assim, na medida da disponibilidade dos dados, compararemos as mudanças espaciais observáveis em Corinto e Siracusa como indícios de um processo de centralização do poder, observando, por exemplo, a questão da monumentalização de áreas sagradas e a implantação de uma infraestrutura de serviços, como o manejo hídrico como possíveis marcadores de institucionalização política e controle da organização de trabalho. Destes fatores vamos manter, na conclusão final, a proposição de uma natureza da Pólis como um processo contínuo de integração e negociação, uma realidade física que se torna uma narrativa política e social inserida na paisagem e reagindo a necessidades e pressões em seu devir histórico.

Capítulo I : A distribuição dos espaços especializados em Corinto arcaica: uma avaliação das evidências arqueológicas.

O processo de emergência das pólis na Grécia, no período arcaico, vai ocorrendo paralelamente à fundação de *apoikias* na Sicília e no sul da Itália. São movimentos contemporâneos e para autores como Irad Malkin, as demandas - econômicas , de definição política e organizacional em geral - das novas cidades teriam impulsionado a estruturação do modelo políade na área balcânica (MALKIN, 1999). Assim, as fundações promovidas por Corinto, e Siracusa, em especial, colocam em evidência processos contemporâneos de definição de modelos políades que assumem conotações próprias em função da variabilidade das experiências que os promovem. Assim, no caso de Corinto temos que levar em conta, por exemplo, o significado da precoce produção cerâmica destinada à troca e quanto à Siracusa, avaliar o que representou a instalação de um assentamento grego em área tradicionalmente ocupada por populações sículas.

Corinto destaca-se no panorama das cidades balcânicas por ser um sítio já largamente explorado arqueologicamente: as escavações iniciais datam de 1896, com algumas incursões e sondagens anteriores e sua

produção cerâmica foi também objeto de pesquisas sistemáticas que remontam ao século XIX. Uma síntese destas transformações dentro de nosso recorte cronológico e temático é retratada pela obra “*Necrocorinthia: A Study of Corinthian Art in the Archaic Period*” publicada por Payne em 1931 mas ainda bastante atual em muitos aspectos.

Quanto ao sítio ocupado pela Corinto clássica, destaca-se a acentuada diferença que o final da Idade do Ferro Inicial representa para a cidade: de um assentamento relativamente pobre, rural e um tanto isolado para uma súbita proeminência na Grécia Egéia, a ponto de promover importante expansão colonial atestada pela fundação de Siracusa, na Sicília, por volta de 734 (Tuc. VI, 3). Mas seria possível traçar através deste crescimento a formação de Corinto enquanto comunidade política?

Para empreender tal questionamento, deveremos separar a questão em tópicos menores de análise, escolhendo temas indicadores de tais processos formativos. Assim, podemos avançar nos perguntando como o registro físico da cidade é em si uma evidência para o tratamento de questões como: quando seu centro urbano se forma? Como se organizam os recursos consumidos? A partir de que momento templos monumentais e fortificações são construídos? Como se estabelece o sistema de abastecimento hídrico e de outros usos públicos do espaço como a ágora e os cemitérios ?

A estes se somam indicadores vinculados mais claramente ao plano político, como a presença coríntia em questões externas, especialmente quanto ao território e questões internas como a integração do indivíduo à comunidade. Finalmente, seu desenvolvimento econômico interage em

planos como a especialização de sua principal manufatura – a cerâmica - em direção a um consumo externo e a tentativa de regular o fluxo de comércio nas imediações de seu território.

No registro arqueológico de Corinto poderíamos encontrar, então, uma amostra das evidências da formação de uma comunidade políade na transição da Idade do Ferro Inicial para o arcaico, embora tal amostragem seja, necessariamente, localizada e de difícil transplante para qualquer tentativa de se estabelecer um padrão da formação da cidade grega. Seu estudo, no entanto, aponta a gama de possíveis interações adotadas pelos elementos constitutivos de um Estado em formação. A conveniência do uso do termo “Estado” é uma questão em aberto (van der VLIET, 2005)., autores como Renfrew e Cherry usam preferencialmente a expressão “ formação política” na discussão do modelo “Peer Polity Interaction” como uma possibilidade para a difusão da pólis no mundo grego.(RENFREW E CHERRY, 1986). No cap. 3 apresentaremos os parâmetros deste debate.

1. O Sítio de Corinto: uma notícia preliminar

O sítio original de Corinto não corresponde exatamente com a cidade moderna. A localização original apresenta-se como um assentamento em área de terraço natural a cerca de duas milhas do mar e que aos poucos expandindo seu território : indo desde nove quilômetros do Istmo de Corinto até a margem oeste do rio Nemea , onde faz fronteira ao território de Sicione, ;a leste até Krommyon (moderna Haghioti Theodoroi), e ao sul até um limite incerto com as montanhas de Epidauro e Micenas. A península de

Peraion ,moderna Perachora, também esteve sob seu controle desde sua primeira ocupação, *circa* 750 até sua captura por Esparta em 392 .

Figura 1 – Os Sítios Antigos da Coríntia: Podemos perceber a área montanhosa descrevendo o limite sul em relação à Micenas. A fronteira oeste é descrita pela proximidade ao sítio de Nemea. A fronteira leste se encontra além da Ístmia, coincidindo com a margem direita da figura e a margem norte do Golfo Sarônico. Fonte: Miller, *Nemea, A Guide to the Site and Museum*, California University Press, 1989)

A área ocupada pela cidade concentra-se ao redor de sua acrópole, chamada de Acrocorinto, situada a cerca de 35 km da costa e da região portuária de Lechaion, sua abertura para o fluxo marítimo no sentido oeste.;

uma segunda ocupação marítima, Kenchreai, situada a dez quilômetros ao sudoeste do Golfo Sarônico, a liga com o comércio do leste. Com os dois portos Corinto assumia uma situação privilegiada para as trocas com o Mediterrâneo ocidental e oriental. Provavelmente no final do século VI, uma estrada pavimentada em pedra é construída para permitir o arraste de navios inteiros e de suas cargas, entre o Golfo de Corinto e o Golfo Sarônico, economizando a volta do Peloponeso. O testemunho escrito, no entanto, remonta apenas ao século V, com a informação de Tucídides (III, 15) sobre o funcionamento do *diolkos* : “...os lacedemônios começaram a construir no istmo mecanismos de suspensão para transferir as naus de Corinto para o mar do lado ateniense ...” Vale ressaltar, no entanto, que o *diolkos* (em grego, “que permite puxar de trevés” não ligava os portos de Lechaion e Kenchreai o que pode sugerir uma função militar preponderando sobre a comercial (GRAS, 1998:28).

Os indícios de ocupação humana na área remontam até o neolítico tardio, possivelmente a partir do quinto milênio. Considerável quantidade de vestígios relativos ao período Heládico vem sendo encontrada nas escavações demonstrando , através dos restos cerâmicos, a influência micênica ; cerâmica de estilo miniano também aparece em quantidade – vale ressaltar, entretanto, que tratam-se de achados em sítios periféricos à Acrocoríntia, que parece permanecer inabitada por boa parte do Heládico. Restos de uma muralha antiga, modelo para a eventual extensão clássica da fortificação Examília, indo rumo a Kenchreai ,a chamada “Muralha Ciclópica” , descrita por Oscar Baroneer (1968) apontam já uma preocupação dos grupos ali assentados em controlar, ou ao menos interferir,

nas trocas de produtos. Em consonância com este aspecto, a descoberta de materiais estrangeiros sugerem a existência de rotas de trocas passando pela região coríntia vindo de proveniências como a Argólida, Creta e o Egeu, do Golfo de Corinto e de Thisbe, ponto onde aparentemente seguem curso a Tebas e a Orchomenos.

Apesar destas evidências de intensa atividade marítima - uma vez que realizar essas rotas por mar parece ser consideravelmente mais fácil do que tentar cruzar o monte Geraneion- traços de portos e docas são raros e limitados. Muito provavelmente isto se dá pelo uso de navios menores e mais facilmente manobráveis , prescindindo de docas artificiais e de um cais – como ocorre com os barcos pescadores da Grécia recente; tudo o que necessitariam seria de uma “praia de manobra”. De qualquer forma, a evidência cerâmica – sobretudo a obtida no sítio da colina de Korakou, onde a maior parte da seriação Heládica pode ser encontrada, juntamente com a característica “*Urfinis ware*” - suporta a existência já de uma ligação bem desenvolvida com o oeste da península, se intensificando durante a Idade do Bronze.

Ao final do período micênico, no entanto, a prosperidade de Korakou subitamente se interrompe e a localidade é abandonada. Sincronicamente vários dos outros assentamentos a seu redor também desaparecem. No Período Micênico, a área é esparsamente reabitada, crescendo gradualmente graças a sua grande fertilidade rural e de seu bom abastecimento hídrico (doze fontes encontradas).

Figura 2- Foto de satélite da área leste do Peloponeso, tirada pela NASA em 7 de setembro de 1972. Fonte: Romano e Schoenbrun, *Computadorized Survey of Ancient Corinth*

2. As fontes escritas

As tradições textuais gregas acerca das épocas mais antigas de Corinto são limitadas. A região figura marginalmente na *Ilíada* com uma breve menção no *Catálogo dos Navios*, se confundindo com Ephyra, o que leva a tradição local a clamar para si a identidade da cidade de Sísifo e Belerofonte. Embora a tradução do nome Ephyra (literalmente “posto de vigia”, “ponto de mirada”) pareça se adequar ao papel que Corinto viria a ter, nada suporta tal identificação.

Mais claras são as varias tradições antigas descrevendo uma rápida união da comunidade dórica sob a dinastia Baquíada, um tipo de oligarquia aristocrática, que teria sido aparentemente eficiente na condução da pólis – o único registro de conflito interno durante esse período formador se encontra na descrição de Tucídides das hostilidades entre Soligéia e os Eólios em Corinto (IV.43). De fato, a unidade de cultura cerâmica na região coríntia sugere boa integração, ao menos no plano material – mas não se pode, é claro, inferir disto análoga integração política. O passado da dinastia Baquíada é incerto e muito provavelmente repleto de construções posteriores, especialmente dos poetas Eumelus e Píndaro. De toda forma, a recorrência na menção à tirania é um indício de uma centralização do poder relativamente precoce nesta área da Grécia balcânica. A família clama descendência dos Heráclidas através da figura de Aletes, “O Vagante”, personagem mítico ligado à Ephyro de Sísifo. O quinto descendente de sua linhagem, Bacchis, seria aquele que dá o nome de sua linhagem. Após uma narrativa de crise sucessória ao redor de Telestes, os Baquíadas teriam passado a governar em conjunto, apontando um prítane a cada ano. A tradição mantém que este funcionamento durou por noventa anos, até que a oligarquia fosse deposta por Cípselo, obtendo primeiramente o título de polemarca.

Embora pouco possa ser deduzido da tradição sobre a organização política dos Baquíadas, as escolhas de títulos carregados por seus personagens deixa transparecer uma importante mudança: do comando de um basileu, a cidade passa para o regime conjunto de um basileu, um prítane e um polemarca. Sobre este último, existe alguma dúvida quanto à sua real

função. A parca evidência sobre o tema obtida em Corinto aponta ter sido apenas um oficial coletor de multas de condenações legais, e não de um comandante militar. Por outro lado, talvez a palavra simplesmente aponte que Cípselo obteve seu cargo por via de armas. De qualquer forma, essa configuração aponta para a existência de um oficialato já em processo de especialização, de um conselho Baquíada com seus 200 membros elegendo esses oficiais, com uma assembleia formada pelo demos continuando a existir. (OOST, 1972)

Assim Heródoto relata a forma de atuar dos Baquíadas:

“ A forma de governo de Corinto....era oligárquica, estando a autoridade concentrada nas mãos dos Baquíadas, que só se casavam entre si , formando uma grande Família” (5. 92).

Para Diodoro Sículo :

“ Os Baquíadas , descendentes de Héracles, eram mais de 200 e todos governavam a cidade em comum.. escolhiam cada um dos seus para tornar-se *prytanis* e exercer a função de rei”.(7.9.3)

Aristóteles cita Feidon como nomóteta da cidade, e o qualifica como “um dos mais velhos legisladores”), mas não lhe fixa o período. Provavelmente, se de fato existiu, suas leis teriam sido escritas durante algum momento em que um sistema oligárquico estaria vigente , dado o caráter restritivo do acesso `a terra. Na *Política* (2, 1265b12-16) Feidon é descrito como legislador coríntio que teria estabelecido que o número de casas e cidadãos deveria ser igual independentemente do tamanho da propriedade. Que a preocupação em se manter o *status quo* aristocrático

exista nessas regras é forte indício para se supor que questões relativas à posse de terras e a cidadania já fossem ponto de tensão na comunidade constituíssem um problema para a casa Baquíada.

Em que natureza a tirania de Cípselo⁴ seja uma quebra desse padrão é um ponto debatido. Construções teóricas modernas o apresentam de forma variável desde o mercenário estrangeiro que artificialmente se inclui na comunidade coríntia através do mito Baquíada (DREWS, 1972) até a de um tirano “apenas em nome”, ou seja, um rei, que consegue manipular suficiente apoio para ser considerado um “novo Bacchis” e o fundador Cipsélida (OOST, 1972), mantenedor dos costumes Baquíadas mas uma alteração em sua estrutura de poder. O que se afirma, no entanto, é que sua adoção do título de tirano – mesmo na ampla variedade do termo – está entre as primeiras da Grécia, e marca uma alteração do funcionamento político.

Sobre suas relações externas temos em Estrabão (8.378), os Baquíadas mencionados como já explorando o amplo comércio de Corinto enquanto empória. A história diplomática anterior da Coríntia tem a Argólida como a principal influência no Peloponeso, em relação filial às aristocracias de Corinto e Mégara. Entre Mégara e Corinto, no entanto, o território de Perachora aparenta ter sido disputado, com Corinto gradualmente tomando seu espaço. Plutarco (*Quaest. Gr.* 17) cita o conflito, e as escavações dos santuários no sítio parecem corresponder a este cenário: o padrão de oferendas votivas do santuário mais antigo, o de Hera Akraia vai perdendo

4

- A datação da tirania dos Cipsélidas é, ainda hoje, controversa. A maioria dos autores segue a tradicional, c. 644- 582.(Graham, 1982:118)

espaço para um padrão com oferendas mais exóticas, provenientes do comércio levantino e associado ao santuário de Hera Limnaia.

Ao século oitavo, se caracteriza uma hostilidade entre a casa Baquíada e Argos através do rei Feidon. Novamente, é citada por Plutarco (*Am. Narr.* 2). Sobre este episódio, a descrição de Nikolaos de Damasco (fragmento 35) já aponta uma Corinto atuando como um território unificado, além de justapor os conflitos com a Argólida ao movimento colonizador. Três fundações importantes são estabelecidas sincronicamente: Ítaca, Siracusa e Corcira. Sobre a primeira não sobrevivem relatos tradicionais, mas o santuário de Aetos contém material arqueológico remontando a 780 a.C.. Tradicionalmente Siracusa é tida como fundada por Árquias, também báquida, em 733. Corcira apresenta dificuldades na cronologia, com a cultura material do local apontando aproximadamente a data de fundação como 709. O que se verifica com certeza é que Ítaca é colonizada mais cedo, atuando como um posto avançando para o movimento em direção ao oeste, com Siracusa e Corcira sendo ocupadas mais tarde, na medida em que se obtêm mais experiência. A Corcira, no entanto, aparenta se encaixar como ponto de entrada para o comércio com a rota itálica. Em casos posteriores como Leukas, Ambrakia e Anaktorion pode se perceber mais claramente as influências da alta demografia e os interesses dos tiranos (a maioria dos *oikistas* são Cipsélidas) nas colônias como meio de solução. Boa parte do esforço colonial, entretanto, pode estar direcionado ao controle da pirataria ao redor do golfo de Corinto e a interação fiscal sobre rotas de comércio, especialmente através de pedágios.

Dentre as fontes literárias, há que ser ressaltado o grande volume de informações sobre a prematura atividade de Corinto como fundadora de *apoikias*, em Tucídides. (Graham, 1983:118-165). Os dados apontam para a um relacionamento econômico estreito entre Corinto e suas *apoikias* decorrente da busca de mercados para a cerâmica produzida em grande quantidade nas oficinas coríntias desde o séc. VIII a.C. Vale lembrar também a ênfase de autores antigos e contemporâneos na relação entre as tiranias coríntias, em especial os Cipséidas, na promoção do estabelecimento de pontos de apoio às trocas entre Corinto e várias pólis espalhadas pelo Mediterrâneo. (WILL, *Korinthiaka*, 1955).

3. Corinto Redescoberta: Uma Visão Geral das Escavações

Ao prosseguirmos para o registro material, consideramos fundamental apresentar um rápido panorama do histórico da pesquisa arqueológica na área da Coríntia que, ao contrário do que ocorreu em Siracusa, será conduzida de forma mais centralizada e sistemática. Os traços do período arcaico são mais restritos: o problema usual da separação entre as várias fases de ocupação aqui se coloca e é agravada pelo fato de que Corinto foi uma cidade que sofreu uma remodelação extensiva após a intervenção romana. Assim, se torna inevitável relacionar a descrição mesmo das fases mais antigas à localização dos edifícios restantes.

As escavações de Corinto foram realizadas, de forma sistemática em campanhas sucessivas da *American School of Classical Studies in Athens* - seguidas de etapas levadas a cabo pelas autoridades gregas e, com menor

peso, pelos esforços de outros institutos internacionais. Entre estes esforços, se destacam, pela publicação sistematizada, o projeto de pesquisa com santuários extra-urbanos conduzido pela Universidade de Berkeley, (Califórnia) e o trabalho das Universidades de Indiana e Chicago em Kenchreai. Destas investigações resulta uma ampla gama de objetivos e métodos entremeados em seus registros que, se por um lado possuem a virtude de explorar amplamente o sítio, por vezes produzem também documentação aparentemente contraditória. Em alguns casos, se torna inexata a fronteira entre a cidade romana e a polis grega, entre reavaliações e reinterpretações do registro arqueológico.

Os primeiros esforços de escavação se concentraram naturalmente na vizinhança dos resquícios imediatamente visíveis na paisagem, com as colunas restantes do templo arcaico de Apolo e escassas ruínas expostas do que se mostraria posteriormente ser a Vila Norte, uma *Domus* de período romano. Precedendo a Escola Americana, o trabalho de Dörpfeld em 1886 escavando a *Colina dos Templos* (*Temple Hill*) inaugura uma problemática de pesquisa que irá se estender pelos dados dos relatórios de escavação: a atenção quase exclusiva a espaços sagrados em detrimento do urbanismo propriamente dito.

Um dos primeiros esforços em transcender este limite será perceptível no trabalho de Oscar Broneer ao documentar a *Stoa* Norte (que provavelmente data do séc.III) realizado durante a década de 1920. Deve ser mencionado também que já em 1892 a pesquisa A. N. Skias, membro da Sociedade Arqueológica de Atenas, havia exposto os muros da cidade em busca (não alcançada) da ágora descrita por Pausânias.(SKIAS,1982)

Em 1896 a presença americana na escavação se inicia, com a instituição que se tornaria futuramente o núcleo de Estudos Clássicos sob a direção de R. B. Richardson; começa , então, o que será uma longa cadeia contínua de pesquisa, gradualmente acumulando grande parte dos vestígios modernamente conhecido sobre a polis. Na primeira década deste projeto, o objetivo central está em tentar recuperar os elementos de paisagem descritos por Pausânias, utilizando-se como metodologia a abertura de longas trincheiras perfiladas, inicialmente radiando das ruínas do Templo e gradualmente se afastando deste. Cada trincheira empregava grandes equipes de trabalhadores locais (uma centena ou mais) supervisionados por apenas um arqueólogo, cuja estratégia de documentação de achados era esparsa mas objetiva - a frequência, datação e procedência de cada táxon ideal de objeto recuperado era registrada, bem como os contextos construídos mapeados.

Assim, foram registradas as escavações do teatro (datado do V século a.C.); da "Ágora de Pausânias", encontrada sob o Fórum Romano e erroneamente atribuída neste momento ao período arcaico. A partir deste achado tem início um longo debate sobre a localização precisa da verdadeira ágora grega arcaica; quanto à estrada de Lechaion, encontrou-se a infraestrutura de período romano que é, na verdade, a prolongação do Cardus Maximus da cidade, e se constitui no ponto de referência imediato a qualquer mapeamento das ruínas como se apresentam modernamente.

Serão localizadas também as Fontes de Peirene e Glauke, talvez o local de mais constante reocupação de todo o sítio. As demais estruturas recuperadas foram descritas sem uma interpretação fixa e clara, usualmente

recebendo uma denominação descritiva e posicional relativa à proposta ágora.

Figura 3 – Visão Geral das Estruturas Conhecidas na ástý de Corinto
– trata-se de uma reconstrução fundamentada sobretudo no Período Clássico (Fonte: Corinth Computer Project)

Aos poucos, um mapeamento comumente aceito de uma "Corinto Urbana" é convencionado, fundamentalmente baseado na cidade em sua transição do período Tardo-Antigo ao Romano, ainda fortemente centrada em uma metodologia de escavação e registro gradualmente se espiralando da *Colina dos Templos* (Temple Hill).

A partir de 1940, temos a síntese das descobertas em extensos volumes de compilações de dados de escavação, servindo também de base para o prosseguimento de novas pesquisas agora já centradas em detalhes

mais específicos e cronologias mais claras. Estes importantes catálogos de fontes materiais primárias são os recursos considerados centralmente neste capítulo do nosso trabalho, sendo publicados pela *American School of Classical Studies at Athens* em seu periódico de pesquisa, *Hesperia*.

No prosseguimento da descrição proposta para a Corinto Arcaica, utilizaremos o Templo de Apolo e sua colina como o elemento articulador central de análise. Apresentaremos as estruturas deste período, partindo do templo em si e prosseguindo concêntricamente para as estruturas restantes na colina: as fontes, à área sob os restos do Fórum Romano e então para a área residencial propriamente dita.

Figura 4 - Plano Geral das Escavações de Corinto (American School of Classical Studies at Athens; *Corinth Volume XX*,2003)

Tendo em vista a melhor organização do texto , estruturamos as descrições dos achados por categoria funcional, começando com os espaços de culto e demais manifestações de arquitetura monumentalizada voltada à religião. Para lançarmos mão desta conveniência, algumas estruturas mais distantes, encontradas inclusive no território Coríntio, serão incluídas nesta primeira porção do texto.

4. As áreas sagradas

4.1. O Templo Arcaico de Apolo

A construção mais antiga dentro da Acrocoríntia propriamente dita é um pequeno templo dórico, remontando ao século VII a.C., que de fato foi o único vestígio conspícuo da cidade antiga anterior à sua redescoberta moderna. O templo em si foi escavado pela primeira vez por Wilhelm Dörpfeld em 1886, que afirma que sua dedicação não pôde ser discernida, embora atribuições a Atena Chalinitis sejam feitas à época. Nos registros da Escola Americana de Estudos Clássicos em Atenas (a principal instituição realizando escavações em Corinto desde 1896) a construção é referida apenas como “o Velho Templo”. Com a descoberta do teatro em 1897 e da fonte de Peirene em 1898 um paralelo é traçado com a descrição de Pausanias (especificamente os trechos de 2.3.6 a 2.4.5,) que inclui a referencia a uma estátua de bronze dedicada a Apolo no local. No mesmo ano, Rufus B. Richardson atribui o templo a Apolo. Esta identificação ainda é discutida. (RICHARDSON, 1898)

A estrutura é construída no calcário característico da região -o “*poros limestone*” ou *poroslithos*, rocha de fácil corte e fina granulação e, por sua antiguidade é considerada um dos começos da arquitetura monumental grega. Muito do estilo e técnica de construção do templo parece ser transferência direta de técnicas originalmente empregadas no trabalho com madeira, como se pode perceber através das marcas de ferramentas detectadas na estrutura – martelos, cinzéis, azuelas (também referidas na bibliografia como adze) – que deixam um acabamento “cavado” ou “espatulado” na superfície, tal qual retiradas feitas na madeira. De fato, neste período se tem registro de que a organização da construção monumental é coordenada pelo ofício dos armadores navais, carpinteiros experientes.

Outra inovação relativa à arquitetura do templo está na adoção do sistema de telhas. Existe alguma controvérsia se tal sistema seria de fato de origem coríntia, dado que mesmo sendo o exemplar de telhado lajetado mais antigo da Grécia, suas telhas são de estilo que será caracterizado como lacônio e seus encaixes já se realizam de forma consideravelmente complexa e apresenta padrões decorativos bem desenvolvidos. Este conjunto de dados podem sugerir a assimilação de influências de uma tradição anterior, possivelmente externa à cidade, dado que não encontramos exemplos “formativos” de tais decisões estéticas (vide figura 5)

Figura 5 – Reconstrução parcial do sistema de telhas do templo de Apolo. Fonte: H.S. Robinson, *Excavations at Corinth: Temple Hill 1968-1972*.

Em sua configuração inicial, o templo não possuía a aparência dórica com sua colunata ao redor, mas era constituído de painéis recobertos com estuque suportados por toras, numa construção simples, retangular, com base e cornija em alvenaria. Suas dimensões originais não são reconstituíveis, mas é razoável supor que ele era mais fundo do que largo. Não foram detectados pigmentos nos painéis, mas é possível que estes fossem pintados. O telhado é a unidade que atrai mais decorações na estrutura através de seus padrões de encaixe ornamentais, sendo suas telhas pigmentadas.

Ao redor da Coríntia, variadas peças no registro arqueológico apontam uma tradição local interagindo nesta configuração inicial. Telhas e blocos de cornija virtualmente idênticos ao do templo inicial foram encontrados no santuário de Poseidon em Isthmia, e o templo de Zeus em Nemea também apresenta fragmentos extremamente próxima aos coríntios.

Desde sua construção, o templo é associado à dinastia báquida, e quando esta é deposta, é destruído. Por volta de 580 a.C., é reconstruído em estilo dórico, acrescentando a colunada exterior, o opistodomos e o pronaos com *distylum-in-antis*. O espaço interno é dividido em duas celas, sendo a câmara oeste dotada de quatro colunas e a leste de oito.

No período romano, o templo é danificado como o resto da cidade na retaliação do Consul Mummius. Mais tarde, no período da *Colonia laus Julia Corinthiensis* as colunas são removidas e reaproveitadas no fórum da *stoa* sul e a entrada do templo é alterada da face leste para a oeste. A ruína como se percebe modernamente se constitui em sete colunas ainda em posição e variados elementos de piso.

Figura 6 – Esquema do estado atual do templo, reconstrução usual e foto do restante da colunada. Fonte: *The Corinth Computer Project*, laboratório do museu de arqueologia e antropologia da universidade da Pensilvânia, sob coordenação de David Gilman Romano

4.2. A Colina dos Templos (“Temple Hill”) e a Acrocorinto

A área ao redor do templo arcaico, denominada “temple hill” (vide figura 7) tem um histórico de pesquisa paralelo a esta construção. Após das escavações de Dörpfeld e das de Richardson a área foi explorada por L. K.

Kosmopolos em 1914, 1920 e 1935 e por Hill, Blegen e Baroneer em 1925, 1926 e 1931. Um projeto de escavação mais continuado se inicia em 1954 com Roebuck, e com Henry S. Robinson a partir de 1968. Rotações de equipes nesse projeto continuam constantes até 1994, e ainda se realiza pesquisa no local.

A longa ocupação do sítio tem seus contextos de atividade consideravelmente desgastados pelos processos de alteração da colina, e em alguns casos, fases completas foram perdidas. A colina é o resultado do desgaste de um terço de rocha calcária que se estendia sem interrupção até a estrada do vale de Lechaion ao sudoeste, por mais de 650 metros. Restos de sua face norte são agora a escarpa próxima do templo dórico e na fachada da fonte de Glauke. De 200 a 480 metros ao oeste da fonte de Glauke novamente se pode perceber a formação. Ela pode ter se mantido inteira até o século segundo a.C.. Sobre o terço, cortes na rocha sugerem as fundações de um pequeno santuário remontando à ocupação inicial. A altitude da formação varia de +86m até +82m. Durante o século VI a.C. uma pedreira provavelmente extraiu material do terço.

A evidência cerâmica da colina inclui depósitos do neolítico tardio no espaço ao norte da pedreira utilizada na construção do templo arcaico; há também material do Heládico Inicial II também está preservado nessa localidade. Não há traços de ocupação no local no Heládico médio e tardio – é possível no entanto que esses depósitos tenham sido destruídos devido à atividade de construção posterior. Cerâmica geométrica aparece em vários pontos da colina, com o depósito mais antigo sendo da Idade do Ferro Inicial.

Quanto à estrada de Lechaion, entrecortando este espaço, o registro cerâmico sugere 625 a.C. como a data de sua construção, sendo usada até aproximadamente 570 a.C.. Das fontes, Peirene é a mais antiga, sendo alimentada por túneis artificiais cavados debaixo da estrada para acessar as reservas de água capturadas sob a rocha calcária. A fonte Peirene foi extensivamente remodelada durante o período romano quando sua fachada foi alterada e a transformam em um recinto fechado. Sua centralidade para com a cidade Arcaica é, no entanto, considerável, e será abordada mais adiante. A fonte Glauke, por sua vez, foi esculpida diretamente do calcário do terço chegando a dimensões aproximadas a um cubo, com 15 metros nas faces norte-sul e 14 nas leste-oeste, com uma altura de cerca de 7m. Seu interior consiste de quatro grandes reservatórios. No século VI, a fachada da fonte provavelmente consistia de uma arquitrave simples, um pedimento e um friso dórico. É possível que a fonte de Glauke tenha sido construída concomitantemente com o templo Arcaico, talvez até mesmo dentro do mesmo programa de obras. (HILL, 1964)

Figura 7 – Estado atual da fonte de Glauke (Fonte: Corinth Computer Project)

Ao redor da *Colina dos Templos*, a acrópole de Corinto, a Acrocorinto se localiza em dois terraços férteis na planície costeira próxima ao golfo de Corinto. Esta área, circundada por um muro fortificado no período clássico, consistiu, no período arcaico, de assentamentos dispersos, mas a construção posterior do fórum romano e da *stoa* do século IV dificultam sua pesquisa. Na base da colina existe uma terceira fonte, a chamada *Fonte Sagrada*.

A área ao redor da *Fonte Sagrada* apresenta material cerâmico desde o Submicênico, juntamente com restos de habitações do período; registram-se, também, séries de enterramentos, iniciando-se no Protogeométrico e seguindo ao século VI. No período Protocorínito a *Fonte Sagrada* é

expandida com uma nova câmara de abastecimento e uma melhor impermeabilização. (HILL, 1964)

Figura 8 - A Colina dos Templos no século VI a.C.. Fonte: H.S. Robinson, *Excavations at Corinth: Temple Hill 1968-1972*.

A área circundante da *Fonte Sagrada*, a partir do Arcaico, se torna uma vila após rápido crescimento e um importante marcador deste movimento é o deslocamento do espaço funerário geométrico para o extremo oeste, em direção da estrada de Lechaion, nota-se também o crescimento dos santuários, entre os quais um dedicado a Medea, próximo da fonte de Glauke. Situações semelhantes ocorrem ao redor de Pirene e Glauke e, na medida em que as vilas continuam crescendo ao redor das três fontes, sinecismos entre elas se estabelecem ao redor da colina. (ROBINSON, 1976)

Durante o período Geométrico temos, então, a configuração da vila maior da Corinto antiga, uma vila menor em Anaploga e grupos de casas, organizados por famílias, espalhados nas bordas dos terraços. Existem indícios suficientes, sobretudo de origem funerária, como a cerâmica de sítios da Argólida, para se propor que a população dessas concentrações poderia, eventualmente incluir migrantes desta, chegando a estabelecer uma concentração demográfica importante. Os materiais cerâmicos datados ao redor de 733 sugerem uma região bastante povoada com a concentração de terras entre famílias poderosas comprovadas pelas fontes literárias que relatam grandes domínios dos 200 membros da casa báquida. dificultando a expansão e desenvolvimento agrário e talvez se constituindo em um dos impulsos ao movimento expansionista. (WILLIAMS, 1967); para a cerâmica da Argólida (LEMOS 2003).

Vale notar que durante as temporadas de escavação nesta Colina, muito se procurou pela ágora de Corinto, mas esta nunca foi identificada com certeza, permanecendo uma questão em aberto. Como veremos na seção dedicada a espaços públicos mais adiante, tradicionalmente se supõe que ela

se situasse na área tomada posteriormente pelo fórum romano. Pesquisas recentes propõem também que a ágora helenística pode ter sido construída diretamente no local de sua antecessora, e que a área das fontes também desempenhavam parte do papel do espaço agorístico. (DONATI,2010) Apresentaremos também com mais detalhes a área urbana e a malha de recursos hídricos nas seções específicas mais a frente no texto.

Para prossequimos agora na descrição de construções relativas ao espaço sagrado necessitaremos lançar mão de algum critério tipológico que nos permita a identificação de um estilo particular de arquitetura sagrada como um marcador para o período arcaico. Assim, ao se tentar evidenciar as fases mais recuadas das construções sagradas reveladas pelas escavações de Corinto, poderemos perceber a recorrência dos princípios de arquitetura da ordem dórica, estilo de construção característico dos primeiros templos gregos na área balcânica e em todas as regiões por onde os gregos se estabeleceram, e o iremos propor como um marcador cronológico aceitável.

Criando alguma dificuldade, os elementos dóricos são perceptíveis na Coríntia apenas a partir do século VI, mesmo se os processos de monumentalização já estivessem se desenvolvendo, se assume, desde o final do século VII. Também é útil apontar que a ordem coríntia não está ainda presente no mundo Arcaico, sendo uma concepção que surgirá apenas em período clássico.

Anterior à adoção clara de um padrão dórico aos monumentos em Corinto podemos perceber apenas uma ocorrência isolada da ordem jônica em Corinto, um capitel de coluna pequeno (nomeado A-989) de contexto incerto – L. S. Meritt (1996) sugere que esta incongruência talvez seja

explicada como uma oferenda votiva estrangeira, dedicada por um cidadão de Atenas.

Se o estilo dórico não é exclusivo da área coríntia, temos o registro de uma marcada interpretação local do mesmo, estabelecendo um padrão claro. A primeira característica imediata é uma reticência em adotar as implementações cicládio-jônicas, como aquelas do *Antigo Templo* em Atenas. Limitações práticas aos padrões dóricos são comuns, com a presença de colunas reduzidas, às vezes espatuladas apenas nas porções diretamente visíveis e erguidas monoliticamente, sem o uso de tambores separados. O número de convexões escavadas nas colunas arcaicas, em contraste com as do período clássico, tende a variar, e a partir do século VI, se tornam mais profundamente incisas no material. Também bastante característica da leitura Coríntia ao estilo Dórico é a uniformidade da disposição das decorações dos capitéis. Em todos os exemplos conhecidos, o topo das espatulações da coluna está separado do équino do capitel por um conjunto de anéis repetidos em relevo, comumente em grupos de três, raramente em quatro, como no Templo de Apolo. Detalhes evocando folhagens não ocorrem em nenhuma das amostras.

Grande parte da literatura arqueológica sobre o desenvolvimento arquitetônico de construções monumentais tende a supor edifícios de escala relativamente modesta durante os primeiros esforços do arcaico. Se, aparentemente suportando este argumento, construções a uma primeira vista em escala limitada são comuns em Corinto no registro arqueológico preservado do arcaico, há que se relatar também que os fragmentos dóricos trazem alguns problemas para se resgatar as dimensões totais destes

edifícios de forma segura. Apenas as colunas do Templo de Apolo se preservam inteiras, e a ausência de um claro termo comparativo não se pode afirmar uma resolução ao problema da relação entre o diâmetro da coluna e a largura da fachada. A relação típica dos templos perípteros comuns ao século VI é presumida como uma baliza inicial, mas as próprias colunas do santuário de Apolo variam cerca de um metro e meio a dois metros – se pode argumentar que talvez estas peças preservadas sejam a exceção e não a regra, mas como metodologia talvez seja mais parcimonioso se assumir um intervalo de erro em qualquer extrapolação teórica nos edifícios Dóricos e coríntios. Examinaremos então as ruínas restantes que utilizam este estilo característico de construção.

4.3. O Altar Triglifo na *Colina dos Templos*

Um bloco de friso dórico, fragmentado e claramente deslocado, encontrado na extremidade da estrada antiga ao norte da colina dos templos preserva parte de uma métopa com traços de decoração pintada em vermelho que não pode ser diretamente correlacionada a outras estruturas vizinhas conhecidas. Estimativas de dimensão para a totalidade deste friso são difíceis de se obter, uma vez que seu estado de conservação não permite grandes extrapolações, mas marcas de sobreposição desta peça por outra sugerem que a estrutura original provavelmente possuía também um triglifo, com os encaixes de juntas de fixação ainda visíveis. Este bloco possui duas faces pouco trabalhadas, uma delas estando em sua porção superior, sugerindo sua afixação em uma estrutura maior. Para os fins deste trabalho,

a importância deste bloco está em seus grampos de fixação preservados, que pertencem a um tipo de “*anathyrosis*” típica do século VI e que sugerem por sua posição uma angulação neste bloco muito semelhante à do Templo de Apolo. De fato, sua posição próxima para com este monumento sugere um possível altar subordinado ao santuário maior, onde mais tarde a pedreira de período romano seria aberta. Outra tentativa de resolver a proveniência desta peça incôgrua é um possível muro triglifo de temenos ao redor do Templo de Apolo.

Seja qual for a verdadeira origem desta peça de difícil precisão, sua eventual reutilização em períodos subsequentes é bastante interessante, uma vez que várias marcas de retrabalhamento e até mesmo traços de estuque romano podem ser verificados em suas faces de fixação. Seria uma extensão do complexo templar de Apolo reutilizada seguidamente, o que nos permitiria cogitar a presença de uma construção munida de considerável material de acabamento decorado, que teria sido espoliada e dispersa nos vários programas sucessivos de remodelamento da *Colina dos Templos*, sugerindo a centralidade contínua deste local sagrado.

4.4. Os Elementos Restantes do “Grande Templo”

Dentre as descrições mais antigas de Corinto, especialmente as realizadas na primeira metade do século XX, se pode evidenciar um importante problema para o entendimento da organização da colina dos templos na figura de um suposto “Grande Templo” Arcaico. Para alguns autores, sincrônico ao de Apolo ou até mesmo pré-datando este. Defende-se,

no entanto, que exame mais direto dos elementos desta argumentação não é suficientes para remeter a estruturação da *Colina* a este modelo ideal. Blocos fragmentados de elementos arquitetônicos provenientes de um templo em estilo dórico são visíveis entre os materiais do “Muro Epistílio” vizinho ao ginásio, na porção norte de Corinto, sendo primeiramente registrados por Dismoor(1949). As temporadas de escavação conduzidas por Wale em 1929 e 1934 na área do Asclepéion revelaram mais fragmentos aparentemente relacionados por suas dimensões aos tambores de coluna, métopas e triglifos deste edifício presumido, e uma temporada posterior, em 1960 trouxe à tona elementos de embasamento de coluna e fragmentos de capitéis.

A identificação destes materiais foi ponto contencioso por um período prolongado, debatendo-se quais seriam as verdadeiras dimensões e datações das peças, Weiseman (1967) propõe dois templos colossais próximos ao “Muro do Epistílio”. Uma análise crítica das marcas de corte nas faces de cada bloco, conduzida por Pfaff (1992) utiliza-se do critério da presença de encaixes de pinos metálicos como um indicador cronológico – tais encaixes estão ausentes no mais bem preservado dos fragmentos recuperados no “Muro do Epistílio” , que apresenta em seu lugar as linhas sinuosas características do efeito de uma serra, o que sugere reaproveitamento posterior e redimensionamento da peça. A importância desta conclusão está no fato de que esta peça é ponto central ao argumento que tenta comparar as dimensões dos demais blocos, tendo sido a base da estimativa do comprimento da regula do templo, na síntese de Dismoor.

Assim, se torna mais prático tentar compreender estes elementos arquitetônicos por suas relações estratigráficas. Os elementos claramente em

estilo dórico ocorrem de forma avizinhada e estimativas de tamanho com base em peças com evidências de uso primário (como os já mencionados grampos e pinos) resultam-se surpreendentes, uma vez que se trata de um edifício 25% maior do que o templo de Apolo. Ainda não se encontraram traços de suas fundações, mas a própria sustentação de uma estrutura tão maciça poderia sugerir um provável plano períptero com sua marcada influência da arquitetura derivada do trabalho em madeira – o senso comum adicionaria a ele também uma fachada organizada em seis colunas, lógica ao período atribuído e à escala, mas sem real confirmação material.

Se as dimensões deste templo podem ser motivo de dúvidas, ao menos evidências de seu acabamento relativamente incomum reforçam a ideia de uma construção mais elaborada e monumental. As telhas, ao invés de realizadas em terracota, como de costume, são feitas em mármore branco, um investimento considerável e muito possivelmente uma marca de prestígio imediata. O uso do mármore nas telhas poderia ser entendido como um elemento que já nos permite supor a presença de um discurso de representação da comunidade – ou ao menos de parte desta comunidade – criando uma exibição pública de prestígio. Tal material pode sugerir também a presença de uma estrutura de organização de um trabalho especializado, uma vez que tal construção excede os critérios da simples funcionalidade.

As ranhuras de encaixe no verso destas coberturas são o que permite, também, avizinhar as duas concentrações de fragmentos arquitetônicos dóricos como provenientes de uma unidade construída hipotética: as coberturas estão entre os materiais do “Muro do Epistílio”, mas se encaixam com exatidão com as protuberâncias de afiação superiores de blocos

preservados próximos ao *Asclepéion*. As amostras mais bem preservadas destas plaquetas tem um comprimento máximo de 30cm, supostamente adequado a uma construção de proporções consideráveis. Suas variações morfológicas, incluindo elementos similares a telhas, copos e acabamentos de canto sugerem uma cobertura em mármore por igual por toda superfície do telhado do templo, ao invés de apenas detalhes ou bordas. Nenhum elemento decorativo pode ser claramente atribuído a esta unidade e mesmo se tomássemos como correta a debatida e incerta atribuição de uma cabeça de leão em mármore,, similar ao das coberturas pouco se esclareceria sobre esta questão.

Para se propor uma datação deste templo “quase hipotético”, a silhueta dos capitéis preservados é um elemento chave. Trata-se de um padrão intermediário diferente daquele presente no Templo de Apolo em Corinto e do Templo de Apolo em Delfos, sem ter a reentrância caracteristicamente vizinha ao final do ábaco presente nos exemplos mais antigos deste tipo de peça, apresentando em seu lugar um conjunto de anulações perfiladas que é típico de exemplos datados do final do período Arcaico e início do Clássico, mas ainda retendo o “conservadorismo” de apresentar gotas (“*stagons*”) livres do epistílio em si. A intercalação destes intervalos estilísticos condiz com um intervalo de tempo anterior ao século V, e provavelmente próximo ao século VI.

A princípio, esta discussão poderia aparentar pouco nos ajudar na busca pela organização da *Colina dos Templos* arcaica. Tais indagações, no entanto, nos permitem trabalhar com a descrição de Pausânias na tentativa de identificar elementos que não se apresentariam na paisagem de nosso

recorte temporal. Se utilizarmos o critério de posicionamento dos restos e seus traços de reuso posterior temos que na Corinto da descrição Pausânida, um templo de Zeus Capitolino é citado além do teatro na seção 2.4.5 de sua Descrição da Grécia.

Este santuário é descrito em termos claramente romanos, mas com menção à uma suposta base grega – presumivelmente sucessivas modificações e restauros poderiam ter intercedido em sua organização. Para uma outra possível atribuição, tentando lidar com a ausência das fundações e o péssimo estado de conservação, poderíamos tentar citar um “Templo de Apolo” descrito como já destruído e miticamente ligado à figura de Neptolémo, filho de Aquiles (ou seja, sem tentativa de datação concreta pela parte de Pausânias) presente na seção 2.5.5.

Nenhuma das identificações é suficientemente forte, mas ao menos podemos argumentar que tais estruturas pausânidas mesmo se projetadas textualmente a um passado remoto de assentamento grego, provavelmente não surgiriam na *Colina dos Templos* ao menos até o final do século VI.

4.5. O Altar sob o Fórum

Em 1937, o trabalho de escavação no fórum romano de Corinto trouxe à tona uma pequena estrutura de embasamento de cerca de três metros quadrados, cortada diretamente na rocha em uma profundidade de cerca de um metro, munida de uma rampa de acesso ao sul. Sob este corte, uma camada compacta de argila amarela com traços de material cimentício produz uma superfície nivelada, e os lados do corte são igualmente

trabalhados de forma lisa. A porção oeste deste retângulo abriga quatro fossos mais profundos, assim como existe um destes no centro da estrutura. Algumas destas aberturas ainda abrigavam blocos como os de fundação e uma delas ainda continha parte de uma coluna com acabamento espatulado, afundada atravessando o nível da construção.

Em sua primeira interpretação dos dados escavados, Morgan (1937, e também em Broneer, 1942) apresenta o cenário como um altar murado, a céu aberto e tomando a abertura central como uma fundação para um altar, dedicado a uma estátua na posição central entre as aberturas do limite oeste. Morgan lida com a rampa de acesso, a profundidade do corte de fundação e com a coluna semienterrada como sendo elementos indicadores de um local de algum culto ctônico, sustentando a ideia de um espaço que misture a sensação de fechamento e profundidade com o contraste do céu visível pela abertura superior.

Williams (1972) discorda, apresentando o mesmo espaço com um telhado e uma fachada colunada, vendo no fosso central a fundação para o apoio do próprio teto, de outra forma insustentável pelas colunas que seriam pequenas demais – nenhuma solução, no entanto, é proposta para a coluna enterrada. Ambos os autores, no entanto, frisam a importância da estrutura ser interpretada com relação ao cemitério vizinho, datado do século VIII, utilizando esta localidade como argumento para uma presumida ancestralidade no uso deste local. No entanto, devido a sua escavação pouco sistemática, a datação desta estrutura ainda é desconhecida.

4.6. O Heroon próximo ao Fórum e a “Estela Sagrada”

Conhecido também como “O *Heroon* da Encruzilhada” foi inicialmente descoberto em 1972, a noroeste da construção romana e publicado em detalhe por Williams (1973, 1981) este temenos datado da metade do século VI pela cerâmica recuperada na área, parece ter grande continuidade cronológica neste local, sobrepondo-se ao espaço ocupado por sucessivos enterramentos protogeométricos. Os traços mais antigos desta estrutura se relacionam com um dos túmulos em particular, cenário de repetidos contextos de oferendas datáveis ao menos da transição do arcaico, no que vem sendo interpretado como um culto heróico. Estes muros formam uma área de cerca de 4 metros quadrados em seu redor, sendo realizado em blocos de calcário com terminações em ortostatos (ou seja, os blocos de pedra quadrados na base de um muro ou abertura de uma porta, cuja altura excede significativamente sua largura – como o próprio nome sugere, eles “estão em pé retos” no acabamento da base).

Figura 9 – Os Restos do temenos do *Heroon da Encruzilhada* (Herbst, 2014, para o catálogo digital de imagens da *American School of Classical Studies at Athens*)

Deve ser apontado que, assim como outras áreas escavadas por Williams, esta estrutura foi restaurada de forma pouco adequada :assim, por exemplo, o topo dos muros foi estabelecido como sendo aproximadamente na altura dos olhos, mesmo não existindo indicativas diretas desta situação. Se esta decisão pode ser ponto contencioso, não o é a forma minuciosa e detalhista empregada pelo mesmo autor em evidenciar as múltiplas influências da técnica de trabalho em madeira empregadas na construção do muro calcário (WILLIAMS E FISHER, 1973).

Em termos estruturais, especialmente visível é a adoção de um sistema de assentamento entre os blocos que aparenta utilizar muito bem as

técnicas derivadas do trabalho em madeira. Ranhuras e superfícies de encaixe semelhantes ao método da caixa-e-espiga comum no trabalho dos armadores navais são utilizadas, estando presente inclusive nos ortostatos. Tal escolha estrutural não é usual para este momento, ecoando estilos passados (sendo muito mais comum na Idade do Bronze), e talvez esteja relacionada ao significado discursivo e político deste espaço, na tentativa de atribuição de antiguidade ou legitimação.

Outro elemento curiosamente “recuado” é a via de acesso do temenos ao túmulo, sendo assimétrica, com uma curva a oeste. De especial significância para nossa análise são também as camadas escavadas da área marginal deste muro, por apresentarem grande continuidade, com votivos sendo depositados seguidamente praticamente até a destruição romana de 146 a.C., sugerindo uma centralidade e permanência a este culto heroico.

Paralelos podem ser traçados entre esta estrutura e a estela vizinha à *stoa* sul, escavada também por Williams em 1977. Além do plano regular esperado, os mesmos *orthostates* retornam, formando o perímetro de um espaço aberto que é no entanto um pouco menor do que a área sagrada ao redor do túmulo – cerca de 3 metros quadrados são cercados desta vez. A técnica de construção é também mais convencional, sem os elementos sugerindo o trabalho em madeira, e de fato pode ser tida também como de qualidade um tanto inferior em comparação – a incorporação dos *orthostates* ao muro é feita de forma mais rústica, com uma camada mais irregular de argamassa unindo estas peças.

Não há sinais de portas na abertura de acesso desta área circunscrita e o topo das seções restantes do muro não se preserva bem – marcas

indiretas da extensão final de seu acabamento, no entanto, podem ser vistas na estrutura da *stoa* sul que lhe sucede, e aparentam descrever a altura do muro como estando a 1,30m das fundações, sem no entanto ser claro qual é a elevação do pavimento útil.

Um contexto de culto ao passado ou ao herói parece estar presente também nesta estrutura, não através do resgate do espaço de um túmulo como anteriormente mas para com o que aparenta ser uma residência mais antiga, mas até agora apenas parcialmente escavada.

A estela encontrada dentro do temenos não aparenta ter verdadeira conexão com o espaço onde acabou por ser abandonada - está visivelmente deslocada de seu contexto original uma vez que provém em de um nível estratigráfico posterior ao abandono deste temenos, Deve-se notar que, assim como o *Heroon*, este temenos menor também tem grande permanência nas práticas rituais nele realizadas, com oferendas continuando até o final do IV século, novamente reforçando a ideia de cultos heroicos ou memoriais fortemente ligados ao cenário religioso de Corinto.

4.7. Santuário de Deméter e Kore

Localizados na porção norte de Acrocorinto, os vestígios do Santuário de Deméter foram inicialmente escavados por Stroud em 1960, revelando uma pequena construção retangular descrita pelo autor como como um *oikos*. O que subsistiu de seus muros, em parco estado de conservação e objeto de espoliação na fase romana, não sugere divisões internas e não é perceptível claramente a entrada da construção . O que chama atenção no chamado

oikos é a sua centralidade em relação ao restante do santuário e, paralelamente, a questão da ausência de sinais claros de seu uso para o culto. Há tentativas de interpretação como a de Stroud (STROUD e BOOKIDIS, Corinth, XVIII,iii, 1997, p.47) que sugere ser esta estrutura uma sala de banquetes que seria o núcleo mais antigo do santuário, posteriormente expandido.

Figura 10 – Planta Geral dos Salões de Banquete no Santuário de Demetér e Kore (do registro de escavação de Stroud, cópia mantida no acervo digital da *American School of Classical Studies at Athens*)

As escavações de 1960 e 1970 lideradas por Broneer e Bookidis recuperaram outra possível área destinada à realização de banquetes. Trata-se de um conjunto de salas simples, sem qualquer vestíbulo ou pórtico,

isoladas entre si ou articuladas em conjuntos de dois a seis quartos. Estas estruturas são encontradas em estratos identificados como do VI século e têm uma única porta de acesso primário, sendo a maioria delas alinhada à face norte. Os muros internos destes cômodos tem os característicos bancos permitindo sete ou oito banqueteadores reclinados por sala. A construção destas salas segue o terreno, adaptando-se aos desníveis naturais ,incluindo casos de ângulos oblíquos entre os muros, se necessário.

A técnica construtiva destes muros é bastante simples, usando estuque e fragmentos de tijolos de terracota, com assoalhos de terra batida ou argila compactada. Os próprios suportes dos bancos são feitos de tijolos e terra batida , recobertos de argila. Nenhum sinal de decoração sobreviveu. Talvez seja possível comparar estas estruturas, com sua datação bem aceita e sua interpretação como sala de banquete com a construção similar encontrada em Perachora, reforçando uma tese da centralidade das práticas do banquete no cenário cívico-religioso coríntio. O banquete – ou *symposium* – é uma prática social registrada em todo o mundo grego e que é associada à formação e reiteração de laços de lealdade entre os cidadãos. Poderia ser, neste caso, entendida como uma forma embrionária de comunidade política registrada materialmente nesta construções coríntias?

4.8. O Altar de Apolo no *Asclepéion*

Sob as fundações do *Asclepéion* helenístico se preserva o embasamento de uma estrutura regular que poderia corresponder ao templo antigo. Oferendas votivas recuperadas em uma fossa rasa vizinha ao lado

leste do templo helenístico sugerem por seu estilo que a área já se encontrava dedicada como território sagrado nos começo do século VI, com alguns fragmentos de material do arcaico tardio misturados de forma aleatória no perfil estratigráfico.

As evidências mais confiáveis desta fase construtiva se encontram nos próprios cortes de embasamento e fundações. Estas marcas indicam uma forma quadrangular, de cinco metros por sete metros e meio, orientada a leste, com uma entrada ampla em seu lado leste. Não há marcas de pivôs de portas, mas no interior da construção são perceptíveis quatro marcas arredondadas e simetricamente arranjadas que podem sugerir pilares, bases ou colunas de madeira, organizadas de forma também regular. Na frente de duas delas, um embasamento retangular amplo está em paralelo, sendo antecedido de dois pequenos arranjos retangulares simétricos, um dos quais vizinho a um canal estreito e raso que continua até o canto noroeste da construção. Este canal continuaria até uma bacia de recolhimento de líquidos no limite do edifício, mas foi modificado ou não se preservou.

As primeiras tentativas de interpretação desta estrutura, como a de Weale, tentam perceber um pequeno *naiskos* – pequena construção sagrada - com quatro fossos circulares que seriam bases de estátuas, arranjadas próximas ao altar central dedicado às libações (explicando assim o canal e a bacia de recolhimento), por fim, as duas bases quadrangulares paralelas seriam os apoios de uma mesa menor para recebimento de oferendas. As primeiras críticas a esta reconstrução recaem sobre a grande abertura de entrada, com Roebuck (1951) tentando redefinir esta estrutura como um santuário a céu aberto, minimamente murado . Nesta segunda hipótese , o

problema mais direto está na organização retangular da estrutura, sendo que a maioria dos santuários externos tende a um simples embasamento quadrado, assim como permanece a questão do portal aparentemente exagerado. Pffaf (2003) argumenta que a escolha de um plano retangular poderia estar ligada à intenção de erguer um telhado sobre a estrutura, reforçando a reconstrução como algum tipo de pequeno templo – ponto que talvez seja condizente com o repetido reuso da área.

Deve-se notar que a interpretação das marcas interiores do edifício também carrega uma curiosa inversão – a área compreendida pelas quatro marcas circulares não apresenta evidências de qualquer embasamento ou reforço além dos fossos, mesmo sendo tida como o suporte das estátuas de culto, enquanto que os dois suportes maciços são atribuídos a um elemento mais leve, a mesa de oferendas, que ademais parece redundante com a presença do altar oblongo imediatamente vizinho – de fato, cerca de 40cm são tudo o que separa a aresta de uma marca da outra. A proposta de Pffaf tenta solucionar estas peculiaridades assumindo que o “altar” vizinho às marcas circulares na verdade seria a base de uma montagem da estátua de culto, tornando a mesa sobre os dois apoios paralelos mais factível. Estes fossos circulares por sua vez seriam resquício de uma fase anterior, onde de fato acomodavam as fundações de colunas de madeira ao redor de uma estrutura menor, perdida, que suportava a estátua original de culto. Alternativamente, os fossos poderiam ser sincrônicos ao resto do arranjo, fundamentando pilares menores, que suportariam coroas de flores ou objetos votivos próximos mas ligeiramente recuados da estátua central.

Estas afirmativas podem solucionar algumas objeções imediatas para a reconstrução proposta, mas a marcada sinuosidade do canal, correndo por toda área de aproximação útil do templo até a proposta estátua permanece ponto discutível. As bordas desta abertura não apresentam evidências de encaixes para lajotas de cobertura e nem de elementos para algum tipo de fechamento para o duto. De fato, todo o terreno em volta não sugere nenhuma marca de piso e nenhuma marca de ranhura de encaixe. Se admitirmos, então, que esta área possuía um simples chão de terra batida, o canal se torna ainda mais incomum, cortando drasticamente o espaço interno. A porção sul dos muros restantes, no entanto, pode trazer evidências para relativizar este problema – sua base apresenta irregularidades de nível e contorno como para acomodar blocos grandes e razoavelmente irregulares, como os usualmente empregados na porção enterrada de uma fundação, sugerindo um nível mais alto para o verdadeiro piso da construção. O dreno, então, poderia estar circundado por uma camada mais alta de sedimento, não preservada ou acidentalmente escavada sem registro claro, que teria as marcas perdidas de lajotas ou coberturas.

iv.9. O Templo dórico próximo ao teatro

Em 1981, escavações vizinhas ao teatro revelaram elementos de um pequeno templo que, embora muito fragmentados, aparentavam estar bastante correlacionados em termos de tamanho e posição (WILLIAMS, 1982). Estes materiais são em sua maioria fragmentos de coluna e pedimento, e a tentativa de extrapolar o tamanho total desta construção

resulta em algo comparável às dimensões do tesouro em Mégara, ou seja, colunas de 3,15 metros espaçadas cerca de 2 metros entre si. Certos autores tentam utilizar a proximidade do teatro em uma comparação ateniense, identificando estas colunas com um suposto templo de Dioniso. O problema nesta interpretação está no fato de que não há uma fase arcaica no teatro de Corinto que justifique o estilo mais antigo destas peças. O que nos resta em termos interpretativos é considerar, então, que talvez a localização do teatro tivesse uma outra ocupação anterior, agora perdida.

iv.10. As áreas sagradas nos limites da Corinto arcaica: síntese

Até 1955 os locais de culto da Corinto arcaica conhecidos pela análise arqueológica eram relativamente poucos: o Templo de Apolo, o proposto altar ctônico sob o Fórum, a estrutura vizinha à “Fonte Sagrada” e alguns *Heroa* dispersos. Este cenário se encontra agora mais relativizado, sendo possível tentar traçar uma variação maior no desenvolvimento do cenário religioso desta polis.

Os primeiros traços claros de atividades religiosa organizada na região coríntia remontam à Idade do Ferro Inicial, com depósitos votivos de material geométrico relacionados também a material cerâmico micênico descobertos em Istmia, remontando talvez tão longinquamente como ao XI século. Esta primeira tradição se propagaria (MORGAN, 1994) até o VIII século, quando o terraçamento da área coríntia se inicia. Um grande número de achados cerâmicos de cálices e taças – vasos típicos do simpósio - leva Morgan a suspeitar de uma prática religiosa primariamente centrada em torno de

banquetes e refeições rituais, gradualmente se centrando ao redor de um altar posteriormente monumentalizado. Se em primeira aparência esta suposição pode ser tida como um pouco especulativa, a correlação destes depósitos para com votivos de bronze e a aparente centralidade do local escolhido, interceptando a principal e mais antiga estrada norte-sul recuperada do século VII, pode ser tida como um indicador favorável.

É também na Istmia que o primeiro santuário monumentalizado da Coríntia será atestado, com um santuário dedicado a Poseidon. Não é ainda claro, mas o Santuário de Afrodite talvez seja o primeiro a ser erguido na área urbana de Corinto propriamente dita. Ambos ocorreriam sincronicamente ao sinecismo do século VII, mas é provável que alguma presença geométrica tenha sido reaproveitada na caracterização destes locais. Assim como no exemplo da Istmia, no santuário de Afrodite teremos também grandes depósitos de taças e cálices, sugerindo banquetes rituais, cujo estilo se estende do Protogeométrico até o Arcaico (WILLIAMS, 1926).

A próxima ocupação mais antiga provavelmente é a do Santuário de Demeter e Kore, que contém duas tumbas identificadas como pertencendo ao período Micênico. Os depósitos votivos mais claros nesta área – uma coleção de fíbulas de bronze – estão associados a material do século VIII, com tipos cerâmicos comparáveis aos da primeira utilização de Perachora. Em ambos estes sítios, continuadas e crescentes deposições de bronze trabalhado marcam um novo desenvolvimento no plano religioso, sendo especificamente notáveis no século VII, coincidentemente com a datação mais aceita para a construção do Templo de Apolo. De fato, autores como Bookidis teorizam que as experiências na Istmia e em Perachora seriam os

primeiros modelos daquilo que se estruturaria posteriormente como o padrão de culto na Colina dos Templos e, discutivelmente, depósitos votivos mais antigos podem ser discernidos para o templo de Apolo, sugerindo uma fase inicial não monumentalizada.

A atribuição do templo na colina a Apolo é incerta, sendo baseada primariamente em Pausânias (2.3.6.), mas as poucas dedicatórias específicas encontradas de fato mencionam esta divindade. Diretamente ao sul do templo, a *Fonte Sagrada* contém seu próprio santuário, mas grande parte de sua caracterização como tal provavelmente é tardia. O debate sobre a natureza da estrutura no arcaico é ainda tema em aberto, com autores defendendo a posição de que as construções mais antigas na área semelhantes a edifícios dedicados ao culto são na verdade utilizados em uma função mais prática, como fortificações na defesa do suprimento de água (WILLIAMS e FISHER, 1971).

O VIII século traz também três santuários extras urbanos. Um *Heraion* em Perachora, ricamente munido de material votivo e cuja fundação é tema de grande debate, com autores defendendo sua origem à ação de Mégara, Argos ou dos Coríntios deslocados em Peraia. Quaisquer que sejam seus primeiros idealizadores, a intenção de se aproveitar a proeminência do sítio em relação à península é clara. A natureza mista das dedicatórias contidas em seu registro material, incorporando vários estrangeiros, sugere talvez um elemento integrativo a este santuário, caracterizado por uma audiência bastante mista, sugerindo também um possível marcador para a crescente esfera de influência de Corinto, ligada a redes de comércio e de deslocamento pela região.

O próximo santuário extra urbano é o de Soligéia, escavado por Verdelis ao sul de Kenchreai. Sua dedicação é incerta, sendo proposta pelo pesquisador como à Hera ou a Demetér. O material cerâmico mais antigo é protocoríntio, dando apoio a uma datação do final do século VIII, e se estende até depósitos de material típico do século V. Estes vasos estão alocados dentro ou próximos a uma tumba micênica, por vezes interpretada como local de um culto heroico, se numeram em centenas, estando associados também a pequenas figuras de terracota.

O terceiro e último santuário externo desta fase está no topo do Monte Aperaios e é dedicado a Zeus – de fato, esta localidade está no que provavelmente é o limite mais extremo a oeste do território coríntio em uma grande proeminência da paisagem, sendo provavelmente uma declaração do alcance do território. As amostras de superfície deste local apresentam cerâmica típica da segunda metade do século VIII.

Deste rápido inventário, temos que, ao contrário do proposto pela análise clássica do tema, as inovações do período arcaico para com os locais de culto não ocorrem de todo *ex novo*, mas sim sobre um rico panorama de tradições e continuidades. Esta tendência certamente não é única desta polis, se repetindo recorrentemente pelo mundo grego, no qual fases iniciais no século VIII são parcialmente visíveis no registro arqueológico, sendo incorporadas e alteradas por uma fase posterior mais evidente e numerosa, no qual divindades propriamente reconhecidas como o culto olímpico podem ser discernidas, onde antes as atribuições eram incertas ou bastante locais, como no caso do culto aos ancestrais. Para os efeitos da pesquisa aqui apresentada, este padrão será importante, uma vez que pode ser tido como

um indicador para se esperar, ao menos a princípio, uma separação entre as práticas coríntias e siracusanas de culto – os primeiros esforços coloniais, que partem em 730 a.C. tenderiam a refletir esta fase estruturante do cenário religioso coríntio e, necessariamente, devem se diferenciar quanto aos resultados – utilizando o argumento de Nancy Bookidis poderíamos esperar, por exemplo, uma centralidade do culto à Demetér na colônia, sendo que as evidências materiais de sua formação em Corinto são razoavelmente sincrônicas.

O século VI traria então formação de novos cultos específicos à Corinto. Podemos identificar, por exemplo, os inícios de culto de cura originalmente centrado em Apolo naquilo que se tornaria posteriormente o Asclepéion. Depósitos de plaquetas de argila pintadas em Pentheskouphia datam do Arcaico e sugerem um santuário extra urbano (ainda não encontrado) dedicado a Poseidon e Anfitrite ao oeste da cidade, e a área vizinha à moderna vila de Anaploga contém uma concentração similar de material votivo desta cronologia, sem uma identificação exata.

Assim, se procurarmos um padrão para caracterizar –ao menos inicialmente – a religião Coríntia em formação no Período Arcaico, teremos no ritual de banquete um candidato bastante atrativo e repetidamente presente na cultura material do período. Das origens desta prática nas continuidades para com Isthmia e Perachora até sua formalização na infraestrutura construída no santuário de Demetér sua frequência imediatamente salta à atenção. Em 1997 Hansen, em associação ao Laboratório Wiener conduziu análises físico-químicas em amostras de cerâmica recuperadas de depósitos deste último santuário, obtendo indícios

da presença de trigo, cevada, lentilhas, ervilhas, figos, uvas e romãs. Trabalhando nos mesmos contextos, Snyder analisou os restos zooarqueológicos, identificando ossos de leitões e espinhas de peixe, além de restos de ouriços do mar.

Estas identificações sugerem algumas possibilidades de interpretação para elementos dos salões de banquetes – além dos usos óbvios daslareiras em sua preparação, as bacias escavadas poderiam ter sido utilizadas na trituração destes grãos, assim como a presença de cerâmica utilitária com marcas de queima sugere seu cozimento, enquanto formas abertas de cerâmica decorada encontrada nos depósitos votivos poderiam ter sido empregadas para servir a carne preparada – neste ponto vale citar que a alta incidência de ossos de porco queimados sugere que após seu sacrifício, a carne destes de fato estava inclusa no banquete.

A presença de figos, uvas e romãs pode ser vista também como um indicador do momento em que estes festivais eram conduzidos, sendo mais comuns durante o final do verão (exceto, é claro, se estas frutas estivessem conservadas secas, algo até agora não contemplado pela análise).

4.11. Para além de Corinto: A ocupação sagrada em Perachora

Em 1930, Payne localiza os restos de um templo Dórico próximo à enseada de Perachora, escavando porções das fundações e dos muros em um esquema apteral (ou seja, um templo sem colunas em seus lados e, por isso, sem peristilo, estando portanto “sem asas”) bastante alongado,

formando um retângulo de cerca de 9 metros e meio por 30 metros, orientado em direção oeste.

Na porção oeste da construção, uma câmara acessível apenas da cela (pesquisada em detalhe por MENADIER, 1995) comporta os restos de uma base quadrangular adequada, em princípio, para acomodar a estátua de culto, ponto reforçado pela proximidade de uma base cilíndrica imediatamente à sua frente, na mesma posição que uma plataforma de oferendas adotaria. O canto noroeste possui um cômodo fechado, mas não há indicação quanto a sua presença original na estrutura – poderia se tratar de uma alteração posterior. Resquícios de uma colunada dupla são perceptíveis, incluindo um estilóbata elevado. Quase a totalidade do lado leste da construção está perdida, sem nenhum traço da área que abrigaria o pronaos (se de fato o templo o possuía).

As descrições usuais deste templo explicam sua forma alongada lançando mão de seu terreno disponível limitado. Estando na encosta diretamente em frente ao mar aparentemente existe a preocupação em se construir um monumento visível à distância, em conflito com a limitação em achar suficiente embasamento estável para tal, ponto ainda mais dificuldade por uma superfície desnivelada. É ponto de discordância se esta inclinação é suficiente para explicar a ausência de um opistodomo na porção preservada e se de fato é possível presumir a ausência verdadeira do pronaos . Uma notícia tardia de Estrabão (8.6.22) caracteriza este edifício como sede de um oráculo e assim necessitando de uma disposição diversa.

A decoração preservada – principalmente elementos de pedimento – é suficiente, no entanto para caracterizar o estilo dórico claramente, e a maioria

dos elementos externos, especialmente o revestimento do telhado, é realizada em mármore importado, dando força à hipótese de que se trata de um templo construído com cuidado e em local privilegiado para ser visível à distância.

Estatisticamente, temos talvez o ponto mais difícil na interpretação desta construção, uma vez que os objetos mais diretamente datáveis obtidos nas escavações iniciais não foram registrados claramente quanto ao seu contexto. A análise puramente estilística dos objetos comparando-os aos elementos arquitetônicos resulta em uma interpretação difícil, com peças aparentemente provenientes do meio do século VI e arquitetura do final do mesmo. A resposta mais direta para se resolver esta questão seria em admitir sucessivas alterações no templo, e neste aspecto a distribuição dos elementos de entablatura pode sugerir uma origem mais antiga a esta construção do que estilisticamente visível.

Neste sentido, Cooper (1989) identifica telhas de estilo protocríntio entre os depósitos vizinhos ao templo, relacionadas ao que aparentam ser fundações abandonadas. Menadier (Perachora I) sugere um templo arcaico, ou talvez da transição do arcaico. O autor irá incluir como pertencentes a esta estrutura vários blocos reutilizados em templos posteriores bem como a achados isolados ao redor destes, tais como uma coluna espatulada e uma *antae* de capitel.

A chamada “Lareira de Perachora”, escavada por Payne em 1932 também é ponto de atenção para se tentar caracterizar o espaço religioso da Perachora no período arcaico. Esta construção de orientação Norte-Sul, plano retangular simples e com cerca de 5 metros por 9 metros aparenta ter

portais em sua extremidade norte e na sua face oeste. Centralmente em seu interior, uma lareira retangular está circundada pelos traços de uma mureta posteriormente removida, e parte dos muros é realizada em blocos irregulares e argamassa rústica, sugerindo talvez uma fase mais antiga, sob a qual posteriormente se utilizam blocos de argila cozida.

Figura 11 – Os Três Muros da Lareira de Perachora (*wikimedia commons*)

Os depósitos de cerâmica mais profundos atingidos por Payne nesta construção sugerem estilisticamente uma datação no século VIII e segundo o autor se relacionam ao culto de Hera. Hammond (1954) tenta relacionar esta escolha como a manifestação de um período de proximidade política ente Corinto e Mégara, apontando a queda em desuso do templo geométrico vizinho ao porto aproximadamente na mesma cronologia. Tomlison discorda

desta versão, argumentando que a morfologia deste espaço se adequa mais facilmente ao salão de banquete, comparando-o com o do Santuário de Héracles em Tasos e o de Zeus Aphesios em Mégara, e aproximando a data mínima de construção deste ao século VII, síntese que geralmente se reproduz em grande parte das descrições do sítio.

Em termos cerâmicos estritos, uma data ainda mais recente, a transição para o século VI pode ser defendida com base na profusão de material em estilo coríntio inicial relacionado com o contexto da lareira. Curiosamente, associados a este estrato temos restos de telhas de terracota, sugerindo que, se os blocos irregulares realmente remontam a uma fase anterior arcaica, estes devem ser seu recobrimento. Ressalta-se que, se adotarmos a datação e interpretação de Tomlinson para estas ruínas, estaríamos diante de um dos exemplos mais antigos de *hestiatorion* na Grécia continental.

Durante o século VI, os salões de banquete ritual irão se difundir em Corinto, e é certamente tentador procurar um antecessor ideal. Neste aspecto, temos de lançar dúvidas, então a teleologias de atribuição de antiguidade a esta estrutura, ressaltando que embora a “rusticidade” da base dos muros possa de fato ser resquício de uma fase mais antiga, o mesmo possa ser resultado de uma “hierarquização” de santuários – locais sagrados “menores” (ou mais exatamente, subordinados a outro culto mais central) não recebem a mesma monumentalização, a despeito da disponibilidade de técnicas e materiais.

Um salão de banquete também estará em evidência nos trabalhos de Payne em Perachora que prosseguem também na investigação das áreas

circundantes. Em 1930, o vale que conecta a enseada à Perachora é explorado, e uma estrutura de dois quartos lateralmente contíguos, fronteira no norte por um vestíbulo é encontrada, sendo estudada a fundo por Tomlinson (1969). Suas portas internas não são centralizadas e onze bases de assento estão alinhadas perto das paredes, ponto que este autor utilizará em contestar a prévia interpretação que a coloca como uma residência privada e sugerir um *hestiatorion*, afirmando também que a cisterna escavada ao norte desta construção seria sincrônica a esta fase, o que a tornaria bastante tardia para nossos estudos: é graças ao material cerâmico nas fundações de ambas estruturas que a comparação é feita, mas a data fixada aparenta pertencer a um estilo de meados do século V. Mais ainda, Tomlinson compara os assentos enfileirados aos do Complexo de Lerna em Corinto, salão de banquete do final do século IV, período especialmente popular para a proliferação deste tipo de atividade na Polis.

Em seus artigos de 1985 e 1990, no entanto, o mesmo autor retorna à suas conclusões, retrabalhando-as a uma datação no V ou VI século, tendendo mais fortemente a este último. Seu racional para tanto está no trabalho irregular dos blocos de construção, incomum para um *hestiatorion* em pleno século IV, a similaridade do plano com acessos irregulares a chamada “Casa do Sacerdote” em Delfos (com datação debatida, mas aceita como ao menos anterior ao período Clássico), a presença de um vestíbulo simples ao invés de uma pequena colunada e a presença de “Presilhas em Z” nos blocos da cisterna que supostamente divide sua fase – um tipo elemento de encaixe que é comum no século VI. Se tratam de argumentos certamente subjetivos – a ausência de uma colunada é atestável também em salões tão

recentes quanto o período Helenístico, assim como presilhas em Z, se certamente comuns ao período Arcaico, não deixam de ser utilizadas quando necessário em períodos posteriores, Clássico incluso. Reavaliação dos contextos cerâmicos recuperados das fundações, no entanto, evidência a distinta possibilidade de se tratarem de contaminações posteriores. Neste sentido, não podemos afirmar uma verdadeira origem arcaica para esta estrutura, mas a literatura crítica sobre esta ruína parece concordar crescentemente nesta se tratar de uma estrutura um pouco mais recuada no tempo, sendo ao menos pré-clássica. Para a argumentação deste trabalho, tal exemplo pode ser utilizado como um argumento da continuidade da prática de banquetes em Corinto pelo VI e V séculos, culminando em sua popularidade (e possivelmente reestruturação) no período Clássico.

5. Os espaços de habitação

O principal núcleo habitado do sítio de Corinto na Idade do Ferro Inicial situa-se ao redor da “ Temple Hill”, área que dispunha tanto de uma fonte de água quanto oferecia recursos defensivos, tornando-se adequada para a construção de residências que formam aí o maior e mais antigo conjunto de habitações; outro núcleo se desenvolveu ao norte da Fonte Peirene e outros nos terraços elevados a oeste. Possivelmente era um modelo de ocupação em agrupamentos de famílias ou pequenos aldeamentos dispersos. (THOMAS e CONANT, 1999: 118).

A região da Coríntia, que tanto no Heládico quanto na Idade do Ferro Inicial não assumira posição proeminente no quadro balcânico, torna-se, a partir do século VIII, uma área em importante crescimento populacional e econômico. A área ocupada estava, no entanto, pressionada pelo desenvolvimento de núcleos vizinhos a oeste e limitada pelas montanhas ao sul e sudoeste. Para Thomas e Conant (1999) a busca de resolução destas dificuldades teriam propiciado uma precoce (metade do séc. VIII) e progressiva coesão social e política sob a tutela de uma família importante, os Baquíadas; estes teriam sido , no século seguinte, empreendedores tanto de uma expansão territorial além dos limites da Coríntia quanto de uma unificação dos aldeamentos esparsos ao centro “urbano” ao redor da “ Temple Hill” (THOMAS e CONANT, 1999, pág 123)

O século VIII ,assim, no contexto geral da Coríntia e especialmente na área da futura Corinto, parece testemunhar um avanço na concentração do

assentamento: as evidências materiais compõem-se de poços e tumbas que, segundo Morgan e Coulton (1997) indicariam a presença de “pequenos conjuntos de unidades familiares (households) agrupadas ao redor de fontes de água , um padrão que remontaria aos tempos protogeométricos mas que agora se expandia fortemente”(MORGAN E COULTON, 1997, pág 95). Para os autores, os mais antigos sinais de uma “ possível consciência comunitária” seriam notados nas mudanças do espaço funerário (1ª metade do séc. VIII) e na construção do primeiro templo na “Temple Hill” , que vem sendo datada de c.680 embora as oferendas votivas reportem-se ao final do século VIII.(op. cit., p.95).

Uma das concentrações deste tipo de estrutura, infelizmente em um estado de conservação relativamente ruim, se situa sob o espaço daquilo que será mais tarde o Fórum Romano. Em suas temporadas de pesquisa em 1971 e 1972, Williams (1971) mapeia uma casa retangular de quatro cômodos, um deles possivelmente com um jardim aberto. Uma estrutura vizinha parece se tratar de um cercado para animais, mas o reconhecimento mais claro do contexto se torna difícil na medida em que horizontes de destruição posteriores apagam as evidências de seus vizinhos. O material cerâmico escavado nestas salas é datado do VII-VI séculos.

Nas proximidades da *Fonte Sagrada*, seções de muro são visíveis, delimitando suas áreas aproximadamente retangulares, também com traços de uma subdivisão em até três cômodos, associadas a uma lareira e seguindo as tendências de elevação naturais do terreno. Fora deste perímetro, outra lareira em separado e uma pequena bacia de recolhimento de água estão em posição bastante próxima – de fato, este será o padrão da

maioria dos *oikoi* com material do Arcaico, com outros exemplos sendo encontrados em Lechaion, próximo ao *Asclepéion* e no Bairro Ceramista. Aquilo que varia dentro deste tema de planos retangulares subdivididos em até quatro salas interligadas é a regularidade relativa de sua estrutura, e por vezes aparentam serem o prosseguimento e reutilização de moradias de fases anteriores.

A técnica construtiva utiliza muitas vezes de fragmentos de tijolos de argila cozida incorporados à argamassa, e se pode perceber em vários dos exemplos sinais de remodelamento posterior – várias vezes, ao se trabalhar com a fase Clássica destas moradias, se torna perceptível que muros de divisão interna são removidos para formar apenas dois cômodos maiores. Sua distribuição no espaço ainda não é bem conhecida, uma vez que aparentam serem erguidas conforme a disponibilidade prática: ressignificações consideráveis do espaço não são incomuns, como por exemplo, no caso do “Altar Erosa”, construção religiosa do século V que se ergue utilizando imediatamente fundações e muros de uma habitação arcaica, ocorrência que se repete no *Asclepéion*.

Vale lembrar que, quando os Baquíadas ,já em c. 750 ampliaram seus domínios até Perachora , localidade situada em um promontório ao norte do istmo coríntio, construíram um edifício apsidal em honra de Hera; ao sul do istmo os coríntios conseguiram também a posse, para uso de uma área sagrada, o santuário dedicado a Poseidon. Desta forma, Corinto assumia a soberania sobre uma região estratégica na rota que ligava o continente aos templos, capelas e santuários como marcador do domínio territorial já foi bastante estudado por Francesca Veronese (2000) e F. de Polignac (1984).

6. O *Kerameikos* , quarteirão dos Ceramistas coríntios

Desde a Idade do Ferro Inicial a cerâmica era produzida sistematicamente na área da futura Corinto. Por volta da metade do século VIII evidencia-se a ocupação de uma faixa de terra no platô ocidental da “ Temple Hill” que abrigará as casas dos artesãos ceramistas e suas oficinas que aproveitam as jazidas de argila de muito boa qualidade aí disponíveis. Nascia assim o “Quarteirão dos Ceramistas” núcleo principal da produção de vasos até época clássica , composto de pequenas oficinas que desde então produzem para consumo local e exportação. (THOMAS E CONANT, 1999: 127 e sg).

Um dos mais antigos edifícios desta área , datado do final do século VII foi chamado pelo arqueólogo que o descobriu (STILWELL, 1948) de “South Long Building” e interpretado como uma *stoa* ou um correr de lojinhas destinadas a vender a cerâmica. Roebuck (1972) levanta a hipótese de que esta construção faria parte de uma ágora dos ceramistas. (SHANKS, 199: 43). Mais recentemente Williams (1982: 17-18, *apud* Shanks, 1999:43) propõe uma outra interpretação: “ ... Potters’ Quarter as a relatively self-contained and well-populated residential area with its own cult-sites and cemeteries, in an early “city” which appeared not centralised, but as a collection of villages, like the área of Archaia Korinthos today”.

(Shanks, 1999: 43 e sg apresenta uma detalhada discussão sobre a difícil identificação das fontes de argila em Corinto).

No final deste capítulo retomaremos a análise do “ Kerameikos” coríntio detalhando o seu relacionamento com a discussão da produção cerâmica coríntia.

7. Os espaços públicos.

7.1. A ágora.

O debate sobre a localização da Ágora de Corinto é ainda bastante intenso. Há uma dicotomia central entre os autores que lançam mão de critérios baseados em elementos da cultura material para configurar este espaço – como, por exemplo, a análise de Donati (AJA 114, 2010), que se baseia na incidência grandes depósitos de objetos de “significância administrativa estatal”, como ábacos, pesos marcados para registro e instrumentos de contagem e que indica uma possível localização sob o Fórum Romano, sem, no entanto, poder fornecer estruturas construídas preservadas– e as abordagens comparativas, usualmente centradas em um paradigma ateniense, e que procuram por uma estrutura comparável com a desta pólis, especialmente quanto ao seu período Clássico. Para tanto, assumem um modelo material que necessita da presença de estruturas públicas monumentalizadas em um espaço central e que afirmam que a ausência deste, significaria a não preservação da Ágora Coríntia, ou que, ao menos, esta ainda não foi localizada.

As fontes escritas perpassam a ideia de uma cidade oligárquica certamente compatível com a ideia de uma administração centralizada. Em

Nikolaus Damascenus (FGrH 90, F60), um *Bouleuterion* com 60 membros é mencionado como sendo instaurado após a queda da tirania no princípio do século VI. Plutarco (Aratus, 40.2-3) sugere uma continuidade a este sistema, mencionando como em funcionamento durante o período Helenístico, e nomeando seu local de congregação como um “*Apolloneion*”, o que é tomado usualmente como uma menção ao Templo de Apolo ou à uma estrutura em suas imediações. Traços de uma assembleia popular são mencionados apenas em fontes datadas do século IV em diante, e mesmo assim sempre sem qualquer menção a um local de congregação fixo e monumentalizado.

Construções não são, é claro, a única maneira de se interagir com a jurisdicionalização do Estado, e é plenamente possível que na Corinto Arcaica a posição pública de magistrado se colocasse como a interface entre o público e o privado, não deixando marcas materiais de uma realidade que, de outro modo, seria bastante presente. Neste ponto, talvez os estudos filológicos possam resgatar indícios desta organização, mas até agora as evidências de cargos públicos bem documentadas para Corinto são ou relacionadas ao período de tirania, mencionando o *Basileus* e o Prítane, ou de período Helenístico, descrevendo títulos relacionados à variações da posição de *Grammateus*, uma nomenclatura razoavelmente genérica e pode ser usada essencialmente em qualquer função de registro e que, de fato, se torna praticamente sinônima ao *scriba* dos decretos latinos posteriores.

Uma possibilidade na tentativa de localizar a área física de atuação destes elusivos oficiais hipotéticos é apresentada por Donati (2011), analisando um conjunto de ruínas próximas à pista de corrida, escavadas por Williams em 1972. Se trata de espaços divididos em cômodos individuais,

mas que, ao contrário do padrão para o *"oikos"*, se comunicam com portas múltiplas, as vezes ligadas diretamente ao espaço externo. Alguns dos cômodos conexos possuem estruturas associáveis com a tradição do banquete, incluindo também dispensas e recintos de armazenagem, assim marcadas por seu característico corte mais profundo no terreno.

O material cerâmico recuperado nestes locais é condizente em termos gerais ao "padrão de culto" de Corinto, com grande incidência de miniaturas coroplásticas bem como cerâmica diretamente associável à prática de refeições ritualizadas. Aestes elementos se associam também os "objetos marcadores de jurisdição Estatal" propostos por Donati, como um peso de medida cilíndrico dotado da inscrição *"Demósion"*, presente também em outro peso semi-circular que, ainda mais diretamente, completa sua etiqueta com *"Corinthion"*. Os demais objetos neste tipo de atribuição são claramente externos ao período Arcaico, mas denotam ao menos a continuidade desta possível prática, especialmente se levarmos em conta as mesas de contagem de período Clássico, claramente marcadas com algarismos e com a inscrição *"Diós Bouleós"*.

A possibilidade de uma *"Agora Imaterial"* ou de magistrados incorporando o poder Estatal permanece então atrativa, em uma questão ainda inconclusa.

7.2. A Construção Norte

Localizada ao leste da Colina dos Templos, a *stoa* percorrendo o sentido norte-sul escavada em 1902 é comumente chamada de "Construção

Norte” e possui ao menos duas fases contextuais. A mais recente delas se relaciona ao período clássico (STILWELL, 1932) e se trata de uma fileira de lojas encadeada em uma colunada - provavelmente a estrutura original - que se apoia sobre o embasamento rochoso da *Colina dos Templos*. A área imediatamente em frente desta estrutura poderia conter uma colunada gêmea, mas trabalhos de extensão das lojas em período romano apagaram qualquer evidência neste sentido.

A fase original da colunada antecedendo as lojas (ou ao menos pré-datando a configuração romana das mesmas) é de datação mais difícil. Capitéis de coluna em estilo arcaico são descritos entre as camadas estratigráficas mais antigas pela pesquisa de Stilwell, mas seu real pertencimento à *stoa* é discutível. Sinais de uma orientação original diversa daquela presente na segunda fase e projetada de forma que ignora a maioria das entradas de loja sugerem uma escala muito menor para a colunada.

O que se torna evidente neste ponto, é que é possível distinguir entre três extensões de colunada conexas mas diferentes entre si, escavadas com mais detalhe em 1930 e identificadas por sua numeração. A única que pode corresponder a uma fase arcaica é a primeira colunada, cujos únicos resquícios preservados são embasamentos escavados diretamente na rocha e quatro bases de coluna, separadas entre si em aproximadamente 7 metros cada uma. Um trecho de fundação de muro contínuo se estende por detrás desta, caracterizando uma pequena *stoa* estreita, de suportes espaçados e voltada ao norte, estando alinhada ao Templo de Apolo. Assim, temos mais uma vez evidências da centralidade da *Colina dos Templos* no cenário de culto coríntio, mas podemos relativizar a presença de lojas e considerar que,

se de fato uma porção da Construção Norte realmente é datável tão remotamente, é provável que esta fosse muito menor e com um propósito diverso.

7.3. O Diolkos

Este famoso e muito citado canal de tração naval, encontrado por Verdelis em 1956 se estende consideravelmente na paisagem, formando uma rota de comunicação pavimentada em calcário pelo istmo do Golfo Sarônico ao Coríntio com 7km de extensão. Uma rampa de transferência de carga e uma ampla área pavimentada na porção oeste do percurso fazem parte da estrutura. O único elemento de datação direto para esta rota está nas marcas dos blocos de pavimentação, que Verdelis acredita remontarem ao período da tirania, em um argumento subjetivo.

7.4. O Estádio

Em 1937 os restos de um estádio de corrida são encontrados vizinhos à área do Fórum, posteriormente documentados em detalhe em 1981 por Williams e Russel. Sua configuração é a de uma pista plana de 15 metros de largura coberta de fragmentos triturados de calcário em estratos sucessivos, que são às vezes tidos pelas interpretações como anos sucessivos de uso ou eventos específicos. Um *balbis* marca o ponto de partida, incomum no mundo grego por sua forma ligeiramente curva, mas não se têm evidência do quanto à pista se estenderia além dos trechos preservados. Se preservam traços de

trabalho em gesso recobrindo esta estrutura de partida, ainda incluindo alguns dos apoios de pés para a largada. Cada posição de partida está marcada por um numeral alfabético, de alfa até lambda, excluindo qui, pintados em vermelho. Traços de um mecanismo de soltura da linha de partida estão preservados, mas pertencem a um contexto do século III e, curiosamente, nenhum traço das arquibancadas dos espectadores foi preservado.

Cerâmica associada aos níveis de material triturado mais profundos é datada a estilos do VI século e o vinco da linha de partida parece se reproduzir na maioria dos níveis. A distância entre as pistas de cada competidor está ligeiramente fora dos padrões usuais, o que talvez esteja relacionado a alguma prática particular – Morgan (1937) sugere corredores com tochas em eventos em honra a Atena Helotis.

8. O Urbanismo dos Recursos Hídricos: Peirene, seus Canais e suas extensões

A Fonte de Peirene é bem conhecida e representada na antiguidade, sendo repetidamente representada na tradição literária clássica - se atestam menções em Píndaro (que chega a descrever Corinto como "A Cidade de Peirene"), Heródoto (V, 92, 2), Eurípedes (notadamente em "Medéia", 68-69, mas também em "Electra" e "As Troianas") - carregando a conotação de um ponto de referência largamente conhecido e frequentado, facilmente acessível e de farto abastecimento de água fresca. Em período romano,

continuam as menções a Peirene nestes termos, como em Plauto e Estrabão, com este último já mencionando alterações à estrutura física da fonte - Estrabão argumenta que a fonte apresentada usualmente como Peirene não condiz com o local original do primeiro poço assim utilizado, que o autor situa na Acrocoríntia.

A única descrição direta da materialidade da fonte é encontrada em Pausânias (II, 3, 2-3), localizando-a fora da ágora, em uma rua que leva até a Estrada de Lechaion, utilizando a propiléia desta com uma estátua de bronze de Héracles e um portão como referências do trajeto. Nesta passagem, Pausânias resume também o contexto mitológico da personagem, transformada em fonte ao prantear a morte de seu filho Kenchrias, e inclui uma breve descrição: a fonte seria "adornada em mármore branco, e disposta em câmaras feitas como grutas, de onde a água flui para a fonte em céu aberto". Uma conexão é estabelecida entre a fonte e o poço em Acrocorinto, com este último lhe servindo de reservatório de alimentação tal como se pode verificar na descrição de Estrabão. Curiosamente, se ambos os autores localizam a "verdadeira" Peirene no mesmo local, mas não situam a "Peirene monumental" em mármore igualmente.

Em tempos modernos, tradições locais variavam sobre a localização da Fonte de Peirene, alternando entre as várias ruínas visíveis na paisagem. Durante o século XIX, a menção de Pausânias à "Câmaras feitas como grutas" leva antiquários e classicistas a tentar adequar o proposto sítio à várias cavernas e recessos, talvez com os chamados "Banhos de Afrodite", descritos por Pouqueville em 1815 e chamada localmente pelo nome turco de "Sou-Haman", sendo o local que mais impressionisticamente se adeque à

essas expectativas. Gradualmente, um consenso acadêmico se forma nos estudos clássicos identificando “Sou-Haman “ como a "Peirene Monumental", com pouca dissidência acerca desta afirmação - Beulé e Lolling estão entre os poucos a escreverem refutações teóricas desta identificação, argumentando que o posicionamento relativo dos banhos em relação à proposta área de Corinto não condiz com a descrição de Estrabão desta como estando vizinha dos limites da cidade.

Com os inícios do trabalho arqueológico mais metódico em Corinto temos já nos esforços de A. M. Skias a concepção de uma proposta mais concatenada: Peirene se situaria relativamente vizinha à vila moderna de Corinto, se baseando na racionalidade da reserva de água mais conveniente e abundante da região. Skias escolhe a fonte modernamente chamada de Mourátaga como potencialmente identificável como a ainda perdida Peirene, por sua vazão e pelo seu túnel de alimentação claramente antigo. Esta fonte, no entanto ainda não têm naquele momento uma datação precisa, e de fato as trincheiras de teste falham em encontrar elementos que corroborem a afirmativa de Skias.

Mourátaga permanecerá como uma potencial Peirene, ou ao menos como uma fonte periférica alimentada por Peirene até a temporada de escavação de 1898, com a descoberta de uma fonte no centro da cidade antiga que se adequa à topologia descrita por Pausânias (2.3.3) e com uma elevação de terreno suficiente para permitir a vazão de água a fontes menores pela cidade tal qual Estrabão descreve (*Geo* 8.6.21, em nossa tradução livre):

“(...)E sob o topo da colina está a fonte de Peirene que, embora não transborde em excesso, está sempre plena de água fresca e clara. Dizem que a fonte na base da montanha é o produto da pressão que se acumula por causa dos vários canais subterrâneos de água que cortam a elevação, resultando em uma fonte que jorra para a cidade em tamanha quantidade que provém um abastecimento considerável de água aos moradores. Me dizem também que um bom suprimento de poços também é encontrado em Acrocorinto. Eu mesmo, no entanto, não os vi, mas Eurípedes diz 'Aqui cheguei, tendo saído de Acrocorinto, onde a água flui por todos os seus lados, a cidade da colina que é sagrada para Afrodite'. ”

Este sítio, apenas 130 metros a sudoeste do períbolo do Templo Arcaico de Apolo, prova ser nas palavras de B.A. Robinson (1994) "um labirinto de muros de datação diversa". Em essência, se trata de um pátio pavimentado quadrado, acessível por duas escadarias ao norte, bordado em três lados por apses (recessos semicirculares, cujos muros neste exemplo particular são de dimensões consideravelmente robustas) e com, em seu limite sul, uma fachada de seis arcos, cada um dos quais adornando uma câmara quadrada que teria sido outrora um reservatório. Parte das paredes e do teto destas câmaras está escavada diretamente na rocha sedimentar (sendo presumivelmente o que teria sido descrito como as "grutas" do sítio), com o restante construído no calcário (poros lithos) usual, incluindo também os esperados adornos em mármore. O eixo de orientação de toda a estrutura está evidentemente inclinado, com dezoito graus de erro norte em direção oeste. Os reservatórios delimitados por estes arcos alimentam canais cobertos, que suprem a fonte em céu aberto.

Escavações sucessivas na área da propiléia da Estrada de Lechaion trazem à tona estruturas tardias cuja localização condiz com a topologia descrita por Pausânias, elemento de identificação do sítio que será reforçado também com a descoberta de duas amostras epigráficas recuperadas no pátio da fonte (embora em estado de conservação fragmentário). A datação destas inscrições não é certa, mas aparentemente uma remontaria aos limites originais da fonte, e a outra teria sido produzida em período Bizantino. A mais antiga claramente inclui o fragmento PIRÉN(es), e mais recente utiliza diretamente a fórmula dedicatória "ton oromenon panta kosmon tei Pirenei". Um fragmento de revestimento de mármore de período romano também foi encontrado na área do pátio com o nome "Pirene" em grafia latina (ROBINSON 2011).

Figura 12 – Monumentalização Tardia da Fonte de Peirene (Robinson, 2011)

Deve ser ressaltado, no entanto, a maior parte da monumentalização presente na estrutura remanescente de Peirene é tardia - a fachada com a fonte em céu aberto é datável da fase romana inicial (finais do 1o século), e a decoração triconche (ou seja, de três apses unidos em uma forma quadrangular central) é tardo-antiga (provavelmente século IV A.D.). O núcleo mais antigo da fonte, por outro lado, é sem dúvida o túnel de alimentação principal, cuja problemática de engenharia central não apenas irá determinar a disposição de Peirene com, pode-se teorizar, parte do planejamento urbano das ruas da própria Corinto: tal problemática está fundamentada na própria situação estratigráfica da colina de Acrocorinto.

O planalto norte de Acrocorinto, no qual a ásty como a conhecemos foi construída está dividido em termos gerais por dois terraços discrepantes em altura em entre 10-35 m., sulcando o terreno na direção NE-SO, ambos com uma ascendência sul. Em seus pontos maior elevação relativa, é possível se atestar a maior sequência preservada de variações morfológicas diacrônicas de construções urbanas - uma possível razão para esta preferência em se construir nesta área está na presença de um solo argiloso embasando o local. Tal solo se encontra recoberto por um nível de rocha sedimentar calcárea, o que oferece ao mesmo tempo boa base de construção (de fato, toda Colina dos Templos está apoiada nesse tipo de terreno) bem como a possibilidade de acessar a água capturada pela rocha sedimentar.

De fato, vemos aqui a implementação de uma estratégia de construção comum para fontes antigas: tentar capturar a precipitação através de sua percolagem por um solo de conglomerado calcário, de modo a reter a

água na camada enrijecida e impermeabilizada de argila. Os terraços aparentam ter sido planejados e cortados na face da colina de modo a acessarem facilmente a interface entre argila e rocha sedimentar, escolhendo os pontos onde tal afloração ocorresse mais imediatamente - em outros pontos do sítio se pode perceber que muitos dos poços se aprofundam até terminar nesta mesma camada de material argiloso duro.

O local escolhido para a Fonte de Peirene conta também com a maior facilidade natural de deslocamento de água - se trata do ponto de menor altitude onde a borda da camada de argila está exposta, de modo com que a água retida no sistema da colina naturalmente tende a escoar em sua direção, e se pode afirmar sem grandes dúvidas que o volume deslocado neste ponto seria muito superior ao dos outros sítios mananciais da região. Assim, citando B.H. Hill, se aparentemente Peirene pode ser imaginada como uma fonte artificial idealmente localizada de modo a abastecer uma crescente área urbana, o que ocorre é em verdade o inverso, com uma área urbana deliberadamente organizada em trono de uma geografia e geologia que permita a pronta administração de recursos hídricos necessários a tal urbanidade em longo prazo. A exploração deste recurso natural aparenta ter sido tão eficiente que, até as primeiras décadas do século XX, as bases do sistema antigo de abastecimento ainda formavam a espinha dorsal das fontes posteriores: tubulações metálicas estendidas dentro do aqueduto Romano que se estende a partir do canal de Peirene provaram ser uma das grandes dificuldades enfrentadas nas primeiras temporadas de escavação, demandando longas negociações entre os interesses de pesquisa e da vida cotidiana da vila moderna de Corinto (com descrições da suficiência destas

tubulações para todo tipo de necessidade doméstica, exceto irrigação), até sua remoção em 1919 (HILL, 1919)

Assim, B.H. Hill teoriza que a fase mais inicial da fonte foi provavelmente a de uma face de rocha calcária cortada sobre a argila, com um ou mais cursos de água escoando diretamente no canal cortado na superfície do vale ao leste da *Colina dos Templos*, talvez guarnecida de bacias e reservatórios para captar esta água, que não se preservaram. Não existem propriamente traços inequívocos desta disposição proposta para além do canal de alimentação principal, sendo uma reconstrução primariamente teórica - do pouco que permanece, uma pequena seção de muro nomeada "e" no mapa diacrônico do túnel (não mais do que de um metro e meio de extensão, vide figura 12), danificada mas de boa construção, encontrada atrás da câmara número I (parte das seis câmaras/reservatórios da fachada romana) parece condizer com a suposição de Hill.

FIGURE 5. PLAN OF NORTH END OF WESTERN SUPPLY TUNNEL, WALL *e* OF EARLY FOUNTAIN HOUSE, BASIN D AND SURROUNDING AREA

Figura 13 – O Canal de Alimentação de Peirene (Hill, *Corinth I, Part IV*, 1964)

Esta seção foi erguida diretamente sobre a argila e apoiada contra uma face de material conglomerado, e orientada de tal forma a não condizer com nenhum dos muros romanos que a entrecortam (tendo sua suposta cronologia verificável apenas pela sua situação de reuso - os outros muros se

apoiam à ou incorporam este pequeno pedaço restante). O muro está estucado de forma a lhe tornar impermeável e tem um orifício condizente com uma saída de água.

Resquícios do ângulo de recorte retangular aberto diretamente na argila, com faces estucadas impermeabilizadas com largura de 135cm e profundidade de 5 cm (marcado no mapa como um limite de triângulos em um campo pontilhado) sugerem um canal anterior, retrabalhado posteriormente, mas diretamente alimentado pelo túnel principal. Em relação a este canal estucado, Hill sugere que o muro 'e' poderia ser uma fachada de fonte, o que faria a primeira fonte ter uma orientação mais pronunciadamente voltada ao NE do que nas fases posteriores.

Um ponto interessante é o de que estas estruturas sugerem uma abertura de escape de água mais alta do que o usual para às outras fases - na face do muro 'e' as aberturas de escoamento estão apenas a 40 cm abaixo do topo do muro, que presumivelmente coincide com o teto da caverna. Diferentes reconstruções colocam o fluxo de água resultante entre 2-1,60 metros acima do nível do pavimento útil da fonte, sem poder precisar uma alternativa comumente bem aceita. Não há uma explicação imediata a esta escolha de construção incomum, mas se propõe por vezes o aproveitamento de uma falha natural no material aglomerado.

O próximo desenvolvimento cronológico no desenvolver da fonte (além de sucessivos alargamentos de seções do túnel de alimentação, que não podem ser diretamente datáveis) aparenta ser a mais antiga estrutura de fonte ainda no local. Se trata de um sistema de quatro reservatórios, alimentado pelo túnel principal e por um auxiliar, escavados diretamente

através do material conglomerado até argila, dois deles á uma profundidade de 1.50m e dois a 1.80m. Os dois reservatórios mais rasos (a porção leste) se estendem 20m e os mais fundos 25,5m. Suas faces são razoavelmente regulares, mas não se alinham perfeitamente em prumo e seu teto é uma voluta elíptica estreita, regular na porção vizinha à fonte, mas gradualmente mais distorcida em direção aos túneis. Um importante elemento de datação destes reservatórios está em seu tipo de recobrimento: o estuque utilizado condiz com outros exemplos de revestimento empregado no período arcaico, utilizando pequenos seixos misturados à areia inclusos em um material cimentício amarronzado local. Este estuque/cimento reveste também o ponto de contato do túnel auxiliar.

Os reservatórios são munidos de aberturas em formato de funil, cada um com duas delas - uma de aporte, próxima ao teto e uma de vazão, próxima a seu fundo mas variável em cada exemplar: as aberturas de vazão de cada um dos reservatórios incluem suficiente correção entre si de modo a fazer com que todos descarreguem sua água a uma mesma altitude relativa, tendo decantado os grãos de material argiloso e calcário em seu trajeto pelos tanques, de modo a fluir limpa na fonte. A orientação de uma das câmaras aparenta ter sido refeita durante sua construção, sugerindo a ocorrência de um erro dos trabalhadores originais. A modularidade e independência entre estes reservatórios poderia permitir a teoria de que se tratam de extensões graduais, adicionadas conforme o consumo exigido da fonte se intensificava, talvez explicando suas diferentes profundidades, corrigidas pelo sistema final de vazão unificada.

Os reservatórios alimentam uma bacia maior situada a seu norte, e outras duas menores ao seu redor (bacias A, B, C, vide figura 13). Um elemento anômalo ocorre na união entre os reservatórios e as bacias: no lugar de um duto de aporte circular, uma estrutura em "grelha", com seis pequenas colunas quadradas paralelas, une ambas as estruturas, existindo raros outros exemplos desta prática neste período - Hill sugere que esta disposição poderia estar relacionada a uma menor preocupação com economia de água. A Fonte de Pirene seria tão abundante que o interesse de permitir um preenchimento rápido e constante das bacias vence sobre o de controlar e comedir o aporte de água pelo uso de uma abertura única.

As bacias em si são em sua maioria feitas diretamente na argila e acabadas com trabalho em pedra calcária. Seu limiar é um parapeito baixo, com um perfil bastante simples, apenas uma borda comum. Uma abertura oval sob cada uma das bacias está inclusa na estrutura, possivelmente para coletar a água utilizada durante a limpeza destas, mas não há um sistema de dreno comum entre elas. Sinais de retrabalhamento em sua profundidade e na altura de suas separações são visíveis, com acréscimos posteriores sendo feitos em terracota.

Quatro degraus se projetam do noroeste até o interior de uma das bacias, precariamente apertados nesse espaço contra os resquícios do muro 'e' da fase anterior - Hill teoriza que em um contexto de abundância de água tal paramentação provavelmente não é usada como recurso para se alcançar a água quando esta está em um nível baixo, mas sim como um meio de descer até o fundo para a realização de limpeza (o que talvez explique sua dificuldade de acesso, uma vez que este não é planejado para o uso público

constante). Assim, se supõe que ao menos esta bacia poderia primariamente se tratar de uma bacia de decantação, requerendo a retirada periódica dos sedimentos depositados em seu fundo. De fato, canais auxiliares permitem o controle do fluxo de água de modo a esvaziar apenas tanques escolhidos na fonte, com o dreno cortado próximo ao que mais tarde viria a ser descrito na planta já citada como "Câmara I" (uma das seis "grutas" da estrutura Romana).

Em termos de simultaneidade cronológica, pode-se sugerir que, embora esta fase tenha excedido e alterado completamente a estrutura do setor do muro "e", é concebível que fontes menores, não preservadas, sincrônicas à fase de "e" ainda estivessem em uso, uma vez que o fluxo daquilo que inicialmente era um túnel "auxiliar" (muito ampliado em sucessivas extensões) da nova fonte aparenta ter sido consideravelmente mais integrado à estrutura do que o outrora túnel de alimentação principal - denotando uma escolha a preservar parte da estrutura anterior separada da estrutura dos reservatórios.

Imediatamente em frente das bacias de retirada de água, resquícios de pavimentação foram recuperados, bem como vestígios de um teto cortado diretamente na interface entre o nível de material conglomerado e o de rocha calcária, em uma disposição completamente desalinhada com a daquilo que virá a ser a estrutura de seis câmaras Romana, sugerindo uma via de acesso anterior diferente. Tal piso é importante para se entender a sincronia das várias fases da fonte, uma vez que suas lastras de pavimentação repetidamente se estendem inteiriças sob divisões de muros, marcando-os como posteriores - de fato, a compartimentação das Câmaras I e II da

estrutura romana está erguida sobre este mesmo assoalho, o que afirma que estes espaços eram anteriormente o mesmo, e parte do proposto acesso da segunda fase da fonte.

Não é claro se outras fontes arranjadas como à da segunda fase se estendiam pelo resto do espaço que mais tarde comporia as seis câmaras Romanas, existindo dissenso acerca de seções de muro corrigidas em período Romano e elementos arquitetônicos aparentemente desalinhados quanto à fachada extante da Fonte de Pirene como atualmente escavada - um muro impermeabilizado com estuque de confecção em estilo Arcaico se encontra a 1,50m do portal da câmara VI, em posição ligeiramente oblíqua a fachada Romana e pesadamente espoliado. Atrás desta mesma câmara, restos de um túnel guarnecido do estuque característico arcaico estão preservados, incluindo buracos de vazão semelhantes aos utilizados para o abastecimento das fontes da fase do muro 'e' e orientados de modo a ter sua água recolhida por um canal de datação incerta.

Fig 14 (página seguinte) – Plano Geral das Fases Fachada Monumentalizada de Peirene e sua Relação com os Túneis de Alimentação. (HILL, *Corinth I, Part IV*, 1964)

Assim, em seu relatório de resultados de escavação, Hill apresenta uma infraestrutura básica para o sistema hídrico de Peirene no período Arcaico nucleada nos dois túneis de alimentação, na fonte dos quatro reservatórios de decantação e nas três bacias de acesso que não teria sido muito alterada durante o período grego - a porção da estrutura que teria sido o foco das maiores mudanças seria nesta duração seria o pórtico, cuja forma original não foi em efeito preservada.

Sete muros de sustentação mais reforçados e precisamente cortados para se afixarem às faces do corte na rocha calcária são a estrutura que toma o lugar do Pórtico inicial, inaugurando uma terceira fase que já começa a reorientar a fonte ao sistema das seis câmaras como usado no período Romano. Se percebe já o uso de uma forma de cimento à prova d'água em sua técnica de construção. Alguns dos poucos capitéis preservados sobre as *antae* compostas por esses muro se apresentam em um estilo comum à segunda metade do quarto século a.C., trazendo um terminus post quem para as sucessivas marcas de ferramentas que demonstram a remoção das demais peças deste tipo do topo dos muros, embora algumas marcas negativas de sua forma ainda sejam perceptíveis em certas seções. Em período posterior, um conjunto de colunadas jônicas será acoplado entre as *antae* destes muros, efetivamente em uma posição que impediria o acesso às bacias, marcando o final da terceira fase da fonte e a mudança de seu orientação. As próximas grandes alterações neste setor da fonte irão ser realizadas já em período helenístico, fora do presente escopo desta descrição.

O escoamento desta fonte se dá em por um pequeno canal retangular paralelo a um dos muros de terraçamento, percorrendo um trajeto de 20 metros a partir de Peirene, permeado por um conjunto de fontes menores (visíveis do sul da Colunada de Apolo) sem uma pronta datação, até um segundo canal, independente do muro de terraçamento que se conecta a chamada "Fonte Ciclóptica", uma bacia de retenção hexagonal medindo aproximadamente 1.68 por 1.66 metros, realizada de modo completamente artificial, com blocos e estuque erguidos sem utilização de falhas retentoras de água no terreno. Marcas de reorientação em seus muros sugerem sua antecedência ao sistema da terceira fase e, de fato, por seu estilo de construção aparenta ser a mais antiga fonte extante a ser subalimentada pelo fluxo de Peirene. O contexto estratigráfico ao redor desta fonte está grandemente alterado, com material Helenístico e Romano ocorrendo primariamente, uma vez que se encontra em uma posição de alta frequência no espaço da cidade, dificultando a tentativa de datar a fonte em si. Sinais de diferentes momentos no manejo do canal que alimenta esta fonte podem ser percebidos, com resquícios de muros planejados para cortar completamente o fluxo a este local, posteriormente reabertos, bem como sinais de que em sua disposição original o duto de alimentação não era o mesmo do canal de terraçamento, mas outro, não extante, na direção do Templo de Apolo em um caminho mais direto. Duas cisternas cobertas estão inclusas posteriormente na estrutura, sendo à base do orientamento atual da fonte, com *stoas* com colunadas dóricas sendo estendidas em seu limiar em direção à Peirene.

Sinais de variação no uso desta *stoa* estão presentes na medida em que a espessura da camada de impermeabilização aplicada sobre sua porção sul é desigual, refletindo extensões e expansões conforme novas bacias de recolhimento de água são estruturadas – de fato, é possível se presumir uma relação entre estas mudanças e alterações na vazão da alimentação proveniente dos canais, que aparentemente estão se tornando cada vez mais fracos e secundários. A compreensão desta parte da fonte, no entanto, se encontra dificultada, uma vez que trincheiras posteriores, abertas para o estabelecimento de fundações para casas do período cristão, perturbam o contexto.

O restante da área conhecida de Peirene apresenta elementos datáveis até no máximo a reconstrução Romana, embora comportem a possibilidade de continuidades básicas em sua organização – neste caso, o exemplo mais visível é a relativa permanência do acesso norte, que mesmo não condizendo com a propiléia romana ainda mantém sua estrutura em degraus e as bases de monumentos de período Grego, incorporados mas não totalmente excluídos das fases posteriores.

8.1. Possíveis Relações Entre Culto e Abastecimento Hídrico

Próxima à *Fonte Sagrada*, a cerca de nove metros de distância de seu limite, uma estrutura absidal formada por uma fundação única, talhada diretamente na rocha, com cerca de 8 metros e meio por 5 metros e meio e portando um muro traseiro em sua curvatura ao oeste foi encontrada em

escavações conduzidas em 1902. Sob o assoalho desta construção, um túnel cortado na rocha se inclina rumo ao leste, eventualmente se tornando uma canaleta aberta sem uma função prática clara. Williams (1972), sintetizando interpretações anteriores apresenta este corte como sendo utilizado em variados ritos de libação, mas até o momento nenhum autor consegue apresentar um uso ritual específico da porção recoberta do túnel.

Uma base quadrangular calcária está no centro desta área, talvez relacionada a um altar, sem que exista a certeza de sua posição cronológica. Williams (1978c) sugere que esta estrutura seria uma adição posterior. As tentativas mais antigas de interpretação sobre este espaço chegam a sugerir um *heroon* (Broneer, 1942) retrabalhado em uma estrutura batismal (WILLIAMS 1978c). Estas são especulações de difícil comprovação direta, mas a proximidade para com a fonte deve ser de alguma forma intencional. O exame dos encaixes dos blocos no perímetro deste abside evidencia uma série de conectores para suportes quadrados, comuns em estruturas de fonte, ao invés das esperadas colunas de uma estrutura sagrada. A fachada resultante desta reconstrução proposta traz três pilares quadrados *in antis* , em um paralelo sugestivo com uma das saídas da *Fonte Sagrada* diretamente em sua frente.

Não há cultura material diretamente recuperada dos depósitos que cobriam esta construção, não sendo possível uma datação bem embasada para esta estrutura. No entanto, os tipos de grampos conectores, estuque e buracos de tração por cordas nos blocos são de uma morfologia incomum após o V século. As proporções incomuns do espaçamento dos pilares e das dimensões da fundação podem sugerir o período arcaico, mas deve-se notar

que estas podem ter sido alterações posteriores, ou construções dos esforços de restauro. Algum tipo de paralelismo com a *Fonte Sagrada* está no entanto implícito.

9. Os espaços funerários

9.1. O Cemitério Norte

Inicialmente descoberto em 1915 por Bert Hodge Hill, se situa cerca de um quilômetro ao noroeste do teatro, diretamente ao norte do planalto ocupado pela cidade de Corinto. Os primeiros parâmetros cronológicos bem estabelecidos do sítio são resgatados em 1933, com o trabalho de Leslie Shear e Josephine Platner, classificando cerâmica ática e coríntia datada do século VI a.C. até o final do século V a.C., embora a temporada de 1929 já tivesse produzido o significativo número de 200 tumbas, em covas recobertas por lajes de calcário, datáveis pelo material associado ao período Geométrico, mas em forte reuso.

A temporada de escavação de 1930 trouxe a catalogação de mais 235 enterramentos, cujo material dilata a cronologia à incluir deposições do Heládico Médio e de período Romano. Consistentemente se encontrou a orientação norte-sul ou leste-oeste na maioria dos enterramentos, com crateras e vasos de grandes dimensões ocorrendo como marcadores de túmulo desde o Geométrico, usualmente no limite norte da cova. Enterramentos infantis geralmente são realizados neste mesmo tipo de cratera. Sarcófagos de pedra aparentam datar do período Protocoríntio (725-650 a.C., imprecisamente sincrônico com o sinecismo inicial da futura polis).

Em 1964 os registros destas temporadas de escavação e interpretação são reavaliados e republicados no volume XIII dos resultados de escavação de Corinto da American School of Classical Studies at Athens,

sob curadoria de Carl Blegen, Hazel Palmer e Rodney S. Young. Os dados compilados descrevem 530 enterramentos, dos quais os mais antigos são um agrupamento de 13 tumbas datáveis da Idade do Bronze, seguidas de 49 tumbas do Geométrico e 65 protocoríntias. As restantes se estendem pelo Arcaico, Clássico e Helenístico com uma minoria chegando em idade Romana. Uma lacuna importante é visível no uso do sítio entre o Bronze Médio e o Geométrico, sem que se possa afirmar com certeza o desuso da área nesse momento.

9.2. “Testando” a Cronologia Urbana Coríntia: A Tumba 147/504

Como visto na enumeração dos contextos construídos da Corinto Arcaica, é especialmente difícil se apresentar uma realidade “purificada” quanto ao recorte cronológico – a grande intervenção da *Colonia Laus Iulia Corinthiensis* sobrepõe uma marca Romana sobre os espaços mais reutilizados. No entanto, grande parte das evidências para o mundo Arcaico provém precisamente deste “espaço negativo”, no qual podemos perceber o deslocamento de dados, na busca comparativa de sua disposição original. Neste sentido, propomos analisar uma das tumbas do Cemitério Norte, típica quanto a seu extenso histórico de remodelagens. É fortuito, no entanto, que esta seja em particular bem datada quanto a suas fases individuais, de modo a permitir nossa consideração sobre as alterações ao padrão Arcaico. Deve-se notar também que a gama de informações cerâmicas bem preservadas em seu interior reforçam a interpretação do material analisado previamente no “Poço Número I”, corroborando uma proposta de interpretação à cerâmica

Coríntia Arcaica, de outro modo “imaterial” quanto ao exame de suas oficinas produtivas.

Especificamente, o foco de análise está na tumba numerada 157/504, provavelmente a que como expomos apresenta como uma abordagem inicial rumo a uma "visão lateral" dos vários usos deste cemitério no tempo . Deve-se notar que, nesta proposta, é necessário lidar com um corpo documental estabelecido sobre práticas de trabalho heterogêneas, de fato estabelecidas em um período no qual a própria disciplina arqueológica se encontrava em grandes transformações (ou, como alguns autores apontariam, ainda em estágio formativo). Assim sendo, um problema central será logo perceptível: como regra, a metodologia utilizada na composição destes registros de escavação prioriza a descrição e estudo da mobília funerária e do "artefato excepcional" sobre a atenção aos restos humanos por si mesmos ou aos objetos "corriqueiros". Na medida do possível, se tentou resgatar tal "informação perdida" e se questionar tais "saltos interpretativos", por vezes através da comparação com outras tumbas deste mesmo cemitério.

A cova 157/504, da seção B do cemitério, originalmente publicada no *American Journal of Archaeology*, volumes XXXIII, 1929, pp. 542ff., figs.19-21; e *Art and Arch.*, XXIX, 1930, p. 258, fig. 11; se trata de uma deposição em orientação norte-sul, consistindo de um sarcófago do século VI a.C. (numerado 157) reutilizado para um enterramento romano (numerado contexto 504), circundado por oferendas funerárias. Citando Hazel Palmer no recenseamento da mobília funerária deste contexto é "provavelmente o enterramento mais interessante do cemitério". Isto se dá por uma série de fatores: seu estado de conservação é bastante robusto, o material cerâmico

contém uma amplitude cronológica considerável e, saltando imediatamente aos olhos, o padrão de reuso da tumba é um tanto peculiar, tratando-se de uma cova "estendida" (fig15).

Figura 15: Planta geral da Tumba 157/504 (American Journal of Archaeology, volume XXXIII)

Se acredita, primariamente por semelhanças no material cerâmico mais antigo entre os depósitos, que o sarcófago seja parte do grupo familiar da cova 155, um conjunto de seis sarcófagos que se destaca pela

concentração acima do normal de oferendas e por alta qualidade no estuque impermeabilizante utilizado em seu acabamento. Outro ponto definidor deste argumento está na presença de ao menos uma forma cerâmica ática destinada a bebida (normalmente um “kylix”) importada entre os objetos funerários. A teorização inicial é de que se trate de um grupo abastado, dada a localização do agrupamento, o alto número de deposições cerâmicas pintadas e a presença marcante de material importante. Neste sentido, o contexto 157 irá apresentar mais uma peça importante (vasos 157-m e 157-x, descritos mais a frente) em sugerir um envolvimento destes indivíduos nas trocas de importação-exportação que marcam o desenvolvimento econômico de Corinto nesse momento. Precedentes culturais ao costume de desenvolver uma área funerária privilegiada em separado - talvez "aristocrática" (não há material epigráfico que diretamente suporte essa interpretação, embora ela se enquadre nos termos gerais do desenvolvimento político de Corinto) - são concebivelmente perceptíveis já nos 13 enterramentos do Heládico Médio, interpretados por Jeremy B Ruttler como seguindo a curvatura de um *tumulus* maior, não preservado, na intenção de estabelecer um discurso de parentesco (real ou fictício) manifesto no espaço da paisagem

Por sua vez, o contexto romano aparenta ser parte do grupo de reuso da linha 505-508, uma série de reaproveitamentos de sarcófagos mais antigos que se assemelham por serem todos de período Romano e por alterarem a estrutura dos esquifes, alguns "estendendo" o espaço utilizável como no contexto 504, outros reparando danos estruturais.

Nestes termos, o que o enterramento secundário 504 apresenta especificamente é, ao sul do sarcófago escavado, as pernas do esqueleto estendidas pela abertura, recobertas de uma laje de calcário, inexatamente colocada em plano em relação a tampa do sarcófago (com uma discrepância de 9cm) através de um pequeno muro de "calço" de entulho (fig 16). Curiosamente, o mesmo tipo de corte e "extensão" do sarcófago pode ser encontrado no sítio já antes do período romano, ocorrendo na tumba 157/463, datável do período Clássico, tendo marcas de ferramenta e técnicas de confecção muito semelhantes. É teoricamente possível que a extensão dos contextos 157/504 tivesse sido realizada no IV século, embora nenhuma evidência direta se associe a essa possibilidade geral.

Figura 16: a abertura sul do sarcófago e seu muro de extensão; oferendas funerárias no limite oeste (American Journal of Archaeology, volume XXXIII)

Diretamente sobre a cova, e servindo de elemento datante para o esqueleto, se achou um unguentário romano, embora, de forma um tanto confusa, flutuando no depósito sobre a cova tenha se encontrado também uma moeda helenística - talvez indicando a reocupação de outra área próxima.

Imediatamente dentro do espaço do sarcófago ocorre uma *kylix* arcaica em reuso (marcando o pertencimento ao grupo 155), de decoração semelhante a outra encontrada no espaço externo vizinho à tumba.

O material cerâmico mais antigo estava depositado ao lado oeste do sarcófago, imediatamente abaixo do nível da tampa. Ao sul do sarcófago, a região correspondente a este depósito exhibe fragmentos desse material, tendo sido danificada durante o trabalho de extensão. Estes fragmentos foram aproveitados na confecção do muro de suporte da laje de calcário.

Pousado sobre a tampa do sarcófago, um fragmento de “*phiale*”, associado a uma tampa de píxide. A “*phiale*” fragmentada, numerada 157-e, é identificável pelo traço de seu pintor como sendo realizada pela mesma oficina que a de outra “*phiale*”, preservada, encontrada no interior do sarcófago (fig 17), o que sugere a possibilidade de mais oferendas externas, ligadas a parte do contexto primário perdido durante a abertura da "extensão" da cova.

Figura 17: o copo de “*phiale*” completo 157-d e o fragmento 157-e, identificáveis como sendo do mesmo pintor pelo estilo dos traços concêntricos do pincel múltiplo aplicado nas bordas e no centro do copo, bem como pelo estilo de retratamento do motivo animal felino (American Journal of Archaeology, volume XXXIII)

Elaborando sobre este ponto, Palmer apresenta uma interpretação ao menos em parte contestável na medida em que presume que a “*píxide*” marcaria um enterramento feminino, mas que ressalta uma curiosa discrepância entre material grego e romano:

"One may speculate, at least, that there may have been jewelry inside, since the píxides indicate the grave of a woman, and it seems reasonable to suppose that there were more pots, in view of the placement in 155 etc. There may also have been offerings on the cover, as in 128 and 172. Note also the extra píxide lid, 157-s (...) Why the Romans chose the single Greek vase to supplement their own meager offering is a question that cannot be answered. (...) the offerings in this grave are of unusual interest. It is remarkable to find so many píxides and only a single skyphos."

Escavações posteriores no cemitério norte e no cemitério de Lechaion, vizinho a Corinto, revelam o uso de *píxides* também como objeto de prestígio em enterramentos masculinos. Mas a seleção dos objetos de cerâmica encontrados (vinte e cinco ao todo, a maior acumulação do grupo familiar 155) nesse enterramento realmente apresenta elementos curiosos. O vaso em trabalho coroplástico 157-x (fig 18) se destaca como um exemplar de uma forma inicial de uma série bem conhecida de vasos em forma de sirene, encontrados em uma ampla área de interação comercial: Delos, Samos, Thera e Rhodes.

Figura 18: vaso em formato de sirena (American Journal of Archaeology, volume XXXIII, 1929)

Contrapondo a idéia de contatos comerciais externos a peça 157-m (fig19), uma *píxide* com prótomo feminino aplicado apresenta indícios sobre o mercado interno de cerâmica em Corinto. Os apliques plásticos do prótomo (fig 20) tem discerníveis marcas de um molde conhecido, identificado como tendo sido aplicado e alterado em peças sucessivas da mesma oficina - por exemplo, as peças catalogadas em *Necrocorinthia* sob os números 880 e 881, o vaso 73.10.12.1 do Museu Britânico, E 602 do Louvre e a "píxide do pintor de Honolulu" - peças de cuja cronologia está já bem estabelecida e que permitem acompanhar o desenvolvimento do que D. A. Amyx propõe chamar "estilo delicado Coríntio", um modo específico de tratar os motivos de fauna nessas peças.

Figura 19 – Vaso 157-m (American Journal of Archaeology, volume XXXIII)

A discrepância entre variação das marcas de aplicação do molde de prótomo em 157-m e seu estilo de pintura sugere, segundo Hazel Palmer, um certo "hibridismo" nessa peça - aparentemente, se trata do reuso de um molde mais adequado às peças encaixadas cronologicamente 20 anos antes da confecção desse vaso, algo que ocorre reincidentemente em outras *píxide* deste depósito e no *Cemitério Norte*, sugerindo uma produção, se não especificamente voltada ao rito funerário, ao menos parcialmente direcionada ao consumo interno.

Figura 20 : comparação entre detalhe do prótomo 157-m e o vaso do "pintor de Honolulu": a segunda peça apresenta um estilo de tratamento do tema muito similar ao de 157-m, mas o prótomo já está "retocado" (American Journal of Archaeology, volume XXXIII)

Infelizmente, os registros de escavação nos trazem poucos detalhes sobre os restos humanos contidos em 157/540 - não há medições de ossos disponíveis e nem fotos suficientemente detalhadas para permitir o discernimento de idade e sexo ou a verificação de possíveis patologias. Se pode, no entanto, classificar a posição estendida do corpo, cujos fêmures e pelve parecem ter se mantido em posição graças a presença de uma mortalha, como caracteristicamente "Romana" quando comparada a disposição dos ossos em outras tumbas vizinhas. Tomando como exemplo as tumbas neste cemitério cuja datação cerâmica é majoritariamente Protocoríntia, temos um padrão diverso do cadáver estendido em mortalha: em contextos primários, braços e pernas por vezes estão semi-fletidos,

sofrendo decomposição dentro de um espaço livre e irrestrito (mesmo quando em cista ou em sarcófago), o que leva a desestruturação da coluna vertebral e a característica separação da pelve. Em contextos secundários, os ossos parecem ter sido depositados já escarnificados, rearranjados no espaço da cova de forma a se assemelhar com a posição estendido, mas "comprimidos" para permitir o aproveitamento do espaço para oferendas (fig 21 - o túmulo 148 apresenta os ossos longos das pernas nesta situação em bastante evidência)

Figura 21 - sarcófagos Protocoríntios: 130 e 131 apresentam padrões de uso primário, 136 está no limite entre um possível enterramento primário "remanejado" e um secundário (as pernas teriam sido talhadas para se acomodar ao sarcófago? Sem fotos das epífises, não é possível discernir) 148 é classificável como enterramento secundário American Journal of Archaeology, volume XXXIII)

Os enterramentos romanos, especialmente no agrupamento 505-508, por sua vez seguem o padrão de reutilizarem cistas e sarcófagos anteriores, por vezes necessitando o remanejamento do espaço. Certas "contorções" causadas pela acomodação dos restos humanos nas tumbas são visíveis, incluindo casos de "efeito parede" - marcas de decomposição sustentada dentro de espaço vazio como crânios "rolados" ainda com as cervicais conexas são comuns. Em alguns casos, a coluna vertebral se encontra tão dobrada que a caixa torácica se "pivoteia" em ângulo posteriormente.

O exame do mobiliário funerário, contextos estratigráficos, e estruturas da tumba 157/504 permite traçar os contornos básicos de uma longa história de reutilizações do espaço funerário do Cemitério Norte. Embora os restos humanos não tenham sido registrados com tanta precisão quanto o material cerâmico, guias gerais de desenvolvimento das práticas do sítio podem ser desprendidos da evidência física. O cemitério em questão aparenta ter uma origem no Heládico Médio, inicialmente vinculado com uma área de prestígio para enterramentos aristocráticos. Durante o sinecismo de Corinto, o desenvolvimento cerâmico e comercial está bem marcado no material votivo associado a um número crescente de sarcófagos que aparentam exibir alguma ligação familiar, embora não se possa afirmar exatamente qual sua natureza, processo que se intensifica grandemente no período clássico, com grande inclinação ao reuso e a deposições secundárias. A Colônia romana em Corinto, durante a reconstrução da cidade, irá resgatar parte da dimensão material destas práticas, embora tenha um padrão de deposição funerário marcadamente diferente quanto ao tratamento do cadáver.

Temos então que o exame do mobiliário funerário, contextos estratigráficos, e estruturas da tumba157/504 permite traçar os contornos básicos de uma longa história de reutilizações do espaço funerário do Cemitério Norte. Embora os restos humanos não tenham sido registrados com tanta precisão quanto o material cerâmico, guias gerais de desenvolvimento das práticas do sítio podem ser desprendidos da evidência física, nos permitindo perceber um “Padrão Coríntio” de prática funerária. Como veremos mais a frente no segundo capítulo, tal padrão irá contrastar-se com as práticas propriamente Siracusanas. Em resumo, o cemitério em questão aparenta ter uma origem no Heládico Médio, inicialmente vinculado com uma área de prestígio para enterramentos aristocráticos, característica que irá se projetar nas narrativas construídas por seus usos posteriores. Durante o sinecismo de Corinto, o desenvolvimento cerâmico e comercial está bem marcado nas no material votivo associado a um número crescente de sarcófagos que aparentam exibir alguma ligação familiar, embora não se possa afirmar exatamente qual sua natureza.

Parte 2 . A produção cerâmica e o desenvolvimento econômico e político de Corinto

A produção cerâmica de Corinto foi extremamente importante para o desenvolvimento da cidade, situando-a, especialmente entre o final do século VIII e todo o VII , como uma das mais ativas pólis nas trocas mediterrânicas. Inicialmente ligada aos padrões geométricos atenienses já no século VIII

iniciou um trajetória própria e por volta de 720 a.C. inspira-se na produção artística da área jônia e médio oriental e dá início ao fabrico de vasos pintados no chamado posteriormente de “estilo orientalizante”. (Thomas e Conant, 1999: 127-129).

A evidência cerâmica obtida ao redor da Coríntia é amplamente variada e substancial, refletindo as interações econômicas do desenvolvimento da região. As oficinas coríntias, como vimos, instalaram-se no “Quartirão dos Ceramistas”, atendendo ao que parece ser uma demanda cada vez mais intensa, e exportando seus produtos de forma crescente.

Assim, em resumo, no período geométrico, sua produção se orienta não apenas ao consumo doméstico, sendo também pensada - se bem que em pequena escala - para o mercado externo. Anteriormente a 800 a.C., atende `as necessidades das vilas da Coríntia, do Ismo e de Mégara; a partir de 750, seus produtos são encontrados também em Delfos, Ítaca e na região do golfo, implicando atividade marítima. A área de exportação aumenta expressivamente até 700, incluindo Messênia, Esmirna Antiga na Ásia Menor, Corcíra e Dodona no sudoeste do Peloponeso, o sul da Itália e a Sicília. A fundação de Siracusa e o domínio sobre a Corcíra solidificam sua expansão como produtora de cerâmica de alta qualidade. (THOMAS E CONANT, 1999). Sua esfera de ação só se retrai a partir de 575 a.C., quando começa a perder espaço aos produtos atenienses, dentro, aliás, de seu próprio mercado interno.

É importante apontar que a cerâmica coríntia foi muito estudada e acabou por se constituir “a base das cronologias arqueológicas para o fim do século VIII, século VII e a primeira metade do VI. Trata-se sobretudo dos

estilos do coríntio geométrico médio (antes de 750) e recente (750-720), depois do protocoríntio antigo (720-690) e finalmente dos estilos do coríntio antigo (620-600), médio (600-575) e recente (575-550)". (GRAS, 1998: 50)

Os padrões materiais relacionados a essas expansões são usualmente identificados tipologicamente através do "grupo de Thapsos" aglutinado por Coldstream (1968, 102-104). Peça especialmente típica neste grupo será o aríbalo globular, relacionado ao comércio com o oriente, e sendo usado como continente de perfume e óleo, se tornando a mercadoria preferencial de exportação. Outras especializações dessa forma surgem, incluindo ovóides, pontadiços, etc, alteração de forma que ocorre juntamente com o estilo linear, abrindo caminhos de inovação.

O estilo orientalizante e a técnica de figuras negras com detalhes incisos se torna regular ao redor de 700 a.C. (RISSER, 2003), talvez em resposta as técnicas de trabalho com metal. Formas como a píxide e vasos em anel são adotadas do oriente e, ao redor de 650 a forma do alabastro começa a ocupar maior importância. Sua adoção provavelmente se conecta a novas exportações Coríntias, incluindo óleo de oliva. Se de fato esta forma cerâmica é a evidência de maior venda de azeite por parte de Corinto, também aponta para um cenário comercial mais ativo: as necessidades primárias de importação agrária poderiam estar sendo supridas em alguma escala pelas fundações siciliotas, permitindo que a área agrária de Corinto se especialize em oliveiras. A concomitante ausência de ânforas aponta entretanto para uma produção de vinho limitada ao consumo interno, não nos permitindo ter certeza sobre a situação comercial.

Formas cerâmicas especificamente coríntias incluem refinamentos do kótyle, da enócoa e do esquifo pela escala que se encontram presentes nas exportações adquiriram popularidade no exterior. Tal ênfase realmente aparenta se adequar a venda externa, uma vez que no tocante a produção interna a situação de predileção de formas aparece inversa: vasos específicos como os para conter óleos de alta qualidade não perfaziam parte significativa do consumo, nem mesmo como dedicação funerária. Suas decorações também tendem a uma maior simplicidade.

A partir de 650, a situação interna se altera, com a aparição do bairro ceramista e dos indícios de consumo interno expandido obtidos através do registro cerâmico do cemitério norte, mas de forma lenta e incompleta – gradualmente o “gosto” Coríntio parece estar se tornando mais similar ao externo, talvez sugerindo maiores contatos culturais com estrangeiros.

De 625 a 575 a.C. algo comparável a uma “produção em massa” pode ser percebido nas oficinas de Corinto, adotando formas de decoração derivadas dos trabalhos com tecido, apresentando iconôgrafias como o leão assírio, rosetas sólidas, palmeiras e florais. Representações de guerreiros, banquetes e criaturas fantásticas também ganham espaço perto do final da influência da exportação Coríntia, com a produção ode Atenas tomando seu espaço.

Causas para esta perda de espaço podem incluir a maior independência e autossuficiência de produção obtida pelas oficinas das colônias, o que leva a uma dificuldade de manutenção do padrão de qualidade na competição das oficinas coríntias.

1. O Estilo Cerâmico Coríntio: Do Geométrico ao Arcaico

A quantidade de material cerâmico Coríntio resgatado do período Geométrico tardio no mundo Grego é bastante pronunciada, atingindo por exemplo a região da Anatólia e até Sardis, em um contraste marcado para com a cerâmica Geométrica Ateniense, razoavelmente circunscrita no interior da Ática. Adicionando ímpeto a sua larga distribuição, o espaço colonial parece também consumir material Coríntio em quantidade – Siracusa, Pithekoussai, Sicília e Magna Grécia.

A sistematização de uma taxonomia sobre a cerâmica Proto-Coríntia derivada de material escavado bem registrado se inicia com a direção de sítio de Williams, que compila alguns dos atributos guia propostos para este primeiro material (mais tarde apresentada em síntese em Williams, 1983). Partindo de uma comparação ao trabalho ceramista conhecido em Atenas e Argos, o autor verifica algumas das mesmas tendências iniciais, como a presença campos decorados por losangos entremeados e rosetas em sol (às vezes também descritas como “decorações em estrela”), datáveis de depósitos do século VIII. Será comum que tais decorações tomem dois campos decorativos no vaso, por vezes um na posição reversa do outro, com personagens animais infreqüentemente retratados e raras tentativas de utilizar a forma humana. Nas poucas tentativas de capturar a forma humana usualmente se emprega um traço com forte influência visual argiva, incluindo, por exemplo a predileção por temas tradicionalmente interpretados como retratações de gêmeos mitológicos, como os Dióscuros.

O estilo coríntio, no entanto, não será apenas um de captação de influências externas. Fundamental para estabelecer uma cronologia particularmente Coríntia, as mudanças do formato do Kótile são as balizas de comparação para as variações do nascimento de uma decoração tipicamente Coríntia. Partindo de uma forma baixa, arredondada e hemisférica que Coldstream (1968) atribui ao Geométrico Médio II, associada a grandes campos de cor sólida no vaso, contrastados por uma banda decorada de ângulos repetidos paralelamente até uma forma mais funda, típica do Geométrico tardio, com linhas decorativas entrecortando diretamente os campos sólidos.

1.2. O Estilo Coríntio no Arcaico: O “Convencionalizante”

Ao se adentrar no século VI, algumas imagens e ideias são mais imediatamente invocadas pela literatura arqueológica para a caracterização da cerâmica Coríntia do Arcaico, especialmente denotando-a como uma gama de produtos de luxo com alta qualidade de pintura. As taxonomias mais utilizadas de formas tipicamente Coríntias se focam primariamente no material de alta qualidade e grande rigor formal (a chamada “fineware”), estabelecendo um fluxo de produção de cerâmica pintada do final do século VIII até meados do VI, no qual a técnica de figuras vermelhas tem uma importância central, fornecendo um produto competitivo contra a esfera de influência da cerâmica Ateniense.

Dificuldades existem, no entanto, em precisar exatamente em atrelar variações de decoração às variações de cronologia propriamente

caracterizada. A primeira construção teórica de fundo cronológico é a categoria de “Coríntio Tardio II” proposta por Payne (1931) para descrever materiais de meados do século VI até o período Helenístico, posteriormente encurtado pela interpolação por Jenkins (1931-1932) de um “Coríntio Tardio” dividido em quatro fases ao invés de apenas duas, das quais apenas I e II trabalhariam com a metade do século VI, enquanto o período Clássico seria o ponto de início da fase III. Vale notar que esta subdivisão não se realiza sobre o material cerâmico, mas depende por sua vez da análise de objetos em terracota e formas esculpidas associadas a estes contextos, gerando uma classificação mista, sem uma correspondência morfológica direta nos critérios de decoração dos vasos estudados.

Na tentativa de retornar um critério morfológico-cronológico mais fechado, Stilwell e Benson conduzem uma análise do material recuperado do bairro dos ceramistas para subdividir o “Coríntio Tardio II” de Jenkins. Neste ponto, as divisões teóricas centrais do material estudado dividem as peças “Orientalizantes”, as de “Decoração Figurativa” e as de “Decoração Linear”, assim como as peças que seguem aquilo que Stilwell nomeará de “Estilo Convencionalizante” (apresentado em síntese por Risser, (2000) interpretada como um produto de consumo interno.

Os materiais desta última categoria seriam trabalhados predominantemente sobre um verniz negro com detalhes em vermelho. Horizontes de tarjas, listras ou bandas múltiplas, por vezes estreitas são motivos comuns nestas peças dos meados do século VI, assim como o são temas abstratos ou florais. Uma forte continuidade pode ser percebida entre a caracterização deste tipo e os desenvolvimentos do período Geométrico, e de

fato pode ser imaginado como a consequência do deslocamento de motivos antes relegados à decoração pequenas zonas da superfície do vaso se expandindo em novas possibilidades visuais. As formas cerâmicas mais comuns para esse tipo de experimentação serão as píxides, kótilis, lecânides, enóquias e pratos, formas estas descendentes daquelas mais utilizadas pela cerâmica de figuras negras.

Vários destes objetos “Convencionalizantes” serão empregados como votivos, adotando dimensões um pouco menores do que o usual. Os exemplos mais recuados deste estilo estão no chamado “Grupo de Winchester”, identificado já na obra de Payne e discutidamente atribuídos a um único ateliê. Elementos de decoração consistindo em bandas horizontais côncavas se projetando em relevo são comuns, assim como motivos utilizando meandros, pétalas e ângulos seriados, por vezes entremeados com rosetas ponteadas. Estes marcadores de estilo iniciais não se preservam nos estilos posteriores, que irão se dividir em aproximações de variada complexidade à decoração do vaso. As soluções mais simples, como a alternância de linhas finas e grandes campos de cor profunda serão comuns pelos próximos dois séculos, mas também se inaugurarão novos motivos visuais, incluindo o meandro encadeado, a gavinha e a palmeta, inicialmente em um arranjo fortemente horizontalizado que, com o tempo, irá se tornar mais dinâmico e fluído.

Variações na forma dos vasos irão também ser perceptíveis. Partindo dos meados do século VI, as kótilis possuem corpos arredondados em seu fundo, subindo bruscamente quase verticalmente até suas bordas que irão cada vez mais tender a formas mais estreitas e mais cônicas, com a retração

do fundo arredondado. Inovações como enóquias com fundos côncavos e o surgimento do “*thymiatherion*”, ou queimador de incenso com elaborado trabalho em torneado serão perceptíveis neste momento. A esta variação de formas se soma também uma condizente variação de campos pictóricos no vaso, agora não mais limitados a estaticamente reproduzir mesmas extensões de um motivo fixo, se tornando independentes, usualmente com uma zona central mais ampla privilegiada tematicamente. Os campos de decoração simples por coloração profunda se tornam mais raros.

As cenas pintadas nestas peças favorecem figuras humanas e divindades, e talvez sua ocorrência mais característica dentro do estilo “Convencionalizante” seja no “Grupo Sam Wide” (por vezes chamado de “Haloan Ware” na literatura, como em Herber,(1977), um conjunto de pequenas formas como píxides, cálices, “*phialai*” e pequenos pratos. Inicialmente interpretados como importações beócias, as peças deste grupo foram encontradas primariamente no bairro ceramista e em depósitos votivos do santuário de Demetér. Algumas interpretações sugerem uma aproximação deste estilo aos traços gerais da retratação de personagens no estilo das “Figuras Vermelhas” ateniense, embora traços de outras influências externas sejam perceptíveis, como no uso de faces em perfil e serpentes na decoração do fundo de formas abertas, recurso visual comum na produção cerâmica de Spina.

O final do século V será o período de consolidação das “Figuras Vermelhas” em Corinto, refletindo a crescente importância da cerâmica Ateniense, mas retendo ainda alguns elementos característicos do grupo Wide como pés decorados em anéis. De fato, até o período clássico, o estilo

Wide e as importações atenienses coexistem ao menos em alguma medida dentro de Corinto, com o aparecimento de uma vertente do grupo Wide tentando especificamente simular as figuras vermelhas, mas ainda mesclando elementos de sua linguagem própria.

i.3. Não Apenas Vasos: O Desenvolvimento da Coroplástica

A produção de figuras e peças em terracota em Corinto é uma das maiores em todo mundo grego. Tradicionalmente, a teoria arqueológica atrela esta propensão às preferências da prática de culto coríntia, inclusive caracterizando a cultura material de vários santuários pelos seus objetos em terracota. Um motivo mais proverbial está também presente e ao menos se soma ao anterior no fato de que a argila da região é bastante adequada para este tipo de trabalho, podendo receber os rigores de um acabamento complexo e detalhado.

Pequenas figuras representando mulheres e animais são comuns na Coríntia desde o neolítico, e de fato este é um dos espaços gregos que primeiro adotam a técnica de moldagem, talvez através de contatos com o Próximo Oriente via o Mediterrâneo. Estes contatos talvez forneçam também um primeiro antecedente a futura prática de dedicações de figuras em cultos á fertilidade, como *ex votos* e em ritos de passagem.

As influências micênicas serão também sentidas durante o desenvolvimento dos princípios da coroplástica Coríntia através de figuras femininas com os típicos corpos em phi e psi, mas que retém a face estilizada e semelhante a um pássaro encontrada nos exemplos de moldagem

neolíticos. As técnicas de moldagem manual nunca são de todo abandonadas pela indústria Coríntia, sendo mantidas mesmo a partir do século VII, quando o uso de moldes se torna comum, e de fato adentrando até o período Clássico. Estas moldagens manuais crescem em complexidade até incorporar confecções em duas partes, com a cabeça da figura sendo moldada separadamente.

Em termos geográficos, as mais antigas figuras da Coríntia são encontradas em Korakou, mas estão completamente ausentes dos registros materiais das tumbas do geométrico (Stillwell, A.N., *The Potters Quarter: The Terracotas, Corinth*, Vol XV, Part II, 1952). De fato, um fenômeno curioso se dá na distribuição destas figuras – a Coríntia possui exemplos muito antigos de moldagem que subitamente desaparecem durante o IX e VIII séculos, momento em que são comuns pelo resto do espaço Grego, subitamente reaparecendo no século VII e a partir deste ponto tomando grande quantidade mais tardiamente.

As peças do século VII são usualmente interpretadas como resultando diretamente do ímpeto proveniente da formação de novos cultos, e alguns dos exemplos mais antigos com datação bem conhecida provém do Heroon vizinho ao Fórum. Tratam-se de figuras de cavaleiros com detalhes pintados, que posteriormente se tornam populares em depósitos do santuário de Demetér e que podem ser percebidos nas oficinas do bairro ceramista, ocorrendo também em um contexto incerto na Isthmia.

O próximo grupo de objetos a tomar atenção na listagem do desenvolvimento coroplástico é uma coleção de cerca de vinte figuras depositas em Perachora em um estrato datável da metade do século VII,

aparentemente especificamente para o culto de Hera segundo a interpretação de Merker (*The Sanctuary of Demeter and Kore: Terracotta Figurines, Corinth Vol18, Part 4*, 2000). Outros tipos de votivo em terracota incluem relevos, presentes já no bairro ceramista e em Perachora, evidenciando marcas de molde e de uma pequena produção seriada.

Os dados mais confiáveis para a produção realizada no período Arcaico em si estão preservados no bairro ceramista, graças a um terremoto que faz este setor ser abandonado em 320 a.C., mas curiosamente a infraestrutura recuperada nos níveis estratigráficos condizentes ao período adequado não aparentam produzir os mesmos tipos de acabamento conhecidos nos materiais amostrados. Isto leva a suposição de oficinas menores espalhadas pela Coríntia (onde, de fato, poderiam se utilizar da mesma matéria prima) possivelmente inclusive em competição com as oficinas da área urbana.

Quanto aos contextos de deposição temos relativamente poucos casos de uso em tumbas quando comparados a sua colocação como votivos – a quantidade de figuras dedicadas ao santuário de Demetér, por exemplo, chega aos 24.000, metade da totalidade da produção coríntia conhecida. Problemas interpretativos quanto à precisão de estilos de produção dificultam a cronologia destas peças, uma vez que exemplares aparentemente “rústicos” convivem com peças mais elaboradas. Não é incomum uma oficina de período clássico produzir tanto materiais em moldes detalhados quanto também peças mais simples e populares, realizadas manualmente.

Temos desta forma coleções que privilegiam mais a organização pela localidade de sua escavação do que por balizas temporais estritamente

claras. O *Heroon* já citado, por exemplo, abriga material que percorre toda a distância do século VII até o II. O estudo destas peças tenta mais usualmente então precisar quais tipos de atributos e morfologias são empregados em cada contexto diverso – por exemplo, diferenciando o culto ao herói do culto à fertilidade. Esta limitação, somada a provável existência de múltiplos centros de produção leva alguns autores a supor que os locais de culto poderiam também ser centros de produção coroplástica, e que venderiam seus produtos diretamente aos visitantes do santuário (*Perachora II*).

Mas, quais são as instalações físicas que abrigam esta produção cerâmica tão variada?

1.4. Evidências dos processos de fabricação : Voltando ao “ Bairro dos Ceramistas”.

Escavado primeiramente por Carpenter em 1928, o bairro ceramista se situa em um planalto ao norte de Acrocorinto em direção ao Golfo. Traços de sua localização em relação à muralha da cidade foram recuperados, situando o cerâmico no extremo oeste da cidade. Já durante primeiros esforços de mapeamento, a grande profusão de material coroplástico encontrado levantou curiosidade acerca do local, quase imediatamente identificado como uma localização fabril, sendo explorado e publicado a fundo por Agnes Stilwell durante os anos 1940 (Stillwell, *The Potters Quarter, Corinth* Vol XV Part I, 1948). Dos depósitos de material cerâmico registrados por Stilwell o chamado Poço Número 1 é aquele que condiz mais diretamente com o período estudado neste trabalho.

Encontrado sob uma das muralhas da fortificação do século V, o poço número 1 é datado em seu nível mais profundo por Stilwell como sendo aberto no século VII (*Corinth* Vol XV), seu sedimento foi considerado durante a escavação um único contexto desorganizado, abrigando material relativo à transição dos séculos VII e VI, indo de *circa* 620 até 570., com algumas poucas peças mais antigas misturadas entre as demais, com poucas amostras relativas ao Protocoríntio Médio I e Procoríntio Médio.

Cerca de 380 peças, incluindo tanto vasos quanto miniaturas, foram recuperadas deste depósito, em uma ampla gama de formas que inclui kótiles, kotile-píxides, taças, crateras, píxides, enócoas, olpes, várias formas de tampas, ânforas, anforiscos, pratos, aríbalos, alabastros, cótons e cálatos. Entre as peças decoradas algumas apresentam traços reconhecíveis de pintores individuais, com amostras do trabalho do “Pintor das Quimeras” (Amyx & Lawrence, 1966) e do “Pintor dos Medalhões” (*Corinth* XV). Estatisticamente, as formas mais dominantes entre as encontradas são a enócoa e o kótyle, com este último muitas vezes sendo decorado com um motivo animal, ou então em verniz negro com decoração linear. As enócoas, por sua vez, também apresentam uma propensão a múltiplos frisos retratando animais com uma forma distinta de pé afilado. As amostras de enóquoas decoradas em verniz negro com bandas geometrizes variam entre o pé afilado e uma versão mais ampla. Fragmentos aparentemente descartados, onde o verniz defeituosamente é realizado em vermelho também são encontrados.

Não existem restos de oficinas no bairro dos ceramistas que possam de alguma forma serem relacionados ao material aqui descrito, e de fato

nenhuma das estruturas sobreviventes aparenta remontar ao Arcaico – temos apenas o vislumbre de que esta área já se encontrava em uso neste momento graças a este depósito. Discutivelmente, em interpretação de escavação, Stilwell sugere duas estruturas, as “Construções Longas” norte e sul que poderiam estar associadas à venda de cerâmica, estando em um contexto mais claramente datável e apresentando uma quantidade significativa de restos cerâmicos relacionados (uma afirmação discordada por Amyx e Lawrence, 1996), o que configuraria um dos poucos contextos diretamente ligados ao poço número 1 – uma significativa distância em direção norte separa os dois, no entanto (Williams, 1984a).

Se as próprias ferramentas e formas dos ceramistas arcaicos de Corinto não nos restaram, o depósito do poço número 1 certamente ainda provém ao menos às marcas de sua presença e uso no bairro cerâmico arcaico. Vários fragmentos aparentam ser peças-teste para a verificação da temperatura dos fornos, com superfícies totalmente sem adornos, assim como ocorrem peças inacabadas, onde o traçado da pintura foi realizado, mas ainda não inciso.

A decoração dos kótyles com frisos animais também nos fornece um indício sobre possíveis oficinas arcaicas. Certos traços e peculiaridades de se repetem, permitindo supor proximidades entre estas peças. Dentre esta forma, cerca de 40 peças inteiras e 60 fragmentos são realizados em um estilo de decoração bastante simples e com pouco rigor formal em sua confecção, sugerindo fabricação em alta quantidade. Os animais representados neles aparecem em trios, com panteras e bodes sendo

recorrentes, mas também com alguns exemplos de aves, javalis, corças e felinos.

Este tipo específico de kótile, chamada de “Esquifo Policromo” por Benson (1954) é também bastante comum no espaço colonial, incluindo na Sicília. Se tomarmos esta categoria como um espaço amostral, veremos que nove destas peças são atribuídas por Benson a um único pintor, utilizando-se da caracterização dos animais desenhados: uma linha característica cruza a testa dos grandes felinos, dando a impressão de um predador atacando. Cinco delas provém do poço I em Corinto, uma em Taranto, uma em Sicione e duas delas não possuem procedência clara.

Brownlee (1996) propõe utilizar-se destes desenhos de felinos característicos para entrecruzar outros traços potencialmente característicos deste pintor, identificando também peculiaridades na retratação de bovinos e, talvez mais importante, um tipo distintivo de decoração pontilhada nas extremidades dos campos decorados, categorizando assim um proposto “Pintor KP-14”, nomeado pelo código de catálogo da peça utilizada em sua identificação. Novas atribuições a esta mão são então propostas pela autora, muitas delas ocorrendo em contextos estrangeiros, sugerindo talvez uma produção também voltada – ao menos em parte – para a exportação entre o material presente no poço número I.

Reforçando este argumento de possível produção dirigida ao estrangeiro, Benson (1983) identifica também três kótyles da coleção do poço número I a outro pintor específico KP-64, cujos repetidos traços curvos nas júbas dos felinos pintados, assim como com sua propensão a preencher todo espaço em branco com rosetas com detalhes incisivos são bastante notáveis.

Cerca de 30 dos fragmentos parciais encontrados no poço número são propostos por Brownlee como pertencendo a este pintor, e Benson atribui também outras quatro kótyles em território externo ao ceramista – uma produção numerosa está presente em Corinto, mas seriam os exemplares exteriores uma indicação de trocas externas? De qualquer forma, é um ponto importante que as kótyles do poço I sejam tão conexas entre si, a ponto de possibilitarem identificações de pintores individuais, e que estejam tão cronologicamente relacionadas sem que, no entanto, seja possível refletir nesse depósito os materiais presentes nos depósitos Arcaicos relacionados às fases construtivas resgatas na estrutura urbana de Corinto.

Em relação às enócoas recuperadas deste depósito, temos que nenhum dos exemplares possuindo motivos animais foi encontrado inteiro, e de fato a maioria das peças nesta forma em particular se encontra fragmentada. A ausência de marcas clara de junção nas peças sugere que elas tenham sido depositadas desta forma. Os detalhes da decoração pintada também são mais precisos e melhor trabalhados e muito mais heterogêneos entre si, sugerindo múltiplos pintores.

A atribuição mais bem aceita a um grupo de peças desta coleção é aquela estabelecida por Stilwell quanto ao proposto “Pintor do S reverso”, mencionando seu característico sistema de decoração que utiliza um friso inferior com linhas sinuosas repetidas na forma de, precisamente, um “s reverso”. Seis fragmentos e um vaso são assim relacionados, bem como uma píxide côncava encontrada na “Construção Longa” sul, bem como alguns dos fragmentos com queima incorreta. O mesmo tipo de decoração é atestado em um depósito de cronologia apropriada em Rodes por Amyx e

Lawrence, que nomeiam a peça como sendo do “Pintor de Macri Langoni”, em um debate ainda inconcluso – Brownlee defende que ambos sejam na verdade o mesmo, o que significaria que a extensa lista de ocorrência de material no estilo de “Macri Langoni” estabeleceria ampla circulação às enocóas arcaicas do poço I.

Os materiais restantes não possuem uma relação clara entre si, mas que dividem alguns traços básicos do trabalho do dito “Pintor de Geladakis”, cujo estilo é discernível em alguns materiais resgatados do Cemitério Norte, ocorrendo primariamente nos fragmentos com motivos animais e em um número grande o suficiente para se supor que uma oficina empregando este pintor, ou um discípulo dentro de sua tradição, estivesse presente no bairro cerâmico Arcaico.

De fato, a hipótese de um discípulo ou de um grupo de discípulos deste pintor é a mais provável se tomarmos em conta os 54 fragmentos entre o material com “traços Geladakianos” recuperado do poço I que possuem um distinto tipo de roseta constituído por estrela ou asterisco inciso ao redor de uma pequena gota, ausente nos outros exemplares. Tal peculiaridade aponta um pintor com seu estilo próprio operando dentro dos padrões de uma “escola Geladakiana”, possuindo grande semelhança com o material recuperado em fases Arcaicas de Anaploga.

Conclusões parciais : Um Padrão Coríntio Arcaico?

Assim, em conclusão à este primeiro capítulo, nos perguntamos como a cultura material e as demais evidência escavadas podem sugerir uma contextualização para a manifestação do poder político na Corinto do período Arcaico. Usando-se como base interpretativa as tradições e documentações escritas é possível se afirmar que um caráter fortemente oligárquico está presentes em momentos chave da formação política desta polis, em uma tendência que aparentemente se mantém em sua estrutura física e ordem política posterior.

Entre as estruturas preservadas temos um grande número de construções devotadas ao uso religioso, sendo bem marcada a fase de transição dos cultos formativos e locais para com um “culto Olímpico”, mais estruturado e centralizado. Apolo e Demeter parecem ser duas divindades especialmente importantes no cenário religioso da cidade, assim como parece se perpetuar o espaço religioso como uma arena de competição e atuação política: os vários salões de banquete são condizentes com uma ideologia oligárquica, na qual o consumo conspícuo e a exibição de objetos prestigiosos é favorecida. A grande continuidade em termos de espaço dos santuários geométricos para com os Arcaicos é também notável, sugerindo um discurso legitimizante fundamentado em identidades tradicionais. Este mesmo tipo de narrativa pode ser presumido também nas tumbas do cemitério norte, com suas aglutinações familiares e resgates à fases anteriores, que irão inclusive se estender para o período Clássico e até mesmo à Remodelação Romana. Os propostos heroons seriam outra

corroboração desta tendência, completando um cenário religioso que argumentamos ser tipicamente Coríntio – neste aspecto a comparação com a experiência Siracusana será de interesse, uma vez que o movimento de *Apoikia* é realizado ainda quando esta articulação se encontra em processo de consolidação, possibilitando grandes dissimilaridades. Demetér, divindade cujo santuário já apresenta considerável extensão quando da partida dos fundadores Siracusanos poderá, no entanto, se caracterizar como um elemento de união entre tradições diversas mas relacionadas.

Embasando nossa proposta “urbanização oligárquica” está uma significativa estrutura voltada para o contato com o exterior. Marcas de diálogo e interação entre Corinto e seus vizinhos são perceptíveis, especialmente com Mégara, embora esta atribuição possa ser em alguma medida contestável. Os santuários extra urbanos poderiam sugerir contatos entre elites e negociações de legitimidade. Reforçando este quadro está, sobretudo o grande desenvolvimento Cerâmico. De fato, em um certo sentido o que nos resta da Corinto Arcaica poderia ser vista muito mais como uma “realidade cerâmica” do que como um espaço construído preservado – poucas ruínas bem preservadas podem ser atribuídas ao período, mas um número significativo de contextos da cidade do século VI são identificáveis graças à depósitos deste material.

O que a cerâmica Coríntia nos apresenta é um cenário de significativas trocas com o exterior, perseguidas com ímpeto – neste sentido, o “Poço Número I” e o Cemitério Norte nos fornecem princípios interpretativos para situar importantes estilos e até mesmos “escolas” de pintores e seus

discípulos produzindo em Corinto, mesmo que o Bairro Ceramista só possa nos fornecer evidências indiretas destes esforços.

Quanto ao desenvolvimento urbanístico, pouco na Corinto Arcaica pode ser interpretado como uma expansão planejada, com o espaço residencial sendo erguido conforme a necessidade prática, muitas vezes em fases que se alteram significativamente. Mais bem estruturados são os mecanismos de administração dos recursos hídricos que, embora apresentem leves evidências de alterações oportunísticas ou em resposta a problemas objetivos, carrega em si um plano central bem delimitado. Tal articulação parece condizente com estrutura de uma pólis oligarco-comercial, garantindo sua caracterização como um porto de interesse imediato e permitindo um alcance considerável à sua esfera de influência.

Argumentamos também que este padrão oligárquico seria refletido em uma baixa incidência de estruturas claramente voltadas para o ideal público, talvez com o poder público sendo exercido de forma mais avizinhada aos cargos pessoais do que materializado como uma instituição coletiva. Novamente, um caráter comercial aparenta ocorrer neste campo, uma vez que os traços do magistrado restantes na cultura material Arcaica de Corinto se relacionam de forma direta a taxaço e à troca de produtos, com peças voltadas à medição e ao registro.

Capítulo II : Siracusa como fundação arcaica coríntia: entre a estruturação da *ásty* e a expansão da *khóra*.

1. Os primeiros tempos

Figura 22 – Corinto em relação a Siracusa: Assumindo-se uma navegação costeira como comum ao período, navegando da Grécia, via Córcora, Crótona e Lócrida, o percurso abrangeria pouco mais de 1200 quilômetros (Suzanne, 1998)

A chegada dos imigrantes gregos nas terras da Sicília no século VIII representa, na verdade, uma retomada de contatos que eram frequentes desde época micênica entre as duas áreas, mas adquire, neste momento, um significado novo: são, agora, fundações, assentamentos permanentes, as chamadas *apoikias*, “as casas longe de casa” em grego.

Assim, no momento da chegada dos coríntios a área escolhida, no sudeste da ilha era já ocupada por populações não gregas, chamadas pela bibliografia de *indígenas*⁵. A Sicília apresenta um histórico de ocupação que remonta ao Paleolítico (LEIGHTON, 1999:21). No VI milênio – correspondente ao início do Neolítico siciliano⁶ – aparecem artefatos de cerâmica e de pedra, a agricultura e pecuária estão presentes e a população cresce: os arqueólogos identificam o surgimento da chamada cultura de “Stentinello”, nome do sítio situado nos arredores de Siracusa que é emblemático desta cultura. As aldeias, na área siracusana, eram cercadas por valas escavadas no solo; no caso do sítio mesmo de Stentinello havia, além da vala uma paliçada cercando uma área de 253 por 237 m ocupada por casas retangulares. Os vestígios materiais das aldeias “Stentinello” são ainda insuficientes para que se possa afirmar algo sobre a sua organização social.

Os arqueólogos avaliam, por volta dos anos 2500, sinais de uma nova fase no processo de ocupação do espaço da Sicília a que denominam “Castelucciana” por conta do sítio Castelluccio, escavado por Paolo Orsi ainda no século 19. Para os arqueólogos estas inovações sinalizam o início da Idade do Bronze na região. As aldeias “castellucianas” apresentam cabanas em forma circular que são assentadas em fundações de pedra. A arquitetura funerária é complexa – com pórticos – e há uma incipiente especialização do espaço funerário. Outro elemento a destacar no arranjo espacial destes

5

O termo “indígena” é recorrente na bibliografia mas não dá conta da intensa movimentação de povos entre a Itália do Sul e Sicília que foi responsável pelo assentamento dos séculos na área depois denominada “siracusana”. Feita a ressalva, o uso será em itálico como também grafamos os termos “colônia” e “colonização”.

6 Holloway (1991: 10) propõe a seguinte cronologia: Neolítico *Inicial*, VI milênio; *Médio*, V milênio e *Tardio*, início e metade do IV milênio

grupos é a presença de muros cercando os assentamentos: é o caso de Melilli , sítio localizado ao norte de Siracusa que apresenta as marcas de largos muros (3 m) e até torres circulares. O carácter defensivo destas estruturas é claro e , por outro lado, pode indicar uma forma embrionária de poder .

A investigação arqueológica vem propondo que a organização das sociedades siciliotas da Idade do Bronze poderia ser caracterizada como de tipo “chefia” : os dados materiais indicariam uma estratificação social e existência de uma elite com elementos guerreiros e exercício de uma forma incipiente de poder. Nas palavras de Leighton:

Sugere-se que as sociedades da Idade do Ferro eram de estrutura menos hierárquicas do que as da Idade do Bronze Média e Tardia. Parece ter havido um movimento de saída do ambiente “ proto urbano” com comunidades estratificadas e centralizadas características dos complexos Tapsos- Pantalica Norte ⁷que podem ser descritas como chefias em desenvolvimento para grupos tribais descentralizados em aldeias com estruturas sociais mais igualitárias, representadas pelo sítios ausonianos mais tardios. Isto nos relembra que as mudanças sociais na pré-história podem ser cíclicas e que um arranjo em chafia não necessariamente leva a um estado incipiente. (LEIGHTON, 1996: 101)

Na Idade do Ferro Inicial que, na Sicília , se inicia por volta do séc. IX teria surgido, então, uma sociedade mais igualitária, de tipo “tribal” , no registro arqueológico. A análise dos enterramentos de sítios como Cassibile , Dessueri, Mullino della Badia dentre outros denotaria uma retração em relação ao consumo conspícuo observado nas tumbas do período Tapsos-Pantalica Norte.(LEIGHTON, 1996:110;2000:18-19). LEIGHTON (1996;2000)

⁷ Neste texto, Leighton define cronologicamente a passagem da época do Bronze para a Idade do Ferro na Sicília em função da transição dos períodos “ Tapsos- Pantalica Norte” – secs. XIV a XI – para o Ausoniano II- III e Cassibile : sécs. X – VIII. (1996:101)

interpreta esta mudança, caracterizada por redefinições nas áreas social, econômica e política, em relação com as profundas mudanças do Mediterrâneo Oriental por volta de 1200, quando as redes internacionais de trocas sofrem uma interrupção após o colapso do sistema palacial micênico. Com o refluxo nos contatos nesta área, os vestígios arqueológicos indicam uma reaproximação com as redes ocidentais assentadas em rotas que ligavam o sul da Península Itálica, as Ilhas Líparis e a Sicília.

A cultura denominada pelos arqueólogos de “ Pantalica Sul” (900-734, LEIGHTON 2000) representa o modo de vida das populações locais quando das primeiras incursões dos gregos pelo sudeste da Sicília. Pelos achados arqueológicos se recupera uma sociedade bastante próxima dos gregos que estão chegando: em um rápido relato, constata-se aldeias com conjuntos de habitações ou casas individuais mas sem uma divisão do terreno em lotes regulares; algumas casas são grandes (18.75 x 4.25 m em Morgantina), muros a meia altura em pedra e cobertura de madeira, palha; bancos baixos rentes às paredes e áreas para cozinha e estocagem; cerâmica torneada em varias formas, utensílios de tecelagem; há indícios de áreas sagradas (Polizzello); a produção metalúrgica é importante. (LEIGHTON, 2000:29-40 apresenta um quadro sintético da arquitetura doméstica nos sítios *indígenas* do séc. IX ao VI)

As escavações arqueológicas em Siracusa podem ter como marco fundador o trabalho de Paolo Orsi no final do séc. XIX início do XX e que posteriormente foi encampado pelas equipes de arqueólogos italianos vinculados às *Soprintendenze* arqueológicas . A primeira publicação de Orsi sobre a área siracusana vem a público em 1895, no periódico *Notizie*

degli Scavi di Antichità, (Atti Della Accademia Nazionale Dei Lincei) e relatava as campanhas de junho, novembro e dezembro de 1893 realizadas na Necrópole do Fusco, o mais antigo cemitério siracusano. Os resultados das escavações realizadas em Siracusa, como ocorre na maioria dos sítios da Sicília, foram sendo publicadas sem regularidade e em variados periódicos o que dificulta sobremaneira a composição de quadros sistemáticos de dados. Vale lembrar que sobre a cidade antiga as ocupações se sucederam até os dias de hoje.

2. A fundação de Siracusa e sua implantação de Ortigia à área “continental”.

As fontes textuais – Tucídides, Estrabão - apontam a fundação de Siracusa pelo *oikista* coríntio Árquias . A notícia do historiador grego sobre a ocupação da Sicília é clara:

“ Os primeiros helenos que navegaram para lá foram os calcídicos da Eubéia; eles colonizaram Naxos, tendo Tucles como fundador.....No ano seguinte Siracusa foi fundada por Árquias , um dos Heráclidas de Corinto, depois de haver expulso os sículos da então ilha que hoje não é mais cercada de água, na qual atualmente existe a cidade inteira; em época posterior a cidade externa foi ligada a ela por suas muralhas, e se tornou muito populosa.” (6.3.2, na tração de Kury, 1982).

A data da fundação ,de acordo com Tucídides, possivelmente baseado em Antíoco de Siracusa, seria 733/2 (V. Discussão em FISCHER-HANSEN et. alii , 2004 : 225). Pouco tempo depois de sua instalação em Ortigia, os siracusanos expandem o seu território para o sudoeste fundando Heloro (final do séc. VIII), para o interior, com Akrai(, para oeste, com Casmene e, no litoral sul, com Camarina (598).

Como nos relata Tucídides e os vestígios arqueológicos confirmam, os coríntios se fixaram inicialmente na pequena ilha de Ortígia e na área em frente, Acradina, espalhando-se em direção da futura necrópole do Fusco. Orsi recuperou, nos arredores do *Athenaion*, em Ortígia, vestígios de uma “camada sícula” entre as camadas arcaicas e o estrato rochoso. Os achados de edificações *indígenas* são muito pobres e esparsos: estruturas de fundação em pedra com bancos internos sinalizam construções redondas, alongadas ou elípticas ; sobrepõem-se a estes vestígios pequenas edificações quadradas (em geral 4 x 4 m)limitadas por uma estreita via que, poderia ser “ part of an embryonic town plan of the first Greek settlement” (LEIGHTON, 2000:34 e fig.3.8).

As semelhanças entre as primeiras construções dos gregos e os elementos da arquitetura domestica dos sículos são muitas, desde o uso de pedras rústicas para os muros de fundação , o banco longo acompanhando a parede , as superfícies melhor acabadas voltadas para fora , até a presença de lareira ou área de cozinha ao lado do banco . Estaríamos diante de uma assimilação , pelos gregos, de técnicas construtivas e arranjos espaciais dos sículos ? (LEIGHTON, 2000:35)

As escavações da área central de Ortígia – próxima ao futuro Templo Jônico – parece ter sido um dos núcleos iniciais de povoamento e tem uma grande extensão , se compararmos, por exemplo com os que encontramos em Mégara Hibléia, que, por sua vez, eram bem mais próximos.(DI VITA, 1996: 270).

Os primeiros imigrantes gregos logo perceberam que uma crista elevada do terreno cortava a ilhota de Ortígia de norte a sul constituindo-se em um eixo natural que articulava os núcleos de habitação espalhados e eles com a área “continental “ elevada do terreno cortava a ilhota de Ortígia de norte a sul constituindo-se em um eixo natural que articulava os núcleos de habitação espalhados e eles com a área “continental “ – a Acradina. (Para a expansão além da Ortígia vide figura 23) Perpendicular a este eixo natural os gregos instalaram as ruas transversais (*stenopoi*), medindo de 2.5 a 3 m de largura, no sentido leste-oeste. A escavação do *stenopos* 13 (o único

escavado em maior extensão) revelou as mais antigas habitações que remontam aos anos 700. (DE VITA, 1996).

Figura 23 – malha viária da Ortigia (adaptado de Basile, 2012)

Em relação ao espaço que teria abrigado a mais antiga ágora de Ortígia não há uma definição clara de sua localização, de toda forma seria possivelmente algum espaço entre o inacabado “ Templo Jônico” e o imediatamente vizinho templo erigido pelos tiranos Deinomênidas, o *Athenaion*, espalhando-se em direção do mar a partir da atual *Piazza del Duomo*. (FISCHER-HANSEN et alii , 2000:229 e DI VITA, 1996: 270). A ágora clássica vem sendo localizada na área sul de Acradina (atual Piazza Marconi e Foro Siracusano) embora ainda persista um debate sobre esta atribuição (FISCHER-HANSEN et alii , 2000:229).

Na ilha de Ortígia estão pelo menos três grandes templos: ao norte o *Apollonion*, dórico, datando provavelmente do final do século VII, o “ Templo Jônico” do final do VI, dedicado talvez a Ártemis; e o *Athenaion* , datado entre 480-470 (FISCHER-HANSEN et alii , 2000:229 Gabba e VALLET, 1980:666). Em Acradina, possivelmente haveria um santuário dedicado A Deméter e Perséfone na atual Piazza Victoria (GABBA-VALLET, 1980: 682) e um outro, arcaico, dedicado a Apolo na área de Temenites , logo acima do teatro. Vale mencionar o santuário “ suburbano “ de Zeus Olímpio (Diod. 10.28.1) a oeste do rio Anapos, cujas ruínas indicam um gigantesco templo dórico, datado do séc. VI. Finalmente, nos arredores da platô de Epípole haveria também um santuário “suburbano” dedicado a Ártemis. (FISCHER-HANSEN et alii , 2000:229). Adiante neste texto as áreas sagradas serão descritas com maior pormenor.

Nas encostas da Epípole foram encontrados vestígios de um teatro (GABBA- VALLET, 1985: 687) datado do período de governo de Hieron II (271-216) e que talvez tenham tido fases anteriores do período arcaico e clássico ; segundo as fontes escritas teria havido pelo menos uma fase anterior do séc. V : Ésquilo teria escrito para Hieron, em 476, a peça *Mulheres de Etna* ; Diodoro (13.94.1) refere-se a um teatro e Plutarco (*Timoleonte*, 43.3; 38.3) afirma que era ainda usado em 336 como *ekklesiaterion*.(FISCHER-HANSEN et alii , 2000:230).

Figura 24 – O Território Siracusano (Adaptado de Basile, 2012)

A maior parte do sítio antigo de Siracusa está encoberto pela cidade moderna, como já afirmamos. A paisagem natural destaca dois excelentes portos naturais, a baía de Ortígia e o Plemmyrion (atual Península de Maddalena), conectadas aos rios Anapo e Ciane. Seus cinco distritos, Ortígia, Neápolis, Epípole, Tyche e Acradina ganham com o tempo especializações urbanas próprias, respectivamente sendo o centro administrativo e político, o centro monumental, as fortificações e as duas principais áreas habitacionais e comerciais da cidade. Para DE VITA “O padrão subjacente ao tecido urbano da maior parte da Siracusa antiga é o sistema *kata komas*, ou seja, um aglomerado de aldeias “... e continua ...”

parece que as construções descobertas por Pelagatti na área depois ocupada pelo “Templo Jônico” a área da “Prefeitura” teriam sido parte de um destes núcleos nos quais os primeiros ocupantes se instalaram,,,” (1996: 270). O abastecimento de água é garantido pela Fonte Aretusa, outro importante fator na escolha do local de assentamento.

Figura 25 - Plano de vias em Siracusa e os edifícios Públicos (Instituto Geográfico De Agostini, 2002)

A colina da Epípole, por sua vez, tem uma fonte própria, e, ao final do século V, é ocupada exclusivamente pela fortificação de Eurialo, da qual permanecem traços de uma ponte levadiça e três trincheiras ligadas por túneis de comunicação, além de um conjunto de cisternas. Neápolis é o

próximo distrito bem conhecido, preservando um teatro do século III (citado acima) , além de um altar dedicado a Hieron II.

Figura 26: A Epípole em Relação à Siracusa (Instituto Geográfico De Agostini)

As necrópoles são documentadas durante este período de expansão urbana; situadas fora dos limites habitados temos a mais antiga, a do Fusco, localiza-se a oeste da concentração urbana; progressivamente vai se constituindo um arco de necrópoles cercando a cidade a partir da Tyche.

Siracusa fundou *colônias* desde o final do séc. VIII- início do VII, começando com Heloros; seguiram-se Akrai em 664, Kasmenai em 624 (Tuc. 6.5.2) e Kamarina em c. 598 (Tuc. 6.5.3). Os vestígios arqueológicos apontam para a precoce expansão siracusana da faixa costeira em direção da foz do rio Tellaro , importante via fluvial em direção de assentamentos sículos. A presença de cerâmica grega em tumbas *indígenas* datadas do séc. VIII atesta o contato e a demanda deste artefato já no séc. VIII. Os

siracusanos, a partir do séc VII se voltam para o oeste em direção do vale do Anapo. Nas palavras de Gabba- Vallet:

“ A fundação das subcolonias de Akrai (664) e de Kasmenai (624) significa o alcance de objetivos precisos, de natureza estratégico-militar , presença forte em um território a dominar e gerir sem perigo, só com o objetivo de controlar de maneira segura as comunidades montanhosas dos sículos e atingir por meio de um percurso mais rápido e seguro o núcleo orográfico de Monte Lauro” (1980: 661)

Para a sua ultima fundação os siracusanos também optam por uma foz de um rio , o Hippari, estabelecendo o limite com a pólis de Gela. A expansão para o norte esbarrava na barreira de Mégara Hibleia.

3. Siracusa e a formação de uma comunidade política : síntese histórica

As fontes textuais sobre os primeiros tempos de Siracusa, como Tucídides, não nos informam diretamente sobre a organização política da nova fundação. Possivelmente os recém-chegados traziam, de Corinto, a experiência de um governo oligárquico . A rápida expansão siracusana para o domínio de uma *khóra* agriculturável e , ao mesmo tempo para a implantação de “ postos avançados” de função defensiva e, sem dúvida também voltados `as trocas com os sículos sinalizam a existência de uma esfera de poder centralizado. As decisões sobre o avanço de Siracusa a partir do primeiro assentamento em Ortígia- Acradina possivelmente estariam nas mãos de uma camada de proprietários de terra nomeados *gamoroi* que exerceriam o poder sobre os *kyllirioi* – servos – e o demos, a população livre. Estes grupos aparecem mencionados em Tucídides, Aristóteles e Diodoro (V. (FISCHER-HANSEN et alii , 2000:226-227). Uma

das frequentes *staseis* que ocorreram em Siracusa teria resultado no afastamento dos *gamoroi* da cidade pelo demos e talvez, a fragilidade política instaurada teria favorecido a instalação, em 485, de Gelon, tirano de Gela, em terras siracusanas. A partir daí a história de Siracusa gira em torno das ações da família tirânica Deinomênida: Gelon (485-478/7), Hieron (478-466) e Trasíbulo (466/5). A mais importante fonte textual sobre os tiranos Deinomênidas é Diodoro Sículo que aponta, inclusive a existência de uma assembleia funcionando durante o governo de Gelon (Diod. 11.26.6).⁸ O final da tirania em Siracusa ocorre em 466/5 quando os siracusanos depõem Trasíbulo (Arist. **Pol.** 1312 . 10-16) com o apoio de forças das cidades de Gela, Agrigento e Himera. (Diod. 11.67-5-68.5).

Após a tomada de Siracusa por Gelon, tem início uma política de transferência compulsória de populações de outras cidades para lá: metade dos habitantes de Gela, os de Kamarina que receberam a cidadania siracusana os *pachees* (indivíduos da elite) de Mégara e da Eubéia (Herod. 7.156.2-3) e, segundo Diodoro (11.72.3) concedeu cidadania a 10 000 mercenários.

A área territorial em domínio dos siracusanos é estimada em aproximadamente 3000 a 5000 km² ; o tamanho da população é ainda desconhecido, nas diferentes fases deve ter variado muito, mas no séc. V Siracusa é considerada a maior cidade da Sicília (Tuc. 7.58.4). Os tiranos siciliotas destacaram-se em competições panhelênicas e projetaram seu poder via comissionamentos a poetas famosos com Píndaro de odes em seu louvor .(HIRATA, 2010; da HORA, 2013).

⁸ Na dissertação de mestrado de Juliana Figueira da Hora intitulada *A expansão urbanística de Siracusa nos séculos VI e V a. C.* MAE USP, 2013 há um levantamento sistemático das passagens de Diodoro relativas ao tiranos Deinomênidas .

A monumentalização arquitetônica promovida pelos Deinomênidas em Siracusa integrou, com certeza, estes projetos de representação política frente aos cidadãos siracusanos, `as demais pólis da Sicília e do mundo grego como um todo e sem dúvida frente `as populações não gregas: *indígenas* e fenícios principalmente.

4. A documentação arqueológica : as áreas sagradas

Tema natural para uma primeira avaliação do ordenamento espacial da cidade, as áreas sagradas monumentalizadas de Siracusa são um importante indicador de organização da capacidade de trabalho por uma autoridade centralizada – no caso, o poder das tiranias Deinomênidas. Vale ressaltar que os santuários siracusanos apresentam grande diacronicidade em suas fases de utilização, sofrendo sucessivas remodelações, inclusive se alterando conjuntamente com o clima político da cidade. Assim, tentaremos resgatar, quando possível, as principais estruturas com fases arcaicas bem conhecidas e comprovadas. É quase certo que muitas outras áreas sagradas menores e mais dispersas convivessem com estes esforços monumentalizados, mas sua posterior incorporação em estruturas posteriores dificulta afirmações claras sobre o panorama dos cultos siracusanos. Adotaremos uma postura então parcimoniosa, tendo em mente ser possível apenas uma visão parcial do cenário religioso da pólis icsiliota.

4.1. O *Apolonion* em Ortígia

Figura 27 – Planta geral do Templo de Apolo na Ortígia (Orsi, 1918)

Talvez o mais antigo exemplo de um templo dórico com uma colonada no mundo colonial Grego, o Templo de Apolo, tal qual o de Corinto, captura um momento chave no processo de monumentalização da arquitetura grega, mantendo as idiossincráticas continuidades para com o trabalho em madeira que caracterizam este fenômeno. Os elementos que subsistiram de sua fachada permitem se intentar uma reconstrução razoável de suas proporções.

Neste sentido, temos que as colunas se mostram bastante atarracadas e próximas entre si - uma pessoas entre elas com os braços abertos poderia facilmente tocar duas colunas diferentes, de forma bastante diversa dos cânones usais para este tipo de construção. O plano períptero exastilo mede cerca de 58 metros por 25 metros, sendo bastante similar com o do "Templo

C" de Selinonte, datado de circa 600 a.C.. Sua fachada leste possui uma inscrição parcialmente danificada, alvo de grande discussão e debate.

Apenas dois fragmentos desta inscrição possuem uma tradução usualmente bem aceita, correspondendo às partes mais diretamente legíveis desta inscrição. O primeiro fragmento coloca como a realização de "Kle[...]es, filho de Knidieides", tido como possivelmente Kleomenes. Após um conjunto de caracteres danificados, a segunda parte se completa com "estas colunas" e "belos feitos", fortalecendo a ideia de uma atribuição pessoal, talvez mencionando o próprio *epistates* do templo.

A reconstrução desta inscrição por Holloway, no entanto, ressalta um ponto interessante na escolha de palavras - Holloway sugere a leitura "Kleomenes, filho de Knidieides construiu (isto) à Apollo. E ele (o deus?) pousou suas mãos sobre as colunas; belos feitos estas são". O verbo utilizado é "*epoiese*" ("construiu", "fez") e não "*anetheken*" ("dedicou"), sugerindo que Kleomenes participou do projeto e da organização da construção, mas não arcou com suas despesas totais, mas apenas em sua reforma ou extensão com as colunas.

De fato, em Diodoro (8.11) temos outra menção interessante à qual seria a quais seriam as latitudes do poder pessoal do *epistates*. Neste fragmento, o autor menciona um construtor siracusano corrupto desviando materiais destinados ao templo para a construção de sua própria casa, bem como sua subsequente punição pública. Não se trata de um caso isolado dentro do panorama siciliota: outro personagem à abusar da posição de *epistates* é Fálaris em Agrigento (Aristóteles, *Pol*, 1310 b), que irá contratar um grupo de mercenários pessoais e lançar um golpe contra sua cidade. De

fato, existe na Sicília uma profusão de templos monumentalizados com inscrições nomeando possíveis epístates – nem sempre abusando de seus poderes juramentados, é claro - indicando um possível modelo local de relativização do poder políade ao poder pessoal: uma aproximação diversa da coríntia quanto a ideia de cargo público, que contém em si o conceito de campo de competição agonística, permitindo a competição entre famílias aristocráticas justamente através do exercício do cargo.

Disnmoor (1949) sugere uma influência Jônica nas dimensões deste templo, citando as já mencionadas colunas anômalas e o grandemente aumentado echinus dos capitéis, traçando uma comparação com o Templo de Zeus em Olímpia. Esta suposição permanece inconclusiva, mas se provada como real poderia dar nova importância aos único templo comprovadamente em estilo Jônio na cidade, o de Atena na Ortígia

4.2 . O Complexo do *Athenáion* Deinomênida na Ortígia: visão geral

Figura 28 – O Complexo do *Athenáion* (Voza, 1999)

Ao lado do conhecido *Athenaion*, aparecem vestígios de um templo em estilo jônico, exemplar único desta ordem entre os templos da Sicília, ponto que já denota um contraste e identidade própria entre Siracusa e Corinto. Este templo dedicado talvez a Ártemis é datado do final do século VI, e carrega consigo particularidades interessantes de estilo: as colunas apresentam sinais de terem sido abandonadas antes de sua finalização, sem

que o friso típico do estilo jônio (comum, por exemplo, na Ásia Menor) tivesse sido posicionado.

Não restam evidências claras sobre o motivo desta escolha construtiva tão única, mas Gelon, o primeiro Deinomênida, irá escolher a área imediatamente vizinha à este templo para erigir seu próprio monumento a Atena em 480 a.C. comemorando sua vitória sobre os Cartagineses e evidenciando o prestígio deste local e apropriando-se do santuário em nome dos Deinomênidas .

O templo de Gelon , por sua vez erigido em estilo dório, se estenderá até tomar o espaço do santuário mais antigo, de modo com que as estruturas construtivas restantes pertencem majoritariamente a sua fase, com os contextos mais antigos permanecendo apenas fragmentariamente. A totalidade deste complexo se encontra modernamente ainda mais alterada, parcialmente absorvida pela construção da Igreja do Duomo.

Ressaltamos existirem também evidências ainda mais antigas da utilização desta área, embora não em contexto religioso: os estratos mais antigo apresentam evidências do uso desta área como um setor residencial, apresentando os mesmos *oikoi* mononucleados comparáveis com os perceptíveis entre os fragmentos da malha viária.

4.2.1 Antecedentes do *Athenaion*: O Templo Arcaico Pré-Deinomênida

Encontrado em 1912, durante escavações conduzidas em Via Minerva, este é um edifício longo, orientando-se leste-oeste. Se conserva o ângulo sudoeste da construção por cerca de três metros e meio,

apresentando blocos de calcário arenítico. O estado de conservação deste edifício é bastante falha mas Orsi (1918) propõe um plano com a *naos in antis*, talvez distilo - a ideia geral é a de um templo estreito e longo. A datação arcaica sugerida pelo autor se baseia primariamente na técnica construtiva e no perfil estratigráfico da região. De fato, é possível se perceber alguns elementos arquitetônicos comuns da primeira metade do século VI, especialmente quando comparado ao altar de Atena, corroborando esta afirmativa (Orsi, 1918). Mas existiria uma continuidade de culto entre a fase inicial remota do templo e sua monumentalização Arcaica? Para tentarmos abordar esta questão o altar arcaico e seu depósito de materiais associados serão indícios importantes.

4.2.2 Evidência de um momento de transição de culto: o “Altar Arcaico”

Na campanha de escavação de 1912, Orsi encontra os restos de um altar retangular próximo ao *Athenaion*. São encontrados em sua estratigrafia dois contextos separados por uma camada estéril, o que possibilita a Orsi (1918) sugerir dois momentos diferentes de frequênciação ao altar, o primeiro no qual os lados da este fossem imediatamente visíveis, sendo a fase do *bomós* da primeira fundação, e um instante posterior no qual o bloco já se encontra parcialmente encoberto pelo pavimento posteriormente construído na área sacra.

A fase mais recente do altar e condizente com o remodelamento do assoalho, mede cerca de um metro e meio quadrado. Ao centro, uma cavidade com cerca de 60 centímetros de profundidade bordeada em pedra e

decorada com métopas e parte de um triglifo pintado em vermelho se apoia em uma fundação retrabalhada, mas assentada imediatamente sobre contexto sículo.

O altar mais antigo sobrevive apenas com fragmentos da fundação não remodelada, descrevendo um canto noroeste diverso do da porção superior do altar, e que Orsi chama de "traçado paleo-grego" da estrutura. Orsi atribui o altar à Atena, mas Yavis (1949) sugere outra possibilidade: este seria um altar ctônico, destinado ao culto do herói fundador. Não há nenhuma descrição literária desta prática, e a ausência de material votivo claramente ligado a este tema não permite verificar esta afirmação, embora a dedicação de dois escudos em miniatura ao *bomós* possa ser um fraco indício nesse sentido. Apenas uma alteração de materiais dedicados poderia, então, demonstrar este deslocamento do culto ao ancestral para o culto de Atena. Devemos, então, examinar os materiais votivos.

4.2.3 Os artefatos ao redor do Altar Arcaico

Ao redor do mencionado altar, Orsi encontra depósitos ligeiramente mais espaçados deste, mas com grande quantidade de materiais diversos. Entre eles, numerosos fragmentos de cerâmica protocoríntia em estilo geométrico atestam o uso deste espaço já em tempos remotos, incluindo também algumas terracotas arquitetônicas, contas de pasta vítrea, âmbar, anéis de bronze, ossos de animais e um fragmento de machado em basalto. Este material parece, no entanto, estar danificado pelo contexto do “Templo Jônico” e por sondagens em camadas de época bizantina. Os materiais

cerâmicos são, em termos gerais, semelhantes aos encontrados nas necrópoles, incluindo a mesma preferência por aríbalos e até os objetos com detalhes em marfim.

Um depósito semelhante ao norte do altar, no entanto, apresenta alguns objetos mais diversos, embora tenha também quantidade expressiva de artigos no mesmo padrão anterior. Entre estes objetos particulares estão vasos zoomórfico, um modelo (ou "boneco") de uma forma humana em pasta vítrea abraçando um vaso (que Orsi (1918) compara a um cânopo), dois modelos de olhos em marfim, uma lâmina de bronze (talvez parte de um cinto decorado) e uma fíbula.

Figura 29 – O Vaso Decorado “de Modo Semelhante a um Cânopo” (Orsi, 1918)

Ao sul, outro depósito votivo contém cerâmica grega misturada à cerâmica sícula, dois escaravelhos em pasta vítrea, uma conta com detalhe em bronze, peças esculpidas em osso, anéis, fíbulas, um pendente, um punhal em ferro e uma cabeça de lança em bronze.

A cronologia destas peças varia do último quartel do século VIII até o final do século VI, sendo adequada para abordarmos a questão de continuidades de ritual no período da monumentalização. Elemento inovador, mas sobre o qual não se apresenta uma interpretação unívoca, é a presença das armas dedicadas neste depósito votivo, mas uma possibilidade

interessante é abordado por Orsi, que as descreve como "troféus da vitória sobre os sículos", (1918) utilizando o modelo de escudo encontrado próximo ao *bomós* para reforçar a ideia deste momento de culto a Atena na condição de divindade guerreira.

Esta ideia, mesmo se aparentemente um tanto extravagante em uma primeira vista pode nos sugerir uma possibilidade de abordagem. Através da comparação ao padrão siciliota, podemos perceber a existência de dedicações de armas semelhantes realizadas neste sentido. Ponto importante para esta comparação está na seleção de uma divindade feminina à receber as armas da dedicatória destas vitórias, prática característica das cidades da Sicília, como por exemplo em Náxos, onde Hera recebe as mesmas honrarias. Escudos em miniatura dedicados à Atena são conhecidos também no registro arqueológico de Himera, onde Atena Prómachos é cultuada desta maneira.

Assim, o deslocamento de um culto inicial de uma divindade feminina ligada ao combate parece razoável (se talvez não como o "triunfo sobre os sículo" que Orsi propõe). A existência de uma ligação temática entre combate e o ancestral heróico pode ser presumida como possível, mas não é provada: temos então os traços de uma mudança de culto para um "*Athenaion*" já quando da monumentalização, embora não seja possível atestar com certeza qual fosse o padrão anterior abandonado.

4.2.4. Evidências de remodelamento posterior: os elementos arquitetônicos espoliados na área do *Athenaion*

Figura 30 – Localização dos Materiais Espoliados em Relação aos Muros do Athenaion (Orsi, 1918)

Os traços desta primeira monumentalização do *Athenaion* são visíveis apenas de forma indireta, na forma de uma série de materiais espoliados. Vizinho ao *bomós* proposto anteriormente foram escavadas também duas lastras de métopa com parte de um triglifo, aparentemente reutilizadas do próprio altar. Um bloco de epistilo e uma terceira métopa neste estilo com a mesma pintura em vermelha foram posteriormente encontrados reutilizados na fase Deinomênida, com um capitel dórico e um triglifo angular entre os materiais espoliados.

As duas métopas reutilizadas são feitas de pedra arenítica, medindo um metro e meio por sessenta centímetros e tendo cerca de trinta centímetros de espessura. Estas proporções são diversas dos frisos e métopas empregados no complexo do *Athenaion*, mas ao menos em princípio condizentes com as proporções do capitel dórico que tem também traços de pintura vermelha. Os sulcos armilares do capitel são, no entanto, apenas ligeiramente diversos dos do *Athenaion*. O fragmento do epistilo traz também os mesmos resquícios de coloração avermelhada.

Orsi (1918) irá interpretar estes fragmentos como pertencentes à um pequeno templo ou altar monumentalizado, completamente desfeito posteriormente. Uma possibilidade diversa é a de um pequeno tesouro, como o de Sicione em Delfos - uma pequena construção quadrangular parece condizer com as proporções dos fragmentos. O estilo de escultura destas peças sugere uma datação no início do século VI para sua realização, talvez na mesma época que o templo arcaico destruído pelo “Templo Jônico”, sendo assim nossa única evidência indireta deste ordenamento prévio. Quais seriam então os elementos característicos deste primeiro estilo monumental

do santuário? Para tentarmos esta definição, devemos comparar o material espoliado deste depósito às estelas encontradas em Via Minerva, que aparentam datar da mesma fase.

4.2.5. O depósito das estelas e os elementos para discussão de um estilo arquitetônico religioso siracusano arcaico

Uma deposição ritual composta por treze estelas desprovidas de epigrafia foi encontrada em 1912 por Orsi na extremidade oriental de Via Minerva. Cada uma delas estava disposta horizontalmente sobre um embasamento simples de terra e são feitas do mesmo calcário arenítico utilizado na maioria dos templos Siracusanos, que pode ser identificado como aquele da formação rochosa do Plemýrion, vizinha à cidade. As formas esculpidas variam consideravelmente, sendo no entanto a mais comum a pilastra quadrada, com dimensões variadas da menor, com cerca de 32 centímetros por 37 centímetros até a maior, com 80 centímetros por 30. Furos e ranhuras de encaixe são perceptíveis na face superior destas estelas, incluindo encaixes ao estilo de cravelhas e reentrâncias rasas para o ajuste do alinhamento das peças. Estelas arredondadas e decoradas com palmetas no topo também aparecem na amostra.

Em sua interpretação, Orsi atribui algumas destas peças a um possível friso de parede, a exceção daquelas com formas mais "tridimensionais", como nos três exemplos que possuem um corpo delgado, similar a uma pequena coluna, descrevendo a forma aproximada de um trapézio, da base larga até um "capitel" mais estreito. Os ângulos nestas amostras afiladas são

polidos até se suavizarem, seja diretamente em uma aresta arredondada ou então pelo estabelecimento de uma "terceira" face para a aresta, atenuando a angulação. Precisamente em um destes exemplos temos um topo decorado em palmetas e volutas é perceptível, encimado por uma trave.

Figura 31 – Dois Estilos de Estelas (Orsi, 1918)

As decorações deste último exemplar levam Orsi a datar as estelas como de época pré-Deinomenida, caracterizando um estilo austero de decoração limitada, típica do VI século. Mais ainda, em estudos comparativos de materiais construtivos, Orsi constata que à partir do programa de monumentalização de Gelon se adota um tipo de calcário branco importado diferente do calcário arenítico siracusano, que tende a uma cor amarelada. Os encaixes e orifícios de ajuste nas peças trazem bons indícios quanto ao sistema de pregos e afixações para construções monumentais arcaicas, seguindo padrões razoavelmente coríntios em sua realização. A maioria das

peças parece ser trabalhada em apenas três faces visíveis, com as restantes sendo pontos de contato, o que leva o autor a considera-las adornos do revestimento interno de um dos santuários arcaicos. Temos desta forma as bases para afirmar a possibilidade de um primeiro momento onde a monumentalização das áreas sagradas siracusanas adota elementos similares ao da metrópole coríntia, mas já lançando mão de desenvolvimentos locais, rumo a um futuro estilo próprio.

4.2.6 .Cultos abandonados: O “Grande Altar” arcaico

A transição de um momento religioso inicial talvez centrado em rituais voltados aos ancestrais, para uma religião “políade” e pública centrada inicialmente em Atena poderia produzir também áreas sagradas abandonadas ou fortemente reestruturadas. Uma possibilidade neste sentido pode ser encontrada ainda na Via Minerva, ao leste do depósito das estelas, onde evidências de uma grande estrutura com terracotas arquitetônicas associadas foi escava também por Orsi em 1914. Trata-se de um quadrângulo de cerca de cinco metros por nove, realizado no calcário arenítico amarelado já mencionado, mas em danificado estado de conservação. Restam as fundações dos flancos norte, leste e oeste e uma fileira de blocos o centro da construção - curiosamente, estes últimos não estão em prumo com os demais, sugerindo a necessidade de um pequeno "terraçamento" para a fundação desta estrutura, o que permite se pressupor

que a um certo ponto a paisagem natural do *Athenaion* tenha sido fortemente alterada por obras públicas de larga escala.

O material arquitetônico em terracota foi recuperado em sua maioria do lado norte, especificamente de seu ângulo noroeste. Entre estas peças, se destaca um modelo de mão humana agarrando um chifre animal, bem como placas de revestimento decoradas com um motivo espiralado, próximos à uma métopa em estilo dórico.

Figura 32 – Decorações em Terracota (Orsi, 1918)

Orsi apresenta uma proposta de reconstrução que consiste em um longo altar com o friso dórico como elemento decorativo mais imediato. A análise do estilo deste friso faz Orsi sugerir uma datação ao redor de 500 a.C., sendo revisada por Mertens, que sugere o primeiro quartel do século VI (Mertens, 2006). Até onde é perceptível no registro arqueológico, o uso deste altar parece ser razoavelmente pontual - não existem continuidades para depois do VI século no material à ele associado. Um nível de cinzas está

associado a este altar, e suas características reforçam a ideia de uma parada completa na utilização deste espaço.

Figura 33 – Visão em Corte dos Diferentes Níveis de Pavimento ao Redor do Depósito de Cinzas (Orsi, 1918)

Este nível cinerário compreende um depósito circular, com cerca de 2 metros e 60 centímetros de raio se situa modernamente entre o grande altar arcaico e um muro aparentemente posterior, já de período Deinomênida. Aparentemente resultante de um acúmulo contínuo de cinzas proveniente de sacrifícios (?), cimentadas pela ação da água pluvial, este depósito é rico em traços de carvão e ossos em vários níveis de combustão, tendo sua espessura máxima em uma lente de cerca de 80 centímetros. Para finalidades de datação, temos que na interface do final nível de cinzas se encontrou um fragmento cerâmico com letras incisadas em um alfabeto arcaico (Orsi, 1918) - infelizmente apenas cinco caracteres.

A estratigrafia permite se afirmar que este banco de cinzas se apoia sobre um corte realizado diretamente ao lado da fundação do grande altar arcaico e comprova o fato do muro na outra extremidade ser de uma fase

sucessiva, uma vez que este se apoia contra o estrato de cinzas firmemente solidificadas pela ação do tempo. O depósito deve, então, ser posterior ou sincrônico ao altar, trazendo os mesmos problemas de datação. Infelizmente, o material vegetal dos depósitos de carvão foi escavado completamente. de modo com que uma nova avaliação do contexto do altar, utilizando técnicas arqueométricas modernas para melhor datação deste material, não é mais possível. Materiais datáveis da transição do século VI para o V estão completamente ausentes e, de fato, este nível cinerário aparenta ser estratigráficamente anterior a todos os depósitos onde tais materiais foram recuperados.

4.2.7 O Edifício "E"

Na área além do muro tardio que limita a extremidade do depósito cinerário vizinho ao altar, Orsi encontra os restos de um único edifício, nomeado "E" em suas notas de escavação, pesadamente danificado por sucessivas intervenções posteriores nesta área. Trata-se de uma estrutura de plano retangular, com lados leste e oeste recuperados. Os demais blocos do perímetro teriam sido espoliados - Orsi identifica a presença de alguns destes em um muro correndo imediatamente ao norte desta área e em outro no limite sul, muito mais tardio, identificados por serem do já familiar material arenítico amarelado.

No espaço do traçado dos muros foram encontradas numerosas terracotas arquitetônicas, algumas delas apresentando traços de tipos

diferentes de argamassa em seus encaixes, o que sugere diversas fases de decoração sucessivas. Entre estes fragmentos se notam em proeminência uma Górgona em posição parcialmente ajoelhada (imagem famosa e bastante utilizada para retratar Siracusa arcaica). aparentemente um elemento do friso repetido na decoração, uma vez que um fragmento de argila na forma de um pé calçando o mesmo tipo característico de "bota" de tecido, em dimensões semelhantes, também foi encontrado em mesmo contexto. Um pequeno objeto em terracota circular com duas "tiras" modeladas em seu centro também está presente e é interpretado como um modelo de escudo, sendo proposto por Orsi como uma extensão do padrão de culto de Atena. É importante notar que alguns fragmentos de cerâmica coríntia estão associados à estes níveis, datáveis do século VII, embora muito danificados.

Figura 34 – Decorações em terracota, A Górgona, “O Escudo de Atena” e um Fragmento Enantiomorfo de Bota semelhante ao usado pela Figura da Górgona

A orientação do edifício "E" parece seguir a do grande altar, sugerindo uma coexistência momentânea. Voza, no entanto, discorda, sugerindo que a orientação deste edifício fosse devida a presença de uma *stoa* norte-sul que delimitasse o limite leste da área sagrada (Voza, 1999). Mertens (2006) apresenta ainda outra interpretação, justificando tal disposição espacial como organizada por um muro leste anterior ao traçado dos muros norte e sul, feitos incorporando o material espoliado do edifício. Se estas afirmativas não apresentam uma consolidação interpretativa do problema, ao menos sua discordância ressalta o problema das várias alterações e reorganizações da disposição interna do *Athenaion*, elemento que podemos lançar em comparação com a aparente permanência das estruturas construídas na “Colina dos Templos” coríntia. Temos, no entanto, elementos passíveis de serem interpretados como um momento de transição de culto, no qual uma religião “oficial”, centrada em uma divindade “políade” privilegiada sobre outras, e apoiada por um esforço de construção monumental organizado em âmbito público suplanta um momento inicial onde cultos menores teriam sido mais comuns.

Se estes são os padrões de organização do espaço de culto na Siracusa arcaica, seria possível se afirmar que os padrões de desenvolvimento urbano também partem de um momento inicial de similitude a Corinto? Buscaremos indícios neste sentido através da análise da malha viária.

4.2.8. Os vestígios arqueológicos: Estruturas no Pátio do Arcebispo

Figura 35 – Estruturas Regulares Encontradas sob o Pétio do Acerbuspado (Orsi, 1918)

O Palácio Arcebispal de Siracusa, no centro da Ortígia e ao sul do Duomo teve seu pátio escavado no início de 1900 por Orsi, seguindo as evidências apresentadas pelos contextos do *Athenaion* diretamente ao sul. Dentre os vários níveis encontrados nesta exploração, são de interesse direto ao estudo da Siracusa arcaica aqueles que apresentam evidências para o momento da transição do assentamento sículo para a colônia Grega.

Dentre estes níveis, os restos de uma cabana circular Sícula com uma lareira descrevem a cultura material dos Sículos ao século IX, estando em um sedimento com numerosas inclusões de ossos animais, fragmentos de cerâmica, algumas cabeças de machado e bacias de moagem em pedra. Os

muros de uma segunda cabana se distanciam cerca de dois metros e meio da anterior, mas adotam uma forma retilínea, não sendo claro se a cronologia desta cabana já pertence ao momento do contato grego ou se alteração de forma não ocorreu devido ao contato. Um conjunto de pedras empilhadas em forma cônica constitui uma lareira. A latitude temporal da cerâmica nos depósitos ligados a estas estruturas percorrem o tempo entre o IX e VIII século.

Três muros posteriores paralelos se avizinham deste espaço pelo norte. Eles percorrem o sentido oeste-noroeste e distam cerca de 1 metro entre si. Um deles é claramente mais recente, estando associado à depósitos de ossos animais e cerâmica vítrea medieval. Parte das fundações dos outros dois muros, no entanto, se encaixa em um corte realizado sobre um estrato plano de terra batida que contém cerâmica protocoríntia datada entre o final do século VII e o princípio do século V.

Os blocos de arenito amarelado típicos do *Athenaion* também retornam na confecção de um destes muros, que percorre cerca de 15 metros. Neste, seis encaixes regulares estão dispersos por sua extensão, em intervalos de cerca de 1 metro de 70 centímetros. Na porção interior de um destes encaixes, se encontrou uma pilastra de pedra com cerca de 39 centímetros de altura por 26 centímetros de largura e espessura de 28 centímetros. Esta disposição construtiva é similar ao hóros do temenos de Atena em Himera, onde estas pilastras formam um contraforte para um períbolo. Se pode ressaltar que existe entre os fundadores de Siracusa um contingente de colonos provenientes de Himera, os Miletíadas, que talvez possam estar representados nesta escolha arquitetônica (La Torre, 2011).

Orsi (1918) irá interpretar estes vários muros como ajustes sucessivos da área do temenos, que cresce com os programas de monumentalização, especialmente quando do período Deinomênida. Suas raízes estariam no século VII, com um traçado original contido pela *stoa* proposta por Voza ou pelo muro mais simples proposto por Mertens - o elemento de verificação destas hipóteses, o pórtico de acesso deste primeiro espaço, ainda não foi encontrado.

No canto noroeste do pátio do Arcebispado foram encontrados também os restos de um *naískos*, entalhado em calcário branco. Se trata de um fragmento em calcário, com não mais do que 11 centímetros por 40 de largura, mas que permite se presumir por sua decoração parte do entalhe da fachada do pequeno templo, apresentando uma cornija sustentada por duas *antae* com flores de lótus incisadas e com uma figura feminina suportando a parte central da trave.

O contexto onde esta peça foi encontrada está repleto de conchas com traços de combustão e de cerâmica relativamente tardia, misturada à peças mais antigas da transição do VI século ao V. O estilo do entalhe é, no entanto, bastante similar aos esforços mais antigos, sugerindo talvez a dedicatória de uma peça espoliada de outra área.

As escavações do Arcebispado revelaram também parte de um edifício regular, com duas seções parciais de muro em ângulo reto, muito danificadas. Apenas parte das fundações deste ângulo se preservaram, e por serem bastante rasas, bem como pelas relativamente diminutas proporções dos blocos, é usual na literatura atual se compreender estas ruínas como sendo pertinentes a um cômodo interno, e não ao perímetro da estrutura. As

fundações percorrem um nível estratigráfico onde material Arcaico foi encontrado em outras sondagens vizinhas, mas não apresentam tais peças cerâmicas diretamente associadas. Uma datação hipotética ao redor do final do século VII é sugerida por Orsi a estes muros com base nesta comparação. Dois outros exemplares semelhantes de pequenos “cantos” construídos, talvez também cômodos ou estruturas menores ocorrem espaçadamente ao sul desta ruína.

Uma destas delimitações de cômodos menores inclui a abertura de uma cisterna cônica com cerca de 90 centímetros de diâmetro, escavada diretamente em uma formação rochosa. Parece razoável se supor que este seja um reservatório hídrico da mesma época que a sala, no mesmo período que os outros exemplos de pequenos cômodos do arcaico. É possível que se tratassem de pequenos *Oikoi*, munidos de uma alimentação de água similar ao que é possível se perceber na área da prefeitura, se de uma forma mais simples.

Muito provavelmente, esta disposição não seria compatível com a área sagrada, e talvez se configurem como um estágio intermediário entre as cabanas e o uso religioso da área. O fato dos muros do cômodo encapsularem de forma bastante exata o perímetro da abertura parece corroborar esta ideia

4.2.9-Traços arcaicos na área do Duomo

Ao oeste da fachada do domo, Voza escavou em 1999 uma construção retangular, conservando fundação e pavimento, com muros em

pedra encaixada sem argamassa sobre uma base de terra batida. A área deste quadrilátero parece respeitar os limites de 6 metros por 9 metros, disposta em sentido oeste-noroeste, com uma pequena escada de acesso para corrigir a irregularidade do terreno.

A cronologia proposta pelo autor é a do início do século VII a.C, com base em materiais encontrados no embasamento de terra batida, mas considerável contaminação deste estrato por material do século IV dificulta esta interpretação. Talvez sejam os restos de um edifício religioso na mesma área, destruído já em época antiga. Se preservam apenas elementos da fundação desta estrutura, em um perímetro de trincheiras que circunda o proposto *oikos* arcaico. O edifício teria cerca de 10 metros por 16, disposto no mesmo direcionamento. Voza atribui este edifício ao século VII, quando este templo absorveria a área do *oikos*, de forma um tanto semelhante ao que vemos nas ruínas encontradas perto do Arcebispado. Voza identifica também depósitos votivos associados à estas fundações, apontando material dedicado aparentemente à Ártemis em um poço vizinho. Torelli (2011) sugere Afrodite Urânia como outra possibilidade, traçando uma comparação com peças da Acrópole Clássica de Corinto. Os indícios são no entanto bastante escassos para uma atribuição confiável.

Ainda no tema do possível padrão de culto siracusano e sua relação ao coríntio, temos evidências importantes em um poço votivo próximo, na parte sudoeste de Piazza Duomo e próximo ao que era o Museu Arqueológico. Este contexto não foi completamente escavado devido a instabilidade do terreno, mas o material encontrado em seu interior, datado do século VII e VI inclui grande número de elementos relativos à prática do

banquete, associado também a outros objetos, como alabastros. De forma muito diferente das tumbas, pratos aparecem em quantidade, e, de fato, os elementos cerâmicos utilizados no ato de beber vinho são mais numerosos, com crateras, enócoas, taças e ânforas .

A proveniência destas peças inclui taças em estilo jônio, fragmentos de alabastro em bucchero e cerâmica coríntia de vários períodos. As ânforas também são Coríntias. Uma das enócoas em verniz negro aparenta ser lacônia, e um exemplar ático de ânfora SOS está presente. Alguns dos pratos são etruscos, incluindo formas cobertas, assim como se pode atestar produção fenícia, usualmente em grandes vasos de transporte. O que aparentemente podemos perceber é uma continuidade ao padrão presente na necrópole do Fusco, expandida: mais elementos estrangeiros são perceptíveis, ligados à práticas comerciais.

5. Os vestígios arqueológicos : as áreas publicas

5.1.A malha viária

Partindo do Porto Grande os resquícios das primeiras estradas estabelecidas pelos colonos Gregos atravessam a Ortígia na forma de *stenopoi* estreitos, com cerca de 3 metros de largura, separados em intervalos de cerca de 25 metros entre si, em uma rede que se estende cerca de 730 metros na direção norte-sul, indo do Templo de Apolo até a Fonte de Aretusa. Duas plateias se somam a este sistema, com cerca de 5 metros e meio, orientadas paralelamente com a ilha, mas não se inserem

perfeitamente em ângulo reto com o resto da malha viária, estando ao invés disso à cerca de 79 graus de inclinação relativa, resultando em um traçado que se esforça para ser retilíneo, mas acomoda a morfologia rochosa natural da ilha. Os *stenopoi* direcionados em leste-oeste aparentam ser um pouco mais largos, talvez refletindo uma pequena alteração na orientação da cidade.

Apesar destas pequenas correções o sistema viário Siracusano é notavelmente formalizado e regular, sendo comparável apenas ao de Mégara Hibléia, conhecido por se altamente preciso. Se deve apontar, no entanto que a extensão que conhecemos para esta malha viária é posterior ao século VII - qualquer que fosse a extensão original, no entanto, ela aparenta ter sido pouco modificada quanto a sua regularidade.

Entre os trechos preservados destas vias ruínas e elementos isolados de residências mononucleadas trazem evidências para se apontar a presença do *oikos* siracusano. Os espaços regulares entre estas vias, apresentam novamente em uma realidade muito similar `aquela encontrada em Mégara Hibléia Estas estruturas sugerem um sistema de repartição de terras desenvolvido já durante o período de fundação - é tentador perceber um ideal de isonomia consolidado nestas ruínas, mas, se este é ao menos compatível com os dados, não é diretamente provado. Ao menos a evidência de uma repartição de terras baseada na unidade familiar, no entanto, parece ser bem fundamentada.

Mais eloquente é a sobreposição dos contextos residenciais sobre contextos de destruição identificáveis como as cabanas redondas dos habitantes sículos, evidenciando conflito direto (Pelagatti, 1984). As vias são

também evidência para a tentativa de precisar o posicionamento da ágora arcaica, com Voza (1999) as utilizando para propor sua localização no que é hoje a Piazza Duomo.. Escavações nesta área resultaram na descoberta de um núcleo de santuário, aparentemente um altar dedicado à Atena e talvez o mais antigo da área Siracusana e orientado de forma a estar conectado pela malha viária ao Templo de Apolo no outro lado da Cidade, criando um eixo organizativo para o espaço da cidade.

5.2. As áreas públicas : poços , habitações ?

Entre 1977 e 1980 as obras de ampliação da Prefeitura, ao leste do Palazzo Vermexio revelaram um grupo misto de contextos indo da idade moderna até níveis proto-históricos. Em 1996 esta área foi mapeada e escavada novamente, que permitiu se distinguir os extratos medievais e posteriores do material clássico e arcaico (Nastasi, 1998). Dentre o material clássico, um setor de muro datado deste período corta a área central destas escavações, sem de outro modo aparentar qualquer continuação quanto aos níveis mais antigos a seu redor.

Entre os contextos arcaicos, por sua vez, são especialmente numerosas as aparições de poços circundados por pedras e preenchidos com solo, misturado com materiais variados. Fouilland (2000) sugere que estes poços sejam depósitos secundários, realizados ao redor da metade do século VI com material mais antigo. Grande parte da cerâmica encontrada nestas aberturas é de caráter votivo, incluindo peças de produção local, etrusca, fenícia, coríntia, argiva e greco-oriental, que este autor supõe terem

sua origem em um *hiéron* não preservado, datado por estes materiais ,ao menos ao século VII.

Não permanece nenhum traço de áreas de culto associados à estes fossos, mas sua distribuição no terreno leva Fouilland a conjecturar um *temenos* caracterizado por estas fossa votivas - se este for de fato o caso, algum tipo de santuário estaria localizado sob o que é hoje em dia o Palácio da Prefeitura. O muro do *stenopos* mais tardio próximo a esta área parece evitar esta região, sugerindo alguma continuidade posterior no uso deste santuário. Evitando diretamente a área do *temenos*, mas ainda nesta região está também um trecho de estrada em terra batida, pedriscos e fragmentos cerâmicos. Este último material é datado do século VII e seu alinhamento corresponde com o *stenopos* número 13, proposto por Voza - um eixo utilizado até período medieval, indo até a atual região da Giudecca. Assim, provavelmente, este fragmento de estrada descreve uma via de acesso que se manteve até período Romano, sendo então encurtada, dessa forma se preservando até o Medievo.

Na margem sul deste trecho de estrada há uma profusão de contextos mistos de cronologia clássica mas em pobre estado de conservação. Sob eles, no entanto, se percebe um conjunto de três estruturas quadrangulares mais antigas, orientadas em direção ao noroeste. Estes resquícios nos trazem a possibilidade de resgatar parte do plano de um conjunto de *oikoi* arcaicos, mononucleados, com áreas centrais abertas pavimentadas com terra batida e brita de calcário.

Os restos edificados destas habitações demonstram que suas paredes se apoiam entre si. Uma delas preserva a orla de sua área aberta central em

pedra, e um trecho de muro de cerca de um metro em ângulo com outra projeção de 2 metros e meio, sugerindo um plano quadrangular. Este muro mais longo serve de apoio para um dos muros de outra habitação, que segue por 3 metros e meio. Marcas de buracos para pequenas estacas ou varetas próximas entre si cerca de 15 cm no ângulo de um dos encontros de muro restantes sugerem também um pequeno curral para a criação de animais (Pelagatti, 1982). Uma das habitações contém uma ânfora coríntia, datada do início do século VII, sugerindo uma ocupação deste local já nos inícios da cidade, existindo também indícios para uma destruição posterior destes muros, provavelmente em período clássico.

A estrutura quadrangular mais bem preservada, no entanto, é aquela na porção mais oriental da área escavada, onde se encontra um ambiente retangular medindo cerca de 2 metros no sentido oeste-noroeste, com muros em pedra espessos cerca de meio metro se estendendo mais 4 metros em largura. Sua área interior é pavimentada de terra batida com brita de calcário como nos outros exemplares. Se preservam indícios das portas de acesso desta construção, uma delas tendo uma abertura de cerca de 1 metro e se comunicando diretamente com o exterior, vizinha a estrutura de uma lareira.

O tipo de trabalho nos blocos do muro sugere duas fases construtivas com a segunda sendo uma expansão do traçado original, que já continha o espaço da lareira. A expansão, por sua vez, aparenta acrescentar um pequeno pátio semi-circular, em direção oeste e um novo ambiente ou cômodo quadrado. Fragmentos cerâmicos das áreas sugeridas por Pelagatti como pertencendo à fase 1 (Pelagatti, 1982) ao final do século VIII,

enquanto que o material de sua ampliação é bastante posterior, sendo datada do século VII.

Também de interesse direto para esta análise da urbanística de Siracusa são os restos de uma cabana pré-grega, encontrados na porção sul desta mesma área de escavação, sob o nível arcaico em um contexto claramente separável graças a um sedimento bastante diverso do posterior, em uma coloração marrom escura, o qual é sulcado por cortes de fundação para edifícios posteriores chegam a esta profundidade.

Os restos desta cabana consistem no perímetro de seu muro externo em pedra, com cerca de um metro de meio de raio em um trecho semicircular, sendo possível se presumir a típica cabana redonda sícula. Fragmentos de cerâmica de cozinha ocorrem no interior, sendo equiparáveis ao material recuperado nas fácies de Cassabile, datadas da primeira metade do século IX. Não são visíveis traços de destruição ou conflito, mas a sobreposição de espaços sugere ao menos o interesse dos colonos coríntios em se valerem das mesmas conveniências topográficas do assentamento sículo anterior.

Ainda nesta área de espaço habitacional - não sem grande discussão teórica - esta a área permeada por fossas com limites incertos, onde permanecem alguns restos de *pithoi* e outros vasos de transporte. Estas cavidades são escavadas diretamente no terreno e cobertas de material conglomerado de areia, com fragmentos cerâmicos mistos em seu interior. Além dos *pithoi*, outras formas de grande porte como ânforas estão presentes, mas também formas menores e telhas, inclusive fragmentadas. Restos alimentícios também são perceptíveis, com ossos de pequenos

animais e restos malacológicos. Um bloco de calcário com cerca de meio metro de largura está deposto dentre uma das fossas, sustentado por uma fundação de pedras menores, de largura de 3 metros por 1 metro, sem existir uma hipótese clara de sua colocação.

Parte do material cerâmico relativo à formas menores é condizente com peças votivas do VII e do VI século. Ciurcina (2000) interpreta uma série de estruturas negativas circulares na vizinhança imediata destes depósitos como uma *stoa* mas sem indícios diretos para esta reconstrução. Outra possibilidade para depósitos votivos estaria na continuidade deste espaço ao já citado temenos da área dos poços, mas esta interpretação também traz dificuldades .

Na área de expansão das escavações em 1996 uma fossa elíptica orientada ao oeste e com cerca de um metro e meio por um metro, com a profundidade de um metro foi escavada. Esta cavidade continha fragmentos cerâmicos; parte de um *loutérion* em mármore; dois pesos de tear; algumas terracotas e objetos de ferro, incluindo escória. Restos ósseos e malacológicos levam Ciurcina (2000) a interpretar esta área como um *bóthros*, datando o do VII século, com uso continuado até o IV ou III século. A mesma autora aponta, no entanto, existirem sinais de remanejamento posterior no material enterrado, não restrito apenas à parte superior, inclusive existindo um grau considerável de contaminação da amostra - os níveis mais superficiais contém a "cerâmica invetriata", usualmente um sinal de contextos do alto Medevo, - explicável como parte dos achados relativos ao Complexo Monástico de Santa Maria, vizinho à área da Prefeitura - e que são esporadicamente encontrados fora de contexto nos níveis mais profundos.

5.3 Os restos vizinhos à Via Consiglio *Reginale* e a possibilidade de uma ordem *kata-komas*

Em 1981, os trabalhos de demolição na via Consiglio Reginale trouxeram à tona uma série de contextos que, tal qual no trecho de escavação das cercanias da Prefeitura, consistiam de vestígios de vários períodos em estado de conservação complicado. Estes indícios são especialmente importantes para o estudo da Siracusa arcaica na medida em que colocam em discussão um *stenopos* deste período.

Primeiramente, estes trabalhos encontraram na extremidade setentrional da região traços de um muro com cerca de 1,70 metros, espesso cerca de 40 centímetros, em pedra, construído diretamente sobre um estrato identificado como pré-grego. Fragmentos cerâmicos associados ao nível da fundação foram interpretados por Voza (1985) como pertencentes ao final do VIII século, que o autor coloca como pertencente a um núcleo habitacional que faria parte da organização em sistema *kata-komas* anterior à expansão da cidade nesta direção. Esta seria a explicação da orientação discrepante de suas vias, englobadas pela rede propriamente dita que se ligaria posteriormente à este setor. A porção norte da escavação abriga outro pedaço de muro com cerca de 2 metros e meio metro de espessura,

igualmente em pedra. Voza interpreta esta seção como parte de uma habitação vizinha ao *estenopos* arcaico da possível "vila" do século VII, tendo o mesmo orientamento diverso da malha usual. Um terceiro trecho murário vizinho à este, apoia-se diretamente sobre contexto pré-grego, com materiais cerâmicos relativos ao final do século VIII. A "Vila Arcaica" proposta por Voza seria, então, o estágio intermediário entre o assentamento nativo e a ocupação urbana siracusana, capturando um primeiro momento do avanço dos fundadores coríntios. Material cerâmico de estilo geométrico e fabricação *indígena* foi encontrado na próxima seção desta área de escavação, que consiste em um eixo viário de cerca de dois metros e meio de extensão e percorre a direção oeste-noroeste. Esta estrada, limitada ao norte pelos muros em pedra inclui nove níveis estratigráficos de pavimento sobrepostos. O nível mais antigo é uma superfície de terra batida, com cascalho e fragmentos cerâmicos, que será mais tarde recoberto de blocos isódomos na fase imediatamente posterior. É neste contexto de sobreposição de pavimentos que os fragmentos de cerâmica sícula são encontrados e rapidamente misturados à cerâmica importada grega. Os blocos de pavimentação são assentados quando a interface de contextos apresenta material do final do século VII e início do VI, trazendo um possível indício cronológico para a malha viária pela cidade. Um nível estratigráfico um pouco inferior ao pavimento mais antigo traz também restos de um muro sículo com material cerâmico comparável ao da *fácies* de Thapsos, reforçando a ideia de uma continuidade frente ao proto-histórico.

5.4. As ruínas na região de Montevergini

Escavadas em 1987 na vizinhança do complexo do Convento de Montevergini, ao sudoeste da Piazza Duomo, próximo do que é modernamente a Via Della Conciliazione se encontra um conjunto de ruínas associadas a um pequeno trecho de malha viária datado entre os séculos VIII e VI pelos materiais preservados nas camadas pavimentais de brita, terra batida e cacos cerâmicos. Vizinha à porção leste deste trecho de estrada está a "trincheira E", percorrendo o sentido norte-noroeste, cortando meridionalmente o *stenopos*. Neste local, um edifício retangular de nove metros e meio por quatro metros e meio conserva suas fundações murárias e parte do trabalho em pedra, bem como divisões internas que delimitam dois ambientes quadrados de quatro metros de lado.

As fundações incluem blocos de calcário que levaram Voza (1994) a sugerir a existência de um pavimento soerguido, que não está de outro modo preservado nas evidências escavadas. O estado de conservação das faces de muro preservadas sugere uma entrada na porção leste do edifício, onde um dos ambientes provavelmente poderia ser um espaço aberto. A datação de Voza para o final do século VIII depende da integração desta estrutura com a malha viária, não havendo material cerâmico diretamente associado que a corrobore. Uma estrutura em blocos ortostatos de calcário está na margem setentrional deste *stenopos*, sendo um trecho murário criando um espaço retangular com cerca de 60 centímetros por 1 metro e 70 centímetros. Um poço medieval perturba o contexto em sua extremidade leste, dificultando a delimitação cronológica do contexto, que de fato parece ser um de grande

continuidade. Em seus níveis mais antigos, o trabalho nos ortostates é cru e irregular o suficiente para sugerir à Voza (1994) uma datação do final do VIII século, com sucessivos contextos viários substituindo esta área retangular posteriormente, sendo os mais recentes relativos já à época medieval. Talvez se trate de uma área residencial "cancelada" por novas necessidades da malha viária.

Evidências proto-históricas importantes também são resgatáveis neste setor de escavação. A "trincheira E" contém os restos de uma cabana de período sículo com um plano claramente quadrado, que Voza (1994) atribui ao momento de contato com os Gregos. No entanto, os contextos associados à estes muros apresentam material cerâmico sículo datado do século IX, talvez possibilitando se supor a adoção eventual de um plano regular para as cabanas nativas já na Idade do Ferro.

Imediatamente ao lado das ruínas desta cabana, as escavações da "trincheira E" revelaram 14 poços preenchidos com fragmentos cerâmicos, peças em bronze e em ferro, restos ósseos (grande parte deles de suínos, parcialmente carbonizados), material malacológico e depósitos de cinzas e carvão. Voza (1994) interpreta estes polos como *thysiai*, depósitos votivos, pertencentes ao final do século VII.

A grande quantidade de fossas assim utilizadas neste local sugere também a proximidade à algum tipo de santuário, com sua disposição no terreno sugerindo um *temenos* dirigido ao lado norte da Piazza Duomo. Evidências de continuidade no material cerâmico depositado chegam até o século IV, mas em número fortemente decrescente, o que poderia ser explicado por uma alteração na frequência desta estrutura, talvez

perdendo sua importância frente a outro santuário mais popular, sem no entanto desaparecer completamente.

Figura 36 - As Cabanas da “Trincheira E” (Voza,1994)

6. Áreas públicas: O sistema portuário

Fig. 1

Figura 37 – O Lakkios em Relação a Siracusa (Basile,2003)

O complexo portuário antigo da área norte de Siracusa abrange dois portos interligados, construídos de forma à incorporar o "*Lakkios*" ("fossa", "cisterna") , a porção interna drenada da laguna pantanosa Syrakó, encontrada pelos primeiros *colonos* e que é a origem do nome da cidade. Ao VI século, a porção sul, chamada modernamente de "Porto Grande" foi separada da norte, o "Porto Piccolo" por um istmo artificial, que também conecta a zona portuária a Ilha de Ortígia á Acradina. A escolha do *Lakkios* provavelmente se dá levando em conta fatores estratégicos, possibilitando um ancoradouro confiável, com boa drenagem da água das cheias, associado a presença de aquedutos que supram as instalações com água doce constante, vitais para o funcionamento da cidade e alvo natural em um sítio. De fato, esta área será fortificada durante o período de Deinomênida, sendo estendido até comportar as instalações de manutenção de uma frota de 300 navios capaz fazer frente à Cartago.

Terremotos, maremotos e conflitos armados destruíram sucessivas vezes os vestígios dessa zona portuária, resultando em um estado de conservação consideravelmente danificado que inclui um número considerável de ruínas agora submersas. Para a descrição destes portos, utilizaremos os relatórios da *Soprintendenza del Mare della Regione Siciliana*, que publicou os resultados das últimas temporada de mapeamento e escavação desta área em 2015. (MIRISOLA, 2015)

A origem da organização espacial destes portos está na própria geologia da enseada, consistindo-se de um prolongamento rochoso com um promontório convenientemente dirigido à Ortígia , apropriado para a

construção do istmo artificial. Não restam traços claros da estrutura deste istmo, mas se presume que sua posição fosse compatível em termos gerais com o presente em tempos modernos ou um pouco mais ao norte. Se a topografia da região apresenta atrativos para seu assentamento, a composição do terreno se mostra mais difícil de trabalhar: sob o material calcário da superfície um leito de areia, provavelmente necessitando de esforços mais cuidadosos durante a construção.

O istmo artificial é datado do século VIII, graças à presença de uma série de blocos de retenção com marcas de ferramentas encontrados submersos vizinhos ao provável traçado desta barreira (cerca de 50 metros). Estes blocos estão próximos também a fundação de uma torre de fortificação, datada da fase da fortaleza Deinomênida, cujos estratos mais antigos possuem material arcaico sugerindo continuidade com uma estrutura menor no mesmo local (Basile, 2003).

Figura 38 - Os blocos trabalhados e os restos da possível torre de defesa (Basile, 2003)

As vias de acesso destes portos não são bem conhecidas para o período arcaico, com a descrição mais direta ocorrendo apenas em Diodoro Siculo (XIV,7,3), já em período romano, no qual o porto norte é descrito como sendo munido de uma saída estreita "a qual é possível passar apenas um trirreme por vez". O mesmo texto, no entanto, cita também que quando Dionísio edificou sua fortaleza no porto o fez reestruturando construções já presentes (XIV, 43, 5), incluindo *neosokoi* (docas de reparo e caga) já presentes.

Em sua escavação de 2001, Basile localiza um pequeno santuário com material arcaico nos limites do Porto Grande, trazendo assim uma possível datação do século VII também a este setor. O espaço portuário é cruzado por uma estrada greco-romana chegando até o Porto Grande, que pode se tratar de uma continuidade para com o arcaico, uma vez que seu ponto de partida se encontra associado ao portal arcaico escavado na área urbana siracusana (próximo a moderna estação ferroviária e descrita em BASILE, 2000-2001). Do Porto Grande, esta estrada segue até a Ortígia em um trecho datado do período de Dionísio, mas sem indícios de uma antiguidade maior.

Os primeiros achados arqueológicos na área do Porto Piccolo foram realizados por Orsi em 1909, e sucessivamente catalogados em 1950. Sua dispersão sugere um nível do mar mais baixo na antiguidade, com autores como Kapitän (1967) sugerindo uma configuração original em duas baías separadas. A mais externa atuaria como um quebra-mar, muito necessário quando se enfrenta o clima produzido pelos efeitos dos ventos *scirocco* e do *grecale* e provavelmente teria uma construção mais robusta.

Não permanecem vestígios claros e incontestáveis de *neosokoi* remontáveis ao período arcaico, mas evidência indireta de estruturas ao menos análogas pode ser obtida através das tradições documentais escritas (sobretudo Diodóro Sículo, em fragmentos dispersos) relativas ao cerco ateniense (415-413 a.C.), que descrevem já um grande complexo bem instalado, enfrentando uma situação de bloqueio naval. Suportando esta afirmativa estão os indícios da extensa rede de alimentação de água, necessária para tais esforços.

A preservação destes canais não se encontra em bom estado, mas os contornos de um sistema de poços e fontes ligeiramente ao norte do porto ainda é perceptível e irá ser expandida até os *neosokoi* posteriores. Três vias de abastecimento principais são conhecidas, mas apenas uma possui uma datação claramente relativa ao menos ao período clássico - as demais quase certamente possuem grandes continuidades, mas ainda carecem de confirmação material direta. Este aqueduto existente ao menos no período clássico está associado às ruínas de um Santuário de Héracles, sendo que outra possível via de abastecimento é o aqueduto conhecido como o "del Paradiso", partindo da Epípole, apresentando traços de ter sido bloqueado durante o cerco ateniense.

7. A Acradina e a expansão externa à Ilha da Ortígia

terra firme. O material cerâmico mais antigo encontrado nesta área sugere um avanço rápido na expansão para fora da ilha, provavelmente já na primeira geração da cidade. Naturalmente, será no ponto onde o canal que separa a Ortígia da Acradina se encontra mais estreito em que se espera encontrar vestígios da ponte de comunicação entre estes dois distritos, mas é necessário levar em conta a alteração do nível do mar, com o sítio antigo desta aproximação sendo um pouco mais ao norte de onde o mesmo sucede hoje em dia. Não sobrevivem resquícios de uma ponte, mas o alinhamento da via central da Ortígia e do local onde as projeções do antigo nível do mar é bastante condizente, sugerindo não só a existência desta construção, como também um planejamento de expansão prévio.

A malha viária da Acradina se estende de forma regular muito similar à da Ortígia, mas com um caráter mais radial, podendo adotar uma extensão mais alargada, adotando uma variação organizada "*per strigas*". Se existe material arcaico suficiente para se presumir habitações presentes nesta região já muito cedo, o mesmo não se dá diretamente nos contextos das vias no sistema *per strigas* - é muito provável que isto de fato ocorresse, mas não existem elementos de datação diretos. A morfologia do terreno é explorada em favor do avanço da malha viária, alterando a orientação principal do eixo radial para um progresso rumo ao oeste e ao sul, sem de outra forma afetar a seu plano ortogonal.

8. Áreas públicas: sistemas hídricos

8.1. O dique arcaico de *Via dei Mille*: evidências do manejo hídrico da costa arcaica ?

Durante as obras de manutenção e expansão da rede pública de captação pluvial da cidade moderna de Siracusa realizadas em 2001 um alinhamento de blocos trabalhados se estendendo por cerca de 23 metros foi encontrado na porção mais setentrional da Ortígia, onde hoje em dia se encontra a chamada *Via dei Mille*. A estrutura se encontrava bastante danificada, aparentemente pela ação de um terremoto, mas é identificada como a fundação de um muro retentor pela presença de grandes blocos de granito de corte variável unidos com argamassa. Uma das faces deste muro, que chamaremos de "interna" se apoia sobre o leito rochoso, com a face "externa" estando em contato com um contexto de sedimento limoso. A fundação prossegue pelo terreno de forma irregular no eixo noroeste-sudoeste, mas a interface do nível de limo para com a superfície dos blocos de fundação termina por criar uma superfície razoavelmente plana, apenas um pouco inclinada - este contraste parece condizer com a ação de um córrego. Um estrato de areia e cascalho recobre o leito de limo, também corroborando para com esta conclusão. A datação deste muro ou canal é sugerida como ao redor da metade do século VI, com base em contextos ligados á porção rochosa do embasamento da estrutura (BASILE, 2002).

Grande continuidade com contextos sucessivos também é percebida, com o uso e remodelamento desta estrutura chegando a tempos bizantinos - este ponto leva Basile a teorizar que o muro de retenção se constituísse do limite máximo de uma vida de ligação entre a Ilha de Ortigia e o território interior siracusano, talvez como uma obra sincrônica à expansão da monumentalização das áreas sagradas da Ortigia.

8.2. O reservatório vizinho à *Piazza Archimede*

Encontrado por acidente durante obras para a construção de uma escola em 1919, este reservatório ao noroeste da Piazza Archimede está associado a restos esparsos de habitações arcaicas do tipo mononucleado usual, bem como de um piso hipogeu projeto para captar água e conduzi-la à este reservatório. Infelizmente, a posição desta descoberta dentro do espaço urbano moderno não possibilita uma escavação detalhada, mas em 1920 a cisterna foi mapeada.

O espaço assim descrito é pavimentado com placas impermeabilizadas, em um tanque escavado diretamente na rocha à cerca de 5 metros de profundidade do nível da superfície presumido. Dois canais estreitos contíguos se projetam do tanque em ângulo quase reto: um deles percorre o sentido norte-sul por cerca de 5 metros com abertura de cerca de 80 centímetros e o outro toma o sentido leste oeste por cerca de 10 metros, com quase a mesma abertura. As paredes destes canais estão impermeabilizadas com argamassa e suas bordas apresentam reentrâncias para a afixação de lastras que atuem como coberturas ou tampas. Algumas destas coberturas foram preservando, incluindo amostras com perfurações para a saída de água. Segundo os relatórios de escavação de Orsi, os trabalhos de construção já mencionados haviam revelado também outros indícios de cisternas e canais, incluindo tanques cônicos que o autor sugere serem de período bizantino. Infelizmente, estas fases não foram preservadas ou documentadas, mas ainda sim sugerem um uso continuado deste sistema. Orsi (1920) cita também um número maior de ruínas residenciais do que o agora verificável, e sugere uma ligação entre os dois tipos de contexto: os tanques abasteceriam as necessidades hídricas das moradias nesta região, com reservatórios centrais comunicando água à residências pelos canais. Orsi utiliza a cerâmica arcaica das fundações das casas mais antigas para datar partes do sistema de tanques, mas com um grande intervalo de incerteza - estas obras teriam sido conduzidas entre o VII e V séculos, sem ser possível precisar mais claramente o momento.

8.3. Os poços a leste do *Castelo Maniace*

Em 1891, Orsi conduz as escavações de uma série de poços encontrados ao longo da colina do Castelo Maniace, no sudoeste da Ortígia, distribuídos em uma longa faixa de cerca de 100 metros e reunidos em pequenos grupos. Cerca de 34 destas estruturas foram registradas, das quais 12 apresentam material cerâmico bem preservado. Entre estes exemplos, podemos encontrar uma hídria em estado fragmentado, restos de *phitoi*, material de proveniência etrusco-campana, algumas peças em terracota (incluindo dois fragmentos de cabeças em miniatura, uma feminina e uma masculina e uma pequena estatueta feminina carregando um porquinho) incluindo elementos arquitetônicos (como por exemplo dois fragmentos de telhas decoradas) , ossos de animais, *phialai*, fragmentos em estilo proto-coríntio, e poucas amostras de cerâmica ápula do IV-III a.C.

Três dos poços têm em seus níveis mais profundos quantidades consideráveis de material arcaico, datado do século VII, enquanto que os materiais mais recentes encontrados nestas estruturas não ultrapassam o III século, devido ao abandono desta área durante a ocupação romana. Os pequenos agrupamentos de aberturas de poços foram interpretados por Orsi como nós em uma rede de abastecimento hídrico, cuja posição na orla do rochedo do que viria mais tarde a ser o Castelo, poderia pertencer à um "bairro" no limite da ocupação da Ilha, com pequenas casas agrupados em "vilas" (talvez mais apropriadamente "quarteirões") dispersas pela estrada irregular que circundava essa região. A presença de repetidas formas

cerâmicas ligadas ao ritual de libação em cinco dos poços sugere a proximidade a algum tipo de área sagrada vinculada a estas residências, ponto corroborado pela presença de material em terracota muito provavelmente de caráter votivo, em sua maioria retratando personagens femininas. A iconografia de algumas destas peças levam Orsi (1918) a sugerir alguma divindade ligada ao âmbito matrimonial.

A Necrópole do Fusco é talvez o maior cemitério encontrado na área siracusana, se estendendo de forma semi-circular ao redor dos limites da cidade arcaica. Escavado até 1915 por Orsi, e publicado por este mesmo autor em 1925, o material da Necrópole do Fusco abrange cerca de 700 tumbas. Destas, cerca de 100 podem ser datadas diretamente do período protocoríntio, ou seja de 730 a.C. até 625 a.C., as quais podem-se somar a pelo menos mais de 210 enterramentos de datação incerta, mas que contém

de alguma forma um contexto parcialmente arcaico, sem no entanto ter um claro embasamento cerâmico para tal atribuição. O debate acerca das datações destes túmulos continua, com o número de atribuições a períodos mais recuados crescendo gradualmente.

Para os fins de nossa análise, no entanto, iremos nos focar nos contextos mais comumente aceitos como bem fundamentados. Destes, utilizaremos os 60 túmulos analisados por Frederiksen (1999) em sua síntese de um padrão funerário protocoríntio. Dentro deste grupo é possível se atestar a presença de 30 sarcófagos e 11 enterramentos diretamente em fossas. O restante da amostra se subdivide em variados tipos e muitas vezes depositos dentro de fossas cortadas diretamente na camada de tufo vulcânico - que também, como citado, pode receber enterramentos diretamente - recoberta por lajes calcárias. A preservação de estruturas de superfície como marcadores de tumbas é geralmente pobre, com poucos exemplares registrados. A grande maioria destes enterramentos é realizada para apenas um indivíduo, com uma baixa incidência de enterramentos múltiplos, que são a forma sícula típica de prática mortuária (cinco contextos bem documentados de enterramentos duplos).

Assim como visto no exemplo do Cemitério Norte em Corinto, nem sempre é possível se atribuir uma relação clara entre os restos humanos na tumba e o material depositado, não necessariamente se tratando de uma sincronia perfeita - reusos são comuns, incluindo casos onde o enterramento mais recente se apoia sobre a laje de fechamento do mais antigo, sem que necessariamente seja discernível uma relação de parentesco ou proximidade

entre ambos. A mobília funerária e as oferendas são depositadas tanto no interior da tumba como sobre as lajes de fechamento, bem como ocorrem no espaço entre os limites do sarcófago e a superfície da fossa de contenção e em cortes vizinhos à tumba, o que pode resultar em uma indistinção entre os conjuntos de oferendas diversos de dois enterramentos vizinhos nas ocasiões onde uma fossa é alargada ou muito próxima à outra. Em termos gerais, as características de orientação, forma e posição do cadáver na tumba variam grandemente, enfraquecendo a ideia de um culto funerário bem caracterizado e unificado para a Siracusa deste período, embora as oferendas externas da tumba possam ser caracterizadas como um elemento razoavelmente siracusano, ou ao menos siciliota.

Entre o material votivo é possível se encontrar a predominância de vasos protocoríntios esperada, mas aparecem também vasos da Argólida, Etrúria, Grécia Oriental e de produção local. Objetos em metal são razoavelmente comuns, predominantemente em bronze, com menor incidência de prata e ferro e raras instâncias de ouro. Achados exóticos incluem faiança, âmbar e marfim, sugerindo já contatos externos extensos. A ocorrência desta parafernália não é de nenhuma forma uniforme, existindo numerosos exemplos de túmulos completamente desprovidos de votivos que, no entanto, seguem os mesmos padrões construtivos dos túmulos carregados de oferendas (Frederiksen (1999).

Não há uma predominância imediata de formas cerâmicas específicas no contexto fúnebre, mas um grande número de aríbalos é atestado entre as tumbas com oferendas, possuindo ao menos um exemplar, comumente

apresentando dois e raramente três ou mais, usualmente em raros contextos de enterramento múltiplo. Vale citar que esta é uma das formas tipicamente associadas ao desenvolvimento cerâmico coríntio, embora sua presença em contextos funerários seja bastante comum em toda Grécia durante o arcaico. Não se percebe qualquer preferência entre as deposições de aríbalos, que ocorrem igualmente em indivíduos de ambos os sexos e todas as idades.

Esquifos e kótilos ocorrem tão frequentemente quanto os aríbalos, e também parecem seguir o padrão de um exemplar por indivíduos, salvo por poucas exceções (cinco tumbas), uma das quais difere marcadamente ao apresentar 30 peças somadas destes tipos. Esquifos tendem a acompanhar tumbas de indivíduos sub-adultos, mas os kótilos aparentemente ocorrem de forma generalizada. As enócoas são bastante numerosas, ocorrendo também neste padrão "individual". Píxides são também muito comuns e podem carregar um problema de interpretação: em seus registros de escavação, Orsi atribui as píxides à enterramentos de crianças e mulheres, como costumeiramente faz a literatura arqueológica de seu momento histórico, relegando uma parcela significativa de amostras desta mesma forma à tumbas com ocupantes "não-identificados", sem que seja possível objetivamente verificar-se se isto se procede realmente. É talvez mais prudente não se presumir uma restrição identitária na deposição desta forma cerâmica específica.

Outras formas ocorrem em menor quantidade, resultando em um grupo de marcada variedade, tanto em forma quanto em proveniência. Taças e *kalathoi* são encontrados tendo fabrico local, bucchero etrusco ocorre,

assim com cerâmica ródia e lébitos em estilo argivo. Em algumas das tumbas mais recentes, o alabastro coríntio já se apresenta. Como uma regra geral, a concentração de material coríntio dentro desta classe de artefatos é marcada, correspondendo à aproximadamente 70% da amostra e sendo mais comum na fase mais recuada e inicial do sítio. Esta grande profusão de formas nas fases posteriores do sítio leva Frederiksen, (1999) lançando mão de uma situação análoga em Taranto documentada por Neeft (1944) supor que a deposição de material cerâmico nas tumbas não se encontra norteadas por um filtro socioeconômico forte, existindo grande liberdade na escolha do material depositado.

Existiriam então padrões igualmente livres para a deposição de metal nas tumbas do Fusco? Para se resolver esta questão pode ser útil primeiramente realizar a divisão deste tipo de objeto em duas classes ideais - os objetos interpretados como adornos pessoais, em sua maioria fíbulae e grampos incluindo também eventuais peças como joias, e as peças interpretadas como trabalho em metal de fundo mais "impessoal" ou "utilitário". Nesta última classe, encontramos um indício interessante para a proposição de um padrão funerário siracusano arcaico, uma vez que pregos de metal foram encontrados de forma a sugerir a deposição do cadáver em um leito funerário - duas tumbas em fossa apresentam este tipo de peça, respectivamente contendo 12 e 51 pregos bem preservados.

A deposição das fíbulae tende ao mesmo padrão "individual" seguido pelos objetos cerâmicos, existindo um caso conhecido de deposição mais intensa, com 25 fíbulae sendo dedicadas ao túmulo de um indivíduo sub-

adulto, enterrado em um sarcófago. As presilhas de roupa usualmente ocorrem em pares e, tal como as píxides, podem ter sido interpretadas de forma um tanto inexata nas estimativas de atribuição de sexo realizadas por Orsi, que vê nestas peças indicadores de enterramentos femininos.

Duas tumbas contém fragmentos de vasos metálicos, ocorrendo sempre em relação ou a enterramentos múltiplos ou a indivíduos sub-adultos e somadas a deposições de cerâmica mais intensas. Uma destas tumbas munidas de vasos em metal, apresentando nove aribalos é a mesma do enterramento infantil com as 25 fíbulas. Outra, com quatro aríbalos e um anel feito em prata acompanha o enterramento de um adulto e quatro crianças. Um vaso em metal razoavelmente bem preservado, um botão feito em ouro, quatro fíbulas e um aríbalo também foi resgatado de um sarcófago contendo quatro indivíduos.

Em termos de cronologia para os materiais metálicos temos que a deposição de ouro ocorre apenas nos túmulos mais recentes, com os objetos de prata nunca ocorrendo nos túmulos datáveis dos inícios da necrópole, se tornando rara à partir da fase intermediária do sítio e mais comum ao estágio final. O bronze é o metal mais numeroso entre as amostras, ocorrendo da fase intermediária em diante. Pequenas quantidades de ferro ocorrem consistentemente em todas as fases.

Nos contextos à partir da fase intermediária do sítio se torna possível perceber a presença de peças realizadas também em outros materiais, como contas de pasta vítrea, faiança, vários minerais polidos e âmbar, ocorrendo em enterramentos de ambos os sexos e incluindo dois colares em estilo

fortemente orientalizante, munidos de escaravinhos em vidro. Um modelo em terracota ocorre uma única vez, em um enterramento sub-adulto tardio, retratando um carro. Por contraste, como vimos no capítulo anterior, a fase protocoríntia inicial apresenta apenas deposições de fíbula e grampos metálicos, bem como cerâmica coríntia e argiva.

Novamente os materiais mais caros e privilegiados parecem acompanhar enterramentos sub-adultos, como por exemplo , no enterramento de uma menina contendo um anel em prata, brincos em eléctro, uma fíbula em ferro com detalhes em marfim e fragmentos de um vaso cerâmico de grandes dimensões. Assim como nos exemplos anteriores, este enterramento rico foi realizado em um sarcófago, sugerindo fracamente que esta prática fosse mais prestigiosa - no entanto esta correlação poderia ser apenas o resultado do efeito do esquife em melhor preservar as peças ou, ao menos, em dificultar relativamente seu saque.

Infelizmente, a preservação dos esqueletos é pobre, e os registros de sua escavação bastante sucintos. Mesmo com esta limitação se pode afirmar, no entanto, a existência de uma razoável constância nos dois padrões de deposição mais visíveis no Fusco arcaico - um padrão inicial mais restrito e, a partir da cronologia intermediária, um padrão com amplo uso de materiais estrangeiros.

Quantitativamente, na primeira fase do padrão aqui proposta, o número médio de vasos cerâmicos depositos oscila entre um e três exemplares, se intensificando para de três a seis na fase subsequente. Cerca de metade das tumbas datadas do arcaico são completamente desprovidas

de metal, mas quando presentes a totalidade de objetos de metal por tumba oscila entre um e três exemplares, por todo o período. Maiores incidências de metal geralmente acompanham maiores incidências de cerâmica, bem como nas fases tardias irão abarcar as maiores incidências de “materiais exóticos”, sem que seja possível se atestar uma predileção clara por uma forma ou objeto de prestígio específico.

Um possível guia para o significado social destes padrões funerários pode estar na análise do conteúdo metálico, como proposto por Shepperd (1995). Utilizando-se da analogia do grande custo monetário que uma profusão de metais depositos na tumba carrega consigo, o autor propõe um sistema em "duas camadas", no qual as tumbas mais simples, sem quantidade de metal considerável se enquadrariam em níveis intermediários ou baixos em relação aos grandes consumidores de deposição metálica.

Nesta proposta as tumbas em sarcófago seriam então aquelas que mais se enquadrariam como representação de uma camada abastadas e as tumbas em fossa sendo geralmente destinadas às classes menos privilegiadas. No entanto um efeito de "ascensão social" se torna visível quando empregamos esta proposta de interpretação. uma vez que túmulos em fossa com quantidades inesperadamente altas de material metálicos são mais comuns do que sarcófagos com quantidades inesperadamente pequenas de metal dedicado. Estaríamos então, por assim dizer, frente a uma "camada média " representada nos enterramentos? A afirmação pode ser exagerada, mas um argumento para uma possível mobilidade social mais fluída do que aquela presente em Corinto, onde o acesso ao poder e riqueza

seria mais cuidadosamente controlado por uma oligarquia bem estruturada, pode ser visto na curiosa repetição de peças metálicas em algumas tumbas . O enterramento em leito funerário com 51 pregos, por exemplo, excede em muito o número usual de crivos necessários para a construção de tal estrutura (que, como Frederiksen aponta, vem mais comumente a ser realizada com cravelhas e cola, não necessitando em termos práticos de nem ao menos um exemplar). Ao inumar cerca de dez quilos de metal, indica-se o alto custo do funeral, envolvendo a matéria-prima e o trabalho (ainda maior se supormos trabalho em madeira de boa qualidade acompanhando estes pregos), mesmo em comparação aos enterramentos em sarcófago.

Ainda nesta tentativa de interpretação podemos traçar também uma comparação direta para com o Cemitério Norte em Corinto. No capítulo anterior abordamos uma tumba específica na finalidade de tentar perceber as continuidades com uma realidade pré-sinecista e para com a futura organização clássica. Ao estabelecermos uma hipótese para um padrão siracusano podemos então brevemente comparar a intensidade das deposições na tentativa de vislumbrar diferenças de organização social. Dos 65 enterramentos bem contextualizados no Cemitério Norte à terem datação no Arcaico apenas 17 possuem mobiliário funerário e quase todos foram realizados em sarcófago e são em sua maioria individuais.

Assim, algumas continuidades e rupturas podem ser percebidas. O mesmo padrão primariamente individual aparenta ter sido preservado. A preferência por sarcófagos em enterramentos mais abastados pode ser - ao menos em um momento inicial - uma emulação das práticas da *cidade-mãe*

preservada no imaginário de prestígio dos *colonos*. Os indivíduos de supostamente menor prestígio inicial e de acesso mais limitado a materialização do padrão funerário de Corinto irão estabelecer um padrão próprio siracusano, as tumbas em fossa, que são muito incomuns na Corinto arcaica. Gradualmente todo o padrão colonial Siracusano, tanto emulativo quanto "original" irá se tornar mais rico em objetos funerários do que o próprio padrão coríntio. De fato, quase todos os tipos de objeto depositados em Corinto são encontrados em maior quantidade em Siracusa, enquanto certas categorias de objetos siracusanos simplesmente não ocorrem em Corinto.

A comparativa baixa incidência de cerâmica em Corinto também sugere que esta pólis primariamente estaria direcionando sua produção ao comércio externo, enquanto que Siracusa mais livremente consome material estrangeiro ao invés de exportar. O alto nível de importação é, no entanto, também em sinal de uma grande prosperidade comercial, mas esta não tem, então, a mesma base que a de Corinto. Não é possível ainda neste ponto compreender os motivos para esta prosperidade Siracusana, mas o material funerário traz mais um elemento importante quanto a possível organização comercial da Colônia. No padrão siciliota, a prata - metal de prestígio no Fusco - não é encontrada em quantidade entre as tumbas de populações pré-gregas (HENCKEN, 1958). A intensificação do depósito deste material nas tumbas poderia refletir um crescente fluxo de prata alcançando Siracusa, condizente com uma área de comércio bem centralizada, tal como a própria geografia Mediterrânea sugere. A intensificação desse fluxo seria então

também sincronizada a um processo de estratificação social, como apresentado pela "graduação" das tumbas.

Conclusões

As evidências materiais acerca da expansão urbanização de Siracusa indicam que, a partir da fundação, no séc. VIII, a pólis vai expandindo o seu território rapidamente para a Acradina e implementado uma paisagem sagrada que posteriormente será objeto de remanejamentos e ressignificações. A monumentalização destaca-se a partir das tiranias Deinomênidas.

Um exemplo das diversas fases de ocupação do espaço de cunho religioso pode ser visto nos contextos ligados à área do *Athenaion* e cercanias imediatas. Seria neste momento que o santuário da Piazza Duomo (que Voza contextualiza como provavelmente o de Afrodite) teria sido erguido, englobando o chamado *oikos*, testemunha da chegada dos coríntios.. As fossas votivas teriam então sido estabelecidas ao redor deste santuário, iniciando a primeira expansão da área sagrada, caracterizada pela possível prática inicial de banquete. Os vestígios cinerários também seriam um aspecto importante deste padrão religioso existindo grande sobreposição de restos sacrificais. Na metade do século V a área sagrada sofre uma nova reorganização, se aproximando cada vez mais do que se tornaria o *Athenaion* “Deinomênida”.

Podemos argumentar então que Siracusa apresenta um programa de monumentalização do espaço sagrado em certos aspectos mais “agressivo” do que aquele visível em Corinto. Se no espaço coríntio a organização das áreas rituais está fortemente espiralada ao redor da “Colina dos Templos”, com acréscimos sucessivos caracterizados mais como expansões do que como remodelações do santuário, em Siracusa aquilo que percebemos é a distribuição inicial de áreas sagradas pela Ortigia e a sucessiva expansão para a Acradina e para uma região mais afastada, fora do que seria a *ásty*, como é o caso do Santuário de Zeus Olímpio.

Na análise do mobiliário funerário apresentado pela área da necrópole do Fusco, por sua vez, retrata uma diversificação considerável dos materiais ofertados, prevalendo sempre a cerâmica, e com o domínio das formas coríntias como o aríbalo. Formas de demonstrar prestígio no enterramento propriamente siracusanas irão gradualmente ganhar mais espaço, utilizando uma quantidade crescente de cerâmica importada, entre as quais a argiva, a jônica, a lacônia e a greco-oriental serão marcadamente presentes, bem como os artigos de luxo importados, virtualmente ausentes em Corinto. Dentre estes artigos aquele que talvez seja o marcador mais central do imaginário de prestígio Siracusa se consolidará na prata. Tais preferências irão se refletir também nos depósitos votivos não-funerários.

Este cenário nos sugere um espaço onde a religião parece estar menos perfeitamente canalizada por um grupo oligárquico hegemônico, como aparenta ser o caso Coríntio, mas dispersa entre vários grupos de elite, capazes de arcar com elevadas despesas na materialização de seu prestígio,

talvez em um plano de competição. Neste sentido, uma mobilidade social maior aparentemente poderia ser desprendida dos contextos funerários – *latu sensu*, uma espécie de “classe média” existe na necrópole do fusco, apresentando rituais funerários intermediários entre os dispendiosos como o sarcófago inspirado na prática coríntia e o esquife simples dos primeiros colonos. Esta estratificação intermediária não aparenta ocorrer em Corinto.

Assim, poderíamos argumentar que Corinto e Siracusa, sendo ambas as cidades com marcadas esferas de influência, extensos esforços de monumentalização e grande consumo de cultura material seriam importantes centros de prosperidade no mundo Arcaico, mas manifestando prosperidades marcadamente diversas: Corinto se basearia em uma alta intensidade de exportação, aparentemente se protegendo contra importações, enquanto Siracusa abraça livremente o fluxo de bens, talvez se focando em seu transporte e distribuição. Siracusa não necessariamente produz aquilo que é trocado em seus portos, mas são as próprias benfeitorias de seus portos, conexões com outras cidades siciliotas, laços com os estrangeiros (talvez influentes em seus variados padrões de culto) e centralidade comercial que embasariam a riqueza da cidade.

Se estas são as impressões interpretativas promovidas pela análise dos contextos materiais, artefatuais ou construídos, presentes em Siracusa contrastada com Corinto, seria possível encontrar uma correlação entre estas expectativas de pesquisa e a organização política que estas polis em processo de consolidação irão adotar? Quais seriam as ferramentas de análise para partirmos das realidades materiais rumo aos construtos sociais e

culturais? No terceiro capítulo este tema será abordado, centrando-se na questão dos processos formativos da pólis e na teoria política, analisando os contextos antigos e a formulação moderna.

Capítulo III : Cidade, pólis e a questão do Estado: teoria, discussão e comparação

Neste capítulo apresentaremos ideias de autores selecionados a partir do critério de sua representatividade para o debate sobre a cidade antiga, a questão do Estado e a situação da pólis enquanto uma configuração política original no mundo antigo. Será, evidentemente um recorte pessoal que não tem nenhuma pretensão de expor a tradição bibliográfica sobre o tema que, como sabemos, remonta, no mínimo, aos filósofos gregos de época clássica.

1. Antecedentes: a teoria dos “ Estados Nacionais “ e as dificuldades de definição do “Estado Antigo”.

O debate sobre os processos de formação dos grupos sociais é um tema perenemente retomado dentro das ciências humanas, se tornando ainda mais contencioso quando procuramos estudar as bases dos processos de institucionalização de deliberação interna destes grupos. Tradicionalmente as ciências sociais abordam este tema dentro de grupos modernos utilizando-se da figura teórica do Estado, figura esta intimamente ligada às ideologias e contexto histórico do Século XVIII e à reforma de ensino Iluminista . Assim, ao menos em

termos gerais, podemos atrelar a construção jurídica de uma Teoria Geral do Estado como modernamente o conhecemos a um cenário de Estados Nacionais possível apenas dentro de um suporte "racionalista" positivístico característico herdado e continuado dos filósofos e pensadores ligados aos movimentos do Esclarecimento.

Esta associação tão íntima naturalmente traz consigo a reticência em se assumir que os padrões de organização dos grupos humanos antigos fossem imediatamente comparáveis à estrutura Estatal moderna – mas em consequência a própria modernidade, no entanto, acaba por ser apresentada de forma quase perfeitamente isolada de qualquer integração concreta ao passado humano, sua cultura material e suas dificuldades fáticas. O Estado é caracterizado, de forma um tanto contraditória como sendo um desenvolvimento *ex novo*, suportado por construções narrativas de passado primariamente teóricas e ideais – como por exemplo, a figura do "Contrato Social" - que "naturalizam" a gradual "complexificação" e estratificação social como uma consequência direta do convívio em grupo. Entre estes esforços talvez o mais imediatamente visível e influente no desenvolver do pensamento político do século XVIII – e por consequência, de seus futuros continuadores e críticos - seja a teorias de "estado de natureza", trabalhada de forma diversa diversamente em grande extensão por Hobbes (1651) e Rosseau. (1762)

Em síntese, nesta abordagem o processo de formação Estatal se configuraria então como uma gradual adoção das tradições normativas de um direito público em um processo fundamentalmente baseado em escala: quanto

maiores e mais interconectados os grupos, mais próximos estes estariam ao "patamar Estatal", e a formação dos Estados Nacionais se explicaria como um ponto de máximo natural - um "destino coletivo", para se utilizar uma expressão característica dos movimentos nacionalistas românticos, cumprido historicamente.

Nesta síntese se relegam as experiências de organização social humana passadas apenas a posição de "não-Estado", sem se propor uma visão clara de como estas organizações de fato se estruturariam. Dentro da teoria arqueológica este será naturalmente um ponto de tensão, na medida em que sucessivas reformulações sobre quais são os objetivos, métodos e limites da disciplina procuram definir sua abordagem sobre a natureza dos fenômenos sociais e sobre o conceito de cultura – em suma, se torna importante encontrar uma forma de conciliar uma visão historicizante da ideia de desenvolvimento cultural, preocupada com a longa duração Braudeliana, com a aparente contradição de uma “súbita” e “breve” história do surgimento do Estado.

Neste sentido, o tema do desenvolvimento social e sua comparação ao desenvolvimento Estatal será fortemente focado no momento da discussão da Nova Arqueologia. Aceitando as dificuldades do trabalho com o documento textual, uma proposta inversa se estabelecerá, na forma de uma abordagem sistêmica e tipológica para este problema, pretendendo discernir e graduar as variações de organização social através da presença de marcadores materiais, arquitetônicos, e de organização espacial que pudessem suplementar os textos e evidenciar estágios de organização social.

Um dos exemplos mais diretos está na obra de Lewis Binford e sua utilização do conceito de “Central Place Theory”, originalmente proposto por Christaller no campo da Geografia Humana, no qual a posição física de cada assentamento é um guia para seu encadeamento hierárquico no todo (BAHN e BINFORD, 1998). Tais propostas sistêmicas serão grandemente questionadas pelas abordagens pós-processualistas sucessivas, que as percebem como “mecanizantes” e distantes da apreciação da ação humana. Sua alternativa proposta será focar sobretudo nos estudos de diversidade teórica ressaltando a forma com que um determinado resquício documental pode indicar variadas possibilidades de como as sociedades humanas podem se comportar de formas marcadamente distintas mesmo dentro daquelas que parecem ser as mesmas condições.

Nestes termos relativizantes se torna necessário definir, então, o que se pretende assumir como “Estado” e como “Organização Social”, e fundamentar qual é o benefício de se lançar mão destes conceitos para a análise. Assim, nosso objetivo neste capítulo é o de inicialmente apresentar uma definição de trabalho para a organização social do período arcaico grego a formação da pólis através da apresentação uma breve discussão das diferentes abordagens do tema da teoria da organização social proto-estatal e sua possível tipologia, apresentando também algumas das críticas possíveis à estas aproximações. Em seguida questionaremos estas sistematizações através da discussão sobre a aplicabilidade da ideia de Estado sobre estes fenômenos.

Por fim, no capítulo seguinte, confrontaremos estes construtos teóricos aos padrões materiais apresentados nos nossos estudos de caso, na tentativa de se construir uma proposta de interpretação da organização social destas pólis partindo da materialidade para a teoria social.

2. Argumentos para um Estado arcaico na experiência políade: uma rápida introdução.

Uma vasta gama de definições de Estado, muitas delas discordantes, é recorrentemente proposta por arqueólogos e antropólogos desde os inícios da disciplina. Escrevendo em 1931, C. H. Titus colhe 145 definições mutuamente contraditórias, ao menos em superfície - profusão que van der Vliet (2005) irá comentar em seu artigo como sendo proveniente de uma dificuldade central de interpretação: para a experiência do cidadão, o Estado só se torna perceptível quando personalizado e direcionado em uma ação concreta, usualmente coercitiva. De outra forma, o Estado aparenta ser uma "não entidade" nebulosa - ou seja, em termos jurídicos, a visibilidade do Estado aparenta ser atrelada a sua jurisdicionalidade: o Estado "é" quando materializado na articulação concreta dos poderes de um cargo.

Nestes termos, se tornará imprecisa, então, também a divisão entre o Estado e Sociedade: se a manifestação visível do Estado é a coerção, como poderíamos perceber as diferenças entre a deliberação interna de uma sociedade

"não-" ou "pré-" estatal, como por exemplo uma chefia, e um Estado propriamente dito? Em princípio, a aplicação d e força imediata seria completamente indistinta entre as duas formas de organização. Krader (1968), no entanto, aponta uma diferença central mesmo dentro deste problema - o Estado se configuraria primariamente como "a instituição do governo político". Até mesmo a aplicação de violência deveria, então, em um Estado, proceder através de vias institucionalizadas.

A institucionalização das vias de deliberação seria então o mínimo verificador para a presença do Estado? Tratando sobre este tema, Weber (em obra publicada postumamente em 1972) propõe a figura do "*Herrschaftsverhältnis*". Em uma tradução direta, a expressão significaria "relação de dominação", a sujeição do cidadão a um canal único de deliberação, que elimina qualquer caminho paralelo de decisão. Institucionalização, nesta proposta, seria então a formalização de um canal unificado, legitimado e sobretudo exclusivo de deliberação ao qual os membros do grupo devem recorrer e se submeter - de fato, esta definição será um dos pontos centrais da síntese tipológica estatal de Hansen, que lhe nomeia "circunscrição", como veremos adiante. Quanto mais perfeita esta relação de "unicidade" para com a institucionalização mais "verdadeiramente Estatal" seria a sociedade em questão.

Nestes termos, as bases visíveis mínimas para se alegar a existência uma sociedade em organização Estatal seriam então a presença de um monopólio da força bem caracterizado, capaz de se manter duradouramente e suportadas por um discurso de legitimidade bem difundido. Dentro desta síntese, Kantorwicz

(1957) traz um exemplo prático interessante para a possibilidade de se perceber uma organização que seja compreensível como estatal mesmo em um contexto pré-Estado Nacional: uma monarquia medieval em processo de sucessão ainda não resolvido possui os requisitos mínimos citados, e, mesmo que sua base política possa ser descrita como advindo do poder pessoal, não se encontraria em tal situação centralizada neste momento - ou seja, apenas as instituições estão carregando a organização social desta monarquia durante o período de crise sucessória: a sucessão em aberto só pode existir sem que tal monarquia imediatamente desapareça quando amparada por uma estrutura Estatal.

Abélès (1996) irá ressaltar também a questão territorial, apontando o fato de que a eficácia de uma instituição é comportada por um alcance material e geográfico. Vale notar que todos estes elementos são mutáveis e não-permanentes – e de fato, negociados (ponto especialmente visível quando movemos a análise ao contexto romano, consagrado por sua habilidade em incorporar e alterar conceitos locais e estrangeiros em uma amálgama funcional, mas presente em qualquer cenário colonial, por exemplo) frente ao grupo: a jurisdição sempre carrega, em alguma proporção, um elemento “circunstancial” (Fried, 1968).

Dentro dos Estudos Clássicos esta definição acaba por se estabelecer como uma relação dialética. Hansen (2002), em resposta a continuadas críticas por Berent (1996, 2000, 2004) apresenta a ideia de que, embora a pólis Grega seja uma comunidade auto-governante não há uma normalização constante quanto a forma dessa organização - o autor propõe que em diferentes pólis

diferentes "níveis" de estatização estariam presentes, níveis estes atrelados a definição "antropológica" do Estado como circunscrição, mas que não poderiam ser definidos como Estados no sentido "moderno" (por exemplo, certamente não se tratam de Estados Hobbesianos) - uma definição, por assim dizer, de um "Estado Arcaico".

A questão das diferenças práticas encontradas pelas diversas comunidades gregas como elemento caracterizador de suas instituições é já um tema bastante explorado. Glotz (1953), por exemplo, cita diferenças de demografia e território como um fator central na formação da comunidade política. Trabalhando à partir de uma perspectiva primariamente atenocêntrica, van der Vliet (2005) nos apresenta o argumento de que a Atenas em liga, estruturando contatos complexos em uma área ampla no Egeu estará logicamente em uma situação mais propensa à formalização de canais bem definidos e bem documentados de deliberação.

Discursos de legitimidade e a manifestação da presença territorial não são, no entanto, prerrogativas exclusivas de "grandes pólis influentes", ocorrendo repetidamente, mesmo em localidades aparentemente menos formalmente organizadas e de menor expressão externa – van de Vliet cita os pequenos territórios das pólis cretenses de Dreros e Eleutherna como um exemplo de Estados com clara circunscrição interna, mesmo se sem uma área de influência diretamente visível: seus territórios são pequenos mas claros e suas leis escritas definem canais específicos de poder, mesmo no que é em efeito uma sociedade de contato face-a-face direto.

Ainda seguindo a exemplificação apresentada por van der Vliet, poderemos encontrar uma tentativa de descrição do funcionamento da deliberação Estatal no mundo políade quando trabalhamos com os registros administrativos Atenienses. Graças à preservação de fontes escritas bem detalhadas podemos vislumbrar uma estrutura de poder que, ao século V conta com uma constituição que apresenta mecanismos claros administração: a tributação é fixada e descrita (inclusive em alíquotas distintas, internas e externas), e se espera sua fiscalização periódica, incluso em registros conferidos por um conselho. Relações "internacionais" são estruturadas e é parte do papel de arconte lidar com a taxaço de cidades aliadas e na manutenção da frota, supervisionando as obras promovidas pelos Trierarcas (MEIGGS, 1972; GABRIELSEN, 1994).

Mais ainda, as fontes citam ainda figuras jurídicas complexas, como a concessão de direitos de mineração à particulares nas minas do Laurion, incluindo mecanismos de renovação periódica de tais concessões, sendo reservado o direito de fiscalização de tais explorações privadas (OSBORNE, 2002). Os próprios cargos são fiscalizados em docimásia, tendo termos fixados por escrito e necessitando da apresentação pública de contas.

Este cenário é então, neste período avançado, já o de uma considerável burocracia, sendo esta em si já uma atividade grandemente especializada e produzindo um grande número de material escrito: a evidência papirológica e epigráfica apresenta inventários, listas navais, vendas públicas, contratos, censos, inclusive mantidos em arquivos públicos bem definidos (SICKINGER, 1999; FRANCIS 1990).

Toda esta complexidade é ,claro, um exemplo bastante localizado e muito tardio para nossos propósitos, mas demonstra qual a possível extensão máxima da complexificação formal das relações sociais no Mundo Grego. Mais ainda, toda esta situação fática necessita de um processo de formação e experimentação - colocando-se a questão como um argumento, se percebemos algumas dos mecanismos materializados mais característicos da jurisdicionalidade no período clássico, seria natural se supor que, de alguma forma, os períodos formativos da experiência urbana devem necessariamente terem influenciado esta concretização.

3. Rumo à uma “Teoria do Estado Arcaico”

3.1. A aproximação tipológica: Ehrenberg e Runciman

O esforço rumo a uma apreciação mais pormenorizada da questão do surgimento do Estado já é intentado dentro da teoria clássica, por exemplo, como faz Victor Ehrenberg, em "When did the pólis rise?" (1937) no qual o autor propõe estudo tanto histórico quanto arqueológico e reconhece grande gama de organizações variadas a que “pólis” pode se referir. Sua definição coloca a pólis como uma comunidade, onde “a era de Péricles e Anaxágoras” já apresenta dissolução interna – o resultado de um processo dinâmico de pressões internas e conflito. Ehrenberg afirma que” a pólis é produto de longa evolução” que o faz remontar seus inícios muito antes do sexto ou quinto século. (EHRENBURG,

1937:147). Sua argumentação , se pensarmos na data em que foi construída é extremamente inovadora:

....” a pólis surge como uma representação abstrata de um enorme numero de Estados concretos, independentes amplamente diferindo em forma e desenvolvimento e conhecidos por nos por meio de tradições altamente variáveis em qualidade “ (**op. cit.** p. 147)

Ehrenberg utiliza-se de fontes textuais para situar ao menos parte do processo antes das guerras persas: Nas "Suplicantes", de Ésquilo (480 a.C) a pólis é, para o autor, caracterizada como forma padrão de Estado na mítica Argos, ponto ressaltado pelo tema dramático central da questão da responsabilidade do indivíduo, o conflito entre *Diké* e *Hybrys*, retomado também, por exemplo em "Os Sete contra Tebas". Se ressalta também a utilização de termos ligados a ideia de pólis: "*Tethmos*", se referiria ao princípio normativo do Estado; "*Nomos*", o costume, protegido e mantido pelos senhores, o que para o autor prepararia o caminho ao conceito de "constituição". A nomenclatura para cidadão incluiria também o termo "*eta*", "parente, amigo, compatriota", ideia que seria apoiada em uma igualdade de penas e uma identidade representada na pólis, bem como a capacidade a comportar a "*Rethra*", os direitos concedidos ao cidadão (e, de certo modo, uma "proto-ação privada") . É identificável também a ligação do termo "*demos*" tanto à terra pertencente a comunidade como ao grupo em si. Tal definição de terra e povo como idênticos é uma clara expressão e unidade política para Ehrenberg.

Fundamental no processo de formação estatal é também a “Era dos Tiranos”, com seu nivelamento de distinções sociais, abertura para conflitos de igualdade - a reforma de Clístenes é um exemplo imediato, e o autor aponta que neste mesmo momento em Atenas o símbolo da cidade começa a ocorrer no lugar do símbolo das famílias aristocráticas na cunhagem de moedas. O texto já reconhece também os santuários externos como exercendo influência na consolidação de questões internas e externas da comunidade políade.

Nas “Leis de Chios”, datadas do século VI, teríamos evidências das tendências estatais se consolidando. O texto por vezes trata a pólis como um “nós”, um ideal de *eunomia*. E o tirano é agrupado em classificação junto ao assassino e ao criminoso e ao ímpio. Nessa medida, *Diké* se caracterizaria como uma vontade comunal, bem como a obrigação do cidadão frente a pólis. Esta consolidação se dá, no entanto, de forma desigual pelo espaço. A Beócia de 700 por exemplo, ainda teria a pólis em um estágio de formação comparativamente menos desenvolvido do que comparado ao mundo colonial. O autor aponta a importância da análise do século VIII e do estudo do mundo colonial como possíveis vias de acesso à esta questão. Para Ehrenberg, o século VII seria o ponto de transição da “pólis-família” (aristocrática) à “pólis-hoplita” (cidadã). A fortaleza micênica sobre uma cidade aberta seria o antecessor mais direto da pólis, que só poderia passar a forma de cidade murada dependente do território através da criação de um centro urbano, provavelmente por sinecismo.

Em conclusão, o autor argumenta que a resposta para “quando a pólis surgiu?” será variada. Sob o foco da pólis como modo de Estado grego, os

séculos VII e VI não se apresentam como respostas – grandes figuras, fundadores e legisladores não são ímpeto suficiente e nem justificativa concreta ao processo. A aproximação oposta, interpretar as pressões internas da pólis, sobretudo as registradas na *Tethmos*, como manifestações organizadas, quase produto de “partidos políticos” também é exagerada. Se percebe, no entanto, que o processo de formação a pólis já se dá juntamente a um estado significativo de existência política, com os tiranos e aristocratas atuando, em sua maioria, no sentido contrário desse processo. A pólis não seria caracterizada por processos de individualização. A aparição de demagogos não é um movimento contra-pólis mas antes um estágio inicial necessário, comprovando a existência de um conceito e poder político já suficientemente articulado para que se estructurem interesses propriamente estatais.

A definição de "Estado" é questionada também por Runciman, em "Origins of States: The case of Archaic Greece" (1982):

“ Os plurais do título carregam duas implicações, nenhuma das quais eu considero controversas, se é que elas algum dia o foram: primeiro, que existe mais do que um tipo de estado “primeiro” ; segundo que existe mais de uma maneira pela qual estados surgem .” (RUNCIMAN, 1982: 351)

Ou seja, a dificuldade de precisão teórica sobre uma definição ao termo "Estado" faz com que seja possível apenas se discutir "Origens dos Estados", em um plural intencional. No entanto, para Runciman é importante ressaltar que

quatro condições são necessárias e devem estar atuando em conjunto: para haver um Estado seria, portanto, obrigatório estar em funcionamento concomitante: uma especialização de papéis governamentais; centralização de uma autoridade coercitiva; permanência ou, pelo menos estabilidade recorrente, de estruturas internas; emancipação em relação a estruturas de parentesco reais ou fictícias, como base das relações entre os que governam e os que são governados.

De acordo com Runciman, a presença ou ausência destes qualificadores seria o que separa os modelos de semiestados - comunidades sem potencial para a transição completa ao Estado - e protoestados, por contraste, o reverso. Trata-se de uma diferença de estrutura e organização política – da capacidade de se “descolar” da base de apoio quanto aos elementos de legitimação do uso de poder, e de uma organização política em mais claro processo de definição. Ambos têm inícios similares ocorrendo em grupos com papéis de liderança próximos aos da chamada chefia, usualmente com uso e valorização da prática do pilhagem e de uma ideologia de valores “Homéricos” como o heroísmo e eloquência pública.

Um exemplo comparativo desta diferença, continua Runciman, seria contrapor as tribos germânicas do séc. I d.C. , descritas por Tácito (*Germania*) e a Ítaca Homérica. Os germânicos são descritos como tendo controle de terras unitário baseado em vilas inteiras, regido por uma distribuição baseada em posto, enquanto Ítaca utiliza uma distribuição entre *oikoi* autônomos. Os duces, ao contrário dos *basileis* tem divisões militares genuínas e não dependem de apoio de amigos e servos. Ainda mais, teriam um sistema legal utilizando regras fixas, com possibilidade de apresentar acusações capitais frente a uma assembleia (na

qual sacerdotes, e não o líder, tem *ius coercendi*) - um quadro que compõe um Proto-Estado germânico e uma Ítaca com dominação patriarcal no sentido weberiano, constituindo um semiestado.

Ou seja, a diferença essencial é a de que um Estado se desenvolveria em sociedades onde se “vem para o poder”, ele é por assim dizer, “existente”, “fixo”, não pessoal e construído a cada instância e geração: são possíveis figuras como soberania e a tirania.

Runciman ensaia uma estrutura tipológica para tais formas de poder, definindo-as essencialmente em função das sanções aplicadas em seu reforço, com os caminhos de resposta e caminhos de “processo” disponíveis ao cidadão sendo limitados, ainda se definindo pela ordem emergente. Apenas três tipos de poder seriam discerníveis e, por isso, três tipos de sanção: o poder dos governantes derivaria de alguma combinação entre (1) posse e controle sobre fontes e distribuição de riqueza e, assim, habilidade em conferir ou negar acesso a subsistência (2) atribuição pelos governados e/ou concidadãos de honra e prestígio superior, seja de fundo sagrado ou secular e carisma pessoal ou institucional, com a habilidade de atrair e manter seguidores (3) comando de meios técnicos e organizacionais de coerção física, habilidade de impor obediência pela força.

Neste ponto, o autor traça comparações com diferentes abordagens tratando destas formas de poder, como por exemplo, a de George Thomson, com uma visão Marxista, centrando o poder na produção, e administração de excedente; Louis Gernet, em uma visão durkheimiana lidando com a consciência

coletiva e identidade cultural; Weber, analisando evolução militar e a consolidação de classes por sinecismo direto.

A passagem destes protoestados para Estados estaria centrada em não se depender unicamente de uma fonte de poder, estruturando-se combinações eficientes, que sejam capazes de fomentar a ausência de fragmentação interna, a resistência à conquista, o crescimento econômico, ideológico ou militar do poder disponível aos possíveis governantes, preferencialmente articulados em um arranjo que aumente as outras duas modalidades de poder conjugadas à originadora do primeiro crescimento.

Do semiestado - presente na “ Dark Age” - ao protoestado no período arcaico o movimento não seria apenas amplo mas rápido:

“ Já por volta de 700, que é aproximadamente a data por Hesíodo, o Estado tinha indubitavelmente chegado a partes da Grécia, de onde se espalhou dentro de um relativamente curto espaço de tempo para dezenas ou ainda centenas de comunidades separadas.” (RUNCIMAN, 1982:365)

O crescimento populacional é apresentado pelo autor como condição necessária, mas ainda mais importante é a estabilidade relativa, que inclusive, contribui para o crescimento populacional e é suficiente para não fragmentar estruturas consolidadas, mas ainda com conflito o suficiente para promover a consolidação de uma identidade de grupo. Runciman enfatiza a combinação de fatores impulsionando, em época arcaica, o surgimento do Estado:

“ Pode ser verdade que a colonização arcaica , como a guerra em época arcaica, contribui em certa medida para ajudar e em nenhuma medida para dificultar a evolução para o Estado. Mas não foi mais do a guerra (ou o crescimento da população, ou comercio, ou religião) “ a” causa . O

processo críticos....era a acumulação de poder disponível aos encarregados dos papéis governamentais que estavam em gestação.” (RUNCIMAN, 1982:367)

Em conclusão, o autor argumenta que o exemplo da Grécia arcaica aponta que a o Estado emerge quando comunidades definidas ocupando um território que possam defender de invasores e de onde não tenham incentivos para se dispersar em larga escala, acumulam uma reserva de poder econômico, ideológico e militar grande o suficiente para que papéis governamentais constitutivos de padrões proto- ao invés de semi-estatais sejam implementados na sociedade. E afirma convincentemente:“ Nas circunstâncias da Grécia pós-micênica era só uma questão de tempo antes que protoestados começassem a aparecer em varias formas constitucionais... “(RUNCIMAN, 1982:377)

3.2. A teoria das “chefias” como Proto-Estados e seu processo de consolidação: Timothy Earle

Como ferramenta de pesquisa para compreender quais as características e necessidades do fenômeno do surgimento “Estado”, se escolheu trabalhar criticamente com a tentativa de tipologia de desenvolvimento estatal realizada por Timothy K. Earle na obra **Chieftdoms: Power, Economy and Ideology** (1993) para posteriormente confrontá-la com o processo grego de formação das pólis.

As “chefias” seriam características de sociedades “intermediárias” seu aparecimento é explicado usualmente através da identificação – estabelecida em Malinowski – dos chefes em “banqueiros tribais”, exercendo uma administração organizativa das riquezas acumuladas em prol do bem comum e de uma crescente especialização social.. No entanto esta redistribuição não parece estar realmente presente em uma economia de subsistência, bem como não se apresenta uma necessidade imediata de organização (até mesmo os sistemas hídricos – tendentes a formar burocracias e proliferações legislativas - ainda são pequenos o suficiente para evitarem tal necessidade) nestas que são essencialmente sociedades de baixa densidade demográfica e sobretudo alto grau de variabilidade local.

O estabelecimento de uma tipologia acerca do surgimento e evolução estatal precisaria, então, tratar de três interpretações principais acerca deste fenômeno. Primeiramente pode-se iniciar tal tipologia através da categorização das chefias entre modalidades simples e complexas, com a variante simples exercendo sua influência sobre poucos milhares, estabelecendo apenas um nível de hierarquia sobre a comunidade e apresentando um sistema de postos graduados (“*graduate ranking*”). A variante complexa, por sua vez, engloba dezenas de milhares sob sua influência, desenvolve dois níveis de hierarquia e, especialmente, apresenta uma estratificação emergente.

A segunda noção principal é a de oposição de finanças, baseada na tensão entre uma economia centrada em bens e uma em valores, ou seja, na oposição

entre valor intrínseco ou utilitário a um valor simbólico (incluindo o valor dos objetos exóticos e o valor inerente de atos rituais, como o banquete).

Por fim, o terceiro conceito a ser contemplado pelo projeto de tipologia seria a tensão entre estrutura de grupo (ênfatizada através construções de trabalho corporativo) e individualização (diferenciação de status, visível especialmente no costume funerário e na distinção de moradia) dentro da sociedade.

Mesmo com essas balizas, comparações etnográficas são de uso limitado quanto a este problema, cabendo `a cultura material e ao documento arqueológico maior ênfase, baseando-se primariamente em estudos regionais de mudança de padrão a fim de evidenciar as dinâmicas internas de manutenção e de controle nas chefias.

Tais dinâmicas acabam por delinear um padrão de instabilidade e recorrência cíclica, fundamentado nas tensões decorrentes do esforço conciliatório necessário para se manter um grande grupo humano coeso – um nível de organização que não se forma naturalmente. Deve-se ressaltar que por ‘grande’ grupo humano tratamos com um conceito relativo: chefias não necessitam impreterivelmente da pressão gerada por grandes densidades demográficas, mas sim da pressão gerada por elas mesmas sobre sua base populacional. De onde vem essa pressão-base sobre o coletivo e como ela é mantida? Podemos resumir os elementos básicos dos instrumentos de controle social em três classes de fatores:

1.Fatores relacionados `a economia Interna:

- Doações geradoras de débito, banquetes e prestações (em um regime semelhante a um “esquema de favores”);
- Melhorias na infraestrutura e no sistema de subsistência.

2. Fatores relacionados ao poder militar:

- Encorajando a circunscrição (ou seja, reduzindo alternativas de escolha do “elemento civil”);
- Força aplicada internamente de maneira direta;
- Estabelecimento de laços externos;
- Expansão da população dependente do Estado.

3. Fatores de cunho Ideológico:

- Controle de fontes de legitimidade (o passado, o sobrenatural e o natural);
- Criação ou apropriação de novos princípios de legitimidade;
- Controle de produção e distribuição de riqueza interna;
- Controle do fluxo externo de riqueza.

A implementação desses fatores, no entanto, não garante estabilidade política, uma vez que esta só pode vir da articulação entre fontes alternativas de poder e aspectos econômicos - especialmente através da criação de estamentos e classes, tendo em vista que a natureza do poder não tende a unicidade, mas sim ao estabelecimento de órbitas de facções, cada uma se aproximando do poder de

maneira diferente. De fato, a sobrevivência dos Pré-Estados depende da eficiência de um “poder central” (ou o que mais se assemelhar a tal papel) em limitar (ou seja, novamente circunscrever) as fontes de poderes individuais e em absorver as estruturas de facção.

Um exemplo desse esforço de limitação está no cerimonial neolítico europeu: através da compatibilização entre duas práticas rituais a princípio antagônicas – as cerimônias de território (claramente centradas na esfera da comunidade e representando uma inclusão de grupo e delineação de limite) e a atribuição de status à símbolos estrangeiros (uma prática com fundo individual, excludente e “extra-territorial”)- consegue-se estabelecer um mecanismo social não apenas funcional no controle ao acesso dos fatores ideológicos (como descritos acima, legitimidade e fluxo de riqueza) como também capaz de promover um avanço das bases de poder ideológicas sobre as categorias militares e econômicas (por exemplo, através da associação de uma função guerreira à elite econômica).

O surgimento desse poder efetivo pode ser traçado através de suas necessidades de formação, uma vez que requer a presença de várias “condições ambientais” identificáveis: A possibilidade de intensificação da produtividade natural, elemento que serve de “chamariz” inicial para a aceitação da autoridade estabelecida e formação de uma economia de excedente, dependente de uma proximidade a recursos naturais não-alimentares necessários; um nível de densidade populacional regional que estimule a aceitação da organização estatal através do risco de crise de abastecimento; a existência de mercados externos

que viabilizem o funcionamento da economia de excedente e da manutenção de status, incluindo meios de comunicação; o risco apresentado pela circunscrição natural e pela não-obediência da circunscrição estatal, sobretudo aquele representado pela concentração dos recursos produtivos . Todos esses se caracterizam como requisitos incontornáveis, mas, novamente, não apresentam força suficiente per se para serem a origem do poder efetivo.

Novamente apenas podemos observar o efeito e não a causa: Os fatores de controle e suas condições necessárias acabam por se confundirem dentro da figura da circunscrição, criando um ordenamento basicamente suportado apenas pelo temor do risco representado pela exterioridade ao Estado – sumariado em sua escala mais direta no efeito catalisador da belicosidade (como apontado por Fergusson no tocante ao mediterrâneo) no sucesso dos grupos de poder emergente em configurarem uma base de pressão civil para a consolidação de sua estrutura de poder, saindo da escala regional da autoridade direta para a escala regional das hierarquias, abrindo, no entanto, a possibilidade de instabilidade externa.

Retornando a tentativa de estabelecimento de uma tipologia dos estágios básicos das chefias em caráter evolutivo (com toda imprecisão e artificialidade que o conceito acarreta, e primariamente como modelo) seria possível retrabalhar seus estágios nos seguintes termos:

1 – **Organização Arcaica:** Apresentando divisões socioeconômicas fortes baseadas em território e não em parentesco, desprovida de burocracia desenvolvida e configurando os primeiros elementos de poder impedido

(limitações e taxas). Se inicia um processo de institucionalização, militarização e interferência da religião na exploração econômica.

2-Sociedade Estratificada Descentralizada (identificável à “*Militärische Demokratie*” de Engels): Se caracterizando pela produção de subsistência descentralizada, consistindo essencialmente de fazendas e vilas espalhadas pelo campo. Chefes se destacam pelo seu contingente de guerreiros e a instituição do tributo já está fortemente estabelecida, se tornando uma base importante do Estado. A posse de terra é formalizada, acarretando no surgimento de uma classe camponesa sem-terra. Chefes encadeiam vassalos locais e regionais em uma estrutura de guerra e, de maneira semelhante, uma clientela rural é formada. As cidades, como regra, não ocorrem (de maneira semelhante a casos de expansão urbana bloqueada), estando o equivalente mais próximo na prática do controle de comunidades de troca e portos pela autoridade central. O trabalho qualificado é realizado tanto por escravos quanto especialistas livres e o artesão está preso ao regime de patronato da elite. Um sistema de economia de saques se estabelece, gerando uma sociedade gradualmente mais feudalizada.

3-Estado Arcaico Descentralizado (identificável no “modo de produção asiático” de Marx): Centralizado e sancionado ritualmente esse Estado se baseia na posse de terra administrada para a produção de tributo. Começam a se estabelecer os princípios da formação das chefias teocráticas. A estrutura tribal de clãs se formaliza em elites dominantes, legitimadas pelo acesso controlado da “ideologia sobrenatural”. Sociedades deste tipo ocorrem com maior frequência em regiões de alta produtividade, dependendo dela para sua produção de excedente e para a

formalização do tributo. A produção de excedentes é convertida em atividades rituais de larga escala, como a construção de centros cerimoniais assim como em organização da manufatura e do comércio centralizado. O trabalho escravo e a divisão familiar (parentesco) do trabalho evoluem para classes de atividade fixas, estabelecendo os componentes básicos de uma burocracia desenvolvida. O aparato estatal já se encontra plenamente suportado por uma economia centralizada e a estrutura genealógica ritualizada da classe dominante lhe confere legitimidade.

O resultado da variação evolutiva desses estágios de sociedade poderia, por tanto, ser expresso no seguinte modelo, descrevendo as trajetórias potenciais dessa evolução a partir do estado “inicial” de comunidade assentada no parentesco. Tal processo “evolutivo” se daria de maneira tanto espacial quanto temporal, ou seja, através de fluxos de reprodução e sendo influenciados pela presença de “tradições temporais”. A partir da organização social tribal, seriam possíveis, por tanto, várias trajetórias evolucionárias, incluindo variações de organização de chefias. A direção e potencial dessas variações necessariamente são afetadas pela sua posição no “sistema de mundo” e suas relações centro-periferia entre sociedades (e seus “graus” relativos de “desenvolvimento”) desse sistema. Consequentemente, tribos, estados e chefias podem ser entendidos como partes de uma estrutura contígua definida no espaço, dependendo de maneira particularizada de seu lugar em ciclos maiores de evolução/devolução.

Após o aparecimento do Estado, essas mudanças sociais tenderiam a ocorrer em blocos regionais, e, em qualquer ponto de seu percurso de

desenvolvimento são capazes de se encontrar em uma situação de obstrução, onde potencialmente podem sofrer devolução social. Esse fenômeno ocorre quando partes de um todo “mais desenvolvido” são cortadas e, aparentemente, passam a se caracterizar de forma relativamente autônoma, formando subsistemas regionais independentes, mas ainda assim afetados pela situação inter-regional. Deve-se notar que, da mesma forma que o centro pode afetar a periferia, o inverso também se realiza: O desenvolvimento ou colapso do centro pode depender, por exemplo, dos recursos de trabalho da área considerada satélite.

Mas, que condições de interações regionais são capazes de se tornar uma força guia no processo de transição social? Para se responder essa questão é necessário recorrer a um estudo periodizado de variação arqueológica dos padrões sociais. Poderíamos descrever essa periodização, na Europa, da seguinte forma:

1. Idade do Bronze

1.1.Fase inicial: O paleolítico tardio se caracteriza como momento final de expansão de assentamentos. Machados de bronze locais e importados gradualmente tomam o lugar dos objetos de prestígio líticos, mas ainda não se caracterizam como mobília funerária. Ao redor de 1700 a.C. o bronze se populariza em lanças, adagas e outros implementos. A partir desse ponto temos uma quebra significativa com o sistema tradicional de valores do neolítico, com o controle do comércio e manufatura de bronze tomando importância nas novas

posições de prestígio. Ao final dessa fase se configuram os primeiros enterramentos com armas.

1.2. Fase de expansão: Em torno de 1500 a.C. chefias começam a se proliferar bruscamente por toda a Europa, seguida de um aumento na construção de túmulos monumentais (especialmente os “barrows”, ou enterramentos em montículo). Temos uma queda nos tesouros tumulares, provavelmente indicando que a ostentação da riqueza é preferida a seu sacrifício no interior do túmulo. Os objetos funerários rituais restantes se caracterizam agora por valor simbólico e não mais intrínseco. Padrões de uso repetido de túmulos familiares são discerníveis. A partir de 1000 a.C. é constatável uma queda na produtividade agrícola devida ao desgaste ecológico provocado por essas populações, especialmente em campos abertos.

1.3.Consolidação e declínio: Os enterramentos continuam reduzidos em riqueza, com o padrão geral sendo a deposição de apenas uma urna funerária e alguns objetos pessoais (alguns dos quais altamente ritualizados, como as lâminas e pinças encontradas em determinados enterramentos masculinos e que, aparentemente, denotam alto status). Túmulos familiares apresentam enterramentos secundários. Algumas regiões (em especial Dinamarca) apresentam novas elites construtoras nesse período, mas, como regra, a monumentalização é minoria. Se por um lado temos um claro processo de continuidade e consolidação cultural, temos também neste período grande instabilidade econômica, agravada por um declínio na fabricação e no abastecimento de bronze. Objetos ornamentais desse material ainda são mantidos

em circulação, mas as ferramentas passam a ser confeccionadas em pedra, osso e chifre. Ao mesmo tempo, os rituais próprios da figura do chefe se tornam mais complexos e sua riqueza se canaliza dos objetos de prestígio para objetos rituais (especialmente na iconografia de cálices, elmos e escudos) – evidenciando um processo de busca de legitimidade da elite através de sua auto definição como mediadora divina, provavelmente como reação a uma crise de legitimação frente a instabilidade econômica. Mais evidência dessa preocupação com a ideologia justificativa está no aumento dos entesouramentos rituais, dedicados como presentes à divindade.

O costume do entesouramento, entretanto para subitamente mais tarde, e se segue um aparente colapso da estrutura de chefia (incluindo sua cultura e ritual). Virtualmente nenhuma tradição continua até a idade do ferro, salvo manifestações extremamente restritas como o entesouramento de anéis pesados.

Deve-se notar que, a despeito dessas mudanças a organização vigente persiste sem a evolução de Estados, os quais necessitam de uma economia de riqueza mais intensificada para conseguirem estabelecer sua de valores e realizar a diferenciação de um sistema baseado em aristocracia guerreira para um centrado na dominação política e econômica.

2. Idade do Ferro

2.1.Fase inicial: Caracteriza-se em um primeiro momento pela perda da homogeneidade cultural no espaço e no tempo mas não se encontra destituída de continuidades: a dinâmica do consumo de riqueza em enterros e tesouros é similar

ao padrão da Idade do Bronze, incluindo o consumo ritual coletivo, como exemplificado no entesouramento de anéis, mas, de maneira geral, quase nenhum consumo de objetos rituais é visto nos enterramentos. Tumbas em montículo não são usadas, preferindo-se cemitérios para a vila inteira (quebrando a hierarquização funerária da Idade do Bronze), com uma mobília funerária modesta e igualitária. A principal alteração organizacional inicial está em uma resposta para a crise de abastecimento, realizada através da reorganização da produção com a fazenda familiar como unidade básica, cuja principal vantagem está no caráter sistemático de seu funcionamento – o que permite a reutilização dos subprodutos no funcionamento da própria produção e estabiliza o processo, mas também requer mais esforço e organização. Como consequência, novas relações de produção se configuram e o sistema familiar baseado no parentesco começa a se fragmentar. A posse de terra já é reconhecível como um recurso definido e limitado, em lógica de acumulação, o que move um processo de estratificação social crescente. O controle do comércio em longa distância perde importância como fonte de autoridade em favor do controle das reservas de ferro locais.

2.1 Fase de expansão: Por volta de 1500 uma nova elite guerreira aparece registrada nos enterramentos, seguida da aparição de grandes fazendas atribuídas ao chefe, indicando diferenciação econômica crescente. O comércio externo (especificamente o para com o sul do mundo céltico) é reaberto e objetos de prestígio voltam a proeminência na ostentação de status. Com a aparição do Império Romano (que estrutura comércio internacional com o mundo germânico) esse processo se acelera. O acesso a terra passa a ser institucionalmente

diferenciado e chefes passam a controlar outras fazendas ao redor de sua vila – ou, em alguns casos, até mesmo controlar outras vilas. Em A.D. 200 a vila já desaparece como estrutura organizacional de produção frente a autoridade da chefia, que delimita os assentamentos produtivos em menor quantidade e maior extensão. Segue-se uma formalização da taxaço e das relaçoões de propriedade, com as vilas pagando tributos e tropas para a chefia. Essas relaçoões de propriedade criam, por suas vez, novas classes sociais, algumas das quais (como servos e “thralls”/escravos) são definidas como classes “sem terra” em regime de clientela. Objetos romanos ganham importância crescente como peças de prestígio em enterramentos e tornam-se importantes enterramentos masculinos com armas, seguidos mais tarde de um aumento na ostentaço de riqueza dos enterros femininos. Exércitos profissionais se formam e maior ênfase é dada na conquista externa e colonizaço do que na estabilidade interna.

2.2.Consolidaço: Em cerca de A.D. 400 o consumo de riquezas nos enterramentos quase para e o entesouramento chega a seu pico máximo. Armas são agora minoria em favor do ouro, que encontra sua função mais frequentemente como oferta religiosa ou troca aristocrática de presentes entre casas reais. A taxaço se encontra completamente formalizada e a lógica dos entesouramentos é a de reservas a serem resgatadas. Uma leve recessão econômica se segue com a instabilidade do sistema de economia de bens. Ao contrário de sua contrapartida da Idade do Bronze, a elite da Idade do Ferro consegue resolver sua crise de consolidaço graças ao fato das terras cultiváveis serem controladas por famílias individuais e por tanto, passíveis de serem

incorporadas dentro da burocratização, mais facilmente taxáveis e mais receptivas ao conceito de elite.

Comparando as Idades do Bronze e do Ferro podemos concluir, então, que apesar de ambas serem classificadas como períodos de “chefia” se organizam de maneira intensamente diferente. Atuando de maneira central nessa diferenciação está o esforço de legitimação do Estado em criação, realizado através da combinação entre monopólio da informação, acesso a ideologia, guerra e controle e manipulação da produção, resultando em uma redefinição da tradição cultural pela classe dominante. Tal redefinição certamente é catalisada pela proximidade com o Império Romano, mas não explicável como mera reação (como em um mecanismo de proteção de identidade e soberania) a ele. Pelo contrário, a necessidade de legitimação não se dá como proteção contra o avanço externo, mas sim como mecanismo para vencer a resistência interna social contra a mudança. O resultado é um desvio gradual, parcialmente deliberado (ou melhor, deliberado apenas nos seus termos mais gerais, mas definitivamente não constituindo uma tendência puramente natural) da organização comunal da tribo em direção a estrutura circunscrita do Estado.

Embora o modelo acima apresentando resolva as necessidades básicas de estruturação para o entendimento do surgimento do Estado pela ciência política, ele é extremamente generalista, tendendo a considerar um mundo instantaneamente feito de Estados. No entanto, a antiguidade é um mapa de polites, primariamente caracterizadas por chefias, mas abrangendo também estruturas diferenciadas como ethne e pólis. Com efeito, as cidades-estado estão

presentes no “sistema de mundo” já desde o terceiro milênio com sua proliferação na Mesopotâmia. Tendo em vista essa variação, uma tipologia de chefias estanques só pode ser considerada, portanto, ferramenta inicial de análise, sendo necessário o detalhamento das condições regionais e sua gama de variabilidade para a compreensão local do fenômeno de surgimento do Estado.

3.3. A teoria das “chefias” e a complexidade do caso grego.

No mundo grego, a transição da “ Idade do Ferro Inicial” para o período arcaico é um momento crítico para a discussão de uma “passagem” de uma organização do poder baseada no padrão das “chefias” para lentamente se estruturar uma formação política do padrão dos “Estados”. Necessitamos então traçar os padrões de organização social desde o desaparecimento da civilização micênica para verificar o efeito dessa variação de chefia. Finley (1981:53) caracteriza o sistema administrativo dos palácios como “estados burocráticos menores”. A natureza da organização micênica nos é, no entanto, imprecisa – esses “estados menores” são descritos apenas em termos vagos, como na caracterização de Renfrew (1986) de estarem “um pouco além das chefias, um pouco antes dos estados”. Apesar de que definição seja produzida a importância da organização micênica é central: várias continuidades importantes sobrevivem à desintegração do chamado “ sistema palacial” , possibilitando, por exemplo, a hipótese de que os chamados “ basileus”⁹ seriam uma forma específica

de “chefia”. Assim, a erroneamente chamada “Idade das Trevas” que se segue ao desaparecimento da civilização micênica – especialmente difícil de se caracterizar devido à evidência textual limitada apresenta um panorama de poder político descentralizado. No entanto, via documentação arqueológica, sabemos que por volta do século IX populações helenas assim organizadas estão assentadas no Peloponeso, oeste da Ásia Menor e na maioria das ilhas Egeias. Um dos pontos centrais da transição em direção ao Estado está no deslocamento da identidade familiar do grupo para a identidade territorial da futura pólis, uma trajetória no sentido da despersonalização da autoridade em favor do Estado nascente, que representa o público em confronto com o particular.

Por volta do século VIII, anima-se o processo – longo e lento – de emergência da pólis, tendo com circunstâncias recorrentes no mundo grego, um aumento demográfico, aumento da produção de alimentos e adoção de uma economia de excedente, nucleação de assentamentos e transferência das oferendas votivas ricas dos enterramentos “principescos” (dos basileus?) para as áreas sagradas que reúnem uma comunidade de culto. Novamente a teoria entra em cisão sobre qual seria a causa principal desse fenômeno: Snodgrass (1980) sugere que o contato crescente com os fenícios – que apresentam em suas

Neste momento destaca-se a figura do basileu, originalmente a nomenclatura micênica dos oficiais locais das vilas, mas agora o título dos líderes das novas comunidades remodeladas. A condição de basileu, fundamentalmente uma nobiliarquia hereditária, parece ter se fundamentado tanto em riqueza e prerrogativas de poder quanto pela adoção de um estilo de vida aristocrático, valorizando, por exemplo, a hospitalidade ritual.

idades costeiras uma organização semelhante a pólis e tiveram grande influência na cultura grega (principalmente através da adoção de práticas como a escrita alfabética, a navegação de trirremes e numa inspiração aos Jogos Olímpicos) – somada a uma preocupação em regularizar o culto de uma divindade em um santuário central.

No século VIII , para C. Morgan (1990), os governantes aristocratas eram o Estado; não havia uma distinção clara entre o Estado como um grupo de aristocratas mantendo sua posição em base a um poder pessoal e o Estado como um sistema de tomada de decisões com ofícios, direitos e obrigações institucionalizadas. Assim, um balanço da história ateniense arcaica aponta para uma oscilação permanente e longa entre os interesses da pólis emergente e das grandes famílias proprietárias de terra , tendo com linha de tendência o crescimento gradual das funções do Estado. Para a autora (op. cit.) o primeiro passo seria o monopólio da força com a instituição da falange hoplita.

Uma tradição originária dos textos antigos enfatiza a formação de um sentido identidade, a cidadania. Segundo Morris (1991) a pólis só tem a sua existência reconhecível de maneira clara quando estão presentes os conceitos de cidadania e participação direta (*koinonia*); seriam o resultado de uma luta vinda do período anterior pelo alargamento da participação política antes nas mãos exclusivamente dos aristocratas. Alguns textos antigos são emblemáticos da valorização da vida em comum, que, com o passar do tempo ganha escopo mais amplo de cidadania.

“ Na minha opinião, a cidade deve o seu nascimento à impossibilidade em que o indivíduo se encontra de prover a si mesmo e à necessidade que lê tem de mil coisas” (Platão, Republica,II,369b):

“ Os homens se reuniram em tribos e cidades porque eles tendem, por natureza, a fazer as coisas em comum, e ao mesmo tempo por causa da necessidade que eles têm uns dos outros; e eles se reúnem nos locais sagrados que lhes são comuns pelas mesmas razões :estar juntos em festas e assembleias. Porque todas as coisas como começar por tomar o alimento na mesma mesa, derramar as libações juntos, abrigar-se sob o mesmo teto, leva à amizade (*philia*) ” . Estrabão(IX,3,5 –419)

As camadas de autoridade envolvendo as relações nas pólis não são, no entanto uniformes e as entidades territoriais gregas variam amplamente em sua forma política. Grande parte da porção ocidental da península balcânica e áreas da Magna Grécia como serão caracterizadas pela organização em *ethnos* .A compreensão da especificidade da polis como formação política se aclara se a comparamos com as *ethne*, menos estudadas mas que, quando o foram, reforçaram uma visão evolucionista no enfrentamento da questão da origem da polis. Passaram por ser *estruturas sociais primitivas* vistas como etapas na trajetória de constituição das pólis .Na verdade o termo *ethnos* abrange uma grande variedade de formas políticas e, nas palavras de Morgan (1990:4) a única forte conexão entre elas é o fato *de não serem pólis* .As *ethne* perduram na história grega e ,em época clássica o *ethnos* acaio abrange uma federação de 12 cidades, cada uma com o seu território e seu santuário. O *ethnos* dispunha além disso de um local principal de culto – Egira – localizada não em uma posição central mas na costa a leste do território acaio.(MORGAN, 1990). As duas formas de assentamento e organização política – polis e *ethnos* – não apresentam discrepância cronológica quanto à época de surgimento de santuários.

Morris(1991) aponta para um *continuum* de forma possíveis de Estado na Grécia, com as várias comunidades arranjando-se entre os dois modelos básicos: *ethnos* ,agrupamentos em que a cidadania não é uma força central (exemplos: Tessália e Macedônia) e a polis, em que cidadãos e Estado formam uma unidade ,exemplo clássico: Atenas. Esparta, por outro lado, seria um caso limítrofe entre os dois modelos básicos.

Já a partir dos primeiros tempos, a pólis entra em novos processos de desenvolvimento . Sua estratificação e diversidade interna crescente requerem uma resposta política. O poder aristocrático se encontra em crise, com os resultados dos processos de *colonização* e o comércio externo aumentando os números da classe de artesãos liberais (*demiourgoi*), mercadores e exportadores – novos focos de poder. A solução se apresentou em restringir o poder político aristocrático, valorizar a representatividade e reestruturar suas divisões internas – como, por exemplo, na reforma de Clístenes.

Outro importante fator está na reforma hoplítica datada por alguns autores em 650 , que ao instituir a formação de falange não apenas configura um exército de cidadãos , como também o condiciona a agir como uma coletividade – coletividade essa que passa a definir a pólis . Essa afirmação, no entanto, é controversa. Morris (1991) aponta, a partir de dados iconográficos na cerâmica micênica, que provavelmente o hoplita já era utilizado anteriormente na guerra grega, e a associação de uma “camada hoplita” a um ideal de coletividade políade não se fundamentaria. De toda forma a guerra hoplita é caracteristicamente um fenômeno da pólis.

Essas pressões crescentes do demos na pólis , como vimos, forçam a gradualmente aumentar o círculo de elites governantes, bem como a tentar se desfazer de suas estruturas de parentesco que ainda estavam subjacentes `a nova ordem.. Neste ponto seus resultados são imprecisos – os laços de solidariedade entre elites de localidades diferentes são muitas vezes mais fortes do que os laços entre essas elites as classes inferiores de suas próprias organizações, como aponta A. Gabriel Hermann (1987:6-8).

Acompanhando a nova moralidade de fidelidade à cidade está uma reforma religiosa, com os deuses territoriais e familiares – e seus códigos de vingança de sangue e fidelidade ao clã – são deslocados em favor do panteão olímpico – ele mesmo estruturado de maneira forte (com Zeus administrando uma ordem divina) e se identificando com os Estados através das divindades políades.

Na metade do século VII conflitos sociais (“*stasis*”) largamente difundidos pelo mundo grego promovem a intensificação da institucionalização governamental, a codificação escrita das leis e o surgimento dos tiranos. Os dois primeiros eventos claramente demonstram as necessidades de uma sociedade complexa, enquanto as tiranias se caracterizam de forma mais ambígua – são uma volta ao passado de reis e chefes fortes, mas, ao mesmo tempo, quebram a tradição de poder aristocrata e paradoxalmente fortalecem a pólis e a democracia. É importante lembrar que quanto a democracia não podemos apresentar uma forma padrão. Atenas e Esparta, os dois casos mais documentados são significativamente ocorrências atípicas no panorama grego – mas ambas

expressam fortemente as tendências políticas de codificação legal e intensificação da institucionalização, preparando o caminho para a burocracia do estado.

Os gregos usam, quando do advento da polis, expressões surpreendentes para indicar como certas deliberações devem ser tomadas: *es to koinon* ou que os antigos privilégios do rei e a própria *arché* são depositadas *es to meson*, no centro, no meio. Vale citar a longa explanação que Vernant a respeito da *novidade*:

“ O recurso a uma imagem espacial para exprimir a consciência que um grupo humano toma de si mesmo, o sentimento de sua existência como unidade política, não tem simples valor de comparação. *Reflete o advento de um espaço social inteiramente novo.* As construções urbanas não são mais, com efeito, agrupadas como antes em torno de um palácio real, cercado de fortificações. A cidade está agora centralizada na ágora, espaço comum, sede de *Hestia Koiné*, espaço público em que são debatidos os problemas de interesse geral. É a própria cidade que se cerca de muralhas, protegendo e delimitando em sua totalidade o grupo humano que a constitui. No local em que se elevava a cidade real – residência privada, privilegiada – ,ela edifica templos que abre a um culto público. Nas ruínas do palácio, nessa Acrópole que ela consagra doravante aos deuses, é ainda a si mesma que a comunidade projeta sobre o plano do sagrado, assim como se realiza, no plano profano, no espaço da ágora. Esse quadro urbano define efetivamente um espaço mental; descobre um novo universo espiritual. *Desde que se centraliza na praça pública, a cidade já é, no sentido pleno do termo, uma polis*”.p.32-3

(VERNANT, 1977:32-3).

3.4. O modelo de James Whitley (1991; 1995)

Para Whitley (1995: 39) os teóricos da formação do Estado não estão preocupados com uma comparação sociológica das formas institucionais mas com a definição das “*características comuns da evolução política das antigas sociedades estatais*”. Buscam relacionar as características gerais das seqüências arqueológicas com modelos derivados do registro etnográfico. Assim, enquanto os arqueólogos interessam-se por explicações que se adequem às seqüências arqueológicas que conhecem melhor, os antropólogos culturais, acostumados com a literatura etnográfica, ignoram as dificuldades empíricas para aplicar tais modelos. Para o autor colocam-se duas principais linhas de abordagem da origem do Estado na Grécia: as teorias *monocausais* ou “prime mover” e a teoria das *Políticas de Interação Inter-Pares* (PPI). Analisando os modelos arqueológicos, aponta Snodgrass (1980), Morris (1984) e De Polignac (1984) como parcialmente fundamentados na observação empírica e cada um enfatizando um “sintoma” na formação do Estado. No entanto, para Whitley nenhum deles explicou a formação do Estado de forma científica, nem foram as instituições do Estado grego emergente de acordo com a sociologia comparativa; elaboraram, sim, um modelo de formação do Estado atendendo primariamente às manifestações materiais e não às formas institucionais inferidas; sublinhariam sintomas arqueológicos para o Estado emergente e proporião uma definição arqueológica da formação do Estado. Para o autor, na verdade, a formação do Estado grego representaria um processo de realinhamento ideológico, social e espacial, ou seja, um novo arranjo de espaço e sociedade. Nesta nova ordem, as relações na comunidade dependeriam de uma nova definição de território e da divindade, com a divisão

do Universo em espacial e social e em sagrado e profano.(WHITLEY 1995: 39-45).

Whitley (1995: 41) elenca as inovações que, na sua perspectiva estão presentes de forma crucial no processo de emergência das polis:

1.*Crescimento dramático no número de enterramentos visíveis na Ática,Argólida e Knossos) e no número de sítios conhecidos.*

Este fenómeno é geralmente interpretado como sendo evidência de umalto crescimento da população. Mesmo se tomarmos esta afirmação como verdadeira, teremos o problema de como discernir sua magnitude relativa e absoluta;

2. *Mudança nos contextos de deposição de artefatos de metal das sepulturas para os santuários;*

3. *Colonização do Oeste;*

4. *Adoção da escrita alfabética;*

5. *Desenvolvimento da arte figurativa e adoção de convenções artísticas do Médio Oriente;*

6. *Desenvolvimento da armadura e táticas hoplitas de guerra;*

7. *Fundação de sítios de santuários de Estado e internacionais;*

8. *Interesse no “heróico”;estabelecimento de cultos heróicos aos heróis da épica;*

9. Apropriação de um passado heróico como meio de reordenar o presente do século VIII manifestando-se em cultos a heróis anônimos das tumbas micênicas e na colocação de templos em sítios de antigos locais micênicos.

Estas profundas transformações, no entanto, teriam sido localizadas em área específicas, mas cada mudança parece ter sido rapidamente incorporada pelos outros estados e aí colocamos uma pergunta: teria sido via emulação a partir de um procedimento típico das *Políticas de Interação Inter-Pares (PPI)*?

Enfim, tais inovações além de inter-relacionadas tem, para Whitley, também efeitos recíprocos: efeito de Integração ; demarcação de espaços; estímulo ao exótico; despersonalização da autoridade e novo sentido de identidade. A seguir apresentaremos os argumentos do autor para fundamentar a importância destes efeitos sobre o processo de emergência do Estado.

Quanto ao efeito de **integração**, o autor destaca: em primeiro lugar, dos homens como cidadãos e do território dentro das pólis; os *donos de terras* prósperos se integram como hoplitas, adquirindo a experiência de lutar em formações disciplinadas. Mais que isso, a participação dos hoplitas em ritual anual de simulação de uma batalha entre Estados rivais realizado na *eschatia* (nos limites das cidades) estimulariam a coesão e reafirmaria a posse da *khóra*. Implantam-se santuários na zonas limítrofes e nas fronteiras e instalam-se cultos comuns como *marcas* de identidade. A participação comunitária no âmbito de

práticas religiosas do Estado forja o sentido de *identidade grupal* de pertencer a uma comunidade mais ampla do que uma aldeia ou uma grande propriedade.

Há um outro importante fenômeno relacionado à esta integração do espaço e das pessoas que então ocorre: é a reapropriação e reintegração de um passado heroico que resultou ,no século VIII, em ações como: resgate e reuso de remanescentes físicos da Idade do Bronze que foram e integrados na vida cultural e cívica da cidade; templos foram erguidos sobre vestígios de sítios palaciais e cultos estabelecidos para heróis da épica e oferendas votivas foram colocadas em tumbas micênicas como presentes aos mortos distantes. Assim, as inovações do período arcaico eram legitimadas aos olhos contemporâneos por referencia a um idealizado passado heróico.

No que tange ao efeito **de demarcação do espaço**, Whitley destaca o aparecimento de santuários, capelas destinadas ao culto dos heróis arquitetonicamente definidos; o território assim é especializado , surge a divisão entre o espaço sagrado e o profano e as necrópoles vão sendo excluídas da *ásty*.

Os santuários são símbolos do empreendimento do Estado e da identidade da comunidade, símbolos a serem notados e copiados e contextos para a expressão controlada das rivalidades interestatais.

O efeito de despersonalização da autoridade representa uma mudança fundamental: o Estado como entidade abstrata à qual deve-se lealdade e identidade é uma invenção desta época e contrasta com as lealdades pessoais devidas aos *big-men* ,*chefes* e *basileis*. A autoridade é agora investida de poder por rituais comunitários do Estado.

Finalmente o autor destaca o surgimento de um **novo sentido da identidade grega**. O sentimento de ser grego nas polis é forjado por competições pan-helênicas, aceitação da *Ilíada* e da *Odisseia* como épicos nacionais e o crescente contato com os estrangeiros.

Em síntese para Whitley, tal complexo de inovações é um sintoma de mudanças sociais e políticas fundamentais que nos obrigam a construir modelos de mudança organizacional interna e discutir as razões de tal fenômeno.

3.5. A distribuição do modelo políade no Mediterrâneo .

Como já afirmamos, o processo de emergência da pólis ocorre de forma concomitante na área balcânica e nas costas mediterrânicas : basta lembrar que já no séc. VIII os helenos se estabeleceram em Pitecusas (Magna Grécia) e Naxos e Siracusa dentre outras fundações. Esta contemporaneidade torna claro que haverá variações importantes entre estas formações políticas. Como vimos, em Siracusa o contato com os sículos teve significados perceptíveis na cultura material e, com certeza também nas demais esferas da vida social.

Malkin identifica uma tendência entre historiadores à uma definição padrão de que desde a segunda metade do século VIII a colonização grega seguiu a lógica de metrópolis e apoikia, sem êxodo de massa, mas sim com saída controlada, num movimento discernível e identificável, com um líder-fundador (*Oikistes*). Os ideais de soberania e independência são ressaltados na *colônia*. Sua ligação com a metrópole se daria apenas sem termos religiosos e laços culturais.

Para Malkin, a pólis estaria em relação indireta com a *colonização*: sua existência não é pré-requisito nem modelo de importação para as fundações.. Em contrapartida, o movimento expansionista heleno cria novas comunidades políticas que, menos dependentes da tradição do que as áreas de origem experimentam soluções novas para seu modo de vida. Cada nova fundação carrega o “*nomima*” (calendários, divisões sociais, cultos – regras) tradicionalmente presente na Grécia balcânica mas possivelmente os adapta `as novas necessidades. Dentre as criações *ex-novo* o planejamento urbano ortogonal caminha das *colônias para as metrópoles*.

Por mais que o momento fundacional da colônia possa derivar de ideias previamente preparadas, o ato do envio de pessoas para fora da cidade e em atividade de colonização não é necessariamente produto de uma organização já plenamente desenvolvida – pode até ser o exato ponto de separação que começa a homogeneizar uma ordem na pólis de emissão. Atenção é dada aos santuários no contexto da fundação: são encontrados nas áreas centrais formando santuários urbanos e na periferia, mas também a uma distância considerável do assentamento formando santuários extra-urbanos, definidores, em princípio, dos limites da *khóra* de cada fundação. A escolha, pelo *oikistes* de onde "assentar os deuses" lhe confere um papel extraordinário como líder : além de definir divisões de espaço público, implantar regras de convívio, fazer a guerra com os locais se necessário, recebe uma atribuição que antes estava restritas `as próprias divindades, ou seja, escolher o local de sua morada na terra. (MALKIN, 1984). . Mégara, por exemplo, seria especificamente útil na compreensão desses padrões

de significação do espaço, já que é a colônia mais antiga em que se tem evidência material escavada: o gradeamento das ruas e a reserva do espaço público estão presentes já de início.

Ressalta-se, no entanto, que santuários urbanos não tem necessariamente primazia sobre os outros, mas o recorte de pesquisa os separa, uma vez que não se pode inferir o espaço sagrado do urbano sem que exista um espaço urbano claro. David Asheri (1988) apresenta uma importante cautela nesse sentido, apontando que sítios que se apreçam com santuários extra-urbanos as vezes são na verdade santuários centrais de grupos tardios de imigrantes, que obtêm permissão para se assentar em suas redondezas, preferindo se trabalhar com o contexto histórico diretamente verificável, em comparação à atribuição de um simbolismo espacial abstrato.

Mas como ocorre a “fundação”? Para Malkin, (2013) todas as atividades da primeira geração do assentamento são “fundacionais”. Polignac (1998) aparenta concordar, afirmando que em geral a definição dos espaços sagrados se dá no intervalo de uma geração. Trata-se de aspectos de identidade de grupo, como o mito fundacional e culto políade – aquilo que irá se tornar caracteristicamente próprio do grupo. Em contrapartida, certos autores como Detienne (1989) lançam críticas a tal síntese, como por exemplo sugerindo a idéia de "Gênese" e não fundação: pensar em fundação é privilegiar o específico à exclusão do espaço de fronteira e vincular efeitos coletivos a um ato específico. Se pode perceber também a importância de eventos de “pré-colonização”: fundações se dão dentro do contexto de rotas de comércio existentes, e em vários casos há presença grega

antes do assentamento. Conexões comerciais da área não dependem, portanto, exclusivamente do assentamento em si.

Analisando a figura do *oikistes*, se apresenta a dúvida contra veracidade da tradição na validade histórica dos nomes lembrados dos fundadores: Robin Osborne (2002), vê nestas tradições invenções do “modelo clássico” projetadas ao passado. Malkin (1994) aponta divergências do modelo clássico quanto a costumes – não há homogeneidade de procedimentos o suficiente para um “modelo” em si, tanto na prática colonial do século VIII quanto na do século V, teoricamente projetada. Malkin (1994) afirma que os gregos inventam nomes de fundadores, mas não usualmente para a Itália e Sicília arcaicas. Mesmo nas que adotam heróis ou personificações da cidade como fundadores, existem tradições anteriores com outros fundadores – contra-argumentando o “Modelo Clássico” de Osborne, Malkin defende a ideia de que, no século V, se estaria revertendo a fundadores míticos ao invés de figuras históricas obscuras adotadas nas fundações arcaicas.

Seja qual for sua origem, o efeito prático do culto do *oikistes* é apontado como mais um possível elemento de representação da comunidade póliade. Se trata de um culto que se mantém “público” e impede que outras pessoas ou grupos tentem tomar as honras personalíssimas do *oikistes*. Para Malkin (1984) o culto ao *oikistes* seria o primeiro culto verdadeiramente novo na fundação definindo uma identidade própria à comunidade nascente. De fato, se pode colocar o *oikistes* como árbitro validado pelo próprio Apolo, via consulta ao oráculo

de Delfos – um “*autokrator*”, mas não um tirano e sim o detentor de um poder negociado.

Quanto `a cultura material ligada às fundações, pode-se perceber evidências cerâmicas de um multi-culturalismo, ao menos no sentido do amplo do termo. Nos sítios coloniais, o registro arqueológico inicial carrega, como se espera, muito material de várias origens. A interpretação usual é a de que a “situação colonial” é ponto-médio do estabelecimento de uma rede comercial.

O tema das pólis *coloniais* no Mediterrâneo e Mar Negro suscita discussões sobre a variabilidade do modelo políade por conta, principalmente da questão dos contatos dos helenos com as populações das regiões por onde se assentam. Estas fundações seria os pontos de apoio para um sistema de redes que conectaria o mundo grego e, nas palavras de Malkin :

*Foi nas águas [mediterrânicas] que os gregos migraram, fundaram novas cidades estabelecendo identidades regionais e transferindo cultos , mitos, convenções artísticas e artefatos, ânforas e filosofias. Ligações, tanto planejadas quanto aleatórias, rapidamente reduziram a distância entre os núcleos da rede, transformando o vasto Mediterrâneo e o Mar Negro em um “ pequeno mundo” , um termo definidor na teoria das redes atual. **Essas redes informaram, às vezes criaram e ainda passam a expressar o que nós chamamos civilização grega.** (MALKIN 2011:5, nosso grifo)*

4. F. de Polignac : arqueologia da religião e o surgimento da pólis.

François de Polignac publicou, em 1984, sua tese de doutorado intitulada **La naissance de la cité grecque: cultes, espace et société, VIIIe-VIe siècles** (a tradução inglesa é de 1995) em que apresenta sua original análise da origem da pólis: abandonando a tradicional interpretação

baseada nas fontes textuais atenienses (em especial Aristóteles , na *Política* e na *Constituição dos atenienses* e Platão, na *República*) o autor defende o uso das fontes arqueológicas para ampliar o universo de investigação indo além do emblemático “ modelo ateniense”.

Assim o autor apresenta uma formulação original : os santuários extra-urbanos do século VIII-VII seriam os testemunhos de mudanças capitais para a emergência da pólis, articulando os dois espaços cívicos por excelência , a *ásty* e a *khóra* por meios da participação de seus habitantes em rituais cívico-religiosos e assim criando uma coesão primordial entre estes grupos ,pautada no compartilhamento de cultos. Afirmava de Polignac:

“o que chamamos **polis** resultou do progressivo estabelecimento de hierarquias e coesões sociais que tomam a forma de uma questão para a concordância na escolha de cultos mediadores e as modalidades de participação em seus ritos”. (de POLIGNAC, 1995: viii, Prefácio de Claude Mossé)

e mais adiante, ao criticar a teoria vigente originária das fontes textuais:

“Acreditava-se que a cidade desenvolvia-se de uma forma concêntrica, com o território espalhando-se ao redor do “núcleo urbano” que era o centro da cidade, e a prestigiosa acrópole e o templo onde o culto da cidade assegurava e expressava a unidade do grupo. Esta interpretação que via a polis nascente como um Estado estabelecido como o resultado do enfraquecimento das distinções usadas para caracterizar uma sociedade clânica ou tribal, foi desafiada quando alguns destes conceitos sobre os quais se assentava começam a ser reconsiderados. Estudos voltados para ao genos, frátria e tribo mostraram que , longe de se constituírem a estrutura essencial da sociedade pré-cívica, tais instituições, como as conhecemos, somente estavam plenamente constituídas uma vez que a polis estava já formada. Portanto não eram vestígios de uma época passada mas, ao contrário, constituíam os meios indispensáveis de expressar coesão e *philia* que uniam os cidadãos”.(de POLIGNAC, 1995:2)

O modelo de de Polignac , exposto a seguir em suas linhas gerais, propõe que a cidade nascente se articula em dois polos – a *ásty*, com o santuário da divindade políade e cultos aos heróis fundadores e a periferia, a *khóra* onde são estabelecidos os santuários extra-urbanos as vezes dedicados `a mesma divindade; ambos recebem oferendas votivas equivalentes e são frequentados pelas duas comunidades. Assim de uma perspectiva de desenvolvimento das pólis em um crescimento constante do centro para as periferias – como foi o caso de Atenas – se avalia

que o registro material aponta para um modelo bipolar na maioria dos casos, solidificando a posse territorial das cidades nascentes por meio da prática religiosa.

Na tradução inglesa (1995) de Polignac recoloca algumas de suas hipóteses à luz do avanço da arqueologia e das pesquisas suscitadas pelo seu livro, como a questão da definição territorial : o autor reconhece que :

... o conceito de “território , no sentido clássico de um espaço definido dentro do qual uma soberania exclusiva era exercida , deve ser usado com cuidado em relação à Grécia do final do período geométrico. Neste período, o estabelecimento de fronteiras estritas ao “ espaço dos cidadãos” e a elaboração política que isto pressupõe , não estavam tão definidos como nos períodos arcaico tardio e clássico” (de POLIGNAC, 1995: xiv)

Em síntese a contribuição de Polignac , que teve tanto impacto nos estudos sobre a origem da pólis , em 1984, hoje se constitui em uma vastíssima bibliografia em que os dados arqueológicos aliados a uma reflexão de cunho antropológico sinalizam novos caminhos para a pesquisa.

5. O Copenhagen Pólis Centre

Em 1993 a *Danish National Research Foundation* criou um centro de pesquisa direcionado exclusivamente ao estudo do tema “ pólis” , a antiga cidade grega : nascia assim na Copenhagen University, na *Faculty of Humanities* o *Pólis Centre*.(HANSEN, 2003). Já em 2004, os pesquisadores associados ao CPC e liderados por Mogens Herman Hansen e Thomas Heine Nielsen publicam- a partir de um enorme levantamento bibliográfico e de fontes textuais antigas – um inventário de todas as pólis conhecidas (cerca de 1 500) e datadas do período

arcaico e clássico (650 -323). A partir do “ **An inventory of archaic and classical poleis**”¹⁰ o CPC vem publicando, de forma intensiva, resultados de pesquisas, organizado e também publicado simpósios e reuniões científicas de sorte que hoje pode ser qualificado com um (ou “o”) maior centro de pesquisas sobre a antiga cidade grega.

O viés interpretativo e as discussões do *Copenhagen Polis Centre* vem sendo uma referência-guia em nossa pesquisa. Uma das mais importantes publicações do CPC foi editada por Hansen, reunindo os trabalhos apresentados no Simpósio “*The Ancient Greek City State, Symposium on the Occasion of the 250th Anniversary of the Royal Danish Academy of Sciences and Letters*” (1993), cujo mote central era “ a pólis como um estado-cidadão mas do que uma cidade-Estado e como uma comunidade política mais do que um centro urbano” (HANSEN, 1993: 5). A maneira como Aristóteles descreve a pólis, como “*koinonia politon politeias*” foi proposta para discussão a nove grandes especialistas (HANSEN, 1993).

O próprio Hansen abre o debate abordando a pólis como e também uma comunidade urbana; um “Estado-cidadão” (conceito já presente em Runciman e adotado também por Whitley) Nesta percepção, o território teria menos efeito definidor do que aquele modernamente compreendido na Teoria dos Estados. De fato, não é uma questão de soberania da lei aplicada (o elemento definidor dos

10

HANSEN, Mogens Herman; NIELSEN, Thomas Heine. **An inventory of archaic and classical poleis**. Oxford University Press, 2004.

Estados Nacionais modernos, como propõe a Teoria Geral dos Estados na esfera do direito constitucional) mas a definição de um “povo” que determinaria a pólis.

Hansen estende ainda mais este argumento afirmando que a pólis poderia ser vista como um Estado mais do que como fusão de Estado e sociedade e que cada uma delas era centrada em uma conturbação. Neste sentido toca em um ponto que será posteriormente explorado por outros teóricos que colocam a possibilidade de a pólis existir sem nem sempre apresentar uma comunidade urbana "propriamente dita". A constatação de uma comunidade política seria a base fundamental para se encontrar algo denominável como Estado, não sendo o território a definição de pólis. Abordagens epigráficas e documentais parecem sustentar tal afirmação: nos textos, não é Atenas ou Esparta que se mobiliza à guerra – são os Atenienses ou os Espartanos - “Estado” e “governo” largamente se confundem na escrita com “cidadão”, porque de fato seriam no sentido prático a mesma coisa. Hansen sugere, assim, que a prioridade de "definição" antiga (a grosso modo) conceberia a pólis como em primeiro lugar como um corpo de cidadãos, em segundo como suas instituições políticas, e apenas em terceiro seu território.

A partir de qual momento histórico esta situação de fusão conceitual entre comunidade política e cidade existe é ponto controverso. Ainda nesta via de interpretação filológica, deve se ressaltar que a evidência linguística traça nos primeiros indícios sobreviventes do linear b, o termo “*po-to-ri-jo*”, talvez uma forma arcaica de “*ptolis*” (e que ocorre apenas como parte de um nome próprio, o que lança algumas dificuldades interpretativas), mas seu sentido continua incerto.

Sugerem-se paralelos indo-europeus com o indiano “*pûr*” (“fortaleza”), lituano “*pilis*”, letão “*pils*” (ambos “castelo”). Com estas raízes, seria o sentido original grego também “fortaleza”, ressaltando um momento inicial no qual de fato território seria uma definição mais imediata, a ser posteriormente e gradualmente “desviada” rumo a comunidade política?

Em alguns aspectos, a epigrafia parece apoiar tal suposição, documentando uma tendência inicial a intercâmbio da palavra com o termo *akropolis*, por exemplo na forma com que Tróia é tratada em Homero, e nas descrições de Micenas e Rodes. *Pólis* e *ptolis* ocorrem 250 vezes nos poemas homéricos, misturando os sentidos de “cidade” e “comunidade política”. Seus atributos usuais no texto incluem elementos físicos como amplas ruas, altos muros, belas torres, mas também uma certa hibridização entre o espaço construído e a institucionalização da comunidade política, ressaltando a assembleia, os santuários e os templos.

Pouco se escreve sobre as casas, mas ocorrem menções a mansões aristocráticas e palácios. Assim, embora pareça estar atrelada a concentração urbana física, “*pólis*”/“*ptolis*” como uma comunidade política também é tida como razoavelmente apresentada nos poemas, e na opinião dos autores do simpósio, tal sentido seria reconhecível em termos gerais por uma audiência do século sexto. Por sua vez, no catálogo dos navios, região é um sistema paralelo e aparentemente mais antigo de definição de origem individual. Essa estrutura se preservaria de certa forma no tempo, com os Estados “federados” do Período

Clássico (Confederação Arcádia, Confederação Beócia, etc) se juntando com base nessas regiões.

Se o território não é para Hansen fator essencial na definição de pólis, é no entanto vital a existência de uma "conurbação", materializada no espaço na forma de urbanização, núcleo fundamental de uma situação de interligação social sucessiva a um hipotético "*Stammstaat*", comunidade política teórica que teria precedido a pólis e seria principal unidade política da idade das trevas.

O autor estabelece assim uma ligação ente Cidade e Estado, citando que em fontes mais recuadas (como a *Ilíada*), *ásty* teria o mesmo sentido que *p(to)lis*. Seguindo esta linha de raciocínio, ressalta também que nas línguas européias, os termos para a distinção conurbação/campo ("*countryside*", em seu texto) formam "antônimos": *city/land*, *stadt/land*, *cité/pays*, *pólis/chora* – em grego, é a palavra para cidade que determina a palavra para comunidade política, Na Grécia antiga a guerra é realizada entre pólis, nunca entre *khórai*. O mesmo vale para com todas as outras relações políticas (fronteiras, diplomacia etc). As pólis são inclusive nomeadas com base em seus centros – *Athenaioi*, *Korinthioi*, *Argeioi*, etc. A conclusão do autor então é a de pólis seriam conurbações e quase toda conurbação expressiva poderia ser compreendida como uma "pólis" no que tange a organização "política" prática – o termo é usado intercambiadamente tanto para a cidade "física" como para a comunidade, cidade e Estado.

Mas nestes termos, a pólis é uma forma de Estado ou de sociedade? Se a pólis é primeiramente um povo, a resposta está em que pessoas constituíam esse grupo. Aristóteles apresenta duas imagens distintas nos livros I e III da *Política*: no

livro I, se encontra uma abordagem socioeconômica – seu átomo é "*oikia*", cujo propósito da manutenção de seus membros constitutivos. Não há no texto neste ponto uma discussão de *polites* ou *politeia*. No livro III, temos a esfera política propriamente – cidadão como átomo, não domínio, a casa; *politai* como matéria, *politeia* como forma constituem a pólis.

Estas concepções separadas refletiriam a diferença conurbação/comunidade política, respectivamente, estabelecendo-se a famosa gradação histórica ideal entre "*oikos*", *kome* e pólis. Assim, como cenário que suporta a produção e manutenção humana, a pólis é a do modelo I, a conurbação e uma forma de sociedade. Como campo de atuação política ("*to eu zen*", "aquilo do que a vida é") está na definição da parte III, e uma forma de Estado, limitada em seus cidadãos, unida em suas instituições. --os gregos saberiam implicitamente quando cada um desses sentidos estava sendo empregada. A parente contradição de considerar um cidadão parte da pólis como "*oikos*" mas não como parte da pólis como política é resolvida.

Para Hansen, "os gregos viam a pólis tanto como sociedade compreendendo todos os habitantes como uma comunidade política restrita aos cidadãos adultos" (HANSEN, 1993: 17).

Nas esferas da religião e da guerra os dois sentidos de pólis tendiam a se sobrepor. Como exemplo: nas *Tesmoforias* atenienses só as mulheres participavam, assim vista como uma comunidade religiosa a pólis não era exclusivamente uma sociedade masculina como o era enquanto comunidade política. Os cultos políades não eram restritos aos cidadãos, rituais reconhecem

os "menos-que-cidadãos" como mulheres escravos, metecos mas na esfera política tal não ocorria.

Nas falanges, os hoplitas são sempre do status de cidadão assim as falanges não são isomórficas com a cidade: somente cidadãos mais ricos tinham como adquirir a panóplia hoplita os cidadãos pobres não teriam meios para adquiri-la e assim eram excluídos. Por outro lado os metecos ricos poderiam integrar a falange mas não a comunidade política.

Em um livro publicado em 2006 Hansen afirma opta por buscar a visão dos próprios gregos antigos e não dos historiadores modernos para entender o que era pólis. E assim resume:

“ Os gregos sabiam muito bem que usavam a palavra pólis com mais de um significado e as fontes mostram que nos períodos arcaico e clássico a palavra tinha dois sentidos fundamentais:(1) Assentamento e (2)comunidade. Como assentamento uma pólis consistia de casas; como comunidade consistia de pessoa: um éum concreto sentido físico, o outro mais abstrato e pessoal. Entretanto, as fontes mostram que nem todo assentamento ou comunidade era uma pólis. Como assentamento uma pólis era primariamente um grande assentamento nucleado, i.e. uma cidade; como comunidade era uma comunidade política institucionalizada, i.é um Estado (Hansen, 2006:56)

6. Argumentos para a pólis Como uma "Sociedade Não-Estatal"

Tendo apresentado um resumo da teoria de formação da organização social baseada na proposta da tipologia dos Estados, prosseguimos agora ao exame da hipótese contrária, tomando como referência central o trabalho de Moshe Berent (1994) em definir a pólis como aquilo que os antropólogos nomeiam de "sociedade sem Estado". Na definição antropológica, esta forma de sociedade se caracterizaria pela não separação de um grupo bem definido com acesso monopolizado ao uso da violência - nas palavras de Fortes e Evans-Pritchard (1940), estas seriam sociedades onde a habilidade (ou melhor, a "habilitação") para o uso da força estaria mais ou menos equitativamente espalhada entre os membros armados (ou potencialmente armados) da comunidade.

Partindo de uma extensa discussão bibliográfica com Hansen (1996) e Van der Vliet (1998), Berent (2000) afirma que a caracterização da experiência políade grega como fundamentalmente não-Estatal independe de uma definição acordada de Estado - dependeria, curiosamente, de uma definição de sociedade não-Estatal, propondo tal definição como a existência de uma comunidade sem aparatos coercivos ou com suficiente alteridade ou lateralidade no monopólio da violência. Para este autor, tal monopólio não é absolutamente imprescindível para a existência de um Estado, mas a presença de um aparato coercitivo o é: a diferença fundamental entre a organização de uma cidade-estado Italiana Renascentista, vista nesta ótica como um "Estado Inicial" e uma pólis, um "Não-Estado", fundamentalmente residiria na existência da milícia que policia a primeira.

O Estado segundo Berent é um Estado-coercitivo, uma manutenção de ordem interna atrelada a um centro político.

Centralidade é também nesta construção um elemento característico do âmbito estatal. Formas iniciais de Estado tenderiam a ter centralidades de "baixa eficiência" no sentido Weberiano (por exemplo, através de uma estrutura institucional menos ampla ou menos duradoura). A descentralização característica das pólis, segundo Berent, seria um claro indício de sua não-Estatalidade. De fato, a pólis, por não possuir instituições formalizadas seria "ingovernável", a menos que seu governador - e aqui o autor se utiliza diretamente da figura do Tirano - criasse sua própria administração.

Grinin (2004) responde à esta ideia afirmando que a presença de um aparato bem desenvolvido de coerção não seria fundamental para a existência de um Estado, ao que Berent (1994) apresenta o argumento de que um aparato menos desenvolvido de coerção está já implícito nessa afirmativa - em princípio, ambos os autores percebem uma não-Estatização quando a coerção se encontra absolutamente não corporativizada. Esta leitura de Grinin, (2004) no entanto, nos deixa com uma interpretação alternativa interessante: a visão da pólis como algo que poderia ser tido como um Estado no qual o âmbito executivo se encontra ainda limitado.

A presença de algo similar a uma força policial no mundo grego é um ponto debatido. Grinin Vliet lança a mão da documentação escrita para sugerir alguma forma de interventor armado como estando já presente na Atenas Clássica: em Aristófanes, nas *Acaronianas* (versos 54-59), "arqueiros citas" são convocados pelo

presidente da assembleia popular para remover um personagem que não tem o direito de tomar parte nesta deliberação. Berent refuta tal sugestão ao apontar a escassez de fontes similares à esta e a própria desproporcionalidade do número de guerreiros assim utilizados: os escravos citas deste destacamento de arqueiros numerariam, segundo fontes escritas do período, apenas 400 indivíduos. A situação se agrava ainda mais ao levarmos que conta o próximo grupo de soldados comparável seriam apenas os ditos "Onze" ("*Hoi Hendeka*"), responsáveis pelas prisões e execução sumárias. Frente ao território Ático, com seus estimados 200,000 habitantes tais grupos não parecem atuar em grande amplitude - se há uma força sistematizada de coerção, ela aparenta estar concentrada apenas dentro das atividades da *asty*, e talvez ainda mais retida, operando apenas no funcionamento da assembleia.

O aparato coercitivo não necessariamente se modela, no entanto, nos mesmos conceitos de uma força policial. Grinin aponta que o exército pode suprir essa função, bem como o uso de mercenários - especialmente visível na Ática do século V. A presença destes últimos é um ponto importante de relativização na teoria de Berent. A crescente proliferação de mercenários pode ser vista como uma negação direta da ideia do não monopólio da violência característico das sociedades não-Estatais, que deveriam utilizar-se apenas de guerreiros não profissionais, como no ideal do exército-cidadão.

A mesma dificuldade sobre a diferença entre a intervenção na *asty* e no território poderia ser elaborada sobre a questão dos mercenários, no entanto. Neste caso, ela se manifesta de força ligeiramente diferente - mercenários

usualmente são empregados como reforço ao exército-cidadão frente a uma ameaça externa, raramente atuando dentro do próprio território. Uma exceção importante está, entretanto, na atuação dos tiranos, que por vezes empregam este tipo de tropa em intervenções internas. De qualquer forma algo de ideologicamente "anti-políade" parece estar sempre ligado à atuação das tropas pagas: nas fontes textuais, o uso dos mercenários é usualmente visto como moralmente antidemocrático.

Neste aspecto é importante notar que Berent (1994) concorda com Finley (1983) ao assumir que as tiranias são experiências não-políades, sendo tentativas de centralização que destoam e rompem com o fluxo do desenvolvimento da cidade-estado - ponto este que, como vimos anteriormente, não parece condizer com o desenvolver da materialidade das cidades que estamos estudando e que, de fato, está sendo cada vez mais relativizado pela teoria.

Berent (1994) ressalta também que sociedades sem Estado se organizariam com indiferenciação de uma classe burocrática. Não existiram nesses grupos nada comparável à uma "classe escriba" definida, nada comparável à "função clerical" Weberiana. em contrapartida, Gellner (1983) aponta que tal diferenciação poderia tomar uma forma tão indireta quanto à simples estratificação social. É talvez neste aspecto em que encontraremos as dificuldades mais características da análise do mundo políade. Sendo um "Estado-Cidadão", no qual uma profusão de cargos públicos é diretamente realizada por cidadão escolhidos ou sorteados, as barreiras de uma "classe especializada"

tendem a se esfumçar. De fato, se tomarmos apenas o corpo cidadão como medida, a afirmação de Berent de que a execução da autoridade dos cargos públicos se encontra bem distribuída indiferenciadamente no grupo pode parecer verificável. No entanto, os critérios de cidadania e as dificuldades de acesso ao exercício político de fato existem. Certos cargos dependem de grandes investimentos privados (por exemplo, os trierarcas reparando os navios de guerra em Atenas) e o simples deslocamento para o local de reunião da assembleia pode ser visto, ao menos em termos, como um limitante - se de um alcance ainda incerto.

Berent interpola, no entanto, uma dificuldade interessante nesta afirmação: mesmo com as possíveis dificuldades de acesso geral aos cargos se mantém o fato de que ainda não existiria uma profissionalidade necessária ao exercício, típica dos sistemas burocráticos especializados. De fato, neste sentido, os cidadãos jurisdicionados a um cargo são "amadores" que não se dedicam exclusivamente a esta função e dela independem.

Mesmo dentro destes limites, no entanto, ainda podemos tentar perceber o mesmo "aparato fraco" que Grinin sugere. Se por um lado não temos figuras como o pretor romano (que curiosamente deveria ser possível apenas em um momento consideravelmente mais tardio na argumentação de Berent) que formem os rudimentos de uma "classe escriba", não nos faltam exemplos de realidades fáticas onde, mesmo não existindo um requisito de especialização exclusiva, há uma tradição de especialização concreta que pode ser vista como estruturando uma barreira indireta similar a separação de classe: na Atenas clássica não

existem cargos políticos profissionais, por assim dizer, mas existem numerosos exemplos de indivíduos notórios por perseguirem tais cargos e constituírem algo similar a uma "carreira" - a figura do demagogo antecede a figura do pretor e do tribuno, mas carrega várias das mesmas prerrogativas.

Nesta perspectiva, até mesmo um conjunto de habilidades específicas aparenta, ao menos nas fontes de período clássico, ser desejável para o portador do cargo público, com a oratória pública sendo repetidamente mencionada, sobretudo na polêmica sobre a sofística. É razoável se supor que, na seleção do portador de um cargo eletivo e não perfeitamente aleatoriamente sorteado a experiência pessoal, domínio da presença pública, acesso à propriedade e demais prerrogativas pessoais e familiares pesassem de forma desigual, impedindo uma concorrência perfeitamente nivelada e, gradualmente, criando um grupo aristocrático mais avizinjado ao poder do que os demais - ponto que nossa análise de Corinto, por exemplo, parece corroborar. Mais ainda, a cidade-cidadã como usualmente a entendemos aparenta ser um fenômeno tipicamente Ático, sendo que as estruturas de poder no resto do mundo Grego, e especialmente no Período Arcaicos tenderiam muito mais a figuras dificilmente categorizáveis como verdadeiramente "democráticas".

Berent responde à possibilidade do "político profissional em um cenário não profissional" argumentando que tal divisão dificilmente seria considerável uma divisão de trabalho. O demagogo se apresenta como um indivíduo de grande carisma pessoal capaz de arrebatrar a assembleia, e, se ele realiza um governo, não o faz de uma forma organizada e direta. Este governo seria uma modalidade

não-Estatal, na medida em que não existiria uma forma de forçar a assembleia a seguir o poder do cargo, que não se estenderia a coerção. Um fundo de risco estaria sempre presente à atuação do demagogo, que lança sua propriedade e sua vida à incerteza quando suas manobras políticas são colocadas em questão pelo grupo (FINLEY, 1985). O poder do demagogo seria, assim, um poder que mistura a esfera formal à esfera informal, não fundamentalmente diferente do "*Big Man*" de Sahlins aos olhos de Berent.

7.Relativizando “Estado” e “Não-Estado” :a questão da amplitude do poder político na pólis.

Como a seção anterior nos apresentou, qualquer tentativa de resolução da discussão teórica sobre a aplicabilidade da ideia de Estado ao mundo políade se mantém inconclusiva sem a contrastação das construções hipotéticas frente à concretudes práticas documentadas. A utilidade de uma tipologia Estatal sistêmica ou a de uma abordagem de interpretação não-Estatal dependem então de um exame de quais são de fato as latitudes do exercício de poder político dentro da pólis e de como os processos deliberativos se estruturam. Nesta tentativa de abordagem, o documento escrito se torna necessariamente uma das balizas mais fundamentais, o que incorrerá no usual problema de uma visão Atenocêntrica. Utilizaremos então esta abordagem como um suplemento comparativo aos estudos de caso dos capítulos anteriores, na procura de semelhanças e

discrepâncias que possam indicar novos caminhos para a interpretação dos ambientes políticos políades observados.

Nesta seção, utilizaremos a argumentação proposta por Miyazaki (2007) estruturada diretamente com base no debate Berent-Hansen. O autor parte de um fragmento de Andócides (1.54), no qual a comunidade política Ateniense é chamada a uma mobilização emergencial pelo Conselho dos Quinhentos, em resposta à repetidos atos de profanação pública. Segue-se uma tradução livre, baseada na versão inglesa realizada pela Loeb Classical Library:

"Eles (o conselho) convocaram os Generais, e lhes ordenaram que proclamassem que os cidadãos residentes na cidade deveriam proceder portando armas até a Ágora: aqueles que habitassem entre os Longos Muros deveriam se juntar no Theseion e aqueles que habitassem no Pireu o fariam na Agora de Hipôdamo. Os Hípeis se ajuntaram em Anakeiom pelos clarins antes do cair da noite, com o Conselho tomando posição na Acrópole já pela noite, seguido dos Prítanes vizinhos ao Tholos"

Esta passagem é utilizada por autores como Finley (1983) e Hunter (1994) como evidência em ressaltar o quão pequenos são os aparatos coercivos disponíveis em Atenas, frisando o fato de que são os próprios cidadãos a fornecerem a força de combate reunida, e não um exército profissional ou "força policial", estendendo esta afirmativa (como vimos na seção sobre organização

social não-Estatal) via o paradigma de estado Weberiano à uma constatação de uma natureza única ao fenómeno Políade diversa da formulação usual do Estado, sem no entanto sugerir uma classificação mais estreita, como um "pré-Estado", um "Estado Imperfeito" ou mesmo a que forma de "não-Estado" esta situação se equipararia.

Acrescentam também a este exemplo menções a necessidade do cidadão em recorrer a meios próprios para a prisão de suspeitos e desordeiros (os autores anglófonos utilizam a expressão "*self-help arrests*" - poderíamos utilizar a formulação jurídica "prisão por auto-tutela" ou até "defesa por auto-composição", mas estas são talvez expressões excessivamente fortes). Dos textos de Berent, podemos colher três afirmativas bastante diretas que pintam uma situação muito específica: "[o uso da] força não é nunca público, e sempre privado" (1996: 48), "as leis, para serem de fato lei, devem ser idênticas aos costumes da comunidade" (1996:47) "[pois estas próprias] leis carecem de um Estado para lhes conferir poder retroativamente" (1996:49). A pólis seria, em suma, desprovida de um nível de administração impessoal, sendo completamente identificável com seus cidadãos - uma tradição de interpretação por vezes denominada de "Interpretação da pólis Democrática", no sentido de descrever um demos que é, por si mesmo, o governo, sem demais projeções.

Miyazaki chama atenção sobre a necessidade de se contextualizar o que Weber procura em sua definição de monopólio de força para se lidar com este debate. Mais do que pela forma do controle de uma via unificada de exercício de força física, este monopólio se configura em Weber por sua finalidade: a força

coerciva pretende manter a ordem social. Se um estado monopoliza a força coerciva, é sua obrigação legitimadora "vigiar e punir", interceder para a manutenção de suas estruturas internas, sobrepujando a ação de famílias, tribos e particulares.

Esta intercessão não é necessariamente sempre materializada em um ato de dominação armada, e de fato uma miríade de intervenções menores "não violentas" constantes se interpõe constantemente entre Estado e cidadão - taxas são um exemplo usual facilmente transponível ao mundo antigo¹¹. Tais intervenções indiretas podem também se realizar no plano ideológico, como pesquisado na obra Althusser e Bordieu – de fato, a própria linguagem do poder pode ser, em alguma medida, interventora.

As fontes escritas nos apresentam sentenças públicas sendo conduzidas por oficiais escolhidos pela pólis. O uso de meios próprios ("*self-help*"/"auto-tutela") é aceito, mas ao menos em Atenas, circunscrito por balizas específicas: ofensas específicas trazem o direito de resposta nesta forma, como a reação a um furto, enquanto outras não permitem reação imediata - para se contestar os pesos da trapeza de um cambista, a presença de um oficial é necessária, por exemplo. O próprio trecho de Andócides pode ser lido nesse sentido como viabilizando a ação

11

- Apenas por argumentação, em nossa sociedade Estatal moderna, podemos vislumbrar meios ainda mais indiretos: um exemplo repetidamente encontrado na esfera do Direito Civil está na simples existência de um semáforo de trânsito, uma manifestação material de uma regra, limitando controladamente o exercício de um direito pessoal e do qual uma sanção pecuniária pode se derivar na forma de uma multa .

de um poder formalizado - o conselho - em conduzir uma intervenção organizada frente a uma proposta ameaça. Os vários relatos de prisões também podem ser indícios para alguma espécie de poder impessoal, na medida em que a reclusão do indivíduo em questão não é resolvida em situação privada, mas em algo similar de alguma forma à um cárcere público.

Hansen (2002) utiliza então estas possibilidades como um monopólio relativo de força. Hunter (1994), no entanto, nos chama atenção ao fato de que, embora o oficial Ateniese possa interceder tal interposição não é sumariamente necessária, e não é vedada a possibilidade de outras formas de resolução - nas palavras do próprio autor "questões são resolvidas, disputas acertadas, delinquentes apreendidos sem qualquer intervenção das autoridades". O aparato público não seria o verdadeiro mantenedor da ordem social, mas sim o cidadão, com deliberações e iniciativas próprias. Miyazaki carrega o raciocínio de Hunter para com o exemplo de Andócides, apontando que, embora prisões públicas sejam realizadas em resposta aos atos de dessecração, como escreve Tucídides (6.60.4) toda a "investigação" tem seu ímpeto inicial na "denúncia" (*eisangelia*) de Alcebíades por um cidadão particular, Pythonikos (Andócides, 1.11).

Miyazaki identifica ainda outros dois importantes indícios da necessidade da pólis em recorrer ao ímpeto privado na manutenção de ordem interna - a possibilidade de execuções privadas. Alguma ambiguidade pode ser percebida nesta figura punitiva - pela constituição, um número limitado de ofensas pode ser sumariamente punido por cidadão privados imediatamente quando de sua descoberta: o adultério, as invasões noturnas, atos de traição à cidade e retornos

não-publicamente endossados de exilados. Se, por um lado esta é efetivamente uma limitação ao uso de violência privada (afinal, delimita casos específicos claros e requer que a execução seja conduzida imediatamente), por outro escolhe duas ofensas que atacam elementos ideológicos centrais da pólis como seu alvo: o adultério, ameaça às regras de transmissão de propriedade e a manutenção do "oikos" e os crimes de traição, ofensas contra a comunidade política. Ao garantir os direitos de punição à estas figuras diretamente ao cidadão, Miyazaki argumenta, a pólis Ateniense efetivamente delega a seus cidadão a verdadeira "fiscalização" sobre estas ofensas, sem ter de outra forma o real poder de intervir diretamente nelas.

Assim, os oficiais carregam prerrogativas que os capacitam à conduzir decisões - segundo Hansen, este é um indício de governo, retirando a deliberação das mãos dos particulares, estabelecendo então a presença de um Estado. Os cidadãos privados carregam por sua vez outro conjunto de capacidades, que também podem se materializar em outra esfera de decisões - segundo Berent este também é governo, mas fora da esfera do Estado, onde segundo o autor tal alteridade não poderia conviver. As duas apreciações parecem se focar sobre partes específicas de um fenômeno conjunto, inexplicavelmente coexistindo de uma forma que, pela teoria, deveria ser absolutamente antagonista. Em outras palavras. qual é a relação entre oficial e cidadão na pólis Ateniense, e como a alteridade se manifesta?

A solução de Berent para esta questão está em ressaltar que o cargo de oficial é em si um posto preenchido por um cidadão. Os cidadãos compartilham

sucessivamente o cargo, mesmo se na forma de uma oligarquia. Esta seria a base da afirmação de Berent de que a "pólis é ingovernável". Hansen discorda desta aproximação, apontando não somente que há uma diferenciação entre cidadão e não-cidadão na pólis, mas também que, quando investido como oficial, o cidadão não se encontra "governante" e "governado" ao mesmo tempo: em um ponto particular do tempo, há sempre a distinção clara de quais são aqueles investidos do poder e quais são aqueles em situação de obediência a este poder.

Dividir os cargos sucessivamente entre os cidadãos não mitiga o fato que, em cada instância de tempo, ordens e hierarquias se formam, mesmo que posteriormente se alterem: o cenário de subjugação democrático pode ser dinâmico, mas ainda é subjugante - a pólis não seria ingovernável, apenas o governo constituído não poderia se manter por um período de tempo indeterminado. Rubinstein (1998) utiliza-se do juramento dos efebos Atenienses em obediência a seus oficiais como evidência de uma distinção entre oficiais e cidadão privados no sentido temporário similar ao de Hansen, tratando tal diferenciação em termos diretamente hierárquicos: a estranha dicotomia entre elementos de poder público e elementos de poder privado coexistindo sugere-se em primeiro plano, com as identidades dos agentes envolvidos nas decisões variando conforme o conteúdo destas.

Um campo de agonística onde podemos perceber esta mescla claramente está nas disputas legais. A teoria interpretacional sobre a lei no mundo grego já consagra repetidos exemplos do uso da esfera pública na perseguição de rivalidades privadas (TODD 1993; HUNTER, 1994; COHEN, 1995), esfumando

a barreira entre âmbitos de exercício da deliberação. Em Lísias (1.26), Eratóstenes executa o adúltero de sua mulher se despersonificando frente ao público e adotando a ideia de um direito coletivo: "Não sou eu que irei lhe matar, mas o nomos da pólis que você transgrediu".

Miyazaki tenta resolver esta questão de miscibilidade de esferas através do critério da legitimidade. Para este autor, o discurso de Berent e Finley apresenta um Mundo Grego que aparentemente não se interessa quanto às bases legitimadoras que suportam um regime ou constituição ao abrir a mão de um monopólio absoluto da violência. No entanto, mesmo a violência privada pode ser sancionada indiretamente por um poder legitimador, como o discurso de miscibilidade de âmbitos visto em Lísias nos sugere. O discurso do interesse da pólis se torna um mecanismo legitimador, capaz de ser invocado por particulares, realizando a ligação entre interesse privado e poder público. O poder público pode então, inexistir como uma instituição formalizada monopolizante e, ao mesmo tempo, ser construído dinamicamente e discursivamente pelo agente privado como um agente da pólis.

Esta capacidade de negociação de poder seria aquilo que tanto Hansen como Berent estariam deixando de apreciar em suas análises "institutocêntricas" da vida pública: o conceito de poder público pode pré-datar o aparato formal de poder público. Citando (um pouco adaptadamente) Miyazaki: "a atividade política na pólis seria uma tentativa de construir este tipo de poder coercitivo público [ou seja, este que pré-data o aparato formal] e o confronto político seria precisamente

o confronto sobre a condução deste mesmo poder. Mas quais são os interesses da pólis - e quais são os interesses alheios a ela?".

Para o autor, isto nem sempre será claro - podemos até nos aventurar a dizer que talvez isto dificilmente estará claro. "Esta é a razão para um caráter vigoroso e instável na vida política da pólis", ele continua, sendo vigoroso por encorajar os cidadãos a se envolverem pessoalmente no debate sobre qual é, afinal, o "interesse da pólis", e instável pelo risco inerente neste debate, onde o participante pode - quando em condições de poder reduzidas ou isoladas, acrescentamos - sofrer represálias diretas sobre si mesmo, e o risco da stasis coletiva está sempre ao menos vizinho. Citando mais uma vez o autor: "é possível ver uma razão para a existência da stasis e seu caráter irregulado no [próprio] caráter ambíguo do poder público".

Conclusão: Uma Teoria de Experiências Mistas?

Pelo exame destas possibilidades de interpretação iremos manter como tese de trabalho que intentar uma classificação dicotômica direta para a pólis é um plano inerentemente arriscado: sugerimos, como Miyazaki, que a realização do poder público é fundamentalmente mista, incorporando um plano público, de alcance variável, e um plano privado, que também necessita de uma mediação para se manifestar eficazmente.

Este plano público é visto por autores como Hansen (2002) e van der Vliet como a base de um poder Estatal. Ao menos em termos gerais esta afirmação

pode ser vista como um tanto imprecisa - no entanto podemos argumentar que uma esfera administrativa em crescente grau de formalização aparenta estar se estruturando. Uma possível terminologia para nomear este fenômeno seria a categoria de "Proto-Estado", mas esta leitura requer uma conceituação de Estado menos fechada e mais própria para a experiência antiga. Mantemos que as tipologias de organização social intentadas por Hansen são ferramentas úteis para a análise do desenvolvimento das comunidades políticas do mundo Grego, mas aceitamos a crítica de que estas não podem abarcar a totalidade do fenômeno estudado e de que, em última análise não se trata em sentido estrito de uma Teoria Geral do Estado. Sugerimos tratar esta esfera como um Proto-Estado, um embrião de uma crescente ordem administrativa pública.

O plano privado, por sua vez, não pode ser excluído do estudo do poder político na pólis. Autores como Berent estabelecem importantes críticas diretas que demonstram como o acesso à deliberação pode prescindir da atuação "Estatal". Mas discordaremos da existência de uma sociedade "verdadeiramente não-Estatal" - ao menos, se equiparmos o sentido de Estado que empregamos no plano anterior: se "Estado" significar "Proto-Estado Administrativo" o que temos é uma coexistência, onde, inclusive, o poder público pode ser manejado e empregado pelos particulares em motivação própria. A organização política antiga seria, então, miscível, alternando entre registros diversos, incorporando o público e o privado conforme a necessidade objetiva - poderíamos argumentar uma futura precedência gradual do primeiro sobre o segundo (sobretudo conforme nos aproximamos cada vez mais de Período Romano) mas esta é, claramente, uma questão a ser explorada por si mesma.

Retornando-se momentaneamente à Teoria Geral do Direito, duas figuras semelhantes à proposta alteridade de esferas pública e privada talvez nos permita harmonizar estes dois domínios em um todo dinâmico, dadas as devidas diferenciações: a figura da indiferença e a do paralelismo. Em Direito, a cogência de uma determinada norma - ou seja, sua eficácia objetiva - está em uma relação inversa com a indiferença enfrentada por esta norma entre os cidadãos aos quais se aplica. Se uma determinada regra - vamos supor, uma taxa sobre a comercialização de um determinado bem - se encontra imperfeitamente sancionada, seja pela falta de aparato coercitivo, seja pela ideologia legitimadora ou pela impossibilidade prática de sua execução (respectivamente para nosso exemplo: se não há multa sobre o não pagamento da taxa; se a taxa se fixa sobre um bem que não é aceito como comerciável; se a taxa carece de um registro notário desnecessariamente contrivo para seu recolhimento pelo vendedor do bem) ela tende a simplesmente não existir: nesse momento ela se encontra em total estado de indiferença frente ao âmbito cidadão.

A maioria das regras vigentes, no entanto, não se encontra nem perfeito estado de indiferença e nem em perfeita ausência de indiferença: as regras são seguidas e quebradas conforme a possibilidade prática - quanto mais eficaz o aparato estatal, no entanto, menor se espera que seja indiferença observada: o recolhimento da taxa do exemplo de ser mais comum do que sua sonegação em um Estado funcional. A esfera administrativa pública como propõe van der Vliet e Hansen certamente está presente - mas como propõe Berent a indiferença carregada por estas propostas de "Proto-Estado" ainda é considerável: várias regras podem ser afastadas ou ignoradas em alguma escala - é possível resolver

conflitos sem intervenção externa e o "Proto-Estado" é, como de certa forma seria já esperado, ainda não perfeitamente funcional. A isto se soma a ideia de paralelismo.

Na Teoria Geral do Direito se reconhecem várias influências operando sobre o cidadão que é contemplado por uma norma. Idealmente, a influência do Estado seria a decisiva, eliminando a potencial indiferença deste pela norma e atrelando-o a cogência desta. No entanto outras influências podem se interpor frente ao cidadão alterando sua relação de indiferença à norma - estes são os paralelismos.

Um exemplo de paralelismo - resolvido - retirado do mundo moderno é a questão do Direito Internacional: uma conduta em solo estrangeiro está regida por uma norma; um cidadão de outra nação realiza esta conduta que, no ordenamento de sua cidadania não é prescrita. A regra que ilegaliza a conduta no solo de sua realização é afastada por indiferenciação? Não desde que um tratado mutuamente acordado permite ao cidadão de uma determinada nação responder dentro das regras de outra por sua conduta. Podemos utilizar ainda outro exemplo - irresoluto - onde a indiferença é promovida até a nulificação da norma: uma testemunha é chamada a depor, mas se recusa sobre ameaça. Neste caso a entidade paralela que afasta o estado é um cidadão privado abusando da força rompendo o monopólio Estatal.

Aplicando-se as devidas alterações, iremos sugerir a interação entre paralelismo e indiferença como um elemento característico da dinâmica das organizações sociais Arcaicas. Não se trataria, argumentamos, de um processo unitário onde um Proto-Estado incrementalmente ganha poder, mas sim um onde

vários setores sociais, cada um organizado internamente como um Proto-Estado ou como uma organização social Não-Estatal se apresentam a um indivíduo alternativamente, cada um apresentando uma possibilidade de resolução e tentando se projetar sobre a escolha com qualquer coerção que puder: a questão de uma herança convulta pode ser resolvida pelo oficial da pólis, pela família, pela força individual. Nenhuma destas esferas tem a prerrogativa de unicidade - uma escolha, inclusive em plano ideológico e indenitário é realizada pelo indivíduo acerca de qual a forma mais eficiente e dispositiva de resolver esta tensão. Esta escolha, inclusive, nem sempre será necessariamente a mesma a cada caso - cidadãos diferentes podem manifestar "lealdades" ou "praticalidades" diferentes dentro de uma mesma configuração prática.

Ao prolongar-se o tempo contemplado nas mudanças sociais envolvidas, o processo de formação Estatal - no sentido Weberiano estrito, que de outra forma as teorias apresentadas não incluem totalmente em suas estruturas - se procederá através de uma espécie de competição: conforme a administração pública se torna mais eficiente e, sobretudo, conforme o custo pessoal de se interpor contra esta administração e resolver o problema por meios alternativos se torna cada vez mais difícil estaremos cada vez mais avizinados de um Estado gradualmente semelhante ao moderno, e cada vez menos "miscibilidade" e "alternatividade" estarão abertas ao particular.

Corinto e Siracusa, defendemos então, se apresentam como "instantâneos" desse momento no qual o poder público e privado se negociam quase livremente - onde a construção de discursos e identidades responde ao desenvolvimento da cidade de maneira dinâmica, tomando formas apropriadas

para "competir" (a palavra é utilizada em um sentido muito lato) com demais possibilidades de resolução de conflito. Se não podemos falar de um "Estado Políade Arcaico" em sentido estrito, é nossa tese de trabalho a de que podemos falar de uma "Articulação Administrativa Arcaica" fundamentalmente dinâmica e móvel, formalizando-se e alterando-se em igual medida.

Capítulo IV. Corinto e Siracusa no processo de emergência da pólis

1. A Dimensão física e a dimensão política da pólis: a materialidade como ferramenta de análise da cidade grega antiga

Tendo apresentado as principais construções teóricas acerca da discussão do fenômeno da urbanização e do surgimento do Estado tentaremos abordar esta questão através de indícios diretos destes desenvolvimentos à partir dos próprios dados arqueológicos.

Assim, neste capítulo final buscaremos discutir e , na medida que os dados empíricos permitam, interpretar as trajetórias das duas pólis selecionadas – Corinto e Siracusa –no processo de organização e disciplinamento de seu espaço e na sua formação enquanto uma comunidade política. Voltaremos a um dos temas principais desta pesquisa: no tocante às divisões teórica entre a pólis como uma forma de Estado ou como uma forma de organização urbana – coloca-se uma questão estas duas realidades seriam integradas ou operariam em níveis distintos em Corinto e Siracusa?

Desde, pelo menos 1950 temos, com V. Gordon Childe, uma busca para construir um elenco de marcadores de natureza arqueológica, para estabelecer o que se poderia considerar uma cidade (CHILDE, 1950) . C. Morgan e J. Coulton (1997: 87-144) retomam alguns dos marcadores estabelecidos por Childe: 1. Concentração de grande numero de pessoas em uma área restrita; 2.

Especialização de ofícios ; 3. Arquitetura monumental pública; 4.Estratificação social desenvolvida; 5. Uso da escrita; 6. Comércio exterior.

Para compararmos os resultados do levantamento de dados arqueológicos em relação a Corinto e Siracusa selecionamos alguns parâmetros de avaliação em consonância com as proposições de autores que nos parecem ter hoje, uma reflexão interdisciplinar que coteja fontes textuais e arqueológicas e que buscam construir modelos de interpretação adequados ao caso grego antigo. Podemos citar, além de Morgan e Coulton já apresentados, A. Snodgrass, J. Whitley, M. H. Hansen, F. de Polignac como referências principais dentre uma gama maior de autores citados e discutidos no decorrer do texto. Os parâmetros que levaremos em consideração são : 1. A constituição de um assentamento nucleado com espaços especializados; 2. A arquitetura monumental e a infraestrutura de serviços, como o manejo da água; 3. A constituição de uma paisagem sagrada na *ásty* e na *khóra*; 4. A estratificação social (via evidências funerárias) e as atividades econômicas.

Como já vimos, Corinto e Siracusa podem servir como situações emblemáticas de duas categorias de pólis no mundo grego arcaico: a primeira, localizada na Península Balcânica em uma área ocupada desde os primórdios da presença humana no posteriormente chamado Istmo de Corinto, região privilegiada para contatos com as populações do Egeu e do Jônico. Representa a pólis balcânica , resultante de um desenvolvimento espacial orgânico. Siracusa é, por sua vez, uma fundação coríntia sobre uma área ocupada pelos sículos grupo possivelmente originário do sul da Itália mas que habitava a região sudeste da Sicília desde a Idade do Bronze. A organização espacial siracusana é, desde o

início ortogonal como acontecia com as fundações em geral. A escolha da área para instalar Siracusa com certeza obedecia aos anseios dos coríntios de distribuir a sua importante produção cerâmica pela Sicília, Magna Grécia e por onde seus barcos pudessem chegar no Mediterrâneo Ocidental. Corinto e Siracusa seguiram trajetórias independentes mas em momentos de crise houve ajuda mútua. Siracusa no século V era uma das mais poderosas cidades do mundo grego chegando a derrotar a armada ateniense e escravizar os derrotados. Corinto, por sua vez, foi, por volta do séc, VI superada por Atenas na produção cerâmica e assim foi economicamente suplantada pelos atenienses.

As evidências materiais, em suma, tendem a apontar como o desenvolvimento urbano grego reflete as ideias de constituição de um “ Estado Cidadão “, mas acabam por misturar efeito e causa quando analisam que tipo de fenômeno poderia ter iniciado a própria ideia de cidadania - vemos como o processo se intensifica e diversifica, mas não podemos perceber uma gênese clara. Uma sequência narrativa de alterações materiais ao registro arqueológico na transição para arcaico e deste para o clássico no entanto objetivamente existem. Quais são, então, sucintamente as modificações mais diretas, e podemos ver nelas causas ou efeitos, intensificações ou inícios de mudanças sociais. Snodgrass, em seu capítulo para a coletânea "*The Ancient City State*", editada em 1993 por Hansen, sugere que dentro da questão da formação estatal os elementos que mais usualmente se encontram em situação de acordo dentre os diferentes autores são aqueles que derivam de evidência arqueológica material e quanto mais distante dos objetos concretos, mais desavenças teóricas permeiam

os debates sobre a formação das comunidades políticas.. O autor continua seu argumento apresentando a expansão das áreas sagradas e suas oferendas como um exemplo de fenômeno bem documentado: os depósitos votivos se tornam mais comuns, mais diversamente munidos de objetos e se tornam marcadores materiais de uma crescente monumentalização da paisagem e da definição territorial.

Se, por um lado, a identificação estrita da natureza particular destas áreas ainda depende da epigrafia e das demais evidências escritas (por exemplo, permitindo se identificar a divindade a qual tais objetos se dedicam), por outro é patente admitir que por suas próprias dimensões materiais se pode perceber uma alteração significativa de comportamento religioso diretamente das categorias de objetos recuperados destes depósitos. Seria possível, então, construirmos com base nas flutuações deposicionais uma "imagem composta" dos momentos iniciais da urbanização Grega?

2. A constituição de um assentamento nucleado com espaços especializados: do espaço pré-poliade ao espaço urbano

Whitley nos apresenta que, na arqueologia grega existe uma tendência em se buscar as origens, ou melhor, as raízes da organização espacial da pólis na Esmirna antiga, na Jônia antiga, atual litoral da Turquia. De fato trata-se de um assentamento já bem estabelecido ao século IX, munido de um muro fortificado

protegendo uma área habitacional concentrada. Ao século VII, os muros são expandidos, áreas sagradas estão presentes e uma fonte abastece a cidade; eventualmente uma ágora - confortavelmente uma versão menor e um pouco mais rústica de uma Atenas Clássica, uma projeção reconstruída com uma narrativa evolucionista implícita. Novamente vem das escavações arqueológicas o contra-argumento: nem todos os centros nucleados transformaram-se em pólis e, pelo contrário, vários sítios não nucleados, estes sim, transformaram-se em pólis. (WHITLEY, 2001). A Corinto dos séculos VIII e VII é um destes casos, como veremos a seguir.

Corinto

Como vimos no capítulo 1 , em Corinto surge um dos primeiros templos construídos em pedra e, para muitos especialistas este seria um indício muito forte de um processo urbanístico em andamento. Por outro lado, o adensamento da área de habitação foi lento: espiralando-se ao redor do templo e aproveitando a disponibilidade de água das fontes Peirene e Glauke a área delimitada neste circuito pioneiro não ultrapassava a dimensão de uma aldeia, composta de pequenos assentamentos relativamente dispersos e independentes cada qual com seu cemitério. Para Whitley, o chamado “ Quarteirão dos Ceramistas” , o *Kerameikos* teria sido uma dessas aldeotas e ainda no século VII o espaço compreendido pelo circuito ao redor de Corinto , incluía uma área de cerca de 4 km de uma ocupação rarefeita. (WHITLEY, 2001: 6 , tradução Labeca, v . no site [www. labeca.mae.usp.br](http://www.labeca.mae.usp.br)). Este padrão , que Whitley chama de “ corintio”, caracterizado por “ um grande assentamento, consistindo de um numero de

aldeias e aldeolas frouxamente agrupadas em torno de uma acrópole “ teria sido o mesmo usado em Atenas e Argos. (**op. cit.** p. 6) A acrópole de Corinto – a Acrocorinto – teria sido uma área de refugio antes das construções dos muros da cidade. As escavações de Erétria, na Eubeia, elucidam melhor estes assentamentos pré-poliades, com casas simplesmente próximas sem qualquer princípio articulador subjacente e que dispunham como único foco da comunidade o templo de Apolo, que, em termos de construção pouco diferia das demais habitações, por volta do século VIII. Lang (1996) nomeia esta forma de disposição como um "*Einzelhaussiedlung*", o termo tem um valor semelhante ao de "zona de habitação", "bairro residencial" (LANG, 1996: 58-9 *apud* WHITLEY, 2001: 6; v. também Planta 8.1, p. 7) A adoção de um plano regular (como ressaltado nos dois primeiros capítulos) é então, em certo sentido, já uma marcador de processos de alteração valores sociais, mesmo se ainda imprecisos para nós.. Momentos "intermediários" aparentemente são possíveis neste processo, com Lang sugerindo que alguns sítios seguiriam uma organização em "*Reihenseidlung*" (utilizando Vroulia como seu exemplo central), uma organização semelhante `a ordem "*per strigas*". Nesta variante, existe um orientação claro, e o início embrionário de uma malha viária. Já existem traços de planejamento e, para continuarmos a utilizar a comparação ao mundo moderno, o "bairro residencial" antes uniforme começa seu movimento a se tornar um "microcosmo" representando seus habitantes - as primeiras idiossincrasias de uma comunidade em constante interação "*peer to peer*" estão se tornando visíveis. Devemos notar, no entanto que os sítios assim propostos por Lang costumam ter ocupações curtas e a própria Vroulia se encontra abandonada ao início do século VI - o

"*Reihenseidlung*" talvez seja apenas uma ferramenta teórica, um estágio ideal não realmente verificável caso a caso.

As evidências arqueológicas do século VIII não são muito abundantes em Corinto. Para Morgan e Coulton (1997):

“ Até o presente os mais antigos sinais de surgimento de consciência comunitária são mudanças nos locais de enterramentos durante a primeira metade do século seguida pela construção do primeiro templo na “ Colina dos Templos” ca. 680 (as mais antigas oferendas votivas aqui datam do final do século VIII). O desenvolvimento chave nos enterramentos ocorre no “Cemitério Norte”. Este é às vezes apresentado como um novo cemitério cidadão , usado pela primeira vez no período heládico médio , a abertura dele foi seguida pelo final dos enterramentos no centro da cidade.” (MORGAN E COULTON, 1997:95)

É durante este movimento de expansão que se ampliam os muros de Corinto e que a Fonte de Peirene recebe seu conjunto de fachadas monumentalizadas. A ideia de espaço representacional parece então se fortalecer, não mais sendo a praticidade o único mérito, mas refletindo objetivos, narrativas e ideologias de comunidade. O santuário deixa de ser o foco único (embora permaneça talvez o foco mais importante, ou o mais privilegiado) sendo possíveis outros locais de congregação, interação e representação, discernindo entre público e privado.

A análise do cenário de desenvolvimento da área habitacional em Corinto, no entanto, é muito mais indireta - como vimos, poucas estruturas identificáveis como *oikos* podem ser encontradas nos períodos mais remotos, sendo mais comuns ao século VII-VI, momento em que segundo autores como Salmon (1984), Malkin (1994a) e Mertens (1996) esta pólis estaria plenamente assentada. Qual seja o caminho para este assentamento pleno é, no entanto, ainda motivo de

debate. Mertens (1990) nos oferece uma possibilidade interessante, ao lançar mão da evidência indireta dos materiais votivos em Perachora e sua datação recuada aos séculos IX e VIII como evidências de uma expansão rápida e vigorosa, que o autor justifica a uma resposta a *stasis* e *stenochoria*. Como então avaliar o uso de terras e abordar a questão de uma possível crise populacional?

Se não podemos afirmar com clareza qual o tamanho total das pólis, podemos ao menos utilizar as diferenças de sua distribuição no espaço como evidências de seus processos formativos. Neste sentido, Corinto se apresenta como uma cidade com traços típicos de um processo de crescimento orgânico: durante a idade do Ferro Inicial o assentamento mais denso coincide com parte da *ásty* e de Acrocorinto, usualmente apresentando sequências cerâmicas contínuas desde o Micênico Tardio. A partir do Século VIII o bairro ceramista começa a se desenvolver daquilo que parece ser um núcleo próprio, bem como se podem perceber adensamentos bem marcados de pequenas casas em cada ponto de saída do sistema de abastecimento das fontes, outrora muito mais sutis (especialmente durante o Protogeométrico).

Siracusa

O mundo *colonial*, no entanto, nos apresenta mais exemplos da "ordem *per strigas*" do que na Grécia continental, seja esta modalidade verdadeiramente equiparável ao "*Reihenseidlung*" ou não. Whitley (2001) aponta Mégara hibiéa como talvez o local mais significativo nesse sentido, sugerindo que o elemento intersticial entre a organização orgânica e a regularidade formal ocorre mais facilmente no "campo de testes" das *apoikias*. Ambos os contextos, no entanto,

parecem ser sincrônicos em se deslocar da casa arredondada do tipo "mégaron" em quarto único para novos modelos divididos em diversos cômodos em uma estrutura angular, a um mesmo momento em que a área construída dos assentamentos urbanos parece se estender significativamente, acomodando talvez uma população maior - ou mais concentrada.

Ao considerarmos a apropriação e uso do espaço territorial pelos gregos devemos ter em mente que, já em princípio, Corinto e Siracusa partem de situações diversas: como já argumentamos, o crescimento de Corinto se desenvolve organicamente, enquanto que Siracusa não só se desenvolve na qualidade de cidade planejada como também se insere em uma paisagem complexa com vários grupos já bem instalados.

Assim é natural que em Siracusa a malha urbana apresente algum tipo de reação não só a expectativa de imposição de um plano hipodâmico, reflexo de um esforço *colonial*, como também que se aproveitem soluções nativas, criando novos significados a espaços já previamente estruturados - por assim dizer, o mundo *colonial* curiosamente é um espaço ao mesmo tempo mais propenso para a regularidade hipodâmica (de certa forma muito mais "presumida" que "presente" nas *ciudades-mãe*) por seus "começos rápidos", que necessitam a edificação de uma cidade funcional por inteiro quase de imediato e menos propenso, por ter de lidar com contatos inesperadamente "cosmopolitas" e potencialmente conflituosos (SCOTT, 2013).

Na comparação de nossos exemplos, contextos de contato violento se apresentam de forma imediata e ressaltada em Siracusa, onde a malha regular é

imposta diretamente sobre as cabanas sículas ovais destruídas, mas por vezes também reincorporadas sob modificação. A regularidade formal dos primeiros assentamentos não é, no entanto, ponto pacífico entre as interpretações arqueológicas. Algumas delas nos apresentam um cenário onde as primeiras habitações são implementadas em localidades estratégicas, relativamente isoladas entre si, onde possam comandar, marcar e ocupar um grande território circundante - de certa forma como símbolos da posse do espaço pela comunidade (DI VITA, 1990). Se este for realmente o caso, o argumento de que em termos práticos a formação urbana Siracusana implique (por caminhos diversos, mas análogos) no mesmo "movimento sinecístico" de Corinto e que, desta forma, acabe por ser tão "orgânica" e "incremental" quanto a cidade fundadora se torna mais sólido.

Em oposição, a possibilidade reversa de que o plano regular tenha sido implementado já de início é também mantida por autores como Van Dommelen (2005) que sugere um assentamento em moldes comparáveis aos de Mégara Hibléia, onde as habitações e o espaço de cultivo se inserem em uma malha regular mas de pontos afastados, um "cinturão" de marcadores de posse que gradualmente se conectam mais densamente, mas que nem por isto se tratariam de um crescimento em sinecismo. Se trataria então de um movimento não verdadeiramente "orgânico", porque planejado como crescimento potencial e esperado. Vale notar que, como Scott (2013) aponta ambos estes modelos refutam um crescimento densamente "urbanizado" com casas concentradas já de início como no "padrão fenício", visível em sítios como os da Sardenha (VAN DOMMELEN, 2005).

Em termos de evidências materiais podemos ressaltar também que ambos os casos são quase idênticos quanto a seu material preservado - resquícios habitacionais isolados em alguma medida - sendo talvez mais questionamentos do que padrões suficientemente provados por contextos arqueológicos claros. Assumiremos, no entanto, a posição de Van Dommelen em nossa análise, argumentando que a disposição das vias de acesso e estradas principais, como podemos desprender das escavações dos espaços públicos (sobretudo na região dos portos) nos sugere uma Siracusa em "crescimento programado".

Uma conceituação da pólis como uma realidade física tende a ver a cidade como um sítio em grande escala - determinar com precisão o tamanho de qualquer sítio é, no entanto, um problema arqueológico complexo, especialmente quando lidamos com resquícios limitados de um período mais remoto. A melhor ferramenta neste sentido costuma a ser a prospecção arqueológica, uma vez que escavações detalhadas são frequentemente tolhidas por áreas construídas modernas e pelas várias triagens do registro material. Os halos de material cerâmico concentrado ao redor dos sítios nos dão, no entanto, ao menos evidências impressionísticas da escala da área assentada - a recuperação do traçado de cintas muradas também é útil em se estipular o possível traçado da *ásty*, por vezes sendo a única fonte de informação razoavelmente direta nesse sentido.¹²

12

Os números assim conseguidos, no entanto, variam marcadamente entre si - O recenseamento de Ascre cobre 11 acres, o de Téspiai 100 acres, o de Haliartos 30 acres - gerando desconforto em relação a como interpretar a parcela habitada que não podemos perceber materialmente de forma direta.

Neste sentido, o questionamento acerca da densidade de ocupação de sítio se torna importante, na medida em que trabalha com a possibilidade de distorções na concentração de material em um espaço menor. Mais ainda, esta consideração também trata com a questão das "áreas vazias" entre as parcelas edificadas da cidade, como no caso bastante evidente de Esparta, com sua organização semelhante a *komai* justapostas a áreas agrícolas.

Em geral, os números mais comumente teorizados nos dão uma área ao redor dos 100 acres, variando entre áreas de concentração mais densa e espaço menos ocupado intersticial, mas quase sempre com alguma forma de organização similar as *komai* ou a um sinecismo. Mesmo nos sítios com as áreas ortogonais, edificadas e muradas mais claramente preservadas (como Olinto e Himera), significativas concentrações de materiais externos aos muros nos sugere uma tendência à dispersão no espaço em alguma medida, com áreas urbanas de casas muito próximas entre si muro-a-muro coexistindo com "vilas" externas menores e mais afastadas.

Trabalhando também neste sentido, Snodgrass chama atenção aos esforços em identificar sítios de assentamento pertinentes à este período. Sobretudo, se trata de uma tentativa de avaliar quais são os padrões de organização espacial e planejamento prévio apresentado por estes sítios. Entre os 160 sítios mais conhecidos escavados entre o pós-guerra e 1970, bem registrados e datáveis da transição para o Arcaico (estimativa apresentada em COUCOUZELI, 2004), o padrão mais comum é o do abandono de uma organização viária e habitacional inicialmente centrífuga rumo à uma malha regular, sincronicamente

com o desenvolvimento de construções religiosas e militares individualizadas. Esta transição parece se consolidar ao mais tardar ao VII século, as vésperas de um crescente florescimento de esforços *coloniais*.

Mais difícil de encaixar nesta correlação são as questões sobre a variação demográfica. Em termos de material cerâmico é possível se perceber uma elevação significativa de peças remanescentes do período Geométrico Tardio, excedendo em muito os níveis de produção anterior. Este acréscimo é visível também em outras produções, como no trabalho em metal, nas terracotas e até na própria utilização crescente de construções em pedra. Mas não é um ponto pacífico desprender desta elevação necessariamente um aumento demográfico, uma vez que vários preconceitos de seleção podem resultar em números similares. Ian Morris (1987), trabalhando em contexto ático, nos chama a atenção a possibilidade de variações no contexto funerário explicarem a alteração da quantidade destes materiais sem que uma correspondente variação populacional seja necessária .

Morris sugere que inicialmente o acesso a materialização do rito funerário no objeto votivo seria mais restrita, com apenas uma parcela pequena da população podendo arcar com tal custo. A urbanização ocorre conjuntamente a um acréscimo na capacidade de acesso a esta materialização - mais pessoas podem incluir objetos funerários em suas tumbas, seja pela queda da onerosidade (por exemplo, com novas técnicas de fabricação em volume maior diminuindo os custos - o fenômeno que Snodgrass chama de "acionamento social" (referindo-se a WHITLEY, 1994 - mas que este mesmo autor usualmente ataca como uma

simplificação nem sempre confiável) ou seja pela reconfiguração do significado ideológico destes objetos (que talvez agora não fossem mais tão exclusivos).

Um cenário composto, no entanto, ainda é possível, com um acréscimo incerto de população, não em uma escala tão grande, se "perdendo" dentro do ruído de um registro arqueológico que se torna um pouco mais "lateralizado" socialmente. De qualquer maneira, talvez o ponto principal a ser mantido neste caso é o de que, se de fato existe um acréscimo demográfico, ele ao menos não seria tão explosivo e marcado quanto a evidência aparenta descrever em uma primeira interpretação. De fato, como Snodgrass aponta em seu texto, os preceitos usualmente mantidos na teoria demográfica sugerem que o acréscimo populacional se configura geralmente como um efeito de uma mudança sócio-política e não como um evento *ex nihilo*.

3. A arquitetura monumental e a infraestrutura de serviços, como o manejo da água;

Construções públicas são expressões de necessidades, identidades e funções políticas. Elas não são, no entanto, condições prévias necessárias para a tais figuras, e nem invariáveis em sua expressão. De fato, anteriormente ao século VI há pouca evidência para pólis apresentando grandes conjuntos das construções monumentalizadas "esperadas" pela teoria de formação Estatal para sua caracterização perfeita. Mesmo quando estas aparecem, estruturas de várias funções ou funções abertas podem tomar uma série de papéis, como por exemplo

teatros capazes de serem empregados como assembleias (Argos e Torikos apresentam tais construções). Estas construções também não irão necessariamente preferir unicamente o centro construído - santuários extra-urbanos podem adotar papéis de importância política sem a pressuposta necessidade centralidade no território.

Um problema interessante está na não correlação entre monumentalização e prosperidade. A ausência destas construções não significa necessariamente crise econômica ou política nesta comunidade (Esparta sendo talvez o exemplo mais usual da *ásty* não monumentalizada) enquanto que a presença de monumentos bem construídos igualmente não significa abastamento e influência. A monumentalização pode, inclusive, proceder de forma indireta, relacionada a riqueza de outro centro: relações de "financiamento" e acordos mútuos entre comunidades póliades são possíveis, como no caso de Mesene, que é financiada por Tebas para a construção de suas fortificações.

Entre estas várias possibilidades de monumentalização que não irão estar sempre igualmente representada temos, no entanto, algumas figuras consagradas com significados e discursos bem conhecidos. Muros são talvez as mais imediatamente perceptíveis, com Aristóteles os descrevendo como "essenciais tanto para a ornamentação quanto para a defesa da cidade" (*Pol*, 1331a 11-15) e a própria ideia de *Asty* tem algo em comum com a de acrópole defensável, uma vez que quase toda pólis toma algum tipo de precaução na escolha de uma posição defensável como um promontório rochoso ou algum limite natural ou construído.

Nem toda comunidade por detrás de uma cinta murada, entretanto, floresce a se tornar uma pólis, e de fato no âmbito colonial várias ocupações remotas assim constuídas são abandonadas como no caso de Zagora e Embório. Igualmente, nem toda comunidade políade procura imediatamente se circundar de muros: na Grécia continental várias pólis de grande importância não apresentam períodos iniciais fortificados, adotando tais estruturas em uma velocidade muito mais lenta do que nas ilhas. Ao final do século V, no entanto, a maioria das cidades terá alguma forma de fortificação, seja prática ou ornamental, refletindo uma preocupação discursiva de identidade pública e necessidades militares crescentes devido a relações externas progressivamente mais complexas.

O próximo local de atenção interpretativa natural é a Ágora, cujo valor de centralidade pública não-religiosa é bastante frisado pelas tentativas de modelamento da vida política Grega. A presunção de centralidade espacial deste espaço para com a *asty* é um efeito direto do foco na documentação escrita, que nos dá em Aristóteles (Pol., 1331a 31-63) sua teoria para a localização perfeita deste espaço. Se, de fato, temos evidências para casos de preferência similar entre as cidades Gregas, incluindo planejamentos prévios como a área em aberto dedicada por Mégara Híbléia, numerosas exceções são percebidas, incluindo aquilo que parece ser a ausência total de tal espaço em algumas localidades - em nosso caso específico, a ágora da Corinto Arcaica nunca foi caracterizada e localizada com precisão. Alguma forma prática de praça de trocas e encontros deve ter sido comum a quase toda pólis, mas sua materialização pode ter sido bastante sutil. A importância política central desta figura parece, em termos de registro arqueológico, ser muito mais relativa do que o texto Aristotélico prevê.

Templos são outras das figuras construídas que parecem definir o fluxo da vida da pólis. Estes são usualmente muito mais comuns do que as demais monumentalizações e mesmo nos sítios onde ainda não foram encontrados temos alguma evidência negativa ou estrutura menor ou mais perecível que aparenta ter sido utilizada nesse propósito.

Como vimos várias vezes neste trabalho, templos podem ocorrer dentro da *asty* ou na área extra-mural. Mais ainda, os templos em áreas externas podem também "pular" de um território para outro - templos "neutros" podem vir a serem "patrocinados" por uma cidade em específico, como Kalapodi, que entra na esfera de influência de Hyampólis. A arquitetura dos templos, como já exploramos, se trata de uma morfologia bem formalizada, rica em representações identitárias da comunidade que lhe circunda.

O ato de construção destas estruturas é também em si um campo de afirmação política e exercício de poder. Mas, se há uma correlação visível entre a construção de áreas de santuário e as necessidades legitimadoras da comunidade *políade*, vale lembrar que tal associação não é exclusiva. Tais esforços organizacionais podem ser realizados por comunidades que não chegam a se tornar pólis, ou ao menos durante fases onde esta organização social não parece prevalecer como o modelo de vida do assentamento - Éfeso e Aigion apresentam templos *Períptereos* em grande escala precisamente neste contexto.

Durante o período abarcado entre o VIII e VI todo o espaço Grego, a despeito do tipo de comunidade, lança esforços de construção templar. É uma possibilidade a se considerar que a auto-representação da identidade coletiva através de rituais particularizados no templo não seja uma representação de um

ideal políade, mas sim um tipo de representação vantajoso a qualquer comunidade política: uma comunidade políade é apenas uma das variações possíveis de organização coletiva que se beneficia de tais mecanismos.

Ao trabalharmos com a comparação da arquitetura monumental em Corinto e Siracusa, é recorrente encontramos a menção sobre semelhanças entre a rocha calcárea disponível no território siracusano e no espaço coríntio (MERTENS, 1990), levando a expectativa de potenciais maiores semelhanças entre a arquitetura monumental de cidade fundação e cidade fundadora. Como vimos em nossas seções respectivas sobre santuários e templo o resultado, no entanto, aparenta ser bastante diverso: a ordem dórica, solidamente seguida pelos esforços na direção da monumentalização em Corinto (ao ponto de se tornar um marcador cronológico necessário) se contrasta com a emergência de um estilo siracusano próprio, que não se interessa em uma imitação direta das formas da metrópole.

Barletta (1983) e Coulton (1974) identificam alterações de proporções entre as colunas e o estilóbato diferentes do resto do mundo Grego em um padrão propriamente "siciliano", ponto reforçado por Berve e Gruben (1963) que identificam espaços de conteúdo epigráfico repetidamente utilizados de forma específica, diversa da prática Coríntia - as dedicatórias de construção, incisas nas colunas sempre com a fórmula particular "estas belas obras foram erguidas por". Como vimos no capítulo II, a área do *Athenaion* em Siracusa também nos apresenta uma tendência a adotar influências orientais crescentes pelo VI século, culminando na incorporação de elementos jônicos de um estilo similar ao sâmio e ao efésio (BARLETTA, 1983).

A distribuição interna dos templos também é ponto de importantes diferenças. Em Siracusa o espaço interno é privilegiado (MERTENS, 1990), preferindo espaços abertos diversos dos realizados no “Templo de Apolo” em Corinto. Estas diferenças estruturais devem em alguma medida implicar também em diferenças rituais. Temos alguma evidência nesse sentido quando comparamos a profusão de estruturas dedicadas ao banquete em Corinto com sua menor expressão em Siracusa (onde apenas tardiamente teremos bons indícios nesse sentido, sendo o mais claro talvez o salão datado do século III).

4. A constituição de uma paisagem sagrada na *ásty* e na *khóra*;

A especialização e o disciplinamento do espaço vem sendo entendidas como “sintomas” no processo de constituição de uma comunidade política : a definição de áreas voltadas, por exemplo, para os deuses e para os mortos sinalizaria a existência de alguma forma de centralização de autoridade no âmbito de uma comunidade. Na mesma direção poderíamos apontar para a decisão de construir um edifício específico para o culto aos deuses. Mazakis Ainian (1997) realiza um extenso levantamento no mundo grego de estruturas que chama “casas de chefe” para fundamentar sua hipótese de que na Idade do Ferro Inicial os cultos eram realizados majoritariamente nestas edificações que em pouco diferiam das demais habitações que as cercavam: eram maiores e localizadas em áreas de destaque visual em um assentamento. Assim, a decisão de dotar a área de culto de construções destinadas a este fim pode indicar a presença de um

poder suficientemente centralizado e reconhecido pelo grupo que mobilizaria recursos e mão de obra para esta empreitada.

Tanto em Corinto como em Siracusa temos registros arqueológicos que indicam tomadas de decisão neste sentido em estratos do assentamento em que se registram também um relativo adensamento das habitações e, em alguns casos, o afastamento dos cemitérios para além desta área.(V, caps. 1 e 2)

Alguns tipos particulares de uso do templo podem ter uma exploração maior dentro do universo políade. Um deles está precisamente na possibilidade de se apresentar como um espaço alternativo à ágora na função de local de encontro e deliberação, quer dentro da pólis ou entre pólis diversas. Em termos de registro arqueológico, uma pista mais direta para esta relação entre ação humana e território pode talvez ser percebida no espaço de culto. Santuários extraurbanos quase por definição misturam atividade religiosa políade e domínio do espaço cultivável.¹³ Santuários , pequenas capelas, depósitos votivos são visíveis por todos os espaços da pólis mas, são das áreas ditas *coloniais* que o seu papel como marcador de domínio territorial é mais decisivo. Siracusa implanta ainda no século VI o Templo monumental a Zeus Olímpio nos arredores da cidade explicitando, na paisagem, seu poderio e riqueza. Mesmo Corinto, na área balcânica define seus domínios territoriais com o santuário de Hera em Perachora logo nas fases iniciais da constituição da pólis.

13

[Poursat \(1986\) identifica uma ligação entre local de culto e soberania urbana vindo já desde a Idade do Bronze cretense com a organização dos santuários orbitando ao redor do território do palácio](#)

Canossa (2000) utiliza a divisão proposta por Gert Audring (1989) para um "sistema mental" na conceituação Grega da *khóra* que a decompõe em partes individuais. Pelo perceptível nas fontes, a divisão mais simples trata de um espaço externo ao centro urbano, que se categoriza entre a planície, a montanha e o espaço costeiro (se aplicável). Cada um destes contextos geográficos é tido como uma unidade em termos de aproveitamento e caracterização, cada paisagem ganharia uma significação propriamente aplicável a sua morfologia. Mas, talvez mais importante do que a simples divisão por paisagem, temos também os conceitos de *proastion* e *eschatía*, respectivamente a área imediatamente comunicada ao centro urbano e o "espaço limiar".

Encontramos na caracterização da *eskhatia* um tema bastante debatido na teoria da arqueologia da paisagem. Contestando uma interpretação mais conservadora que percebe neste espaço apenas uma "não-zona", um terreno sem categoria, vazio e desprovido de possibilidade de utilização, surgem novas interpretações que resgatam na *eskhatia* a importante função de um "espaço intersticial", uma zona que se encontra precisamente entre as outras zonas, um limite dinâmico que relaciona a ligação entre comunidades diferentes - um espaço bastante aproveitável para a proposta dinâmica de interação entre grupos cidadãos .

Camossa cita a dualidade presente na deliberação ateniense de atrelar o dever de patrulha da *eschatía* como um exemplo desta dinâmica. Em efeito, se trata de uma obrigação mantida pelos efebos, personagens que ainda não se encontram em situação de plena cidadania e que, desta forma, se adequam a suposta "marginalidade" do rincão de terreno afastado. Mas o próprio ato desta

patrulha é um dos eventos preparativos do agogê, uma parte do rito iniciático masculino de acesso à cidadania - a *eskhatia* se torna assim o local de transição entre a natureza e o espaço cidadão e não cidadão. Percebe-se a simbiose entre a esfera religiosa, a política e a posse territorial.

Este caráter de variação significativa em um mesmo espaço é estendido por Canossa à variação cidade-campo e de fato para a própria totalidade da pólis. Citando Osborne (1987) Canossa afirma que "a cidade grega não era composta por território e cidade (...) mas por uma paisagem diversamente povoada". O caso mais visível desta "indiferença" essencial seria o de Metaponto, onde as divisões de território agrícola são iguais às divisões de território urbano - *isomoirias* aparentemente conceituadas de forma idêntica e contínua. Nem toda pólis segue tal regularidade mas, como argumenta Schnapp (1996) a existência de uma possibilidade inversa de permeação entre o campo e a cidade, aquela de parcelas de terreno rural aparecendo em meio ao próprio centro da cidade sugerem por sua própria diversidade a ideia de que o espaço urbano e o rural não só não se tratam de ideias excludentes mas também de que, de fato, estão relacionados e interligados.

Santuários extraurbanos, bem como necrópoles, podem então ser vistos pelo argumento de Canossa como meios de deslocamento da pólis, ou, talvez de forma mais clara, como métodos de "localização dispersa" da pólis, com todo o território ganhando o valor de espaço políade. Em contrapartida, o autor aponta também que dentro do próprio espaço urbanizado da *asty* a paisagem construída e edificada não é um todo absolutamente monolítico e estável mas compreende também áreas vazias, como as áreas de respeito do *temenos*.

A própria orientação urbana pode também ser percebido como um indício de integração espacial, na medida em que, se refinando ao longo do tempo, aparentemente busca de forma deliberada se alinhar às vias de acesso e ao próprio posicionamento dos santuários que permeiam a paisagem - Canossa sugere, inclusive, a possibilidade de se interpretar a significação do santuário principal da cidade como interdependente daqueles outros santuários que circundam o terreno, configurando um centro urbano que captura e se estende para o mundo externo, um nexos de vida política e cultural que unifica e aproxima as partes territoriais que o compõe.

Este nexos que facilita as interações de grupo pode inclusive, segundo Snodgrass (1980), se tornar um polo proativo eficaz em iniciar tais processos. Citando o santuário de Delfos, o autor chega a apresentar "eventos quase intervencionistas" nos quais a o suporte ideológico de Delfos é decisivo para a realização de marcadas mudanças políticas - a subida de Cípselo ao poder tirânico em Corinto ("e desta forma o grego mais poderoso em sua época", comenta Snodgrass) é apoiada largamente por este santuário. Não podemos afirmar com certeza que tal apoio tenha se dado *pari passu* com as manobras de Cípselo, mas, mesmo que a manifestação de suporte Délfica se trate de uma propagandística baseada em um "acordo retroativo" entre o santuário e Corinto, mas permanece o fato de que locais como Delfos seriam vistos como espaços naturais da agonística, da arbitragem e das mais variadas formas variadas de auto-representação dos Gregos entre os Gregos.

De fato, seguindo o argumento de Snodgrass, parece razoável se supor que em uma sociedade tão fragmentada como o mundo políade se torne

necessária - ou ao menos atrativa - a possibilidade de se acordar em comum um local "neutro" (ao menos em princípio) voltado para a resolução de conflitos e à diplomacia. A base de poder "pan-helenica" de santuários como Delfos poderia então ser talvez mais exatamente interpretável como "Interpolíade". Outras manifestações deste mesmo mecanismo estariam presentes também em santuários voltados aos jogos e competições, dos quais Olímpia imediatamente salta em primazia. De fato, em termos materiais, ambos os sítios em questão aparentam se desenvolver razoavelmente sincronicamente em termos de materiais dedicados e ocupação do espaço, fortalecendo a ideia de uma importância quase sistêmica para o equilíbrio das pressões e conflitos da urbanização.

É interessante notar que a materialidade destas instituições nos permite traçar falhas bastante "politizadas" em sua pressuposta neutralidade, especialmente nos períodos mais recuados de sua atividade. Em seus oráculos Delfos tende a privilegiar Corinto (FORREST, 1957) enquanto que as dedicatórias dos primeiros vencedores em Olímpia evidenciam que estes provêm de uma totalidade bastante circunscrita do Peloponeso. Não aparenta ser um acaso que durante o Arcaico proliferem a construção de tesouros em ambos estes sítios, que de fato são localidades em princípio isoladas - Delfos e Olímpia facilmente se adaptam a uma situação de "patrocínio" por uma comunidade agonística e, em um certo sentido sua localização é de explanação improvável em qualquer outra possibilidade.

Documentação razoavelmente larga suporta esta visão dos santuários "panhelênicos" como áreas de representação e disputa entre as pólis. Snodgrass

(1980) sugere que as dedicações de equipamentos hoplíticos nos níveis arcaicos pólis como Siracusa se tornam mais comuns ao mesmo tempo em que se tornam mais raras nos enterramentos individuais de mesmo período, sugerindo uma alteração de significado.

O autor caracteriza esta moção como uma possível evidência para o esmorecimento da importância da família frente à crescente centralidade da pólis. O fato de que panóplas capturadas em batalha sejam igualmente dedicadas desta forma reforça tal interpretação, tornando o ato do combate uma atividade pública do grupo e representada como tal.

O desenvolvimento monumental dos santuários panhelênicos, no entanto, se realiza de forma mais lenta do que nas pólis. Nos momentos mais recuados do arcaico, os templos em Delfos e Olímpia são decididamente menores e mais simples do que aqueles em Corinto, Siracusa e nas demais pólis. A competição entre as cidades gregas sempre se fez presente seja nas guerras como nas disputas pelas construções mais imponentes e monumentais portadoras de decoração mais elaborada e também nas competições e oferendas em contexto panhelênico.

A proliferação de templos em grande escala e ordem dórica no mundo *colonial* (Siracusa, como vimos no capítulo II, sendo um exemplo marcado neste sentido) pode ser vista nestes mesmos termos competitivos, bem como também é possível assim interpretar a disseminação mais intensa de alterações na produção cerâmica. De fato, a possibilidade de se discernir pelos traços típicos e individuais da pintura situações de influência, deslocamento e aprendizado entre grupos de artesãos se locomovendo e encontrando no mundo políade (ponto explorado na

análise da cerâmica de Corinto no capítulo I) se enquadra como uma evidência forte nesse sentido. Tendo em vista, então, o desenvolvimento de santuários externos e internos em nossas pólis comparadas, seria possível traçarmos alguns padrões relativos à religião?

A maioria das divindades cultuadas em Corinto estão presentes em Siracusa, com a exceção previsível dos cultos heróicos e de ancestralidade, substituídos pelo culto ao *oikista*¹⁴. Duas variantes vão abranger o culto de Afrodite e Hera, em crescente importância em Corinto (em nosso estudo de caso, podemos perceber o desenvolvimento de Perachora como um centro de culto à Hera, por exemplo) mas de expressão bastante limitada em Siracusa - curiosamente as fundações iniciadas pelos próprios siracusanos irão incluir em contraste usualmente grande presença da figura de Afrodite (Reicher-Südbeck, 2000). Em contrapartida, Siracusa apresenta um foco inicial na figura de Atena, semelhante às práticas coríntias na medida em que também é uma divindade feminina escolhida como elemento de identidade póliade, mas particular por sempre retratada relacionada às armas e ao conflito.

Novamente, nos deparamos com uma situação onde uma identidade particular pode ser percebida ao mesmo tempo derivando-se e divergindo de metrópole e das cercanias das fundações sicilianas, de modo semelhante ao

14

- Como vimos no Capítulo II a área do Athenaion nos mostra uma alteração de foco de culto durante primeiros momentos de Siracusa. Não é certo, mas é possível, que os primeiros rituais no local fossem dedicados a ancestrais – se este é o caso, podemos teorizar que estes não seriam transplantados idênticos aos cultos ancestrais coríntios, na medida em que não celebrariam a comunidade política da metrópole e seria natural se preferissem escolher um subconjunto de ancestrais mais interessantes para o esforço colonizador – o *oikista* ou membros aristocráticos da primeira fundação. Mais provável seria se supor uma aproximação mais direta igualando o *oikista* à figura do herói.

observado na comparação dos contextos funerários – uma religião que descende, mas de modo próprio e particular, da primeira leva de *colonos* coríntios.

Como vimos nos dois primeiros capítulos, os ritos funerários das duas pólis aparentam seguir o padrão proposto por Shepperd¹⁵ (1995), encontrando-se marcadas diferenças entre as tumbas coríntias e siracusanas. Na cidade fundadora a posição usual de deposição dos corpos é contraída, enquanto em Siracusa apoiar-se o corpo estendido do morto sobre uma cama funerária é o mais comum para nosso período de análise. Enterramentos múltiplos primários são comuns em Siracusa, mas apenas enterramentos múltiplos secundários são perceptíveis em Corinto, de forma igualmente contrastante. Por fim, a deposição de objetos votivos em metal em Siracusa é mais comum do que nos contextos coríntios. Como mencionamos ao final do Capítulo II, Siracusa parece incorporar elementos de práticas locais.

Para se conjecturar sobre a interrelação entre os sistemas religiosos de nossas duas pólis estudadas é importante também não só se basear em conclusões derivadas dos contextos internos urbanos, mas se levar em conta a participação mútua das duas comunidades em seus respectivos santuários. Infelizmente, as informações para tal tentativa de abordagem podem ser bastante indiretas. Uma possível via de acesso é proposta por Scott (2013) baseando-se na presença de artigos de "padrão itálico" como um possível marcador para a interação Siracusana. Kilian-Dirlmayer (1985) propõe um padrão "Itálico" baseando-se em semelhanças taxonômicas na comparação do material dedicado

15

- Para Shepperd as fundações não dão continuidade aos ritos funerários das áreas de origem como uma forma de marcar sua independência.

em Olímpia, Perachora, Pherai e no *Heraion* de Samos ao início do século VII. No território da Coríntia, sobretudo Perachora, este material "Itálico" será bastante raro - cerca de 2.5% e restrito a classes de material bastante específicas (no caso, fíbulas)- sendo muito mais comum em Olímpia, onde cerca de 8.9% do material dedicado pode ser descrito como "Itálico", abarcando várias classes tipológicas como armas, jóias e outros trabalhos em metal.

Scott argumenta que, dada a presença de Siracusa na documentação escrita referente a Olímpia, esta devesse seguir em alguma medida uma derivação do padrão "Itálico", novamente sugerindo modos de culto diversos entre fundador e fundação. O autor entretanto cita a ausência de material neste padrão em Corinto como evidência para se afirmar que Siracusa não estaria interessada em relações comerciais particularmente intensas com a antiga fundadora.

Defenderemos aqui a posição de que, se concordamos com a ideia do padrão "Itálico" ser um marcador interessante, temos dificuldade em utilizar o mesmo como um marcador comercial: a própria formulação do padrão não se baseia em material primariamente siracusano, existindo a dúvida sobre se a própria pólis da Sicília se enquadraria "corretamente" nestes termos e, existindo uma divergência de culto, argumentamos que os materiais comercializados muito provavelmente poderiam passar por uma seleção que criasse padrões diversos não necessariamente o comércio de outros artigos menos particularizados e especialmente se levarmos em conta víveres, matéria prima e artesanato em estilo mais "fluído". Seguiremos nossa análise então avaliando como abordar a questão das trocas comerciais.

5. A estrutura social e as atividades econômicas.

A estrutura social pode ser objeto de hipóteses a partir dos vestígios funerários, da organização e disposição do espaço habitacional e das marcas deixadas das atividades econômicas, além das fontes textuais. Para Corinto e Siracusa temos dados que mostram uma certa independência no percurso seguido no que tange especialmente `as atividades econômicas. Em linhas gerais temos uma visão recorrente nas fontes textuais quanto `a riqueza de Corinto enquanto uma pólis voltada `as trocas e produtora de uma cerâmica de alta qualidade já no período arcaico. A arqueologia desvenda os achados da cerâmica coríntia por sítios da área balcânica, da Magna Grécia e Sicília, Jônia e ilhas egeias, enfim atestando uma ampla área de expansão *comercial* de uma pólis ainda em formação. A variedade de formas, a decoração sofisticada e complexa inspirada nos padrões ditos “orientalizantes” o conteúdo dos frascos, caros óleos perfumados, apontam para uma produção em grande parte destinada ao mercado externo, em princípio, um atividade lucrativa. A Corinto produtora de cerâmica torna-se aos poucos a cidade interessada em fincar raízes em áreas que lhe permitam este desenvolvimento econômico: surgem, assim, suas fundações como Corcira e Siracusa.

No caso de Siracusa temos desde o início uma preocupação com a expansão territorial que pode ser vista como uma busca de mercados para a cerâmica coríntia e o controle de uma produção agrícola importante, possivelmente com vistas `as trocas também. Os dois modelos de ocupação territorial e atividade econômica se desenvolvem sob a proteção de governos

oligárquicos e tirânicos que, em variados momentos se apoiam em algo como uma camada hegemônica nem sempre claramente definível. Os *Gamoroi* de Siracusa são explicitamente citados por Diodoro e são a base de apoio dos Deinomênidas em vários momentos. Acredita-se que seriam grandes proprietários de terras, a dominar o demos e os *kylllyroi*, servos não bem caracterizados pela historiografia. Mas quem estaria no controle das trocas com as populações locais? Não há evidências que permitam qualquer definição mais objetiva. A elite de Corinto também, a princípio, estaria explorando a agricultura mas, a partir da expansão da produção cerâmica, a estrutura social não aparece com nitidez.

Whitley aponta que a metodologia arqueológica tende a sobrestimar a representatividade comercial da cerâmica - por este material ser aquele que melhor resiste a ação do tempo temos grande detalhe de informação sobre suas flutuações. Mas a maior parte do comércio certamente se realizava em gêneros perecíveis - alimentação - deixando rastros muito mais confusos. A possibilidade de materiais reaproveitáveis deve ser também considerada (o metal, em especial, poderia ser retrabalhado sucessivas vezes).

A expansão das trocas de cerâmica é um dado fundamental e nos sugere uma expansão econômica e comercial, mas não sabemos precisar se esta é anterior, sincrônica ou já posterior (uma possibilidade, mesmo que remota, já que não temos informações claras da extensão do comércio Arcaico Inicial justamente pela escassez cerâmica) à uma "integração" (ao menos relativa) das diversas produções agrícolas mediterrânicas. De qualquer forma, em alguma escala, temos neste período evidências de maiores contatos e maiores trocas afetando a estrutura da cidade.

Uma questão importante para definir os limites da urbanização se torna então precisamente a da ideia de “mercado” e de espaço de troca. Pelos traços disponíveis na análise das trocas cerâmicas, o mundo grego chega a se aproximar deste conceito?

Tomando o trabalho de catalogação dos vasos atenienses no período em que esta pólis já vencia a “competição” para com os coríntios, sobretudo através do “Catálogo Beazley,” Whitley afirma que ao menos 200 profissionais são identificados por suas particularidades estilísticas. O autor adiciona conservadoramente mais 100 indivíduos hipotéticos como trabalhadores, somando papéis menos especializados ligados a esta produção (por exemplo, transportadores de materiais e mantenedores de armazéns) à modalidades específicas de menor intensidade presumida (especialistas em coroplástica, especialistas no controle dos fornos,), no objetivo de somar este contingente de pessoas a outros trabalhos especializados com concentrações mais ou menos desprendíveis de outras evidências materiais: temos nove nomes entre as inscrições de autoria das estátuas Atenienses do século sexto (contra sessenta e três pintores de vasos assinando suas criações no mesmo período).

Tomando esta estimativa bem parcimoniosa, as demais formas de produção exportáveis, como os trabalhos de ourivesaria e entalhes (o trabalho em metal sendo um problema de acesso mais difícil, dada a suposta itinerância dos profissionais assim aplicados - ponto que talvez relativize todo o cálculo, uma vez que as demais profissões possam também ter um acréscimo itinerante marcado) Whitley presume que não mais do 100 outras pessoas se dedicassem a produção artesanal. Assim, os 400 indivíduos resultantes totalizariam algo em torno de 2%

da população presumida da Atenas neste período (avaliação demográfica em si largamente discutida), um baixo contingente para se afirmar a existência de uma economia de mercado: a urbanização não estaria ligada ao crescimento da cidade, sendo então apenas um efeito secundário.

Está é uma posição bastante difundida, mas é a opinião de nossa proposta de pesquisa de que tal construção é, talvez, ao menos parcialmente incompleta. O comércio apreciado nessa enumeração de profissionais é aquele de luxo - certamente concordamos que o comércio de itens de luxuosos provavelmente é de importância secundária para o fenômeno urbanístico, mas mantemos que ainda não existe um consenso quanto a interligação comercial mediterrânica no nível que mais realmente se mostraria como um indicador da ligação entre comércio e urbanização: aquele dos gêneros básicos.

De certo modo, a própria grande disparidade entre os dados que Whitley apresenta no lado dos ceramistas e no dos demais artesãos nos dá um argumento sobre a proeminência da importância dos materiais de uso diário, prático e menos dispendioso sobre a dos trabalhos artesanais rebuscados, de transporte delicado e de valor de troca complexo - os 200 pintores de vasos, 36 diretamente aplicáveis à Atenas Clássica, com seu produto ubíquo, relativamente barato e de uso constante são muito mais numerosos que os 9 escultores, que oferecem um serviço dispendioso e de uso primariamente ideológico. Uma proposta "economia de mercado" nos parece mais possível empregando transportadores, produtores agrícolas e extratores de matérias primas de rápida utilização (inclusive em obras públicas, como no caso de pedreiras) do que na troca de produtos de grande valor agregado - talvez o número de remadores, capitães de navios, mineiros,

agricultores, peleteiros, lenhadores, trabalhadores têxteis, produtores de azeite e bonificadores de matérias primas de todo tipo fosse um indício mais claro. Mas, de fato, estas informações ainda nos eludem, e permanecem inconclusivas as tentativas de descrever o comércio Arcaico e Clássico.

Sugerimos, no entanto, que quer seja uma importância primária ou secundária, em alguma escala seus efeitos são sentidos na formação políade. Como então abordar o problema do comércio antigo?

Uma possibilidade está na própria separação de áreas de produção, que também pode nos permitir avaliar como o trabalho dos artesãos varia. Os traços mais imediatos são aqueles diretamente ligados a atividades extrativas - pedreiras, por exemplo, deixam poucas dúvidas neste sentido - oficinas são o segundo marcador mais imediato. Estas acabam por se provar dispersas por toda a área da pólis. Corinto sendo novamente um caso interessante neste aspecto, com seu bairro ceramista não sendo ponto exclusivo pra esta prática e com o problema em aberto da inexistência de indícios diretos acerca da coroplástica (como vimos no capítulo I, percebemos claramente seus produtos, mas falhamos em localizar suas fontes). O quadro representado por estas evidências nos sugere uma pólis onde a área urbana não é necessariamente a área de produção por excelência, mas sim onde o artesanato é realizado em variadas localidades, de acordo com a praticidade.

Como percebemos nos vários casos de bairros ceramistas, áreas especializadas não são no entanto incomuns, florescendo graças ao entrecruzamento de avaliabilidade de matéria prima, mão de obra e mercados interessados, quer domésticos ou externos. Em alguns casos bem preservados,

estas relações de praticidade podem ser percebidas, como no bairro ceramista de Atenas que, durante os períodos Arcaico e Clássico, se orienta em correlação as vias maiores de saída da cidade e aos cemitérios, tendendo a se concentrar na porção noroeste da cidade por consequência.

Esta correlação entre áreas de produção cerâmica e necrópoles, como seria de se esperar, é razoavelmente comum também em outros sítios, como Torone, Sindos e Rodes; a presença de áreas de produção dedicadas a necessidades aparentemente relacionadas à vizinhança também são perceptíveis, como no caso de Metaponto, onde oficinas cerâmicas dispersas na *chora* produzem cerâmica utilitária e rústica, diversa da cerâmica de acabamento altamente decorado produzida na *asty*. A justaposição de áreas especializadas é também um ponto interessante para se supor qual a dinâmica de trabalho ali realizada - não é incomum encontrar oficinas distantes da fonte de material por elas utilizadas, sugerindo a realização de trocas neste sentido (oficinas de trabalho em metal sendo bastante pronunciadas desta forma), enquanto que a correlação entre dois tipos de trabalho relacionados (como oficinas cerâmicas e forjas de metal existindo lado a lado, provavelmente para que as primeiras forneçam os moldes empregados pelas segundas) nos mostram um raciocínio de aproveitamento de volume e uma possível produção maior.

Uma dificuldade importante nesta aproximação de análise está em se diferenciar entre instalações permanentes, propriamente conectadas a questão da produção local e construções temporárias ligadas a algum projeto público de maior escala ou necessidade temporária. Em geral se espera que quanto mais

importante e estável seja uma determinada produção, mais formalizada e clara seja sua materialização no espaço.

Assim, no mundo antigo a distinção entre cidade produtora e consumidora nos termos de Fustel de Coulanges se torna improvável - todo assentamento aparenta participar em ambos os pólos. As fontes escritas tendem a privilegiar descrições sobre a capacidade de exportar material sobre as necessidades de importar e usualmente se tratam de documentos de cronologia bastante tardia, com um foco Atenocêntrico do V século. Material estrangeiro em grandes quantidades de fato está presente em vários sítios (concentrações de cerâmica Coríntia são comuns), mas um fenômeno talvez ainda mais diretamente ligado a esta prática está na existência de estruturas interpretáveis como estabelecimentos dedicados (mesmo que não exclusivamente) a venda de produtos externos à cidade em questão: C.K. Williams, nas escavações do fórum em Corinto (1975) percebe a venda de material Púnico em uma estrutura distinta (mas tardia para nosso propósito de recorte). Que a pólis controle estes mercados parece improvável, mas ao menos podemos supor que algum interesse em promover a participação nestas trocas deve mover parte das decisões do grupo. Thasos apresenta inscrições epigráficas sugerindo algo como controle protecionista a sua produção de vinho e foco em exportar o máximo possível, chegando até mesmo a desenvolver um carimbo de ânfora particular, medida rara em outras localidades neste período.

Estas medidas deveriam, por consequência, se manifestar de alguma forma material nos espaços portuários. Em Atenas, por exemplo, o Pireu do século IV tem marcada expansão em suas estruturas comerciais em detrimento do porto

militar, sincronicamente com o desenvolvimento de empórios associados. Estas medidas coincidem também com um aumento pronunciado da população de residentes métricos e expansão das áreas artesanais. Em Corinto a rota do diolkos pode ser percebida também como um interesse na facilitação e expansão das opções de transporte de mercadorias. A própria atividade dupla em Kenchreai e Lechaion também aparenta ter um interesse em maximizar relações de trocas e contatos marítimos. Como poderíamos resumir como trocas comerciais são, então, consideradas pela literatura acerca de Corinto e Siracusa?

Inicialmente a teoria arqueológica postulou uma grande dependência da parte de Siracusa frente aos bens manufaturados por Corinto (DUNBABIN, 1948). Mas as informações do registro arqueológico não parecem concordar com esta afirmação: iremos então apresentar agora um breve elenco das evidências sobre a cerâmica de período Arcaico na região Siracusana, com o objetivo de demonstrar que o estilo Coríntio não é hegemônico, existindo ampla evidência para trocas maiores, mais complexas e por um espaço mais amplo.

5.1 Além de Corinto: outros estilos gregos e sua ligação ao padrão de culto siracusano

Na descrição do espaço siciliota arcaico nos deparamos repetidamente com um cenário de contatos entre as várias fundações gregas e as comunidades *indígenas*, realidade esta que muitas vezes irá dificultar a identificação do material cerâmico produzido propriamente por Siracusa e das peças importadas ou comerciadas com as populações *nativas*, a fim de se identificar quais são os padrões locais e quais teriam se derivado em contraste ao contato mantido com a

fundadora Corinto. De fato, diferentemente de Corinto, Siracusa não impõe como um centro produtor de cerâmica tão importante e, como resultado, nenhum estilo identificável como “Siracusano” será plenamente visível até a época de Hieron, quando formas locais com forte influência ática se tornarão populares. A pólis se mostrará, em contrapartida, grande consumidora de cerâmica importada, tanto da metrópole Coríntia quanto da área siciliota e de contatos mais distantes. Assim, como já tratamos dos padrões coríntios no capítulo anterior, prosseguimos então elencando os principais padrões discerníveis de material não-coríntio em contexto siracusano, em busca de um padrão local.

Esta dificuldade é talvez mais visível ao analisarmos o caso da influência da cerâmica argiva em Siracusa. As primeiras peças do que viria a compor este grupo a serem identificadas são inicialmente o conjunto das chamadas “Crateras do Fusco”, recuperadas nesta necrópole e datadas da primeira metade do VII e apresentando decoração não-figurada, de grande influência orientalizante. Orsi (1895) teoriza uma origem local destas peças, contestada posteriormente por Arias (1936), que já sugere Argos como uma provável fonte deste material, embora cite as Cíclades como outra possível solução.

Uma reavaliação destas peças conduzida por Dunbabin e Young (1948) novamente prefere classificar estas crateras como produção siracusana, ganhando o apoio de um grande número de autores, como Villard (1951), Schweitzer (1955) e Cook (1960). O tema prossegue sendo alvo de grande debate até a catalogação do material argivo por Coldstream (1968), que propõe a categoria do “Sub-Geométrico Argivo” como uma classe imprecisa abarcando estas peças mais controversas. Bommelaer (1972) oferece uma interessante

alternativa, sugerindo que estas peças pudessem ser cópias siracusanas de modelos argivos, elencando elementos morfológicos da própria estrutura destes vasos em seu argumento.

Se esta sem dúvida é uma perspectiva interessante é também um tanto incerta, uma vez que o espaço amostral é bastante limitado - apenas duas crateras formam este grupo do Fusco - e conclusões como as apresentadas por Pelagatti (1984), que vê nelas evidências para uma oficina "Siracuso-Argiva" existindo já praticamente ao momento da fundação são bastante arriscadas, embora não totalmente refutáveis de imediato. Mesmo com estas dificuldades, o material chega a ser empregado em sínteses como a de Van Compernelle (1966), que propões uma proximidade política entre Siracusa e Argos durante o assentamento da cidade.

Gradualmente, os estudos comparativos morfológicos irão colocar as "Crateras do Fusco" em um conjunto maior, abarcando material do final do VII século e início do VI. A totalidade de amostras (cerca de doze peças, com algumas mais propostas mas ainda não unanimemente aceitas) está circunscrita dentro da ilha da Sicília, com um expressivo número delas - cinco - sendo resgatado de contextos siracusanos, com Mégara e Selinonte apresentando pequenas concentrações.

Dentro do material encontrado em Siracusa apenas dois fragmentos são escavados dentro de contextos de habitação. Dois outros fragmentos estão dedicados em túmulos e a última peça siracusana está em um santuário - e de fato, devemos comparar esta realidade com as outras oito amostras bem documentadas, todas elas proveniente de locais de culto. Assim, estas peças

aparentam se tratar de cerâmica dedicada ao uso primariamente religioso. Um curioso indício para uma possível significação local mais particular ao uso Siracusano é proposto por Luchesi, que aponta o fato de apenas termos exemplos desta cerâmica em uso religioso tumular neste sítio.

Nesta atribuição de significado religioso, a forma destas peças parece condizer com sua significação - vasos ligados ao consumo de vinho são comuns entre os depósitos de culto em Siracusa, e fato em toda Sicília, raramente sendo encontrados em contexto domiciliar, sendo comum a associação entre diferentes formas utilizadas na preparação e diluição da bebida, por exemplo com a cratera estando vizinha a um cântaro ou à taças. Em Siracusa, um pouco diversamente do que ocorre nas outras amostras, uma propensão à decoração com motivos animais orientalizes, incluindo grandes felinos e criaturas mitológicas, é atestável e recorda um tanto a predileção destes temas nos kótiles Coríntios. Temos assim alguns indícios - se um pouco fracos - de possível continuidade do ritual de banquete, mas sob grande alteração e provável ressignificação, associando estilos não-Coríntios à temas pintados e ao uso ritual derivado, mas não reproduzido inteiramente, desta Polis. Na tentativa de se verificar esta hipótese se faz necessário, então, avaliarmos o material cerâmico não-Coríntio proveniente de contextos de culto Siracusanos.

5.2. A Cerâmica Greco-Oriental e os Espaços Religiosos

No espaço amostral do material recuperado de contextos claramente religiosos siracusanos temos uma grande incidência de peças em estilo Greco-Oriental - onze exemplares - se somando ao exemplar Argivo já discutido. A tendência à formas ligadas ao consumo de vinho permanece marcadamente, sendo atestável em dez das amostras. Esta uniformidade nos permite também ressaltar um foco marcado no ato de beber em si: cinco das peças são de utilização direta no consumo, como taças e crateras, três são de utilização ligada à servir a bebida, e apenas duas em sua diluição com água. Tão somente duas amostras de fragmentos de pratos completam este material, nos distanciando relativamente então do ritual do banquete (uma vez que estes poucos pratos parecem se adequar mais prontamente à oferendas do que ao uso por convivas reunidos, que necessitariam de uma aparelhagem mais considerável) rumo a um padrão mais parecido com o simpósio, prática de certa forma diversa, mas conexa de modo retrabalhado.

Na continuidade deste exame dos traços de material Arcaico não-Coríntio denotando uma adaptação propriamente Siracusana da esfera ritual devemos atentar aos exemplares cerâmicos da Necrópole do Fusco. Nestas tumbas, duas peças são atestáveis dentro do padrão Argivo já descrito, duas em estilo oriental somadas a um novo dado - três peças em estilo Lacônio. A predileção por formas ligadas a se beber vinho continua, agora associadas também (de forma previsível) a vasos ligados ao rito de libação. Uma inversão ocorre na frequência dos tipos específicos de material ligados à cada estágio do consumo de vinho, com três amostras utilizadas no ato de misturar e diluir e apenas duas taças presentes. Um

balsamário e um lídion (este último sendo Lacônio) se colocam à margem das amostras, estando ligados ao uso em perfumaria e cosmética.

5.3 – A interação Dinâmica entre Corinto e Siracusa

Tendo apresentado as evidências relativas a cerâmica em território Siracusano, retornamos a nosso argumento sobre as trocas comerciais e interligações marítimas entre Corinto e Siracusa. De fato, Finley (1979) e Shepperd (2005b) calculam que a presença de material cerâmico Coríntio em Siracusa não é identitariamente expressiva, sendo comparada a presença deste mesmo tipo de material em Gela, uma cidade fundada pelos Ródios. O que pode ser considerado um forte elemento identitário, no entanto, é que alguma presença (sempre não exclusiva) de material Coríntio é contínuamente atestada em Siracusa mesmo quando a amplitude do comércio Coríntio retrai marcadamente no Ocidente Grego.

Scott (2013) nos apresenta duas possibilidades para esta continuidade, infelizmente igualmente inverificáveis - ou os Siracusanos culturalmente mantiveram as formas cerâmicas coríntias como um elemento identitário ou o comércio com a cidade fundadora sempre se manteve como uma via importante de troca, a ser mantida constantemente. De qualquer forma as evidências nos sugerem que estas duas pólis mantivessem identidades culturais próprias e uma interligação menos direta e mais permeada, com grande latitude em suas trocas comerciais.

Um dos riscos desta nova aproximação, no entanto, está em se dissociar completamente as duas pólis, criando um cenário que, em termos práticos, acaba por promover um isolamento artificial sobre fenômenos pelo menos de alguma forma conexos - como Scott (2013) aponta, talvez a afirmativa de Snodgrass (1994) de que "a descrição de Siracusa como uma cidade Coríntia não necessita significar nada mais do que o fato desta última ter sido fundada por um *oikistes* coríntio e que os primeiros cidadãos vieram de Corinto" seja em si um recorte tão artificial como assumir perfeita especularidade social e urbana.

Se pretendemos trabalhar então com *colonização* também como difusão de significado, cultura e integração, com se torna necessário trabalhar qual seria a melhor definição de um conjunto de indícios discerníveis que pudessem caracterizar a diferença entre assentamento permanente e presença efêmera, na tentativa de traçar os nós desta rede emergente de difusão cultural, estes "efeitos em massa" de interação social permeando o Mediterrâneo. Como já vimos nos exemplos práticos, a simples equiparação da datação do estilo do resquício cerâmico mais antigo à data de primeira fundação não pode ser mantida como um método seguro.

Já abordamos nos casos práticos as implicações desta dificuldade, mas, de qualquer forma, Snodgrass ressalta também que o espaço colonial nos traz uma importante oportunidade para percebermos os primeiros momentos da pólis, uma vez que temos registros bem mantidos e resgatados de um grande número de sítios políades neste espaço. De fato, o autor sugere que "virtualmente toda colônia Grega era uma pólis", ao mesmo tempo que (como abordamos anteriormente) sua aparição mais remota ocorre sincronicamente ao período

formativo das poleis balcânicas - as colônias são, desta forma, também efeitos da formação políade.

Esta última afirmativa não é, no entanto, uma resolução uniforme e providencial. O próprio autor aponta que um grande número de colônias entre as mais importantes se formam a partir de fundações enviadas por comunidades que não adotaram a forma da pólis, como no caso dos assentamentos promovidos por Lócris e Aquéia (entre eles Síbaris e Krotona), compostos nesse momento por vilas aliadas e que mais tarde se organizariam em ligas e confederações. Snodgrass comenta a importância do fato de que não seja possível nem mesmo se precisar com exatidão qual centro enviou os colonos - estas cidades são na tradição "fundações lócricas", sem maior especificação. No entanto, ao adentrar o mundo colonial, estas fundações seguem a rota de formação políade como as demais. Assim, se a colonização é uma reação a formação políade, é também um evento de formação políade por si mesma, em um confuso eco de realidades externas e semelhanças internas.

Uma explicação prática para tal fenômeno é apresentada por este autor na idéia de que a forma políade simplesmente se apresenta como um eficiente mecanismo de sobrevivência neste cenário: no mundo colonial, um assentamento políade tem melhores chances de se manter frente a pressões externas que o circundam. A esta situação se adicionaria uma inclinação política a escolher esta forma - é racionalmente cabível que, no mundo colonial ocidental, sobretudo na península Itálica, estratégias diversas pudessem de fato obterem melhores chances de sobrevivência e prosperidade. Snodgrass se pergunta, por exemplo, por que formas estatais maiores e mais centralizadas e hierarquizadas não se

consolidaram nos campos férteis da Itália, que não apresentam a mesma profusão de descontinuidades territoriais que permeiam outros espaços coloniais. Sua resposta nos sugere que, de alguma forma, a própria idéia de pólis fosse atrativa aos grupos fundacionais - perder tal chance simplesmente não lhes pareceria atrativo.

Tais subjetividades podem ser bastante difíceis de identificar diretamente, mas podemos perceber melhor aquilo que Snodgrass propõe como "estágios" do esforço de colonização e, especialmente, como este se torna cada vez mais um espaço de interação entre diferentes grupos. Em um primeiro momento, se espera que os grupos fundacionais simplesmente reproduzam os modelos do grupo de onde se desprenderam. Em um estágio sucessivo, as interações entre os vários grupos já fundados configurariam um cenário próprio, de modo com que novas alianças, desavenças e conjunturas políticas e territoriais se configuram, alterando os modelos originais, refinados a formas mais adequadas a circunstâncias diretamente prevalentes. Assim, não seria estranho uma pólis colonial vir a se tornar um oponente de sua antiga matriz ou incorporar elementos culturais e organizacionais dos grupos nativos. Este processo poderia, inclusive, proceder de forma bastante rápida, por exemplo no decorrer de uma geração.

Evidências funerárias podem ser um indicador destas transições. Um tipo particular de conduta favorecido pela cidade fundadora (em vários casos, a cremação, por exemplo) é inicialmente popular ou até unitário, sendo depois ultrapassado em ocorrências por um novo modo caracteristicamente colonial. Como vimos no capítulo II os sarcófagos em padrão Coríntio são inicialmente populares em Siracusa, que posteriormente estabelece sua própria forma de ritual.

De forma equiparável, este mesmo tipo de sarcófago também é "transmitido" para as fundações Siracusanas, ocorrendo também em Mégara Hibléia, Gela e Kamarina. Em suma, as *colônias*, para se utilizar a mesma expressão que Snodgrass emprega, se tornam como os santuários extraurbanos: áreas de contato entre grupos políades diversos, locais de contraposição, contato "*Peer-to-Peer*" e de nossa proposta "coesão por interação".

Nosso quadro final então é o de uma Siracusa que ativamente mistura semelhanças e diferenças frente a Corinto na busca de uma identidade própria, mas em caminho que não corta relações com a comunidade fundadora: pelo contrário, as mudanças identitárias parecem ter por objetivo propiciar um patamar igual de contato, competição e troca entre Siracusa e Corinto, firmando-as como pólis completas e plenas.

Em alguma medida este comportamento é esperado, uma vez que os estudos ligados a *colonização* vem nos últimos anos afastando a idéia de uma pólis -colônia em estado de submissão. Mas, ao mesmo tempo, o exemplo Siracusano parece particularmente intenso, até mesmo identitariamente mais atenuado: outras situações fundacionais no Mundo Colonial Grego aparentam possuir graus de diferenciação e particularização ao menos ligeiramente menores do que na situação Siracusana (por assim dizer um "sucesso" em especial das oportunidades de assentamento no Ocidente).

Sjöqvist (1973), por exemplo, encontra presença muito menor do elemento identitário sículo na fundação Siracusa de Akrai, com enterramentos em padrão muito mais semelhante ao Grego Continental e poucas formas cerâmicas nativas ou de derivação nativa. Córira, outra fundação Coríntia aparenta seguir os

moldes de sua *cidade-mãe* de forma mais próxima, assumindo o mesmo calendário sagrado e utilizando formas epigráficas muito semelhantes (HADZIS, 1995). Assim, temos de perceber em Siracusa (ao menos parcialmente) algum caráter especial reforçando a tendência natural de identificação própria de uma colônia - esta pólis não se trataria apenas da resposta a pressões internas Coríntias, gradualmente dinamizando uma face própria dos desafios particulares do assentamento colonial, mas sim conjugaria estes processos a um papel de marcada centralidade na esfera Siciliota, aproveitando-se de uma conjuntura social e política que a elevava mais rapidamente a proeminência - se tomamos Siracusa como um exemplo tipológico, devemos perceber que se trata de uma diferença talvez extremada, e por certo catalizada de uma das possibilidades mais marcadas de independência na natureza políade colonial.

Como então poderíamos detectar elementos desta problemática da difusão? Snodgrass utiliza um critério tríptico, com o uso da escrita, as experiências tirânicas e a ordem hoplítica como eventos catalizadores deste processo.

6. O uso da escrita, tiranias e a ordem hoplítica

Se aceita que a escrita alfabética tenha sido adotada por volta de 750 a.C. no mundo Grego. Os primeiros usos desta tecnologia não aparentam ter encontrado uma finalidade prática imediata - as evidências epigráficas nos trazem em períodos mais remotos vislumbres do uso da escrita primariamente na esfera pessoal: grafites e chistes, anedotas, ofensas, rivalidades, agradecimentos

religiosos, todo tipo de comunicação cotidiana de uma sociedade vivendo face-a-face. Algumas destas inscrições podem ser vistas como carregando os inícios de um conteúdo "jurídico" na medida em que denotam propriedade e limites entre terrenos, mas maior formalização neste sentido só vira mais a frente no tempo. A maior parte destes primeiros indícios de vida pública, como nos ressalta Whitley, inclui ao menos um nome próprio, muitas delas adotando uma forma semelhante a linguagem falada. Os primeiros usos públicos da escrita surgem apenas cerca de um século depois, com as Leis de Dreros sendo um bom exemplo inicial.

Esta estipulação em particular apresenta já um caráter de manutenção da esfera pública bastante forte - se trata de uma decisão acerca da limitação do exercício sucessivo de cargos públicos, apresentada em uma linguagem razoavelmente diversa da fala cotidiana, e sem nomes pessoais. Whitley percebe nesta materialização já um indício sobre a presença de uma constituição políade, ou ao menos de antecessores desta. É um tema já consagrado na epigrafia a dúvida acerca de qual seja exatamente o alcance da palavra escrita na Grécia - a alfabetização não aparenta ser comum, e a materialização de leis em superfícies escrita tem um uso incerto - talvez seu caráter público seja pesadamente secundário (a lei deve ser lida como um intérprete) ou até algo próximo a uma ficção jurídica (não muito distante da solução moderna de se assumir um fato como incontrovertida mente "público" através de sua publicação em um diário oficial).

Ao utilizar as inscrições jurídicas e os códigos de regras e leis como um possível marcador, Snodgrass apresenta que estes seriam já indício de uma

comunidade política bastante estabelecida. Se presume então um período formativo, quase idealizado, anterior ao diretamente materializado no marcador.

Dentro do desenvolvimento espacial e urbanístico Siracusano um período atraente como candidato a este momento formativo é o das Tirantias, sincronizando boas evidências para um processo de "independência" frente à *cidade mãe*, que podem ser percebidas pelo decorrer do V século. É neste período que as particularidades arquitetônicas de estilo monumental irão se consolidar na formação de um "Estilo Ocidental Grego" por toda região da Sicília. Grandes influências externas serão incorporadas de forma remanejada na arquitetura monumental em um processo contínuo até o Período Clássico mas o modelo de referência não se fundamentará em Corinto, mas sim em Atenas - de certa forma, podemos afirmar que Siracusa reage bastante cedo a alteração de poder e influência política no Ocidente Grego. Tais características irão culminar mais a diante em período clássico, as fontes escritas inclusive nos permitem afirmar algum interesse Siracusano em emular ou trazer para si costumes "Áticos", com a expansão do teatro, com evidências da realização de dois dramas de Ésquilo ("Os Persas" e a agora conhecida apenas em fragmento "Aetnae", como proposto por Dearden, 1990), bem como recebendo as visitas de poetas notoriamente pró-Atenas, como Píndaro e Simônides.

Mas, como argumentamos, seria natural por parte da teoria e metodologia lançar mão sobre a figura de Gélon, tirano renovador de Siracusa como uma possível explicação para a catálise da formação políade. O governante, seguindo uma posição ambivalente quando das Guerra Persas, buscará articular alianças para com a Grécia Continental, reformulando sua identidade. Em termos materiais,

teremos nestes esforços a construção de santuários dedicados à Atena e a Demetér na Ortígia, manejando com habilidade duas alianças distintas e respectivamente honrando a divindade central Ateniense e a Coríntia. Esta iniciativa será mantida por seu sucessor, Hiéron, que apresentará suas vitórias sobre os Cartagineses e Etruscos com um discurso similar à vitória sobre os Persas, sobretudo através de dedicatórias em Olímpia e Delfos, mantendo sempre o alfabeto propriamente Siracusano em formulações típicas específicas.

Estes esforços parecem surtir efeito, se refletindo nas reações da documentação escrita, mas o conteúdo destes relatos nos permite relativizar cada vez mais em que medida o Tirano seja o “começo” da vida políade. Píndaro (*Pítia*, I) representa a Sicília diretamente como parte da identidade da "Hellas", com foco especial sobre a posição de liderança siracusana no Ocidente e recapitulação de seus mitos fundacionais. Em Heródoto (4.23.4) o mito Heráclida é utilizado como elemento de aproximação panhelênica, situando o décimo trabalho do herói "no local onde hoje Siracusa está erguida". Este mesmo autor nos permite perceber parte das relações Siracusanas frente à Corinto e a Grécia Continental, sugerindo já alguma ambivalência: Se por um lado, juntamente com Cócira, Corinto intervém como mediadora diretamente em interesse siracusano quando após a derrota frente a Gela (7.154.3), e recebe em exílio o líder sículo politicamente volátil Ducezio , por outro o autor aponta também a desconfiança de Gélon ao receber o pedido de aliança da delegação grega (7.158), enumerando os conflitos e ofensas que se teriam se passado entre o tirano e seus circundantes e mantendo como condição a seu apoio uma cláusula em verdade impossível - reter para si mesmo o comando central do esforço de guerra.

Tucídides (I.25.4) menciona uma situação de conflito, com os Coríntios desagradados pela discordância por parte da colônia da Cócira de reservar parte de seus sacrifícios à cidade fundadora. Mais a frente no texto (I.38.2), os Coríntios citam diretamente esperar estar em uma situação de liderança e proeminência frente a Cócira, mas o texto é impreciso se este destaque se dá no plano político ou no ritual, utilizando fórmulas como "esperar a reverência certa" e "sermos mais amados do que qualquer outra cidade". O trabalho de Tucídides inclui também mostras uma intervenção direta dos Coríntios em suas colônias de Potidéia (I.56.2), com os epidemiourgoi são escolhidos pela cidade-mãe. Mais comuns são as passagens sobre pedidos de tropas pelas colônias à Corinto (como 6.104.1), onde o termo "*Suggeneia*" ("Irmandade", "Pertencimento", no sentido de mesma Genos) é empregado para denotar algo vagamente similar a um dever, se talvez apenas como costume e não como lei reforçada.

Em todos os casos, Gélon e Léron aparentam manejar habilidosamente um sistema bastante desenvolvido e bem estruturado – não se tratam de “primeiras experiências”, mas sim de calejados especialistas com ambições e habilidades possíveis apenas em um cenário onde a comunidade política já se apresenta consolidada. Assim, mesmo o conceito de tirania, as vezes citada como uma possível candidata a explicar este período formativo, ao menos em algumas das Pólis, pode ser afastada como um marcador de "ponto zero" para a institucionalização. Snodgrass chega a afirmar inclusive que, fora deste contexto de organizações emergindo de práticas anteriores, a experiência tirânica seria quase incompreensível, uma vez que o Tirano mantém seu poder se apropriando de um sistema já presente, ao invés de criando uma ordem completa do nada. Da

mesma forma, a última explicação clássica da teoria de qual seria o fator catalizador da formação políade restante, a adoção da organização hoplítica encontra também dificuldades em se configurar como uma causa da urbanização, sendo mais compreensível se tido como um efeito sincrônico desta.

O conteúdo objetivo da organização hoplítica é um tema bastante debatido, não existindo um consenso claro sobre sua materialização em termos de equipamento e nem mesmo sobre exatamente quais seriam suas táticas e necessidades práticas (fora de balizas bastante gerais que poderiam descrever qualquer combate em esforço coletivo organizado). O que talvez caracteriza esta figura, no entanto, é seu método de recrutamento cidadão. Tal estipulação necessita da existência de uma forma confiável de recenseamento e registro do corpo de cidadãos, discernindo sua propriedade, sua idade e seu gênero - em suma, prevê já de início a presença de uma burocracia estabelecida. Assim, este talvez se trate, como afirma Snodgrass do marcador mais remoto discernível de um efeito da formação políade - a falange hoplítica pode ser vista como uma manifestação da própria pólis em ação.

Esta se trata de uma conclusão consoante com a proposta por Whitley ao propor a importância maior do comércio como fator agregador da pólis, e de fato se trata de uma abordagem historicamente também bastante atrativa para a teoria social clássica: a urbanidade arcaica poderia ter sido motivo de uma razão política, e não de uma necessidade de produção. O estado cidadão exclusivamente masculino seria um reflexo de uma "sociedade hoplítica", com a capacidade de se armar em serviço da pólis sendo o elemento caracterizador do cidadão pleno. Algumas das bases estruturais da falange hoplítica (que, no entanto, são ainda

pontos contenciosos na teoria arqueológica) também são interpretadas como bases da formação de uma comunidade política: a ideia de um grupo de iguais descendendo da formação coletiva de batalha, o afastamento de laços de parentesco por laços públicos graças a um "espírito de unidade" - bases, como nos coloca Whitley - de uma "solidariedade em comum".

Qual é a realidade prática da ordem hoplítica ainda é, no entanto, um problema em aberto. Pelas evidências pictóricas, podemos construir um *terminus ante quem* para a formação mais geral de uma equipagem de combate em lógica coletiva de armadura (escudos que possam se sobrepor, lanças para atacar em formação, etc) ao século VII, com a representação do prato de Kameiros em Rodes nos apresentando personagens em panóplias completas. Representações como esta não são, no entanto, documentos perfeitamente confiáveis, uma vez que suas decisões pictóricas se adequam a necessidades estéticas (por assim dizer o mundo antigo não necessita de uma fidelidade maior em representar o conflito do que o nosso moderno apresenta - uma boa história pode perfeitamente triunfar sobre uma preocupação realista) e o mesmo se dá com os armamentos dedicados em contexto funerário, que misturam de forma complexa e incerta formas práticas, armamentos de parada de uso impossível em combate (elmos pesados demais, lâminas estruturalmente frágeis, couraças que tolheriam demasiadamente os movimentos) e até objetos que provavelmente se assemelham a armas só em simulacro de prestígio. Vale inclusive ressaltar que, como vimos nas análises funerárias dos contextos Coríntios e Siracusanos, um "túmulo guerreiro" não é necessariamente o túmulo de um guerreiro, mas sim uma situação de prestígio e um discurso ideológico e político.

O contexto funerário, no entanto, pode nos trazer melhores evidências da aparição do conceito de cidadania como igualdade pública e como o nascimento de uma isonomia quando analisamos a distribuição dos artigos de mobília funerária. Morris (1987) demonstra que os períodos de maior semelhança de mobiliário funerário - e maior raridade das tumbas com armas dedicadas- em Atenas coincidem com períodos no qual o discurso de igualdade pública se encontra em destaque ideológico, como durante a reforma Clisteniana.

Ainda no tema do registro funerário, Snodgrass cita a sugestão de Moses Finley de que o marcado desaparecimento de vários tipos de mobiliário funerário após o VIII século em regiões bem definidas - usualmente, pólis bem desenvolvidas ou ao menos pré-pólis já em avançado estado de integração rumo a forma políade plena, contrastando com o mundo das *ethne* (sobretudo, Creta) - se apresentaria como outra marca de um processo "em massa" de alteração de dinâmica social. A rejeição destes artigos funerários não viria de uma situação de controle perfeito destes pela elite, mas da aparição de novas práticas e ideologias, elementos sintomáticos de uma nova coesão estabelecida entre os membros deste grupo.

Conclusão

O nosso percurso de pesquisa sinalizou algumas considerações à guisa de conclusões parciais que na verdade são aproximações tentativas a uma questão que é altamente complexa e que depende de um conjunto de dados empíricos fragmentários e sujeitos a mudanças a todo momento.

A própria questão terminológica ainda comporta controvérsias, como vimos, não obstante a pesquisa aprofundada do *Copenhagen Polis Centre* que apresenta no “Inventário” (2004) um levantamento exaustivo dos sentidos da palavra “ pólis” nas fontes literárias gregas disponíveis. A ambiguidade do termo grego implica que o vocábulo pode descrever tanto o centro urbano da comunidade , a cidade principal de um povo (inclusive, por exemplo, sendo atribuído a povos não gregos, como os fenícios) e a própria comunidade política, abrangendo o Estado e os cidadãos. Daí o questionamento de Whitley: “ Portanto a pergunta “ Quando surgiu a pólis ? “ é , de fato, duas perguntas. Quando este tipo de Estado a que chamamos pólis surgiu? E quando surgem as cidades na Grécia? Agora, pode-se pensar que a primeira necessariamente engloba a ultima”(Whitley, 2001: 1-2 ; trad. Labeca) . A existência do vocábulo *ásty* para se referir propriamente `a área edificada monumentalizada, no entanto, parece nos sugerir que, em alguns momentos, uma distinção mais clara entre comunidade e cidade

fosse pretendida. Mas, na maioria das vezes, existe de fato uma grande ambiguidade entre os significados preservados na linguagem das fontes textuais.

A pólis, como várias vezes frisamos, também não é uma realidade unificada e invariável. Por mais que nos centremos em um "universo políade" neste trabalho, é possível argumentar sobre a possibilidade de um paralelismo à um "universo das *ethne*", embora de uma forma diferente e ainda menos claramente compreendida. Assentamentos como Kálidon na Etólia, comparativamente maior que as outras vilas ao seu redor não atuam como locais centrais ou "capitais", mas se ligam à outras redes deliberativas e representativas distintas - neste caso, ao santuário de Apolo em Térmon (LANG, 1996). Aquilo que difere fundamentalmente entre os dois modelos, e o elemento que repetidamente salta a nossos olhos nas comparações entre Corinto, Siracusa e as várias teorias de formação estatal é a de que a característica central da pólis seja, como Whitley afirma ao citar Runciman "um estado cidadão": “

“ Como Runciman já assinalou, o termo pólis foi mal construído :” uma pólis é um tipo de sociedade para a qual o rótulo correto não é “ cidade estado” mas sim , “Estado- cidadão “. Não há necessidade de haver um centro urbano dominando um interior rural – o que excluiria Esparta (RUNCIMAN, 1990: 348). Segue-se desta definição que, pelo menos na Grécia , a formação do Estado representa o desenvolvimento de uma ideologia particular, uma ideologia de cidadania. Se foi isso que ocorreu, podemos perguntar quais tipos de teorias podem nos ajudar a entender este processo? “ (WHITLEY, 2001: 2; trad. Labeca).

De fato, em termos gerais, até mesmo a urbanização dos sítios políades pode abarcar formas e organizações materiais comuns a outros fenômenos urbanos - Bernal (1991) argumenta que a cidade fenícia exhibe também um centro construído e monumentalizado, com um templo central a uma divindade voltada `a esfera pública, bem como se reconhece uma área liminar afastada com um valor semelhante a uma *eschatia*. Apenas a Cartago do século IV, no entanto, se torna uma república, e, em geral, os autores tendem a perceber a organização social

fenícia de forma diversa de um "estado-cidadão" (monarquias sendo muito mais comuns neste sentido).

A pólis como integração e negociação ?

Assim, temos na proliferação das leis escritas, nas experiências tirânicas e na adoção da ordem hoplítica sintomas sincrônicos de uma organização políade já bastante florescida, que , no decorrer do século VII irá incluir também outros marcadores de complexificação bem delineados - como os esforços coloniais, as flutuações de material funerário, o estabelecimento de santuários, a adoção do plano ortogonal - que ressaltam bem os efeitos da mudança mas que não a explanam - de fato, Snodgrass os chama, em provocação, de epifenômenos da pólis. Para o autor, compreender a urbanização requer que se compreenda também os limites da organização anterior à este fenômeno, ponto em si muito debatido e arqueologicamente menos visível. De toda forma, o conhecimento sobre a Idade do Ferro Inicial vem crescendo exponencialmente nas ultimas décadas e irá , com certeza, favorecer as pesquisas sobre a pólis.

Em posição central neste debate sobre a organização do ("futuro") mundo grego esta a questão da caracterização social da Idade do Ferro: se este período seria marcado pela presença desigualdade social em termos gerais ou se trataria, em contraste, de uma situação de estratificação social. As informações físicas neste sentido são ambíguas- Como vimos nas análises de caso, talvez nossa

ferramenta mais direta para a recuperação dos dados relativos à estratificação social seja o registro funerário.

Dificultando está proposta está o mesmo problema de não-exclusividade para com a forma políade se aplica também a esta classe de dados - qualquer ordem social desejaria se representar no espaço funerário. Outra aproximação razoável está em se estudar os padrões de dispersão dos *oikoí*. Se, por um lado, nada sugere "bairros" separados por status para a pólis nascente, o que se apresentam são casas individuais com traços de opulência, misturadas e inseridas entre habitações mais modestas. Olinto traz ruínas de construções maiores, mais decoradas (incluindo mosaicos complexos) e afrescos. O mesmo ocorre com a "Casa dos Mosaicos" em Erétria, inserida em um "bairro" de outra forma bem menor. A preocupação pública em suprimir a ostentação e reverter a um estado de simplicidade objetiva mais adequada a um ideal coletivo é um topos literário recorrente, bem marcado em Tucídides (1.10.2-3) e Demóstenes (3.25-26), e espaços que misturam o público e o privado, como os salões de banquete de Corinto aparentam ser uma arena dedicada à de competição de status. As variadas inscrições sobre patrocínios públicos, liturgias e serviços também são indícios da existência de indivíduos abastados preocupados em ganhar prestígio público.

A discussão da isomoiria na alocação de terras nas *colônias* é outro um indício neste sentido. Em Naxos e Morgantina (e em menor escala por toda Sicília) as parcelas de terra alocadas a cada assentado parecem variar significativamente. Snodgrass comenta que, em geral, os proponentes da primeira hipótese tendem a estar entre os arqueólogos e os da possibilidade oposta entre os historiadores,

mas com um aporte crescente de arqueólogos adotando esta posição ao período de seu comentário, citando em destaque Morris e Whitley (uma discussão desta divisão teórica e sua aplicação na questão do estado é discutida na penúltima seção do Capítulo III).

A razão para a adoção de um ponto de vista teorizando um momento igualitário pelo pensamento arqueológico deriva da constatação de grande igualdade material no registro da Idade do Ferro Inicial em comparação com a maior profusão de formas e materiais no registro recuperável do arcaico. O raciocínio dos historiadores em manter a posição de um mundo socialmente estratificado, por sua vez, deriva da interpretação de fontes escritas, Homero em particular, relativizando a uniformidade material do registro arqueológico através de explicações comportamentais e do valor cultural subjetivo destes elementos.

Dificultando a proposta de um estágio inicial mais igualitário está a escassez de sítios de assentamento da Idade do Ferro Inicial. Por mais que se estendam as buscas, poucos vestígios sobrevivem e aqueles que de fato são encontrados se mostram limitados, com ocupações breves. Existem, é claro, exceções a esta regra geral - Corinto sendo, talvez, uma das principais, tendo sido habitada por toda a Idade do Ferro - mas estas se mantêm em segundo plano. Se, de fato, a segunda escola de pensamento corresponder à realidade mais comum do mundo Grego, o processo de formação estatal talvez possa ser interpretado como um remanejamento de uma aristocracia sob novas pressões, que tenta continuar e expandir seu poder.

Entretanto, é possível que os sítios correspondentes a este período sejam simplesmente invisíveis no registro arqueológico. Se pequenos assentamentos

nucleados, munidos de cultura material limitada ou perecível se tornaram a norma nesse momento inicial apenas prospecções intensivas de território poderiam perceber seus traços. Assim, é possível se imaginar um cenário sem qualquer verdadeiro acréscimo significativo de população - esta apenas se tornaria mais visível materialmente. Tal possibilidade, no entanto, mantém o problema da organização: ambas as hipóteses são igualmente possíveis neste cenário.

Um limite desconfortável pode então ser percebido dentro dos estudos sobre a formação políade - uma dicotomia entre um mundo pré-pólis de limites incertos e pleno de invisibilidades materiais que se altera completamente a um mundo bastante diverso, com pólis já estabelecidas em vigorosa atividade. Como apresentado anteriormente, causa e efeito se misturam de forma complexa, mas algumas balizas guia ainda podem ser discernidas. Em conclusão podemos, por estas evidências, ressaltar que o registro arqueológico nos permite enumerar algumas características como se formando nesta transição, características fundamentais e inovadoras na construção de um grupo políade. Estas são o foco na territorialidade da pólis e sua identificação e dispersão no território, elemento que não está presente na configuração escassa e "invisível" anterior; a interação entre diversos grupos políticos, seja em convivência ou em conflito, criando um campo de competição, emulação e difusão; a demarcação de terras agrícolas clara e em termos gerais isomóricas, criando um atrativo e uma justificativa legitimadora para a cidadania; elementos estes fundamentalmente compondo uma situação cada vez mais reforçada de interações face a face, tanto entre indivíduos como quanto em grupos.

Aparentemente esta coesão pode, inclusive, se manifestar em padrões emulativos, nos quais o grupo adota características externas justificadas por uma adoção semelhante em outros grupos similarmente organizados - o uso da escrita e da arte representativa são tratados por Renfrew e Cherry (1986) como exemplos de ideias disseminadas por este mecanismo de "Interação entre comunidades pares" ("*Peer Polity Interaction*") entre grupos políades e, segundo estes autores, seriam perceptíveis de forma mais intensa em assentamentos urbanizados do que em *ethne* e vilas.

O ponto fundamental desta afirmação está em se ressaltar que o grupo agora é capaz de realizar mudanças em resposta a situações "não-essenciais" - não existiria uma pressão externa objetiva ou uma racionalidade de ganho imediato legitimando estas adoções, mas sim um "efeito em massa" decorrido do desejo de emular os grupos vizinhos e se estabelecer entre eles: a formação uma comunidade política que deseja ser reconhecida como tal entre outras e assim as reconhece. Snodgrass desenvolve esta afirmativa com uma proposta de marcador do processo de consolidação da comunidade política; A "*Peer Polity Interaction*" é, em si, tal marcador. Não importam estritamente quais as características difundidas, mas sim que estejam sendo disseminadas e espalhadas destes contatos. Utilizando-se do exemplo do processo de urbanização particular das chefias da Idade do Bronze, onde a escrita não é o "artigo" a ser difundido, mas onde o esforço de emulação é igualmente competitivo ao caso Grego e igualmente marcaria o aparecimento desta "coesão por interação".

De forma paralela a esta afirmação da formação por sua inscrição no espaço e na comunidade, nessa "Coesão por Interação ", temos em Giorgio

Camassa (2000) mais afirmativa do papel central do aspecto face-a-face “da comunidade política. O autor cita as palavras atribuídas à Nícias por Tucídides (VII 77, 7), "são os homens que formam a pólis, não os muros e nem os navios vazios de remadores". Cita também Temístocles na versão de Heródoto (VIII 61,2) onde podemos perceber a correlação entre território e capacidade de articulação militar: os trirremes de Atenas são indícios suficientes de que esta tenha um vasto interior bem organizado e articulado, capaz de arcar com tais despesas, mas de limites incertos ou extensíveis conforme a necessidade. Estas relações são sinteticamente colocadas por Camassa (2000) de forma mais direta: tais afirmativas sugerem que o conceito de territorialidade no mundo políade não é fundamentalmente atribuído a um espaço circunscrito claramente definido, mas sim se trataria de todo o espaço no qual a ação da comunidade política desta cidade se faça soberana - a comunidade política não se encontra legitimada por uma jurisdicionalidade territorial mas, ao inverso, a territorialidade se legitima na ação da comunidade política . Como apresentamos anteriormente, se trataria de uma formação política via consolidação e coesão - contatos entre grupos podem ser interpretados como parte do ímpeto da formação da pólis. Sugerimos então que as bases da polis estão precisamente na complexa dinâmica de interação entre os vários grupos gregos relacionados, mas independentes, possuídores de vias incompletas e parciais ao poder. De um modo um tanto paradoxal, é esta própria parcialidade o catalizador do fenômeno Estatal: as instituições, costumes e novas formas se consolidariam gradualmente como métodos de estabilizar gradualmente uma ideologia legitimizada.

Assim, a pólis não poderia ser explicada por modelos monocausais ou tabelamentos irredutíveis de pré-requisitos – as “listas de compra” que frequentemente são alvos de crítica nas interpretações evolutivas do surgimento do Estado – mas se trataria de uma negociação constante entre os grupos de poder concorrendo dinamicamente pelo espaço de decisão. Esta concorrência encontrará no período Arcaico terreno fértil para adquirir nova força, impulsionando e sendo impulsionada pelas experiências coloniais, pelas novas técnicas produtivas, pela adoção da arquitetura monumental, pela alteração dos costumes e deliberações – em suma, por um momento de contato constante entre os grupos Gregos – a pólis viria então a se configurar como uma “auto-alimentação”: quanto mais contatos complexos se estabelecem, mais instituições e soluções são necessárias para lidar com estes, o que leva a novos contatos na medida em que estas instituições se tornam mais e mais complexas. A formação da pólis adquire então um certo caráter de “moto perpétuo”, se intensificando exatamente por ser praticada . Em resumo, poderia-se dizer que o único pré-requisito verdadeiramente indispensável para a formação do Estado políade é o gradual acúmulo de experiência em manejar as dificuldades de um período de constante, inovador, conflituoso e complexo contato social.

Cronologia Cerâmica Coríntea

1,000 A.C - Desenvolvimento do Estilo Protogeométrico

circa 900 A.C. - Primeiras expressões do Estilo Geométrico, conjugadas a popularidade do Estilo Orientalizante

720 até 690 A.C. - Fase Inicial do Estilo Protocorínteo. Importante produção de aríbalos em motivos florais estilizados.

690 até 670 A.C. - O Estilo Protocoríntio Intermediário I cria as bases para o futuro Estilo de Figuras Negras. Os motivos florais estilizados gradualmente se deslocam a campos decorativos periféricos no vaso, deixando livre uma área central privilegiada à uma cena principal, mais figurativa.

670 até 650 A.C. - Desenvolvimento do Estilo Protocoríntio Intermediário II, marcado pela adoção de uma técnica pictórica mais detalhista, com proporções mais deliberadas e maior precisão na separação das miniaturas nos diversos campos.

650-625 A.C. - O Estilo Protocorínteo Tardio inaugura uma fase de maiores experimentos em composição policromada. Temas naturais já tomam quase totalmente o espaço antes reservado a motivos decorativos abstratos ou estilizados.

circa 625 A.C. - Primeiras peças de Cerâmica de Figuras Negras ocorrem em Corinto

610 até 580 A.C. - Estilo Coríntio Inicial, Motivos animais seguem sendo os mais comuns, com motivos narrativos mitológicos ganhando gradualmente mais espaço.

600 A.C até 480 A.C - Formação e consolidação da Cerâmica de Figuras Negras Ática afeta a produção de cerâmica Coríntia. Esta competição direta leva a novos experimentos, com a adoção de formas particulares Coríntias, como o Alabastro e a formulação do Estilo Coríntio Médio, explorando novos campos de decoração no corpo do vaso.

circa 550 A.C - A produção Ática passa a ultrapassar significativamente a Coríntia.

555 até 535 A.C. - O Estilo Coríntio Tardio. A competição Ática é intensa ao ponto de causar a produção de vasos coríntios emulando seu estilo. Isto é particularmente visível em ânforas. Tentativas em menor escala de inovação local, como vasos de fundo branco, se inserem nesse contexto.

530 A.C - Primeiros exemplos de vasos em técnica de Figuras Vermelhas

520 A.C até 500 A.C - A técnica de Figuras Vermelhas ganha primazia sobre a de Figuras Negras

Bibliografia

Fontes Principais sobre o Desenvolvimento Urbano de Corinto e Siracusa:

ARISTÓTELES, Política, Tradução: Mário da G. Kury. Editora da Universidade de Brasília, 1985

PAUSÂNIAS, Descrição da Grécia, Tradução: João E. L. de Almeida. Pausânias. Descripción de Grécia. Maria Cruz Herrero Ingelmo (trad.). Madri: Gredos; revisão Labeca, 1993

PLUTARCO, Vidas Paralelas, tradução de Gilson Cesar Cardoso, Paumape, 1991

TUCÍDIDES, História da Guerra do Peloponeso, Tradução: Mario da G. Kury. Tucídides. História da Guerra do Peloponeso. Brasília: Universidade de Brasília, 1999

AINIAN, A. M. *From rulers' dwellings to temples: architecture, religion and society in early iron age Greece (1100-700 BC)*. Londres, Coronet Books, 1997.

ALDROVANDI, C. E. V. et al. Modelos imagéticos urbanos e a compreensão da sociomorfogênese da cidade antiga. *Estudos sobre o espaço na antiguidade. São Paulo: Edusp, Fapesp*, p. 105-124, 2011.

ANDERSON, J.K.: *Corinth: Temple E northwest, preliminary report, 1965, Hesperia: Journal of the American School of Classical Studies at Athens*, Princeton, New Jersey, volume 36, número 1, pág 1-12, 1967

ARIAS, P. E., *Note di ceramica siracusana*, Archivio storico per la Sicilia orientale XXXI, pp. 101-107, 1935

AMYX, D. A., *The Honolulu Painter and the 'Delicate Style'*, Antike Kunst, Vol.5, págs 3-8, 1962.

AMYX, D.A., e LAWRENCE, P., *Studies in Archaic Corinthian Vase Painting*, 1996

ASHERI, D., *À propos des sanctuaires extra-urbains en Sicile et Grande Grèce : théories et témoignages* Annales littéraires de l'Université de Besançon Volume 367, numéro 1, págs 1-15, 1988

AUDRING, G., *Karl Marx und die antike Ökonomie*, Annales littéraires de l'Université de Besançon, Volume 377, número 1, págs 7-16, 1989

BARONEER, O: *The cyclopean wall on the isthmus of Corinth and its bearing on the late bronze age chronology Hesperia*: Journal of the American School of Classical Studies at Athens, Princeton, New Jersey, volume 35, número 4, pág 346-362, 1966

BROWNLEE, A. B., *Workshops in the Potters' Quarter. Corinth*, v. 20, pág 181, 1996.

BENSON, J. L. *Corinthian Kotyle Workshops*. Hesperia, v. 52, n. 3, p. 311, 1983.

BOLLATTI, R; BOLLATTI, S. *Siracusa: Genesi di una città – Tessuto urbano di Ortigia*. Régio Calábria: Falzea editore, 1999.

BOMMELAER, JEAN-FRANÇOIS, GRANDJEAN, YVES. *Recherches dans le quartier Sud d'Argos*. Bulletin de correspondance hellénique, v. 96, n. 1, p. 155-228, 1972.

BERENT, MOSHE. *Anthropology and the classics: war, violence, and the stateless polis*. The Classical Quarterly, v. 50, n. 01, p. 257, 2000.

_____. *Hobbes and the 'Greek Tongues'*. History of Political Thought XVII, History of Political Thought, Volume 17, Número 1, págs. 36-59(24), 1996

_____. *The Stateless Polis: A Reply to Critics, Stasis, or the Greek Invention of Politics*. History of Political Thought XIX (3), págs 331–362, 1998

_____. *The Stateless Polis: Towards a Re-Evaluation of the Classical Greek Political Community*. Cambridge, 1994

BERNAL, MARTIN. *Black Athena*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, 1991.

BOOKIDIS, N: *Corinthian terracota sculpture and the temple of Appolo*, Hesperia: Journal of the American Classical School of Studies at Athens, Princeton, New Jersey, volume 69, número 4, pág 381-452, 2000

BOOKIDIS, N., HANSEN, J., SNIDER, L., GOLDBERG, P.: *Dining and sanctuary of Demeter and kore at Korinth*, Hesperia: Journal of the American Classical School of Studies at Athens, Princeton, New Jersey, volume 68, número 1, pág 1-54, 1999

- COLDSTREAM, J. N. *Geometric Greece: 900-700 a.C.* Londres: Routledge, 1968.
- COOPER, NANCY KELLY. *The development of roof revestment in the Peloponnese*. Jonsered: Paul Åströms förlag, 1989.
- CIURCINA, C. *Notizie preliminari delle ricerche archeologiche nel cortile della Prefettura a Siracusa*, in Studi in onore di P. Pelagatti, Milano 2000, pp. 86-91
- _____. *Nuovi rivestimenti fittili da Naxos e da altri centri della Sicilia Orientale*, CronASorArt 16, págs. 66-81, 1977
- COULTON, J., MORGAN, C., *The literary and epigraphical evidence*, Copenhagen Polis Centre Act, Volume s 4, págs 9-86
- COHEN, DAVID. *Law, violence, and community in classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- DE POLIGNAC, F. *Cults, Territory, and the Origins of the Greek City-State*. The Classical World, v.92, n.1, p.61, 1998.
- _____. *La naissance de la cité grecque: cultes, espace et société, VIIIe-VIIe siècles*. La decouverte, 2010.
- DE WAELE, FERDINAND JOSEPH. *The Greek stoa North of the Temple at Corinth*. American Journal of Archaeology, v. 35, n. 4, p. 394, 1931.
- _____. *The Roman Market North of the Temple at Corinth*. American Journal of Archaeology, v. 34, n. 4, p. 432, 1930.
- DREWS, R. *The First Tyrants in Greece*. Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte, Bd. 21, H. 2, págs. 129-144, 1972
- DINSMOOR, W. B. *"The Largest Temple in the Peloponnesos," Hesperia, Supplement VIII, Commemorative Studies in Honor of Theodore Leslie Shear*, págs. 104-115, 1949.
- DONATI, JAMIESON C. *Marks of State Ownership and the Greek Agora at Corinth*. American Journal of Archaeology, v. 114, n. 1, p. 3-26, 2010.
- DUNBABIN, T.J. , *The western Greeks*, Oxford 1948.
- EVANS-PRITCHARD, E. E., FORTES, M. *African Political Systems*, Oxford University Press, 1940
- EARLE, T. K., *Chiefdoms: Power, Economy, and Ideology*, Cambridge University Press, 1993.
- EHRENBERG, VICTOR. *When Did the Polis Rise?*. The Journal of Hellenic Studies, v. 57, n. 02, p. 147-159, 1937.
- FOUILLAND, F., *Fragments du "Wild Goat Style" à Syracuse, Ortygia*, Studi in onore di P. Pelagatti, págs 115-118, Milão 2000.

- FINLEY, M. I, *Ancient history: evidence and models*, London, Chatto & Windus, 1985
- _____. *Politics in the ancient world*, Cambridge University Press, 1983.
- FINLEY, M. I, SHAW, BRENT DSALLER, RICHARD P. *Economy and society in ancient Greece*. Harmondsworth: Penguin, 1983.
- FISHER, N. e VAN WEES, H (eds.) – *Archaic Greece. New Approaches and New Evidence*. Duckworth, Classical Press of Wales, 1998.
- FORREST, W. G., *Colonisation and the Rise of Delphi*, *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte* Bd. 6, H. 2, págs. 160-175, 1957.
- FRANCIS, E.D. *Image and idea in fifth-century Greece: art and literature after the Persian wars*. London and New York: Routledge, 1990.
- FREDERIKSSEN, M. *From Death to Life: The Cemetery of Fusco and the Reconstruction of Early Colonial Sicily*, In *Ancient Greeks, West and East*, 1999
- FRIED, C. F., *Privacy*, *The Yale Law Journal* Vol. 77, No. 3, págs. 475-493, 1968.
- GLOTZ, G. *La Cité Grecque*. Paris, Éditions Albin Michel, 1953
- GELLNER, E., *Nations and nationalism*. Ithaca, NY: Cornell Univ. Press, 1997.
- GRAS, M., *O Mediterraneo Arcaico*. Trad.port. Lisboa, Teorema, 1998.
- GRININ, L., *Early State and Democracy*, *The Early State, Its Alternatives and Analogues*. Uchitel Publishing House. pp. 419--463, 2004.
- HILL, B. H. *The springs: Peirene, Sacred Spring, Glauke*. Princeton, N.J.: American School of Classical Studies at Athens, 1964.
- _____. *Excavations at Corinth 1925: Preliminary Report*. *American Journal of Archaeology*, v. 30, n. 1, p. 44, 1926.
- _____. *Sanitary Project in Old Corinth, 1919*.
- HAMMOND, N. G. L. *The Heraeum at Perachora and Corinthian Encroachment*. *The Annual of the British School at Athens*, v. 49, p. 93-102, 1954.
- HANSEN, H. M., *An Inventory of Archaic and Classical Poleis: a investigation conducted by the Copenhagen Polis Centre for the Danish National Research Foundation*, Oxford, Oxford University Press, 2004
- _____. *Polis and City-State. An Ancient Concept and its Modern Equivalent*, *CPCActs*: pp. 89–91. Copenhagen. 1997

_____. *Was the Polis a State or a Stateless Society?* In Nielsen, Th. H. (ed.), *Even More Studies in the Ancient Greek Polis. Papers from the Copenhagen Polis Centre 6*. Stuttgart, 2002, p. 17-47

HENCKEN, H. O., *Syracuse, Etruria and the north*, Academic Journal of Archaeology, 62, 1958.

HERBER, S. *The Red-figure Pottery, Corinth Vol VII, Part IV*, 1977

HERMAN, G. *Ritualised friendship and the Greek City*. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1987

HOLLOWAY, R. Ross. *The archaeology of ancient Sicily*. Londresm Routledge, 2002.

HUNTER, VIRGINIA J. *Policing Athens social control in the Attic lawsuits, 420-320 B.C.*, Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1994.

JENKINS, R. J. H. *Archaic Argive Terracotta Figurines to 525 B.C.* The Annual of the British School at Athens, v. 32, p. 23-40, 1932.

KRADER, LAWRENCE. *Formation of the State*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall international, 1968.

KANTOROWICZ, E. H., *The king's two bodies*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1957.

KAPITÄN, G., *Sul Lakkios, porto piccolo di Siracusa del periodo greco*, ArchStorSir XIII-XIV, pág. 167-180., 1967

KOLB, F. *La ciudad en la Antigüedad*, Madrid, Ed. Gredos, 1992

LA TORRE, G. F. *Sicilia e Magna Grecia*. Archeologia della colonizzazione greca d'Occidente, Roma-Bari 2011.

LANG, F. *Archaische Siedlungen in Griechenland: Struktur und Entwicklung*. Berlin: Akademie Verlag, 1996.

LEIGHTON, Robert. *Early societies in Sicily*. Accordia Research Centre University of London, London, 1996.

_____. *Indigenous society between the 9th and 6th centuries BC: territorial, urban and social evolution*. In SMITH, CHRISTOPHER JOHNSERRATI, JOHN. *Sicily from Aeneas to Augustus*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.

_____. *Sicily before history: an archaeological survey from the Palaeolithic to the Iron Age* Cornell University Press, 1999.

LEMOS, IRENE S. *The Protogeometric Aegean, The Archaeology of the Late Eleventh and Tenth Centuries BC*. Oxford, 2003

MALKIN, I. *A small Greek world*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

_____. *Inside and Outside: colonization and the formation of the mother city*. AION, 1, 1-10, 1994

_____. *The Return of Odysseus*. California, University of California Press, 1999

MATTUSH, C. C., *Corinthian metalworking: the forum area*, Hesperia: Journal of the American Classical School of Studies at Athens, Princeton, New Jersey, volume 46, número 4, págs 380-389, 1977

MENADIER, B. *The sixth century BC temple and the sanctuary and cult of Hera Akraia, Perachora*. Ann Arbor, Mich: UMI Dissertation Service, 1995.

MERTENS, D., *Città e monumenti dei Greci d' Occidente. Dalla colonizzazione Allá crisi di fine V secolo a. C.*. Roma 2006

MERKER, *The Sanctuary of Demeter and Kore: Terracotta Figurines, Corinth Vol18, Part 4*, 2000

MEIGGS, R. *The Athenian empire*. Oxford: Clarendon Press, 2002.

MERITT, L. S. *Athenian Ionic Capitals from the Athenian Agora*. Hesperia, v. 65, n. 2, p. 121, 1996.

MIRISOLA, R, *'Il Porto Piccolo con l'arsenale dionigiano del Lakkios, forza strategica di Siracusa greca'*. Geologia dell'Ambiente, Supplemento n. 2. Ps. 43-62, 2015

MITCHELL, L. e RHODES, P.J. eds. *The development of the Polis in Archaic Greece*. Londres/N.Y., Routledge, 1997.

MIYAZAKI, M. *Public Coercive Power of the Greek Polis. - On a Recent Debate*, Bulletin of the Institute for Mediterranean Studies, Waseda University, vol 5, pages 101-114, 2007

MORGAN, C. *Athletes and oracles: The transformation of Olympia and Delphi in the eighth century BC*. Cambridge University Press, 1990.

_____. – *Early Greek States Beyond the Pólis*. Londres, Routledge, 2003.

MORRIS, I. *Burial and ancient society*. New York: ACLS History-E-Book, 2008.

_____. *City and Country in the Ancient World* Londres, Routledge, 1991

MURRAY, O e PRICE, S. *La cite Grecque d'Homère à Alexandre*. Paris, La Decouverte, 1992.

NASTASI, S. Il complesso conventuale di S. Lucia extra moenia a Siracusa, Morrone Editore, 1998

NEEFT, C. W., *Tarantine Graves Containing Corinthian Pottery*. Catalogo del Museo Nazionale Archeologico di Taranto, III.1, pgs 185-237, 1994

NICHOLS, D. e CHARLTON, T. H. *The archaeology of City-States*. Cross Cultural Approaches. Smithsonian Institution Press, Washington, 1997

O'NEILL, J. G. *Ancient Corinth with a topographical sketch of the corinthia, part 1: from the earliest times to 404 b.c.*, Baltimore. Johns Hopkins Press 1930

OOST, S. I. *Cypselus the Bacchiad*. Classical Philology, v. 67, n. 1, p. 10-30, 1972.

ORSI, P. *Siracusa. Esplorazioni dentro ed intorno al tempio di Athena in Siracusa*, in NSc VII, 1910, pp. 519-541. 1910

_____, *Siracusa – Scoperte in Ortygia*, in NSc 1912, pp. 290-292. 1912

_____, *Siracusa – Scavi di piazza Minerva*, in NSc, 1915, pp. 175-208. 1915

_____, *Gli scavi intorno a l'Athenaion di Siracusa*, in MonAnt XXV, 1918, coll. 353-754. 1918

OSBORNE, R. *'Archaic Greek History'* in I. de Jong and H. van Wees edd. Brill's Companion to Herodotus, pgs 497-52, Leiden, 2002

_____. *The Greece in the Making 1200-479 BC*. Londres/N.Y, Routledge, 1996

OSBORNE, R., HANSON, V. *Classical Landscape with Figures. The Ancient Greek City and Its Countryside*. American Journal of Archaeology, v. 92, n. 2, p. 295, 1987.

PFAFF, C. *Archaic Corinthian Architecture, ca. 600 to 480 B.C., Corinth Vol 20*, 2003

_____. *Curvature in the Temple of Apollo at Corinth and in the South Stoa and Classical Temple of Hera at the Argive Heraion, Appearance and Essence*. Refinements of Classical Architecture: Curvature, Lothar Haselberger, ed., Philadelphia, pp. 113-125, 1999

_____ *"The Sculptured Metopes of the Classical Temple of Hera at the Argive Heraion,"* American Journal of Archaeology no 97, págs 299-300. 1992

PELAGATTI, P. *Elementi dell'abitato di Ortigia nell'VIII e nel VII secolo a.C., nsediamenti coloniali greci in Sicilia nell'VIII e VII secolo A.C.* : atti della 2a Riunione scientifica della Scuola di perfezionamento in archeologia classica dell'Università di Catania, 1977.

_____. *Siracusa: Le Ultime ricerche in Ortigia*, ASAtene 60, 1984

POLIGNAC, F. *La naissance de la cité grecque*, Paris, Editions de la découverte, 1984.

POURSAT, J., DARCQUE, P. TREUIL, R, TOUCHAIS, G. *Les Civilisations Égéennes du Néolithique et de l'Age du Bronze*. Nouvelle Clio. L'Histoire et ses Problèmes. Paris: Presses Universitaires de France, 1986

RICHARDSON, R.B., *The Excavations at Corinth, A Preliminary Report*, 1898

RISSER, M. K., *Corinthian Archaic and Classical Pottery: The Local Style, Corinth*, vol. 20, 2003

_____Some aspects of urbanization in Corinth, *Hesperia: Journal of the American School of Classical Studies at Athens*, volume 41, número1, págs 96-127, 1972

_____ *Corinthian Conventionalizing Pottery, Corinth* vol 7 part 5, 2000

ROBINSON, B.A., *Histories of Peirene: A Corinthian Fountain in Three Millennia*, 1994

ROBINSON, H.S. *Excavations at Corinth: Temple Hill 1968-1972, Hesperia*, no 45, 1976)

_____. , *The urban development of ancient Corinth*, Atenas, American School of Classical Studies at Athens, 1963

ROEBUCK, C., *The Asklepieion and Lerna, Corinth* volume XIV, 1951

_____. *Some aspects of urbanization in Corinth*, *Hesperia: Journal of the American School of Classical Studies at Athens*, volume 41, número1, págs 96-127, 1972

ROEBUCK, M. C. *Archaic architectural terracotas from Corinth*, *Hesperia: Journal of the American Classical School of Studies at Athens*, Princenton, New Jersey, volume 59, número 1, pág 47-63, 1990

RUTTER, JEREMY B. *Corinth and the Corinthia in the Second Millenium B.C.: Old Approaches, New Problems*. *Corinth*, v. 20, p. 75, 2003.

RUNCIMAN, W. G. *Origins of States: The Case of Archaic Greece*. *Comparative Studies in Society and History*, v. 24, n. 03, p.351, 1982.

RUBINSTEIN, L. *The Athenian Political Perception of the Idiotes, Kosmos: Essays in Order, Conflict and Community in Classical Athens*, p. 125-143, 1998

RENFREW, C., CHERRY, JOHN F. *Peer polity interaction and socio-political change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986

SCHNAPP, A. *Città e Campagna. L'immagine della "polis" da Omero all'età classica, I Greci. Storia, Cultura, Arte, Società. I. Noi e i Greci*, Roma, Einaudi, p. 117-163. 1996

SNOGRASS 1993 *The Ancient Greek City-State: Symposium on the Occasion of the 250th Anniversary of the Royal Danish Academy of Sciences and Letters, July, 1-4 1992*. Commissioner, Munksgaard (1993)

SCRANTON, R. L. e Edwin S. Rambe: *Investigations at corinthian Kencherai*, Hesperia: Journal of the American School of Classical Studies at Athens, Princeton, New Jersey, volume 36, número 2, págs 124-186, 1967

STILLWELL, R., Fowler, H.N. *Corinth Volume I Part 1: Introduction and Topohraphy*, American School of Classical Studies, 1932

STILLWELL, R. WILLIAM, L. M., MACALLISTER, M. H., *The Princeton Encyclopedia of Classical Sites*, Princeton, New Jersey. Princeton University Press 1976

STROUD, R.S. , BOOKIDIS, N. *Apollo and the archaic temple at Corinth*, Hesperia: Journal of the American Classical School of Studies at Athens, Princeton, New Jersey, volume 73, número 3, págs 401-426, 2004

_____. *Corinth Volume XVIII Part 3: The Sanctuary of Demeter and Kore, Topography and Architecture*. American School of Classical Studies at Athens 1997

SHEPERD, G. *The Pride of Most Colonials: Burial and Religion in the Sicilian Colonies*. Acta Hyperborea 6:51-82, 1995

SCHWEITZER, BERNHARD. *Zum Krater des Aristonothos*. Mitteilungen des Deutschen Archaeologischen Instituts, Roemische Abteilung, 1955.

SICKINGER, J. P. *Public Records and Archives in Classical Athens*. The Classical Review, v. 50, n. 02, p. 645, 2000.

SKIAS, A. N. , “*Ανασκαφαὶ ἐν Κορίνθῳ*”, 1892

SNODGRASS, A., *Archaeology and the Emergence of Greece*. Edinburgo, Edinburgh Univ.Press, 2006.

_____. *Archaic Greece. The age of experiment*. London - Melbourne - Toronto: Dent, 1980.

STILLWELL, et al., *Corinth I.2*, 1941

_____. *The Potters Quarter, Corinth Vol XV Part I*, 1948

_____. , *The Potters Quarter: The Terracotas, Corinth, Vol XV, Part II*, 1952

THOMAS, C.G e CONANT, C. *Citadel to City-State. The Transformations of Greece, 1200-700 B.C.E.* Bloomington, Indiana Univ. Press, 1999.

TITUS, CHARLES H. *A Nomenclature in Political Science*. *American Political Science Review*, v. 25, n. 01, p. 45-60, 1931.

TODD, S.C. *The Shape of Athenian Law*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

TOMLINSON, R.A. *The chronology of the Perachora hestiatorion and its significance*. *Symptica: A symposium on the symposion*. Oxford, Oxford Press, 1984.

_____. *Excavations at the Circular Building, Perachora*. *The Annual of the British School at Athens*, v. 80, p. 261-279, 1985.

_____. *Perachora: the Remains outside the Two Sanctuaries*. *The Annual of the British School at Athens*, v. 64, p. 155-258, 1969.

VAN COMPERNOLLE, R. *Syracuse, colonie d'Argos?*, *Kókalos*, XII, p. 75-101. 1996

VAN DER VLIET, EDWARD C. L. *Polis: The Problem of Statehood*. *Social Evolution & History*. Volume 4, Número 2, Setembro 2005

VERDELIS, N. M. *Der Diolkos am Isthmus von Korinth*. *Mitteilungen des deutschen Archäologischen Instituts, Athenische Abteilung*, 71: 51-59, 1956

VERNANT, J. P., *As origens do pensamento grego*. Difel, 1982

VILLARD, JEAN-FRANÇOIS. *Megara Hyblaea, les fouilles de 1949*. *Comptes-rendus des séances de l'année - Académie des inscriptions et belles-lettres*, v. 93, n. 3, p. 282-286, 1951.

VOZA, GIUSEPPE. *Nel segno dell'antico*. Palermo: A. Lombardi, 1999.

VOZA, G., SESTIERI, BIETTI, A. M., LENTINI, C., MARIAVOZA, G. *Guide archeologiche 12, Sicilia orientale ed isole Eolie : preistoria e protostoria in Italia*. Forlì: A.B.A.C.O, 1995.

_____. *Siracusa 1999, Lo Scavo Archeologico a Piazza Duomo*. Palermo: A. Lombardi, 1999.

WILL, E., *Korinthiaka: Recherches sur l'histoire et la civilisation de corinthe des origines aux guerres médiques*, Paris, Boccard, 1955

WILLIAMS II, CHARLES K. *American School Excavations in Corinth*, 1970. *American Journal of Archaeology* 75, p. 217, 1971

_____. *Corinth Excavations, 1979*. *Hesperia*, v. 49, n. 2, p. 107, 1980.

_____. *Corinth 1976: Forum Southwest*. *Hesperia*, v. 46, n. 1, p. 40, 1977.

_____. *Corinth 1977, Forum Southwest*. *Hesperia*, v. 47, n. 1, p. 1, 1978.

_____. *The City of Corinth and Its Domestic Religion*. *Hesperia*, v. 50, n. 4, p. 408, 1981.

WILLIAMS II, C. K., ANGEL, J. L., BURNS, P. et al. *Corinth, 1972: The Forum Area*. Hesperia, v. 42, n. 1, p. 1, 1973.

WILLIAMS II, CHARLES K. e FISHER, J. E. *Corinth, 1971: Forum Area*. Hesperia, v. 41, n. 2, p. 143, 1972.

_____. *Corinth, 1974: Forum Southwest*. Hesperia, v. 44, n. 1, p. 1, 1975.

WILLIAMS II, C. K., MANIATIS, Y., JONES, R. E. WHITBREAD, I. K. et al. *Punic Amphoras Found at Corinth, Greece: an Investigation of Their Origin and Technology*. Journal of Field Archaeology, v. 11, n. 2, p. 205-222, 1984.

WILLIAMS II, C. K. RUSSELL, P. *Corinth: Excavations of 1980*. Hesperia, v. 50, n. 1, p. 1, 1981.

WILLIAMS II, C. K., SCRANTON, HILL R, HODGE N. *Corinth. Results of Excavations Conducted by the American School of Classical Studies at Athens. Vol. I, Part VI: The Springs. Peirene, Sacred Spring, Glauke*. The Classical World, v. 60, n. 1, p. 11, 1967

WILLIAMS II, C. K., SZERVOS, O. H. *Corinth, 1981: East of the Theater*. Hesperia, v. 51, n. 2, p. 115, 1982.

_____. *Excavations at Corinth: the temenos of temple E*, Hesperia: Journal of the American Classical School of Studies at Athens, Princeton, New Jersey, volume 59, número 2, pág 326-369, 1990

_____. *Corinth 1986, Temple E and east of theater*, Hesperia: Journal of the American Classical School of Studies at Athens, Princeton, New Jersey, volume 56, número 1, pág 1-46, 1987

_____. *Corinth, 1983: The route to Sikyon*, Hesperia: Journal of the American Classical School of Studies at Athens, Princeton, New Jersey, volume 53, número 1, pág 83-122, 1984

WILLIAMS II, C. K., *A Survey of Pottery from Corinth from 730 to 600 b.c.*, 1983

WISEMAN, J. *Excavations at Corinth the Gymnasium Area*, 1966. Hesperia, v. 36, n. 4, p. 402, 1967.

WHITLEY, J. *Social Diversity in Dark Age Greece*. Annual of the British School at Athens, v. 86, p. 341-365, 1991.

WHITLEY, JAMES. *Style and society in dark age Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____. *Social Diversity in Dark Age Greece*. Annual of the British School at Athens, v. 86, p. 341-365, 1991.

YAVIS, C G. *Greek altars, origins and typology*. Saint Louis: Saint Louis University Press, 1949.